



José Pedro de Oliveira Costa

AIURUOCA

UM ESTUDO DE CONSERVAÇÃO
DO AMBIENTE NATURAL E CULTURAL

MATUTU E PEDRA DO PAPAGAIO

edição digital



ANTONIO

FAMÍLIA JUCA

JOAQUIM

JOÃO JUCA

AIURUOCA



José Pedro de Oliveira Costa

MATUTU E PEDRA DO PAPAGAIO

AIURUOCA

UM ESTUDO DE CONSERVAÇÃO DO AMBIENTE NATURAL E CULTURAL

edição digital

Este livro é uma síntese da tese de doutorado defendida pelo autor em 1987 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, aprovada com distinção em banca examinadora composta pelos docentes:

Prof. Dr. Sylvio de Barros Sawaya (orientador),
Prof. Dr. Augusto Humberto V. Titarelli,
Prof. Dr. Carlos Alberto Cerqueira Lemos,
Prof. Dr. Paulo Nogueira-Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, José Pedro de Oliveira (Zé Pedro)

Aiuruoca - Matutu e Pedra do Papagaio: Um estudo de conservação do ambiente natural e cultural [livro digital]
José Pedro de Oliveira Costa. 1. ed. - São Paulo : Ed. do Autor com apoio do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2022.

PDF.

ISBN 978-65-00-58893-4

1. Aiuruoca 2. Ecologia 3. Meio ambiente 4. Floresta 5. Serra da Mantiqueira I. Zé Pedro. II. José Pedro de Oliveira Costa

22-139338

CDD-981.51

Índices para catálogo sistemático:

1. Aiuruoca : Minas Gerais : Cultura : História - 981.51

Elaboração: Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

A Auguste de Saint-Hilaire

Aos que ajudaram, e são muitos, ao Professor Sylvio de Barros Sawaya e ao povo do Matutu e da Pedra do Papagaio, sincero muito obrigado.

SUMÁRIO

Apresentação da edição digital	9
Prefácio	13
Introdução	16
1. A Serra da Mantiqueira	21
2. A Flora e a Fauna	36
3. Os Habitantes	60
4. As Construções	102
5. As Casas e seus Entornos	139
6. O Jeito de Viver	155
7. A Produção	190
8. A Paisagem	210
9. Gente de Fora	230
10. As Muitas Propostas	235
Resumo	240
<i>Summary</i>	243
Anexos	247
Bibliografia	254
Colaboradores	262



Vista da Pedra da Aiuruoca a partir do Matutu

Apresentação da edição digital

Este livro foi publicado originalmente em 1994 pela Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). Para disponibilizá-lo online, fizemos uma versão digital, com coleta de dados demográficos e informações de moradores locais em 2022 com a intenção de atualizar sua árvore genealógica. Nesta edição online de *Aiuruoca*, também foram acrescentadas fotografias recentes de Adriana Mattoso, Bárbara Vieira, João Silveira Corrêa e Luís Felipe Soares. Como sugerido pelo Professor Antonio Candido, que assina o prefácio original, incluem-se aqui fotografias do livro de Marcelo Carvalho Ferraz, *Arquitetura Rural na Serra da Mantiqueira* (1992). Essas fotos não foram feitas no Vale do Rio da Água Preta, mas em um universo muito próximo que se estende do município de Alagoa, vizinho da Aiuruoca, até o de Extrema, percorrendo mais de trinta municipalidades. O que comprova a semelhança das moradias, de seus utensílios e da ocupação do terreno, mostrando um modo de viver semelhante que se estende por uma ampla região do sul de Minas.

No curso de quase três décadas desde a primeira publicação deste livro, o vale do rio da Água Preta – Matutu e Pedra do Papagaio –, sofreu uma série de modificações. A transformação cultural ocorrida com a chegada da eletricidade foi significativa. Muitas das famílias originárias venderam suas terras para pessoas vindas de fora, chamadas “turistas”, e deixaram o vale em busca de trabalho em cidades próximas ou outros locais. As que ficaram, na maioria, trabalham hoje em funções diversas para os proprietários que vieram das metrópoles e utilizam suas casas como residência de lazer. Com isso, o uso da terra mudou e praticamente não existe mais a pecuária nem plantações de milho e mandioca em suas terras. A população aumentou se considerados os que vieram de fora. Com a queda dos desmatamentos, a vegetação secundária se desenvolveu. Novas formações de matas em estágio inicial ou secundário de desenvolvimento ocupam hoje boa parte dos antigos pastos e das áreas de plantio. Assim, valorizou-se o patrimônio natural, tendo ocorrido ao mesmo tempo grande perda do patrimônio cultural originário desse conjunto. Boa parte das construções originais de pau-a-pique permanecem com modernizações como a iluminação elétrica e

instalações hidráulicas, enquanto outras foram destruídas por abandono, incêndios ou foram descaracterizadas por reformas. Muitas das belas vistas da paisagem que se descortinava de diferentes setores do vale também desapareceram ocultadas pela floresta que se desenvolveu.

A Estação Ecológica do Papagaio, criada em 1990, em decorrência desta tese de doutorado, recebeu a nova designação de Parque Estadual e vai bem, obrigado. Esse parque lentamente vem se tornando conhecido e recebendo maior atenção do governo Estadual de Minas Gerais, apesar de ainda faltar muito para sua real implantação e funcionamento. Em seu território, foi identificado recentemente um grupo dos muriquis-do-norte, maior primata das Américas, restrito a fragmentos da Mata Atlântica, e criticamente ameaçado de extinção. O que torna as ações de proteção de seu território ainda mais urgentes.

Contribuíram para esta edição digital: Daniela Moreau, que a subsidiou; Tálisson Melo, que coordenou seu projeto editorial de atualização. Agradeço a todos os fotógrafos acima mencionados, destacando o trabalho de Bárbara Vieira que realizou a atualização da árvore genealógica de moradores tradicionais.

São Paulo, 2 de dezembro de 2022

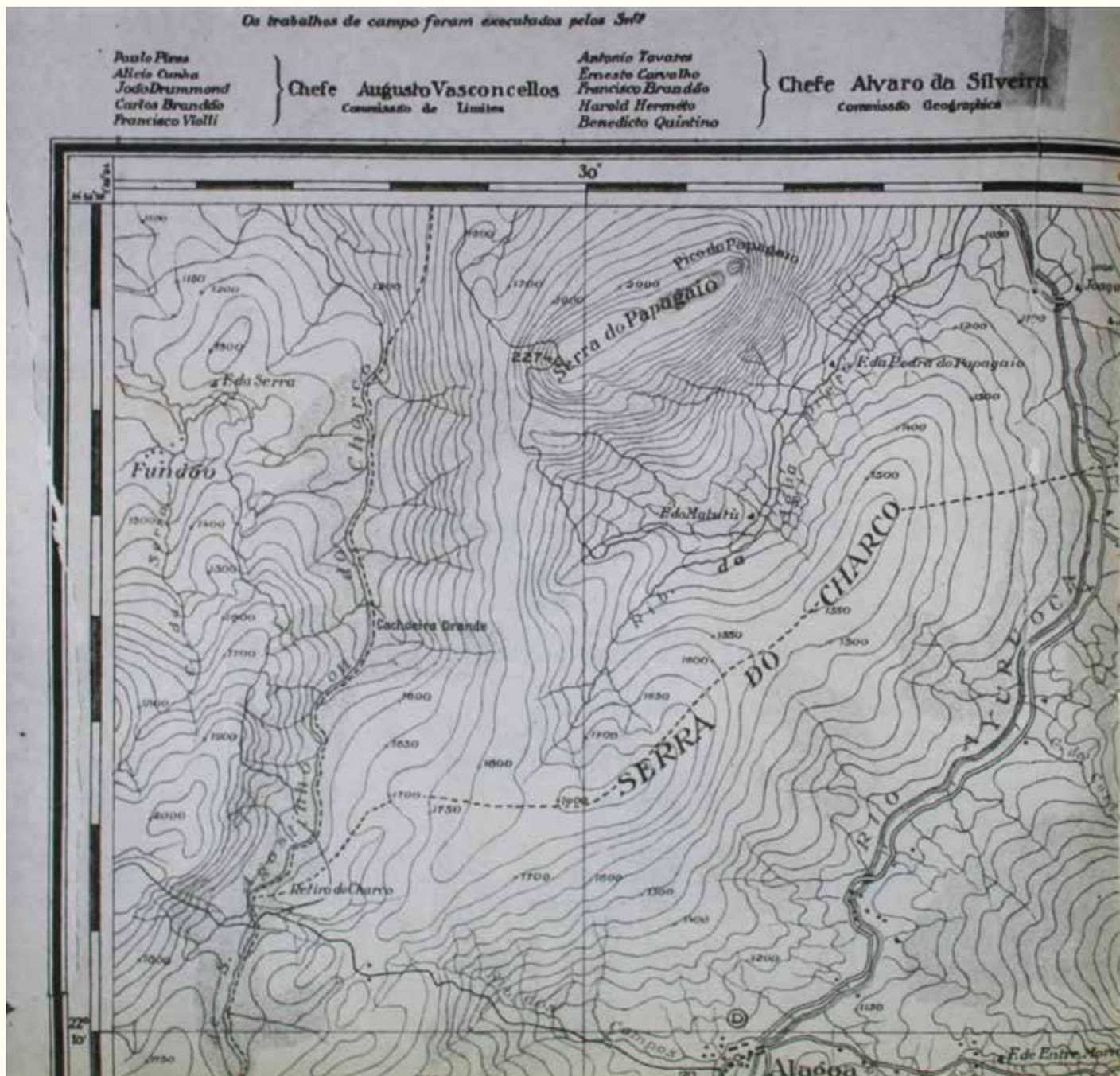
JOSÉ PEDRO

pesquisador do Instituto de Estudos Avançados
da Universidade de São Paulo



Vista da Pedra da Aiuruoca a partir da Cabeça do Leão

Foto: Bárbara Vieira





PREFÁCIO

Para resumir o essencial, digo que gostei muito deste estudo de José Pedro de Oliveira Costa. Creio que é dos mais bem feitos e interessantes que tenho lido sobre a vida e o meio do homem rural brasileiro. Com uma vantagem: o horizonte amplo das suas preocupações. Em geral, temos trabalhos feitos do ponto de vista do sociólogo, ou do antropólogo, ou do geógrafo; mais raramente, do arquiteto. Em tais casos, o sociólogo tenta ser um pouco geógrafo, o geógrafo se esforça para pôr um pouco de antropologia na receita, o arquiteto arranha a sua história. Mas, neste livro, encontro uma fusão rara e feliz de todos eles, tendo como resultado alguma coisa que é ao mesmo tempo sólida e elegante, culminada pela síntese de um estudioso que concebe a arquitetura de maneira muito ampla e fecunda. Com este livro, José Pedro de Oliveira Costa entra pisando firme na lista dos melhores estudiosos da matéria.

O seu objetivo é evidentemente ambicioso, mas desenvolvido com a discrição de quem não deseja impressionar, e sim transmitir o conhecimento e a visão que este permitiu formar. Além disso, José Pedro escreve com fluência expressiva, tornando a leitura atraente e mesmo fascinante em certos momentos. E não é fácil obter esse efeito num trabalho que deve englobar materiais eventualmente áridos, como a descrição dos solos, a vegetação ou a cultura material. Mas José Pedro trafega à vontade por isso tudo, sabendo ligar as partes e dar ao leitor a impressão de que, também ele, leitor, está circulando com naturalidade pelas mais diversas esferas do real.

José Pedro possui um admirável senso geográfico, nutrido de amor pela paisagem e marcado pela penetração no seu mistério sereno ou convulso. As matas, os morros, os terrenos, os cursos d'água e até as vistas descortinadas, compõem um quadro natural que é dinamizado pela visão histórica, graças à qual traça as etapas do povoamento e o destino dos modos de ocupação. No centro de tudo ele destaca o homem, o grupo social, tratado com simpatia e compreensão, sem o vezo deformador de muitos que o veem apenas como "objeto" de estudo. Nada disso aqui. O leitor acaba seduzido até pela genealogia dos moradores, depois de

ter vivido a realidade do seu ambiente doméstico, a sua comida, os seus hábitos de higiene, a sua maneira de construir e usar a casa, meta final do arquiteto.

Mas a apresentação compreensiva de José Pedro não para aí. Um dos méritos do seu livro, a meu ver, é a capacidade de entrosamento com que consegue mostrar o homem em relação ao meio, sob diversas modalidades. Isso porque o meio entra aqui como realidade amada, como alvo de um interesse solidário equivalente ao demonstrado pelo homem. Quando eu era moço, há cerca de meio século, aprendi a sentir o que pode ser uma visão afetiva do mundo físico através do belíssimo Nordeste, de Gilberto Freyre. Naquele tempo a palavra “ecologia” começava a ser pronunciada nas ciências sociais com algum mistério, e ele a divulgou no Brasil com uma poesia inesquecível, mostrando a interpenetração intensa do homem com a água, o barro, a cana, o vento, o bicho. Tanto tempo depois, lembrei disso lendo as páginas onde se sente a capacidade com que José Pedro promove a visão integrada do grupo e da paisagem.

Isso ocorre porque ele é militante da ecologia, tomada hoje em sentido algo diverso e quase patético, ao contrário do mundo ainda idílico de Gilberto Freyre. Como homem de ação, José Pedro tem lutado bravamente para preservar a nossa natureza. E, quando se sabe disso, entende-se melhor a simpatia profunda a que me referi acima. No fecho do livro, há partes onde é abordada a questão delicada e dramática da maneira de estar na natureza sem destruí-la. Isto vem como coroamento, depois da sólida construção anterior, que, como disse, nos fez penetrar no mundo da Mantiqueira de Minas através do relevo e da casa, do objeto e da festa, do trabalho e da linguagem, revelando por parte do autor uma rara capacidade de desdobrar organicamente o espetáculo da região aos olhos de um leitor cada vez mais atraído pelo seu discurso. Tanto mais quanto não falta a probidade do estudioso, documentando a cada passo as informações e assertivas por meio de gráficos, quadros, fotografias, plantas, de maneira a unir o arabesco descritivo com todos os alicerces, sem os quais ele arrisca não convencer os mais exigentes. José Pedro encanta e convence. Estou certo de que o seu livro será um marco.

ANTONIO CANDIDO



Agulhas Negras, pontos culminantes do Parque Nacional do Itatiaia. Fotos: Adriana Matozzo



INTRODUÇÃO

Os pequenos veios d'água formados pela chuva, pela condensação da neblina, pelo derretimento da geada ou da neve ocasional que, escorregando para o norte na rocha viva do Itatiaia, despencam em pequenos lagos, os mais elevados do Brasil, logo se juntam num ribeirão mais encorpado, e se precipitam das alturas na primeira das cachoeiras do rio Aiuruoca. Aí o Itatiaia divide as águas das bacias do Paraíba do Sul e do Paraná. Essa extensa região serrana, habitada há milênios por indígenas, começou a ser visitada com certa regularidade, em meados do século XVII, pelos colonizadores, que, buscando escravos e prata, acabaram por encontrar muito ouro. O caminho principal das minas, que gerou Pouso Alto e Baependi, atravessava a Mantiqueira pelo Embaú, garganta profunda, hoje divisa de Estados e ligação importante entre o Sul de Minas Gerais e São Paulo. Esse passo foi interceptado pela primeira vez logo depois das descobertas do ouro, e então esse vasto território viveu sob a influência de São João del-Rei. Próximo a Baependi, nasce um dos principais esporões do maciço central da Serra da Mantiqueira; aí também se encontrou ouro, às margens do Aiuruoca, dando origem ao arraial de mesmo nome. No alto desse esporão instalou-se uma missão jesuítica que lá permaneceu até meados do século XVIII, quando foi expulsa por determinação de Pombal. Uma das raízes desse esporão começa num grande rochedo de gnaiss desnudo, conhecido como Pedra do Papagaio, ou da Aiuruoca. O ouro dessas catas se exauriu no século da mineração e aí deixou, em lenta expansão, uma incipiente agricultura de subsistência nas terras férteis dos vales, e o pastoreio do gado aproveitando os campos nativos de altitude. A apropriação do território foi pouco a pouco galgando as fraldas da Mantiqueira e se apossando do território circunvizinho.

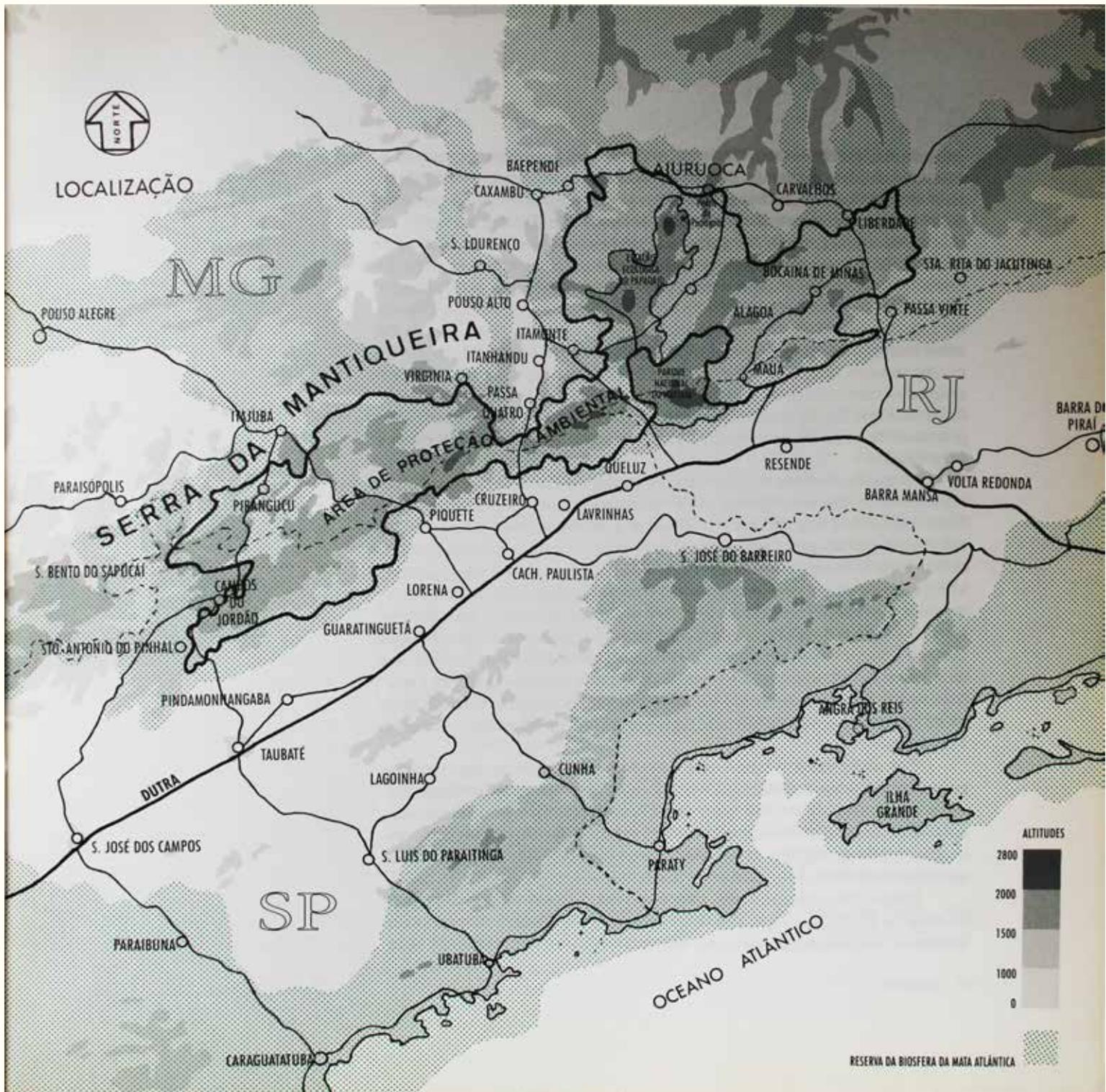


A Pedra da Aiuruoca emprestou seu nome ao rio que, já caudaloso, passa próximo de seu sopé. Empréstou a ele também as águas que dela derramadas formam os ribeirões do Água Preta e do Papagaio, que desaguam em pequenas bacias hidrográficas situadas a leste e a oeste desse rochedo, respectivamente. A

maior delas, a do Água Preta, desenvolve-se em cinco áreas aplainadas de variadas dimensões e altitudes. Nesses patamares, instalou-se, há mais de um século, uma população que ainda hoje se dedica a atividades agropastoris. Atualmente, dois agrupamentos humanos conhecidos como Matutu e Pedra do Papagaio ocupam as duas baixadas mais amplas, separadas por pequena depressão. Sociologicamente, por suas interações, essas duas áreas devem ser entendidas como um único bairro rural desenvolvido em dois setores espacialmente distintos, mas próximos e inter-relacionados. Quando comparada com a topografia regional, essa distinção perde significado e pode-se visualizar a ocupação típica dos grotões de regiões serranas mineiras: uma ligação principal com as terras mais baixas, e penetrações que se apropriam do território subindo as escarpas no decorrer de sua evolução. Mais recentemente, o vale passou a receber a visita de pessoas vindas dos grandes centros urbanos, e muitas aí se instalaram, passando a interferir na organização tradicional até então entregue às suas próprias interações. O contato entre pessoas de cultura urbana e os primeiros habitantes criou uma nova realidade que resultou em uma série de transformações já ocorridas e indica outras que estão por acontecer.

No Matutu e na Pedra do Papagaio, a existência é preenchida pelo trabalho duro, sujeita aos mais profundos anseios das paixões, com toda a gama de sutilezas, grandeza e desgraça de que a natureza humana é capaz. Paixões contidas, dirigidas por uma sociedade sóbria, hierarquizada, moldada pela dor e pelo afeto, que permite a expressão do humor e da alegria apenas dentro de uma estrutura rígida, onde a família é a célula básica de organização, e o poder do pai é praticamente absoluto. No entanto, uma transformação mais rápida dos costumes começa a acontecer, tanto por influência do acesso aos meios nacionais de informação como pela influência cada vez maior no comportamento dos novos proprietários. Assim, por exemplo, a ocorrência, pela primeira vez, de um segundo casamento de uma mulher, mudança no significado de respeito aos pais, e a crescente transformação de mão-de-obra razoavelmente descompromissada em assalariada de proprietários de fora. Ao mesmo tempo, a chegada da energia elétrica, acelerando a presença das comunicações, e mais gente da cidade sendo atraída pelas belezas naturais do lugar, contribuem para que essa sociedade entre num processo de crise com a modificação de seus valores básicos e de sua organização.

O modo de viver no Matutu e na Pedra do Papagaio ainda constitui expressão das mais genuínas da chamada cultura popular nacional. Uma expressão pura do que é o Brasil, a gente brasileira, com suas dores e suas glórias mais originais. Um retrato cristalino do que é o homem, o ser humano vivendo em uma de suas formas mais simples, com seu potencial de sobreviver com independência quase completa de tudo o que a sociedade mercantilista construiu, bastando-lhe a natureza, a terra, a chuva e o sol. Essa gente não inventou tudo aquilo de que hoje desfruta. São, por determinação histórica, alguns dos protagonistas de uma cultura e de um engenho que já ocuparam espaços maiores e que hoje se retraem, se modificam e desaparecem. São os guardiões de uma maneira diversa e significativa de conviver, produzir e se relacionar com a natureza.



Perímetro da Área de Proteção Ambiental - APA da Serra da Mantiqueira

Por outro lado, o vale ainda conserva um dos derradeiros remanescentes da Mata Atlântica de altitude que, com seus ecossistemas associados, é raridade de alto valor científico, econômico e social. Assim, apresenta um patrimônio genético de rico potencial para todo o planeta, guardando as últimas sementes de uma das florestas tropicais mais ameaçadas de extinção.

Essas duas preciosidades têm convivido e sobrevivido na região há mais de um século. Hoje são resquícios em um processo de ocupação territorial extremamente agressivo e degradador. Há que haver vontade e ética para permitir o livre desenvolvimento dessa cultura e a conservação de seu saber e modos de produção, possibilitando ao mesmo tempo a preservação desses preciosos ecossistemas, sementes e genes.

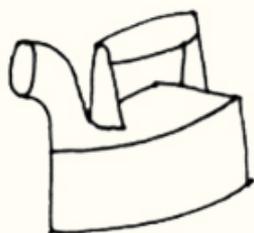
Neste contexto, a finalidade principal deste trabalho é a de buscar conhecimento, levantar informações e propostas que viabilizem a conservação da natureza do vale do Água Preta e da área circunvizinha com iguais características, da mesma forma que respeitem e preservem a cultura da população local, garantindo a ela dignidade e melhor qualidade de vida. Isto porque essa natureza e essa cultura são de grande importância para a região ao mesmo tempo que de significado universal, interessando, assim, a toda a humanidade.

Para a realização deste trabalho foi importante a leitura de cinco autores: Saint-Hilaire¹, que percorreu a região em 1822 e deixou-nos informações sobre os costumes de sua gente, economia e suas relações com a natureza; Sérgio Buarque de Holanda², cuja obra é fundamental para o entendimento das raízes brasileiras; Antonio Candido de Mello e Souza³, que em seu *Parceiros do Rio Bonito* nos oferece profunda análise da vida caipira; Nice Lecocq Müller⁴, com suas pesquisas de comunidades rurais; e Maria Isaura Pereira de Queiroz⁵, que publicou uma série de valiosas análises sobre bairros rurais brasileiros. Importante também, para quem quiser entender Aiuruoca, é a obra poética de Dantas Motta⁶, que melhor soube expressá-la. São dele as epígrafes que dão início a cada um dos capítulos.

Este livro é o resumo de uma tese de doutorado aprovada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em 1987. Quem tiver interesse em maiores detalhes ou informações sobre o trabalho, poderá obtê-los na biblioteca da FAU-USP. O autor é professor nessa instituição desde 1974. Possui uma propriedade no Matutu desde 1979 e frequenta a região desde 1977, tendo com isto acompanhado a evolução da área de estudo desde o início da ocupação por gente de fora e testemunhado através da participação vivenciada a maior parte das informações aqui apresentadas. De maneira mais metodizada, esses levantamentos se realizaram nos anos de 1983 a 1987.

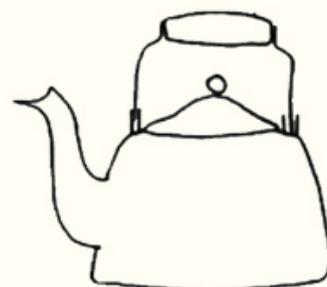
Desde o término desse trabalho, novas e importantes transformações ocorreram no vale. A mais significativa delas é a implantação no alto do Matutu de uma comunidade voltada ao culto do Santo Daime, e que já conta com mais de 50 moradores das mais variadas origens. Algumas referências a este fato foram acrescentadas ao texto original. De outra ordem, porém também significativa, é a decretação, em 1990, da Estação Ecológica do Papagaio pelo Estado de

Minas Gerais, o que possibilita reivindicação desta tese, que é a proteção total das áreas de altitude e de risco integrando-as às do Parque Nacional do Itatiaia. Por fim, a declaração pela UNESCO dessa região como parte integrante da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, em janeiro de 1993, consolida outra ideia básica deste estudo: a de que é possível melhorar a qualidade de vida dos moradores tradicionais, valorizando sua cultura e protegendo a natureza. Além disso, essa declaração internacional amplia significativamente as áreas protegidas na Mantiqueira, integrando o vale do Água Preta a um expressivo corredor de conservação da natureza e de prioridade para a implantação do desenvolvimento sustentado.



NOTAS:

1. Auguste de Saint-Hilaire, Segunda Viagem a Minas Gerais e São Paulo, Belo Horizonte. São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1974.
2. Sérgio Buarque de Holanda, Raízes do Brasil, 6. ed., Rio de Janeiro/Brasília, José Olympio/MEC, 1971 (Col. Documentos Brasileiros).
3. Antonio Candido, Os Parceiros do Rio Bonito, São Paulo, Duas Cidades, 1975.
4. Nice Lecocq Müller, Sítios e Sitiantes no Estado de São Paulo, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1951.
5. Maria Isaura Pereira de Queiroz, Bairros Rurais Paulistas, São Paulo, Duas Cidades, 1973; Idem, O Campesinato Brasileiro, Petrópolis, Vozes, 1976 (Col. Estudos Brasileiros, vol. 3).
6. Dantas Motta, Elegias do País das Gerais, Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.





1. A SERRA DA MANTIQUEIRA

*Meu doce País das Gerais:
Não sei por que este apego
As tuas terras ásperas.*

Aiuruoca é a designação ancestral dada, desde tempos imemoriais, a uma pedra, um pão-de-açúcar, um grande penhasco, cujo topo atinge dois mil metros de altitude e que apresenta três faces de rocha nua expostas verticalmente, uma delas com mais de trezentos metros de desenvolvimento. Essa pedra de gnaiss, sulcada por ranhuras profundas, que abriga em sua parte superior uma vegetação rala agarrada a suas fendas, destaca-se majestosamente na paisagem do município ao qual deu o nome e é avistada desde grandes distâncias na região conhecida hoje como o Sul de Minas Gerais.

Aiuruoca, Ajuruoca ou, nas versões vernáculas, Girioca, Juruoca, Airoca, Aiuroca, Airuoca, provém do tupi-guarani, da composição Ayu-ru-oca, “a casa do papagaio”, e se refere a uma das mais belas espécies dessa ave, o papagaio-do-peito-roxo (*Amazona vinacea*), nomeado em algumas regiões “Jurueba”, “Téu-téu” ou “Curraleiro”, que ainda vive e nidifica nessas alturas, mas que já aparece nas listagens oficiais como ameaçado de extinção. Feita a tradução, o penhasco ficou mais conhecido como Pedra do Papagaio.

A paisagem, singular entre todas as paisagens brasileiras, além da geomorfologia acidentada, caracteriza-se também pela floresta tropical e pela de altitude, marcada pela presença expressiva da araucária brasileira e entremeada por campos de altitude. Complementam este soberbo conjunto escarpas acentuadas de onde se desprendem belíssimas cachoeiras.

A Pedra do Papagaio, a eminência geológica mais pronunciada desse vasto território, é na verdade a terminação setentrional de um dos maiores

esporões do maciço do Itatiaia, ponto central da serra da Mantiqueira. O esporão, desenvolvendo-se a partir da borda norte do Itatiaia, toma diversos nomes: serra de Santo Agostinho ou do Garrafão, serra do Charco e finalmente, a cerca de trinta quilômetros do maciço Central, serra do Papagaio. Esta última continua a ocidente com a designação de serra da Aiuruoca e segue descendente até desaparecer em reduzidas altitudes. A oriente, a serra do Papagaio, depois de uma pequena inflexão a leste, sofre uma interrupção abrupta ao chegar à Pedra do Papagaio.

Nas fraldas orientais das serras do Charco e do Papagaio, como que fechada pela Pedra da Aiuruoca, encontra-se a bacia hidrográfica do rio da Água Preta, tributário da margem esquerda do rio Aiuruoca. Essa bacia hidrográfica possui 1200 metros de desnível entre seu ponto mais alto e sua foz, e se desenvolve em uma área de cerca de 6 quilômetros de largura por 13 de comprimento. Para compreendê-la, é necessário conhecer um pouco da gênese da serra da Mantiqueira.

A separação da América do Sul da África, com o conseqüente aparecimento do oceano Atlântico, deixou cicatrizes nas respectivas margens continentais. Assim, o espaço físico atualmente ocupado pelas serras do Mar e da Mantiqueira, e pelo vale do médio rio Paraíba do Sul, sofreu um cataclismo natural na época da separação do antigo continente, há cerca de cento e cinquenta milhões de anos, passando a integrar um trecho da borda continental sul-americana¹. Tal cataclismo caracterizou-se nessa região por fendilhamentos do solo, apontando aproximadamente para Sudoeste-Nordeste, e pelo escorregamento de enormes blocos da crosta terrestre em direção ao oceano Atlântico. Dessa maneira, formaram-se a serra do Mar, a serra da Mantiqueira e, separando-as, o vale do médio rio Paraíba do Sul.

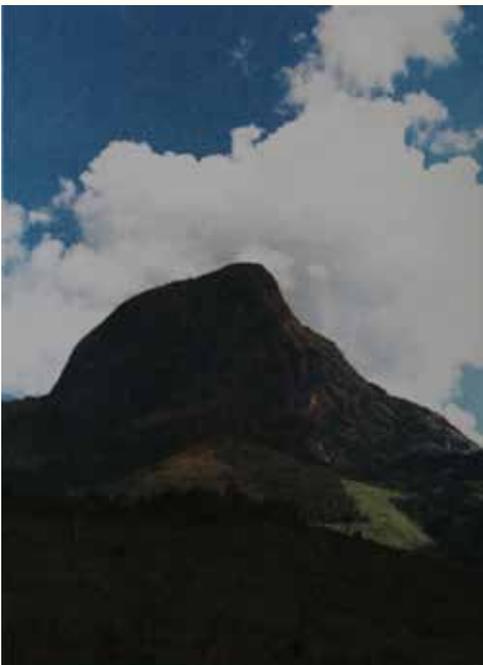
O conjunto tectônico² Serra do Mar/Vale do médio rio Paraíba do Sul/Serra da Mantiqueira é, portanto, um caso singular entre os grandes sistemas montanhosos do globo, pois sua gênese está ligada ao soerguimento, não por forças ascensionais, e sim pelo tectonismo de abertura do continente. Já a porção ocidental do continente sul-americano mostra a cordilheira dos Andes como resultado de forças horizontais, que enrugaram e alçaram o assoalho rochoso.

A meio caminho entre São Paulo e o Rio de Janeiro, olhando-se do mar em direção ao continente, vê-se como um primeiro grande degrau a serra do Mar e como segundo a serra da Mantiqueira, relativamente paralelas entre si. A serra do Mar se estende desde a margem esquerda do rio Itajaí, no Estado de Santa Catarina, até a margem direita do rio Paraíba do Sul, nas proximidades da cidade de Campos, no Estado do Rio de Janeiro. A serra da Mantiqueira tem seu extremo meridional localizado logo ao norte da cidade de São Paulo e seu extremo setentrional à margem direita do Rio Doce no Estado do Espírito Santo. O chamado sistema Mantiqueira apresenta também um conjunto de leques de serras que penetram pelo interior de Minas Gerais, estendendo-se pelo Vale do Rio Doce³.

Em sua porção média, a configuração geral da serra da Mantiqueira sofreu nova alteração tectônica há aproximadamente setenta milhões de anos, caracterizada pela ocorrência das intrusões de Passa-Quatro e do Itatiaia,

rochas alcalinas de idade cretácea (de cerca de 135 a 70 milhões de anos), que soergueram o assoalho rochoso formando o planalto do Itatiaia, o qual se destaca no sistema Mantiqueira por sua origem relativamente recente e pela apresentação de elevadas altitudes, como o pico das Agulhas Negras, com seus 2.787 metros.

O modelamento que o conjunto tectônico natural Serra do Mar/Serra da Mantiqueira vem sofrendo desde seus primórdios é basicamente reflexo da influência dos vários climas de eras e épocas geológicas passadas sobre o substrato rochoso, de composição variada. Caso típico desse processo, o relevo-testemunho do pico das Agulhas Negras ainda entremostra as feições morfológicas produzidas por erosões peculiares à glaciação.



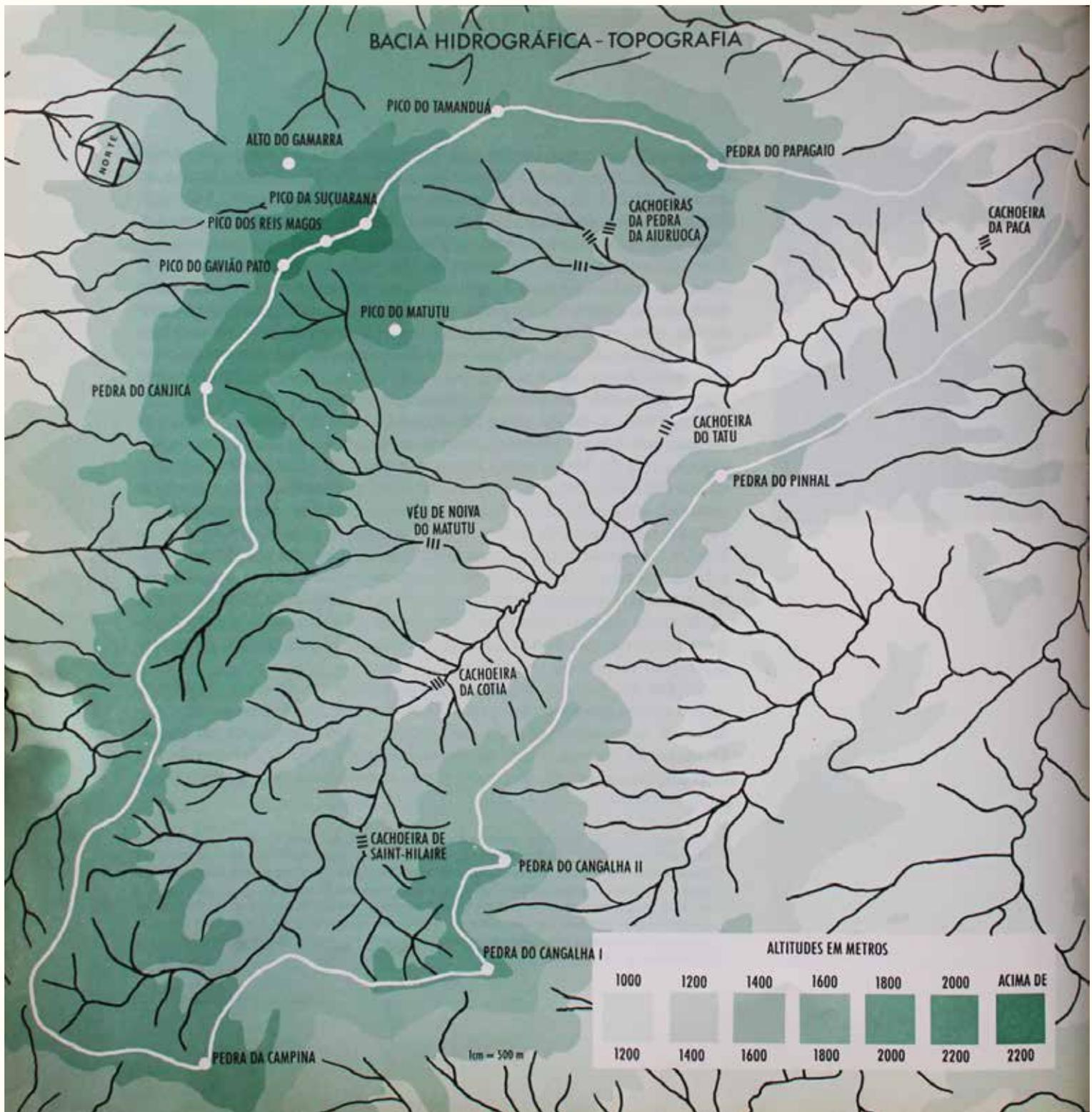
A Bacia Hidrográfica do Rio da Água Preta

No vale do Água Preta, o divisor ocidental tem conformação semelhante à do Itatiaia, mas sem intrusões alcalinas. Já a constituição geológica do divisor oriental é caracterizada por rochas metamórficas do grupo Andrelândia, que regionalmente pertencem ao escudo brasileiro de idade pré-cambriana (570 milhões de anos), comparável aos escudos mais antigos existentes no globo.

No bairro da Pedra do Papagaio, o grupo Andrelândia se caracteriza pela presença de rochas gnáissicas, granatíferas, xistosas e quartzíticas. Possui também algumas concentrações minerais, como a ilmenita (óxido de ferro e titânio), a cianita, a silimanita e outras, sem características de depósitos economicamente exploráveis.

O modelamento do sítio é o resultado de falhas que colocam em contato diferentes litologias formando escarpas, mas alterado por ação do clima. Essas estruturas geológicas, ao condicionarem as formas do relevo, são responsáveis pelos vales estruturais abundantes na região⁴.

As rochas gnáissicas e quartzíticas predominam nas encostas ocidentais (serra do Papagaio) e nas cabeceiras do rio da Água Preta, com a presença também



Bacia Hidrográfica do rio da Água Preta

de mica-xistos. As rochas xistosas encontram-se sobretudo nas encostas orientais do vale e na área formada pela calha do rio principal. Esta bacia hidrográfica é, portanto, o ponto de contato entre duas estruturas geológicas diferenciadas e mostra claramente isso na diferença topográfica e paisagística de suas duas vertentes.

O vale propriamente dito tem um substrato rochoso composto de granada-xistos, cianita, mica-xistos e corpos pegmatíticos. Afloramentos rochosos não intemperizados surgem onde o rio se encachoeira. Esses encachoeiramentos ocorrem em rochas xistosas que receberam um aporte mineralógico, o que lhes confere um caráter gnáissico mais resistente ao intemperismo, ou em gnaisses, como é o caso da queda do fundo do vale, a Cachoeira Grande do Matutu. Nos trechos compreendidos entre as cachoeiras, encontram-se depósitos aluviais recentes que formam terraços. Existem notícias de grutas desenvolvidas em xistos, ainda não pesquisadas devido ao difícil acesso.

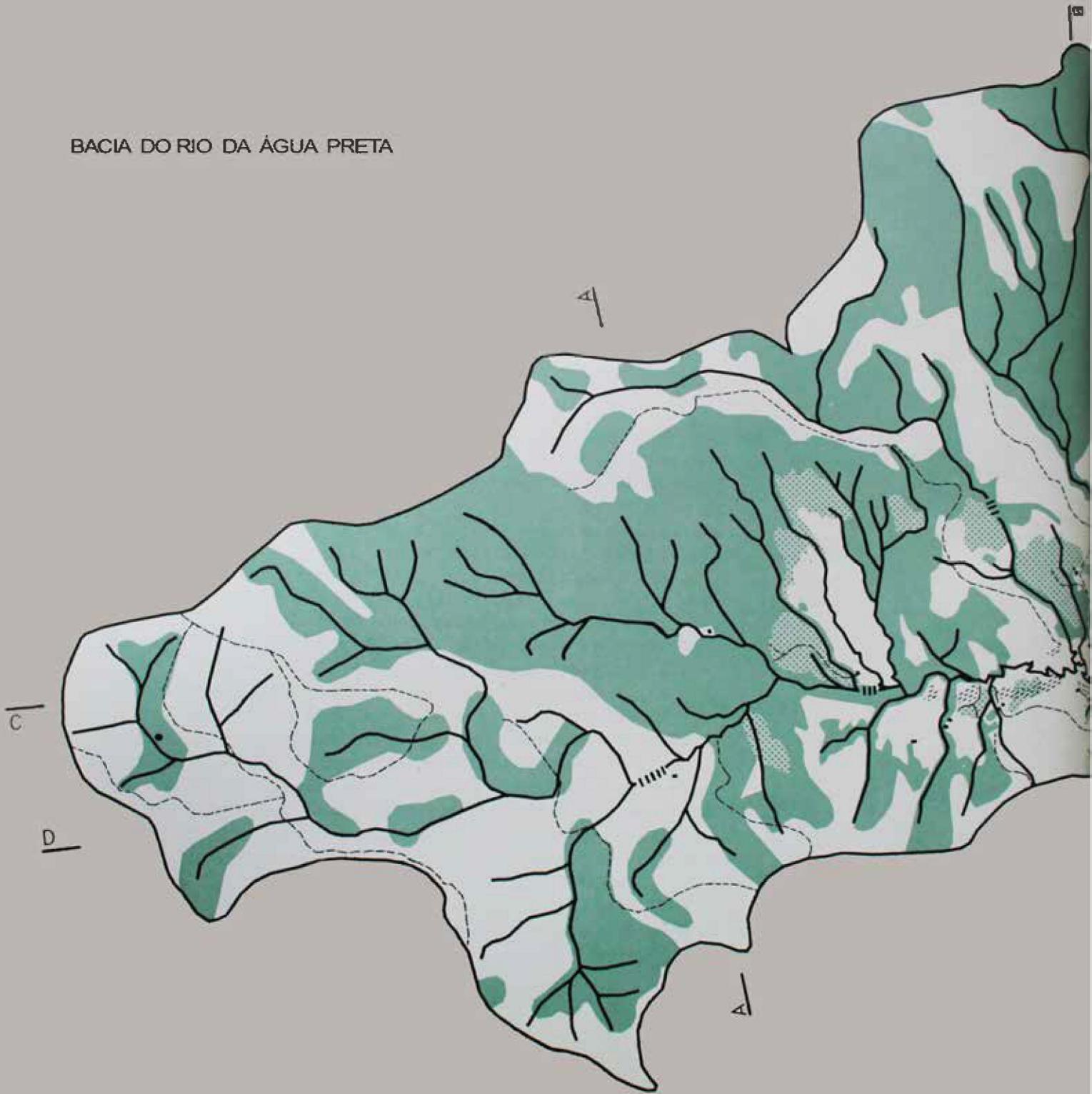
Quanto ao grau de intemperização, as rochas variam das muito alteradas, sobretudo no vale e em áreas aplainadas, até as sãs, nos cumes dos morros divisores de água da bacia hidrográfica do rio da Água Preta e nas escarpas falhadas. O desgaste natural que essas rochas vêm sofrendo, tanto pela desagregação física como pelo ataque químico, por influência direta do clima, libera minerais intemperizados, que formam os diferentes tipos de solo existentes nos cumes, nas encostas e no vale. Os depósitos aluviais do vale são espessos e de predominante constituição areno-argilosas, com fertilidade natural de média a alta. Os solos, na área de domínio da bacia hidrográfica, diferenciam-se pelas cotas altimétricas, pela constituição litológica, pela morfologia de cada sítio, pela vegetação e pela ação ativa do clima. Eles são litólitos e orgânicos.

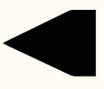
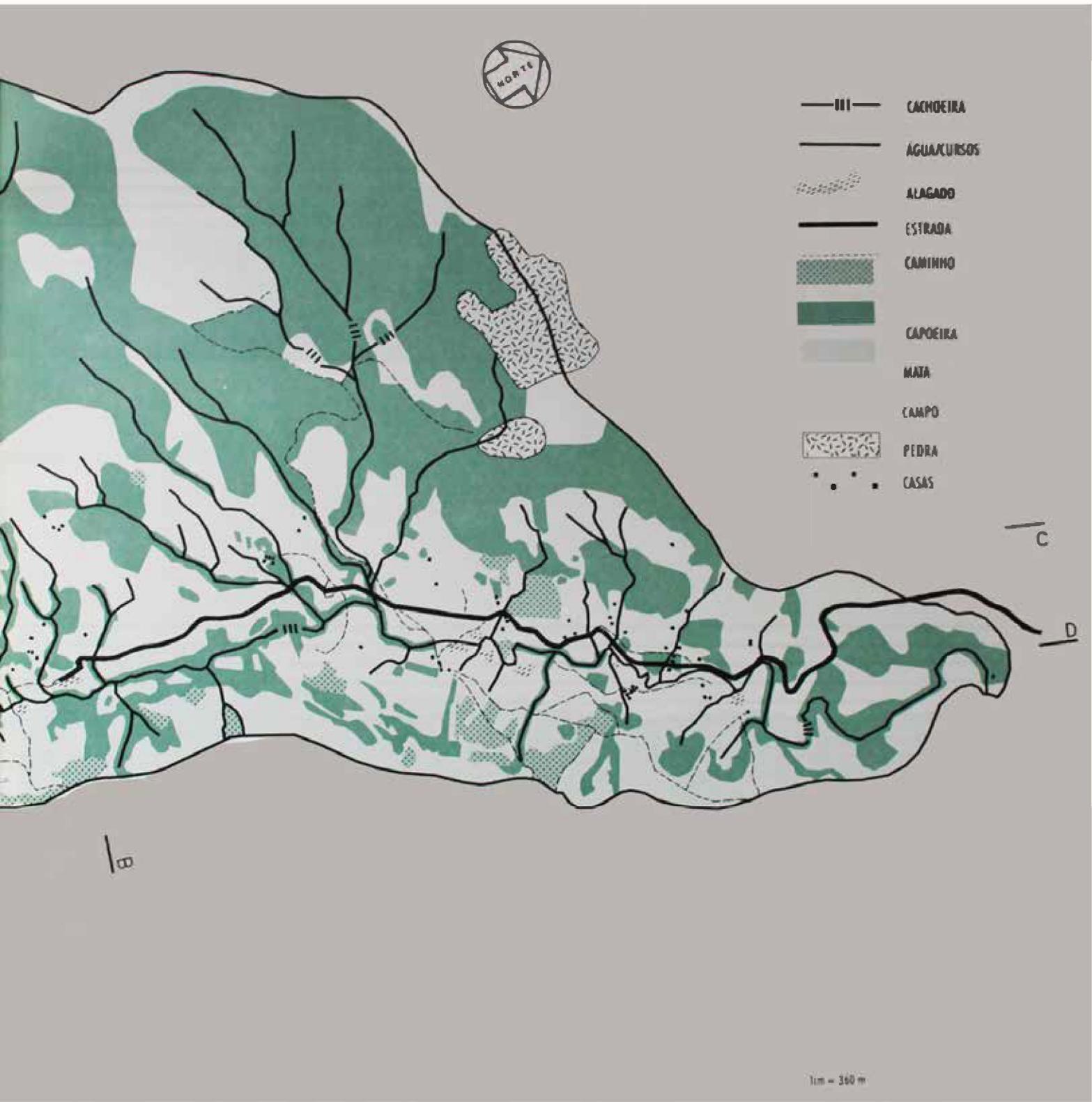
Os solos litólitos são pouco desenvolvidos, repousando diretamente sobre a rocha sã. Identificados principalmente nos campos de altitude, sobre rochas quartzíticas, são arenosos, brancos como areia de praia, e sobre eles cresce apenas uma vegetação de gramíneas, dada a sua fertilidade naturalmente baixa provocada pela acidez e pelo clima frio.

Os solos orgânicos, de cor preta, são encontrados nos encraves de mata densa de altitude. Aparecem também em manchas nas encostas e no vale. Sua cor preta e sua composição acusam o acúmulo de matéria orgânica, bem decomposta, evidenciando áreas onde a vegetação original era densa, capaz de contribuir com grande volume de folhas e restos vegetais. Em áreas com declividade média a alta, esses solos orgânicos, sob a ação do pisoteio do gado, sofrem pequenos deslocamentos cotas abaixo, formando extensos degraus. Verificaram-se desníveis de até sessenta centímetros nesses solos, que mostram sua fragilidade frente aos movimentos em encostas. Observou-se também a existência de áreas elevadas, em cotas de 1700 metros ou mais, no divisor ocidental, onde ocorreram encharcamentos naturais do solo, recebendo essas áreas nomes locais como o da serra do Charco.

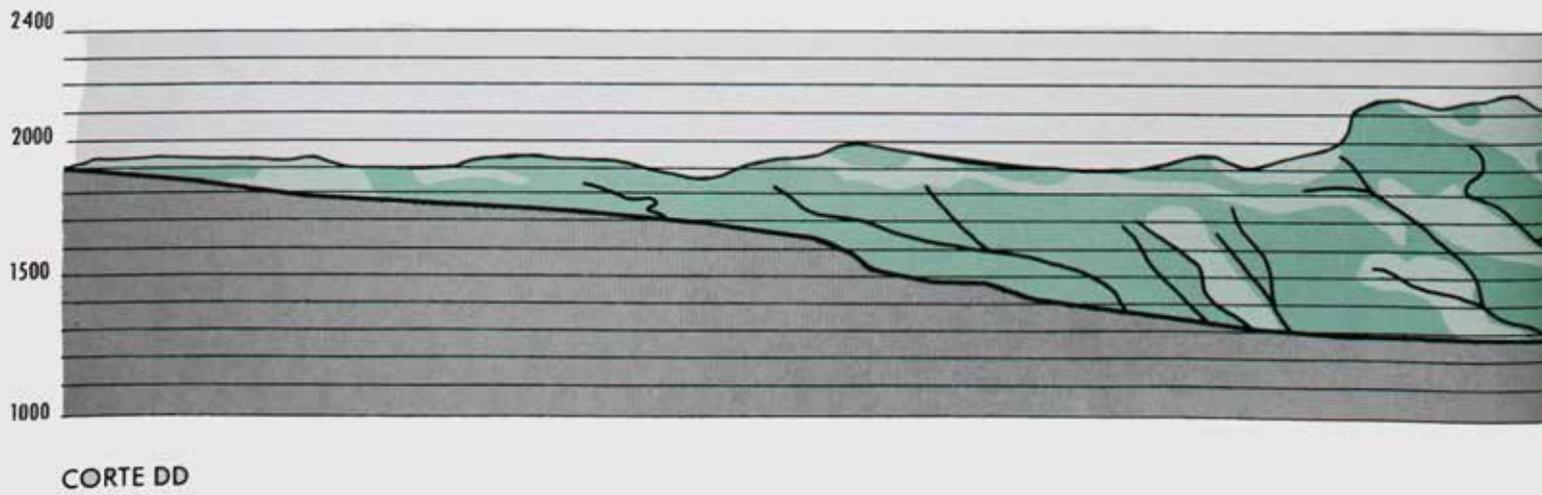
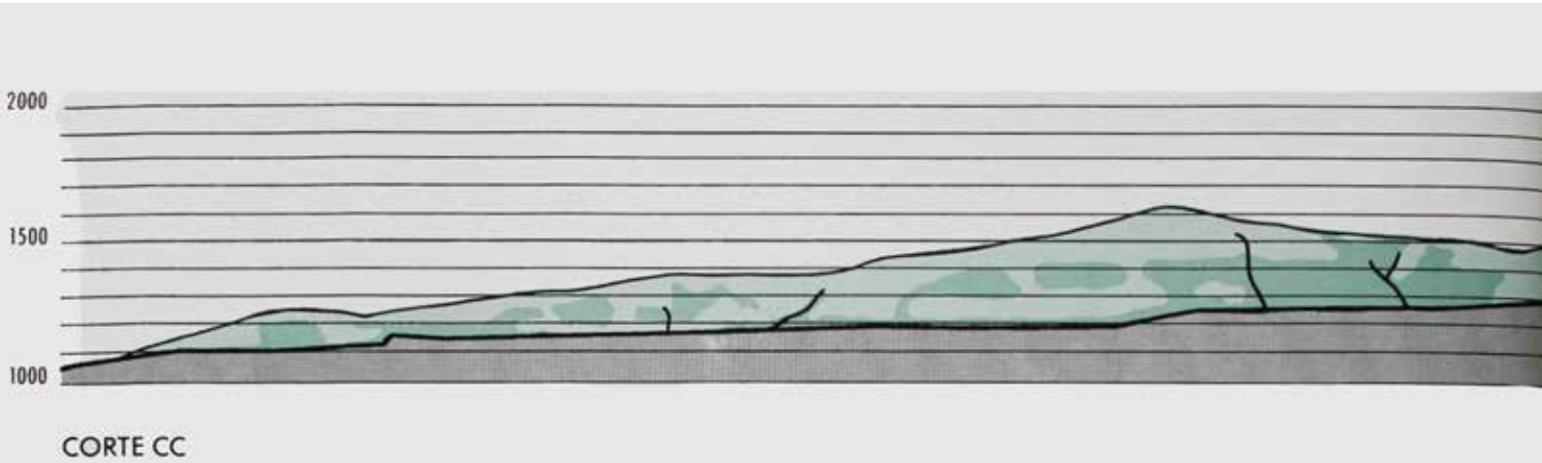
As encostas protegidas pela vegetação apresentam solos mais desenvolvidos. No vale, onde o clima é mais quente que nas alturas, a contribuição detrítica das

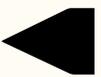
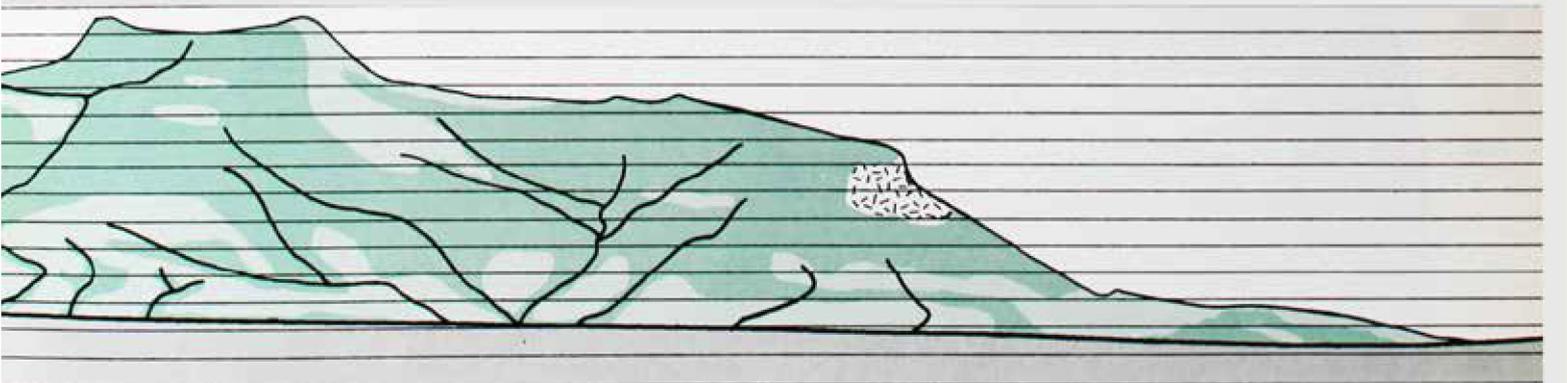
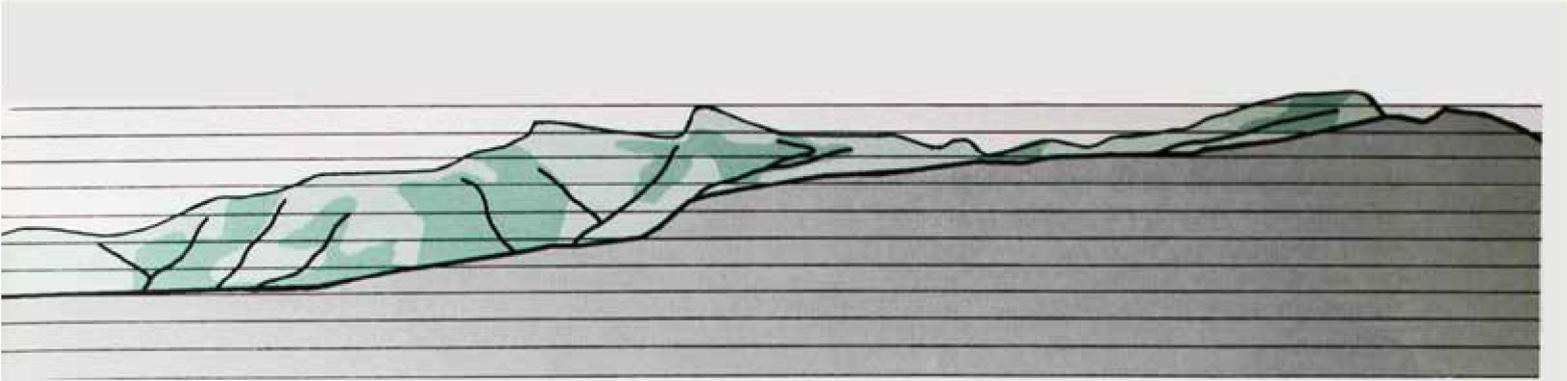
BACIA DO RIO DA ÁGUA PRETA



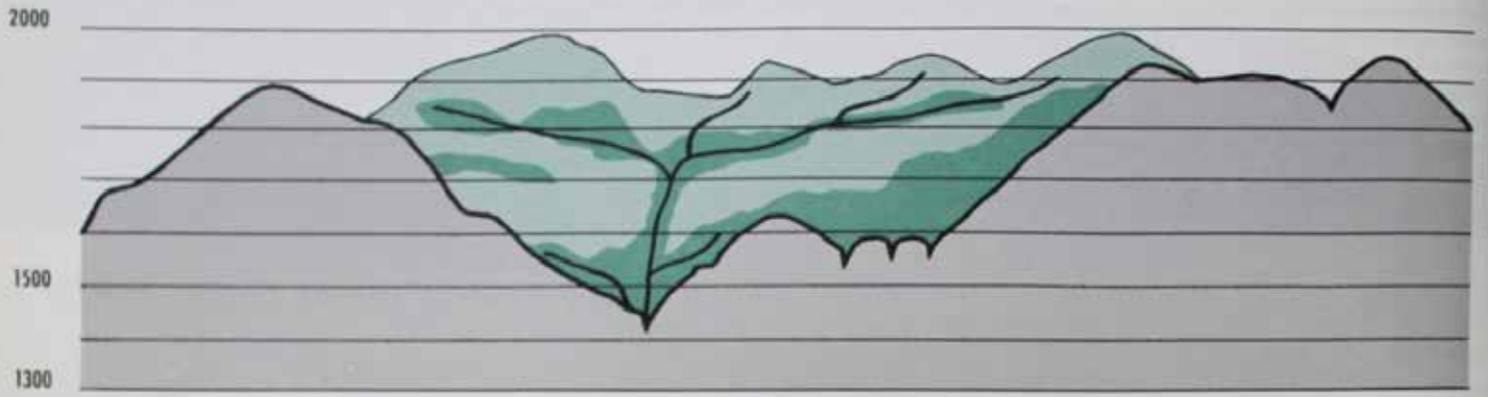


CORTES TRANSVERSAIS

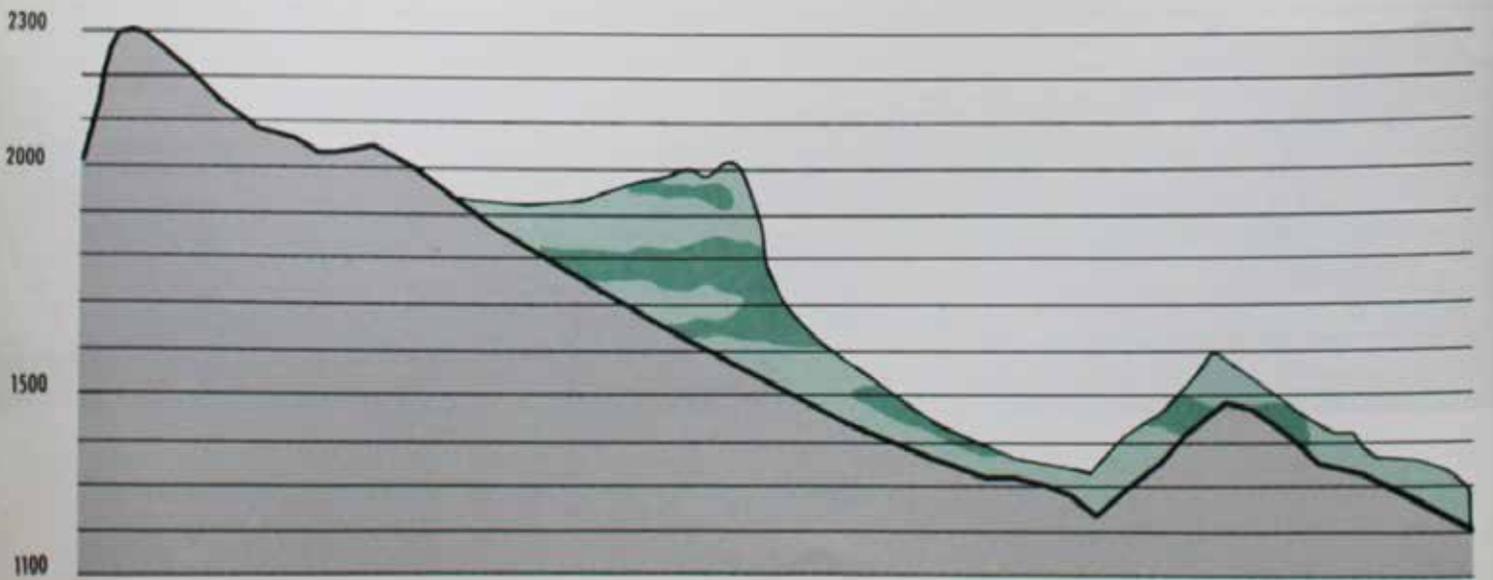




CORTES TRANSVERSAIS

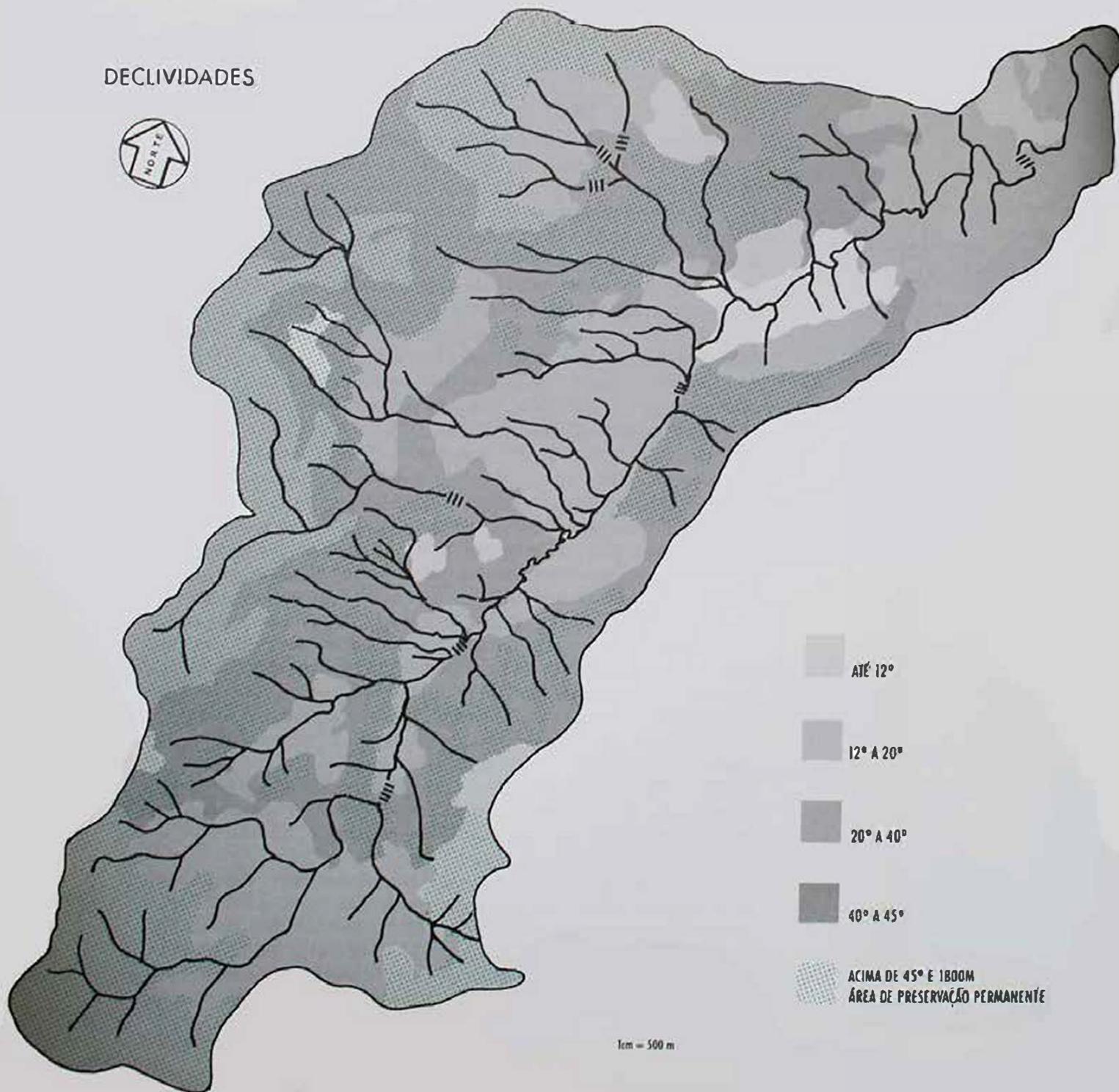


CORTE AA



CORTE BB

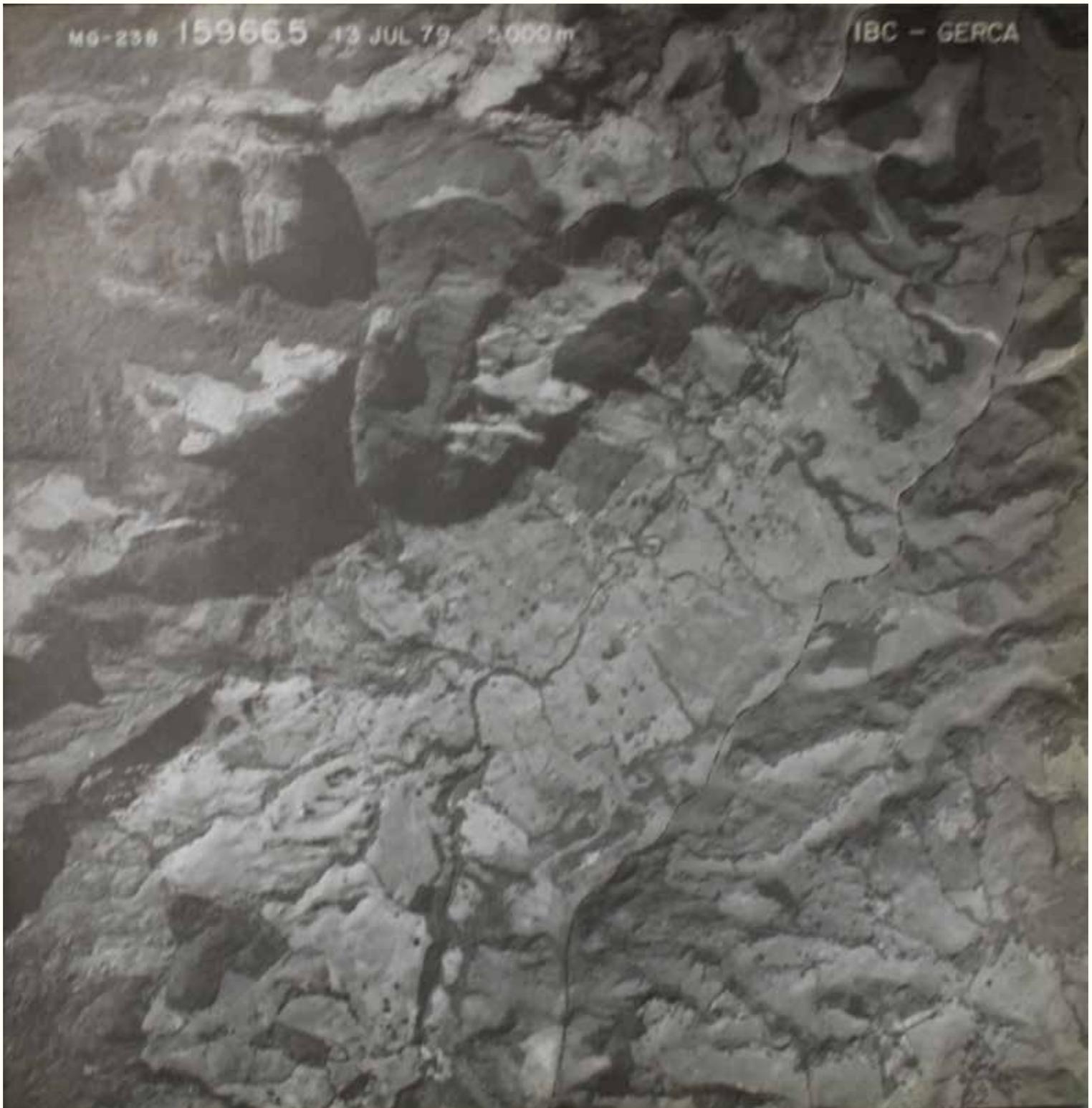
DECLIVIDADES



- ATÉ 12°
- 12° A 20°
- 20° A 40°
- 40° A 45°
- ACIMA DE 45° E 1800M
ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE

1cm = 500 m

Foto aérea da parte central da bacia do rio da Água Preta



encostas, aliada a melhores condições de solubilização mineral, provoca maior fertilidade natural do solo. A vegetação primitiva era mais densa, existindo manchas maiores de solos orgânicos. O intemperismo químico predominante sobre rochas xistosas propiciou maior profundidade da zona de rocha alterada, o que facilita o enraizamento mais profundo da vegetação e favorece um porte maior das espécies vegetais. Esse mesmo fator, isto é, faixas alteradas mais profundas em rochas favoráveis, também explica a presença de manchas de vegetação densa em zonas de altitude.



Geomorfologia da bacia hidrográfica do rio da Água Preta

A forma do relevo atual reflete o comportamento das rochas frente aos agentes intempéricos, como variações térmicas, ventos e pluviosidade, além das feições tectônicas existentes, como falhas e discontinuidades. A cobertura vegetal tem uma participação ativa no modelamento do terreno, pois ameniza fatores como erosão e deslizamentos. As rochas mais resistentes ao intemperismo, como os gnaisses, xistos gnáissicos e quartzitos, compõem as altas cotas, enquanto os xistos micáceos, que são menos resistentes, formam as cotas intermediárias e baixas.

O vale apresenta quatro zonas encachoeiradas que compõem cinco patamares. O patamar mais alto localiza-se ao sul da área e guarda as cabeceiras do rio principal. Uma ocupação rarefeita deu-se por pastoreio nos campos nativos de altitude. O segundo patamar, de sul para norte, reduzido em extensão, tem hoje a mais baixa ocupação da área. O terceiro e o quarto patamares concentram quase toda a ocupação antrópica e caracterizam as áreas do Matutu e da Pedra do Papagaio, respectivamente. O quinto patamar, o menor de todos, é ocupado só por uma casa.

O divisor de águas da margem direita é constituído também por patamares escalonados em altitudes, que se relacionam com a litologia, com a tectônica e com o processo de modelamentos. Nas encostas desse divisor de águas encontram-se corpos de talus, depósitos de piemonte e erosões diferenciais que formam falsas dolinas. O divisor de águas da margem esquerda pertence ao flanco do planalto de Itatiaia, e é mais imponente tanto por suas altitudes como por suas feições paisagísticas. É nele que se localizam o pico do Papagaio, o pico do Tamanduá e os setores mais elevados da bacia do Água Preta. As rochas são mais resistentes à erosão

e apresentam pequenos planaltos descampados com encaves de massa densa. As vertentes são longas, retilíneas e abruptas, e terminam no vale principal ora com depósitos de piemonte e alguns talus, ora com matacões na forma de paralelepípedos arranjados irregularmente sobre o solo e com ele misturados. Dessas vertentes despenham, em cachoeiras, as águas acumuladas nas depressões dos pequenos planaltos.

O pico do Papagaio tem a forma de um domo liso, rochoso, tipo pão-de-açúcar, com vertentes íngremes e três faces nuas. A face norte apresenta macrossulcos erosivos verticais, identificáveis à distância. Nas suas imediações, os falhamentos geológicos formam escarpas abruptas de parede lisa criadas por deslocamento de blocos.

Áreas críticas

As encostas abruptas recobertas por sedimentos estão sujeitas a movimentações naturais. Nessas encostas, os cuidados com o desmatamento revestem-se de caráter prioritário, sendo necessário compatibilizar o uso e a ocupação do solo com a dinâmica da natureza. Embora seja difícil sustentar que a simples manutenção da vegetação garantiria a preservação dessas encostas, pode-se afirmar que, sem ela, a velocidade do processo de modelamento natural passaria a ser mensurável na escala de tempo humano. Ou seja, com o desmatamento, os escorregamentos tornam-se mais frequentes e podem chegar a ser catastróficos.

Foram encontrados vários pontos em processo de erosão iniciada pela falta da cobertura vegetal, como áreas de encosta abrupta, de solo orgânico e desmatada, que apresentam sulcos erosivos gerados pelo escoamento superficial das águas pluviais. Alguns locais apresentam um desenvolvimento erosivo alarmante, pois assumem feições de voçoroca.

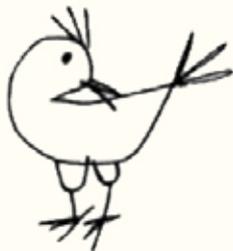
Os elementos paisagísticos de risco como as encostas escarpadas, as encostas com erosão diferencial, os depósitos de talus e os de piemonte, atuam como agentes que não permitem o uso e a ocupação do solo indiscriminados, pois necessitam ser preservados independentemente de sua cota altimétrica, merecendo cuidados desde sua base até seu cume. De frágil estrutura interna, deslizam facilmente, como os talus e os depósitos de piemonte.

Outros elementos paisagísticos de risco presentes na área, que também merecem cuidados, são as áreas encharcadas localizadas nos planaltos do divisor da margem esquerda, os planaltos descampados e a zona de meandros pretérita e atual do rio da Água Preta.

NOTAS:

1. A. Lamego. “Análise Tectônica e Morfológica do Sistema Mantiqueira”, em Anais do Congresso Pan-americano de Engenharia de Minas e Geologia, 1946, vol. 3.
2. A palavra *tectonikós*, do grego, refere-se a edifícios, ou à arte de construir edifícios (arquitetura). Os “edifícios naturais” como montanhas, serras, planaltos, alguns vales etc. são originados por forças intrínsecas à Terra, denominadas forças tectônicas (ou forças capazes de construir edifícios). Os “edifícios” assim construídos são, portanto, as estruturas tectônicas geológicas. Assim, a serra do Mar, a serra da Mantiqueira e o vale tectônico do médio rio Paraíba do Sul formam um único conjunto tectônico natural, tanto por sua gênese quanto por sua forma. Essa estrutura tectônica é evidenciada pelas escarpas de falhas e linhas de falhas encontradas no conjunto.
3. A. Lamego, op. cit.
4. Nas caminhadas de reconhecimento geológico-geomorfológico foram encontradas várias falhas com drenagem embutidas.

2. A FLORA E A FAUNA



*As próprias árvores não residem mais neste País,
De tudo restaram apenas algumas madeiras de lei,
Desamparadas à noite às estrelas que lhe são fiéis,
Marcando-lhes as léguas na sua desventurada distância.*

As serras que acompanham a costa atlântica do Sul e Sudeste do Brasil, denominadas genericamente serra do Mar, mostram em sua extensão uma flora relativamente uniforme, classificada como “mata higrófila tropical” ou “subtropical”, conforme as condições climáticas predominantes.

A serra da Mantiqueira, por sua vez, na altura da Bocaina, corre quase paralela à serra do Mar, e a curta distância que as separa explica a notável concordância de suas vegetações, em especial nas áreas de cotas mais baixas.

Nesse trecho, a serra da Mantiqueira atinge uma de suas maiores elevações. Aí, no maciço do Itatiaia, por sua importância geológica e paisagística, foi criado, há mais de cinquenta anos, o primeiro Parque Nacional brasileiro.

O Itatiaia é uma das áreas onde se concentrou o interesse de inúmeros pesquisadores. Na década de cinquenta, em momento de maior apoio à pesquisa das ciências naturais, Brade, entre outros, estudou sua flora e publicou os resultados de suas pesquisas em boletins do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e no Boletim do próprio Parque Nacional, que circulou nessa época. São seus os mais abrangentes estudos de que se dispõe sobre a região. E foi principalmente do seu trabalho que foi colhida a maior parte das informações que se seguem, já que a proximidade e a semelhança entre o Itatiaia e a Aiuruoca autorizam considerá-los como partes de um mesmo ecossistema.



A Flora do Itatiaia

A estrutura regional da flora do Itatiaia pode ser dividida em mata higrófila subtropical até 1.200 metros aproximadamente; mata de transição de 1.200 a 1.500 metros; região da araucária de 1.500 a 1.800-2.300 metros; vegetação do planalto de 2.200 a 2.400 metros; e flora das escarpas e dos rochedos acima de 2.400 metros¹.

Na região do Itatiaia, o vale do Paraíba do Sul tem uma altitude de quatrocentos metros, a partir da qual a serra eleva-se rapidamente. Daí até cerca de mil metros de altitude domina uma flora de mata atlântica, em grande parte idêntica à da Serra do Mar, com lianas e epífitos, apenas um pouco enfraquecida pela diminuição da umidade. A vegetação das regiões mais elevadas mostra, com a alteração das condições climáticas, uma composição diferente, e aos poucos vão surgindo espécies de origem sulina ou do interior que melhor se adaptam a temperaturas mais baixas.

As chamadas “matas atlânticas” ou “matas higrófilas tropicais ou subtropicais” ocorrem na zona costeira do Nordeste ao Sul. A serra do Mar é a região de maiores precipitações do Brasil, onde as condições de calor, umidade e luz são extremamente vantajosas para a vegetação. A alta umidade deve-se ao encontro dos ventos alísios com as montanhas. Vindos do mar carregados de vapores, que aí se condensam e se precipitam em chuvas. Um pouco mais para o interior e bem mais elevada, a serra da Mantiqueira também se beneficia do mesmo fenômeno, porém com menor intensidade. A própria origem dessa palavra em tupi, “lugar onde a chuva goteja”, traduz essa característica. A insolação ganha intensidade pela distribuição em degraus dessas matas nas encostas, situação que permite às árvores poupar o esforço de crescer desmesuradamente em busca de luz, e desenvolver troncos grossos, projetando logo seus galhos desde uma altura menor, concentrando-se na formação de densas copadas. Nessas circunstâncias, como descreve Gonzaga de Campos, é notável que as árvores acabem por desenvolver uma folhagem abundante, atribuindo a essas matas uma coloração de verde intenso e carregado e à vegetação o aspecto de cerrada e impenetrável².

A Mata Atlântica caracteriza-se também pela ampla variedade de espécies vegetais, que se desenvolvem nos diversos habitats propiciados pelo relevo dessa extensa região serrana. Grande parte da drenagem do planalto ocorre por essa faixa costeira, modelando o terreno com os caminhos das águas. Com isso, as correntes maiores acabam lavrando fundos rasgos e depressões e entradas relativamente aplainadas. Outras linhas de drenagem geraram sulcos menos pronunciados por onde as águas despencam em sucessivas cachoeiras. Esse

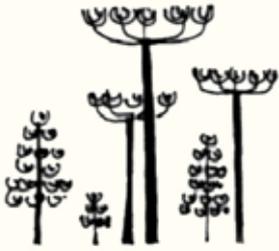
modelamento do terreno, sob condições diferenciadas de altitude e de composição e permeabilidade do solo, forma diferentes nichos para as espécies vegetais. As sementes, que, devido à presença da encosta, podem descer até o ponto mais baixo, vão experimentando os locais mais favoráveis ao seu desenvolvimento, o que favorece a disseminação das espécies.

A Mata Atlântica é uma floresta de troncos retos, com altura média de vinte a trinta metros. É bastante densa e encerra constantes sub-bosques. Nela, são comuns as palmeiras, os xaxins e os taquaruçus, assim como lianas e epífitos superiores. Para todas as categorias vegetais há uma grande variedade de espécies. Aproximadamente a mil metros de altitude começa uma mata de transição. Embora haja variações locais entre espécies, pode-se afirmar que a maioria dos elementos característicos da floresta higrófila se deixam conhecer até os 1.200 metros. Daí para cima, espécies que desaparecem são substituídas por outras muitas vezes semelhantes e do mesmo gênero.

A partir de 1.600 metros no lado ocidental da Mantiqueira e de 1.900 metros no lado oriental, de acordo com as condições ecológicas da serra, inicia-se a zona do pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*). A vegetação nessa área é composta, além da conífera, por espécies características do planalto, segundo os microclimas prevaletentes.

Acima de dois mil metros muda consideravelmente o aspecto geral da vegetação, que se torna arbustiva. Aí, conforme aumenta a altitude, cresce também o espaçamento entre os arbustos, dando origem a vazios onde aparecem plantas baixas. Ao fim da subida, estende-se um terreno menos inclinado, sobre o qual se espalha, com exceção das zonas brejosas, uma formação campestre com diversas espécies. Os campos limpos de altitude são característicos da Mantiqueira, com sua vegetação rala, baixa e pouco variada, sobre um solo quase sempre delgado, pedregulhento ou mesmo rochoso. Essa região formada por campos na lombada das serras e mata nas grotas representa uma das mais belas expressões da paisagem brasileira.

Acima de 2.400 metros e até os picos culminantes, a Mantiqueira apresenta, na sua superfície, uma vegetação de líquens, mais ou menos rica conforme a insolação e as condições ecológicas. Em manchas naturais ou temporariamente sombrias, os líquens aparecem associados ou substituídos pelo musgo. As plantas superiores também sobem até os pontos elevados, estabelecendo-se em todos os lugares onde seja possível vegetar. Os trechos expostos ao sol e aos ventos secantes privilegiam as espécies que melhor se adaptam a essas condições. Nos rochedos íngremes, nos lugares onde corre um pouco de água ainda que temporariamente, às vezes despontam tufos de um tipo de musgo, de cor amarela ou vermelha, associados com uma espécie endêmica e rara de violeta de flores roxas e folhas em forma de coração, cujas raízes são providas de pérolas carnosas, que servem como um depósito de água para épocas secas. A essa altitude, as ranhuras de rochas e as fendas podem apresentar um tufo de vegetação, compondo uma flora muitas vezes especialíssima, com endemismos de grande valor.



Flora da Bacia do Rio da Água Preta

Ainda hoje verifica-se a existência de uns poucos corredores de continuidade quase ininterrupta entre a vegetação do Itatiaia e a da serra do Papagaio, e sua sobrevivência deve-se a um capricho da própria natureza local. Reconhecidamente uma das áreas mais agredidas e devastadas do Brasil, onde a destruição criminosa e antissocial mostra sua face mais violenta, a serra da Mantiqueira preservou esses corredores graças às dificuldades de acesso e de transporte às suas áreas mais altas. Junto a essa barreira natural atua a fiscalização florestal, embora de modo incipiente. Esses corredores naturais de ligação das formações florestais têm excepcional importância na preservação da biodiversidade da flora e da fauna nativas.

De volta ao Rio de Janeiro de uma de suas muitas viagens pelo interior do Brasil e já pensando em retornar à França, o grande botânico Saint-Hilaire encontrou, deterioradas ou comidas pelas traças, grande parte das plantas coletadas na excursão que fizera anteriormente a Minas Gerais. Pesquisador obstinado, suspendeu os planos de voltar para casa e em março de 1822 estava no alto da serra da Aiuruoca, depois de passar pela serra de Ibitipoca, por Barbacena e São João del-Rei. Dessa sua última viagem pelo continente americano, deixou-nos um capítulo relativo à região da Aiuruoca, cheio de dados preciosos sobre os costumes, produção e modo de vida de sua gente. Além de renomado botânico, Auguste de Saint-Hilaire — o primeiro a notar a diferença entre os campos de altitude em áreas de cerrado e os situados em áreas da floresta atlântica — foi, antes de tudo, fino observador da vida brasileira, tendo deixado escritos decisivos para o entendimento de nossa cultura, como exemplifica este trecho:

Subindo sempre, atravessamos férteis pastagens onde pastam vacas que dão o mais gordo leite. Até o Rio Aiuruoca encontrara apenas vegetação pouco variada e plantas que crescem, em geral, na parte baixa das grandes montanhas da Capitania de Minas, como as Melastomáceas, que já citei.

Comecei minha colheita quando passamos o rio. Tomou-se cada vez mais farta à medida que fomos subindo. Tivera ocasião de reparar que o pinheiro-do-paraná deixa de ocorrer acima das altitudes médias, e o passeio de hoje acabou provando a veracidade desta observação; pois não me lembro de ter encontrado nenhuma árvore desta espécie acima da casa de meu hospedeiro.

Chegando a um bosque de vegetação medíocre, achamo-lo de tal modo atravancado de arbustos e cipós que foi preciso ao nosso guia abrir o caminho com o facão. Ao sair do mato, comecei encontrando as mais belas plantas desta vegetação: uma Labiada cujas flores têm absolutamente o gosto e o cheiro da hortelã “Pouliot”; uma Composta que cresce, como a precedente, à entrada dos bosques e pelas belas flores alaranjadas mereceria ser cultivada nos jardins; uma linda Escrofulariácea, de flores cor-de-rosa, comum nos pastos; uma Mirtácea cujos ramos se agrupam densamente e cujas flores exalam o mais suave perfume.

Para lá do bosque de que acabo de falar, atravessamos terrenos pantanosos e alcançamos um dos pontos mais altos da Serra. Percorremos, ainda uma vez, magníficos

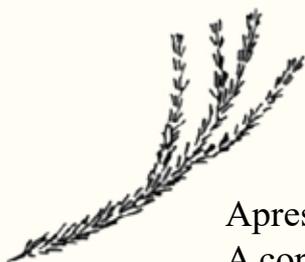
pastos, e afinal atingimos, entre todos os quatro cumes da Serra do Papagaio, aquele que nos parecia o mais afastado, quando vínhamos de Aiuruoca³.

Sua observação apurada constata e, mais adiante, explicita a característica de termômetro da *Araucaria angustifolia*, que na Mantiqueira só aparece em áreas mais frias, a partir de determinadas altitudes. De raiz pivotante e profunda, não pode ocorrer nos solos rasos e pobres dos topos das montanhas, preferindo povoar a maior parte dos vales e baixadas dessa região. Assim Saint-Hilaire descreve a descida da serra:

Serra da Aiuruoca, 9 de março, 1 légua e meia. Como colhi na Serra do Papagaio grande número de plantas interessantes que não encontrara, até agora, em nenhum outro ponto do Brasil, tomei a resolução de fazer curta caminhada. Durante um trecho de caminho serviu-me o meu hospedeiro de guia. Atravessamos a princípio um mato onde os burros tiveram grande dificuldade em se livrar de vários atoleiros. Entramos depois nos campos. A região que cortávamos é muito montanhosa e oferece uma alternativa de matas e pastagens.

Ao terminar a caminhada, alcançamos belo vale onde serpenteia pequeno rio e onde majestosos pinheiros se agrupam de maneira pitoresca entre algumas choças.

A descrição dada a seguir, das categorias de vegetação do vale do rio da Água Preta contempla tanto os ecossistemas primitivos quanto os que revelam alguma forma de intervenção humana. Essa descrição toma como ponto de partida o divisor esquerdo do vale, no alto da serra do Papagaio, desce até o rio da Água Preta e sobe até o divisor direito.



Mata serrana

Constitui ecossistemas fechados, com árvores de até vinte metros de altura. Apresenta muitas espécies em comum com as matas pluviais mais desenvolvidas. A copa da mata é muito fechada. O conjunto varia pouco em altura. No encontro das manchas de mata serrana com os campos, as copas das árvores crescem folhosas desde a linha do capim até o topo, formando um ecossistema protegido dos ventos frios. No geral é relativamente aberta por dentro, nela ocorrendo poucos arbustos de altura intermediária.

Há grande profusão de bromélias, orquídeas e muitos gêneros de samambaias terrestres e aéreas. As árvores são, em grande proporção, dos gêneros mirtáceas como cambuí, goiabeira, jabuticabeira e melastomatáceas como a quaresmeira com folhas pequenas.

A neblina e os nevoeiros associados ao grande número de nascentes criam condições de alta umidade, favoráveis ao desenvolvimento de epífitos. Essas matas configuram um ecossistema que, apesar do aspecto fechado, é frágil e

complexo, de crescimento lento e limitado pelas condições de altitude, como o frio, o vento, e o solo pouco profundo.

Na extensão dos campos de altitude, as manchas arbóreas se compõem basicamente de matas serranas. Despontam, porém, com mais raridade nessa região, nos locais onde a topografia permite, outros ecossistemas semelhantes aos de áreas mais baixas. Aí se encontrará então uma profusão de árvores como a araucária, a candeia, etc. Essas áreas mais úmidas, protegidas dos ventos frios, acumulam gradativamente solos mais profundos, proporcionando condições mais propícias ao desenvolvimento de espécies frequentes nas matas pluviais.



Campo de altitude

São campos limpos, de vegetação baixa e rala que se desenvolvem num solo em geral de pouca profundidade, escuro e muito ácido. Ocorrem nessas áreas manchas brejosas de solo mais profundo com umidade constante. Esses brejos podem também se desenvolver sobre rocha quase nua. Nesse caso, os baciões de pedra acumulam a água que propicia o desenvolvimento de vegetação característica. Nas bordas dessas bacias, às vezes, essa vegetação pode se acomodar em alguns trechos até sobre superfícies convexas, fixando-se a umidade na vegetação por capilaridade.

Os campos de altitude formam manchas por vezes pequenas, outras extensas, intercaladas por mata serrana. A vegetação de porte baixo constitui-se predominantemente de gramíneas e plantas herbáceas das famílias das asteráceas e das quaresmeiras.

Mata rala

É uma forma de transição. Ocorre em terrenos inclinados, mais expostos aos ventos frios, à chuva e ao calor, situações em que as partículas mais finas do solo e detritos vegetais são levados em direção às depressões formadas pelos córregos secundários, onde a vegetação se adensa. Nela aparecem árvores das famílias das mirtáceas, das azáleas e das romanáceas, e seus indivíduos de porte mais alto formam a copa. Ocorrem também representantes das canelas-de-ema, entre outras menos frequentes.

Cerrado

É um ecossistema muito frágil. Ocorre em áreas inclinadas, sofrendo a constante ação dos ventos, das chuvas e da insolação. Em seu solo lavado, com pedregulhos expostos, só algumas espécies conseguem se firmar. A vegetação chega a se adensar apenas em áreas onde o detrito vegetal é contido. A vegetação arbórea é constituída quase unicamente de candeias com crescimento

tortuoso e cobertas por líquens. Os arbustos provêm basicamente das famílias quaresmeiras, mirtáceas e algumas leguminosas.

Mata de transição

Essa vegetação desenvolve-se nas áreas que, por receberem os detritos vegetais e as partículas do solo das zonas mais altas, criam condições favoráveis ao crescimento de um número maior de espécies arbóreas.

A força do vento é aquebrantada pela mata, cuja altura contribui para a manutenção dos detritos vegetais e consequente formação de um solo mais profundo. As espécies dessa região combinam características das espécies encontradas no cerrado e na mata pluvial.

Mata pluvial

Mata alta, virgem, de grande diversidade de espécies, com ocorrência de árvores de madeira nobre como canela, guatambu, maçaranduba, canjerana e da araucária. A vegetação, fechada desde o solo, mostra árvores e arbustos em todas as fases de crescimento.

A mata pluvial ocorre nas áreas de terras férteis, com grande quantidade de detritos vegetais. A presença de ácidos úmidos, aliada à ação das raízes, propicia o aprofundamento constante do solo. A proteção da cobertura vegetal consegue desarmar quase toda a ação dos elementos que causam a degeneração do solo nas regiões mais altas. Quando favorecida, essa vegetação tem tendência a expandir-se e colonizar a área da “mata de transição”.

Pasto

Constitui-se em uma mistura de capins introduzidos, como o gordura e a brachiaria, que é agressiva e não deixa nada crescer à sua volta e outros resistentes à seca, arbustos pequenos da família das quaresmeiras e das samambaias, e árvores, como a candeia, em grande profusão.

Anteriormente, essa área era coberta por mata pluvial. Agora, com a retirada das árvores mais nobres e a queima das remanescentes, passa a ser ocupada no plantio de milho por dois ou três anos consecutivos, até o esgotamento do solo, quando então começa a servir como pasto de baixa qualidade. Essa derradeira cobertura vegetal, apesar de proteger o solo das intempéries, dificulta a reconstituição da mata original.

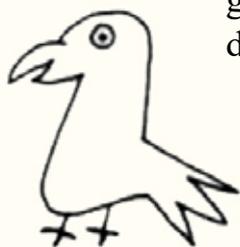


Baixada

É a área de solo mais rico do vale, aluvial, bastante ácido e profundo. O rio da Água Preta, ao transbordar anualmente na época das chuvas, aumenta o nível de aluvião, depositando solo e detrito vegetal.

A cobertura dessa faixa compõe-se largamente de araucárias, que formam a maioria dos bosques extensos, onde podem surgir ipês, jacarandás e podocarpos. As margens do ribeirão são amplamente vegetadas por espécies das famílias mirtáceas, algumas leguminosas e gramíneas, entre outras.

Existem pastos extensos nessas baixadas, formados por espécies de gramíneas das famílias mencionadas no item anterior, além do capim gordura e das samambaias.



Leito velho

Nos leitos velhos ou paleocanais do rio, crescem matas baixas e fechadas de cambuí, árvore que aparece com menor porte nas matas serranas. O solo dessa área, profundo e extremamente ácido, mantém-se úmido mesmo durante a estação seca.

Área cultivada

Área antigamente ocupada por mata fechada com grande incidência de araucárias, jacarandás, ipês, cedros, açoita-cavalos, guatambus, etc. É a área de transição ou de mata pluvial, que será transformada em pasto, após ter sido desmatada, queimada e plantada com milho por dois anos. Pode também ser abandonada após os anos de cultivo e dar lugar a uma capoeira que, depois de alguns ciclos, voltará a ser cortada e cultivada de novo. Apresenta alta frequência de samambaias.

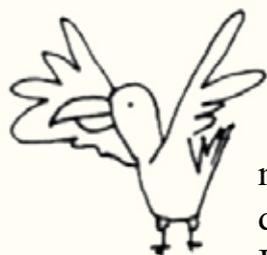
Durante o cultivo de milho, uma significativa parte da “terra boa”, formada pela cobertura antiga, sofre a ação de intempéries num processo erosivo que lava a camada trabalhada do solo. Um cultivo prolongado por vários anos tornará o solo pedregoso e só permitirá sua recolonização através da candeia, que habita a área mais acima do morro e sobrevive em condições mais áridas.

Candeial

Há uma faixa bem definida na encosta do divisor direito da bacia do Água Preta, vegetada por candeia, extremamente demonstrativa das condições do solo. O terreno muito inclinado e a terra bem lavada deixam na superfície pouco solo,

constituído sobretudo de pedregulhos e pedras. A superfície, sem a proteção das matas, sofre a ação direta dos ventos e sua vegetação consegue reter muito pouco do detrito vegetal. É uma área de transição que vai se rarefazendo até os campos mais ao alto.

É importante assinalar que, com seus 1.200 metros de desnível estendidos por menos de cinco quilômetros de extensão, a bacia do rio da Água Preta abriga diversos ecossistemas inter-relacionados que resultam da adaptação da flora à temperatura, ao clima, à qualidade dos solos e à ação do homem. Essa qualidade, aliada ao fato de ser a serra do Papagaio um dos pontos mais altos em uma vastidão enorme do território continental, aporta um valor especial a esses ecossistemas. A excepcionalidade da altitude soma-se à excepcionalidade do desenvolvimento, em território reduzido, de um número considerável de ecossistemas, um resultado que apenas um segmento da serra da Mantiqueira propicia. Nesse segmento, onde a maior parte das áreas já está muito devastada, o vale do rio da Água Preta, com parte de sua vegetação nativa mostrando viço ainda juvenil, ostenta caráter muito raro, que é de grande importância preservar.



A Fauna do Itatiaia

Da mesma maneira que para com a flora, a proximidade e a semelhança do maciço do Itatiaia com a serra do Papagaio são fatores que favorecem a descrição da sua fauna, como exemplo regional. Cabe, porém, ressaltar que, sendo o Itatiaia um Parque Nacional, é razoável supor que sua fauna se encontre bem mais protegida e preservada. As informações que se seguem foram resumidas, na sua maior parte, a partir dos estudos que Rudolf Barth ali realizou em 1957.

A região do Itatiaia pode ser classificada, do ponto de vista ecológico-zoogeográfico, em três zonas: campos e áreas de cultivo tropical, zona florestal e campos de planalto⁴.

Campos e áreas de cultivo tropical, subdivididos em campos, vales e margem do rio Paraíba do Sul

Esta zona inicia-se às margens do rio Paraíba do Sul, elevando-se em pequenas colinas em direção Norte até a cota aproximada de seiscentos metros de altitude e é dominada por terras de cultura na parte baixa, na maioria pastos, e por pequenos bosques na parte mais alta e nos vales, ao longo dos rios.

Apresenta condições climáticas tipicamente tropicais, com verões úmidos e invernos muitas vezes secos ao extremo. As matas originais do vale do Paraíba foram destruídas na sua maior parte no século XIX para o plantio de café e outras culturas, depois substituídas pela formação de pastagens. Com isso, as espécies nativas, ao perderem seus meios de subsistência, emigraram ou extinguíram-se.

Em lugar dessa fauna que desaparece, surge outra mais adaptada às condições impostas pela proximidade do homem. A esse grupo pertence grande número de aves como gavião, pardal, tico-tico, anu-preto, anu-branco, andorinha, etc., morcegos, roedores muito pequenos, aranhas e insetos, como moscas domésticas, e formas parasitárias.

Nas zonas de campos de cultura uniforme é típica a ocorrência de uma única espécie em número exagerado. Por exemplo, no vale do Paraíba, próximo aos campos de cultura, houve aumento exagerado de formigas, como a saúva.

Os grandes mamíferos desapareceram, enquanto os pequenos, sobretudo roedores, encontraram nas lavouras ou no campo meios de vida mais favoráveis. Nos pequenos bosques aparecem roedores, como o serelepe e o preá; a paca e a lebre preferem campos abertos até uma altitude de aproximadamente 1.200 metros. Também alguns pequenos carnívoros, como o cachorro-do-mato e a irara, retiram alimento dessa zona de campos.

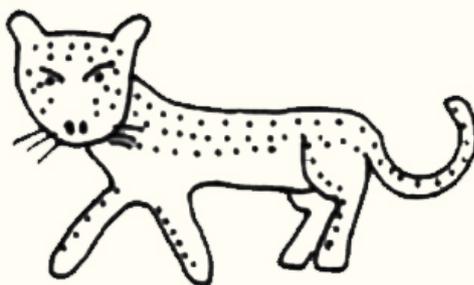
Nas margens das áreas de cultivo, ou espalhados pelo campo, os tatus de duas espécies, o gambá e alguns pequenos marsupiais surgem com frequência.

Insetos e pequenos roedores, abundantes na região dos campos, servem de alimento a muitas aves como o caracará, o gavião-tesoura e a coruja-buraqueira, e ao ubíquo pardal, comum nas proximidades das zonas habitadas e enxotado da região do Parque do Itatiaia, pois compete com o tico-tico nativo.

Há espécies de interesse especial, que habitam tanto os campos baixos como os do planalto. São animais que dependem mais do terreno e do alimento disponível do que da temperatura para sobreviver. Pertencem a esse grupo a seriema, o tico-tico, e algumas outras aves de pequeno porte.

Na zona de cultivo aparecem também espécies de alimentação mista, umas penetrando nas matas inferiores, como o tangará, outras preferindo as altas touceiras de bambus, como o bem-te-vi. Em postes ou árvores isoladas aparece o ninho característico do joão-de-barro. A codorna e a perdiz, com a perseguição empreendida pelo homem, tornaram-se raras na região baixa.

Uma vez que o número de indivíduos de cada espécie tem relação com seu tamanho físico e exigências de ambiente, as espécies de grande porte, que necessitam de extensas áreas de refúgio, além de estarem mais expostas à perseguição do homem, são mais raras nessa zona que as espécies pequenas de mesmo biotipo.



Zona florestal, subdividida em floresta tropical e subtropical

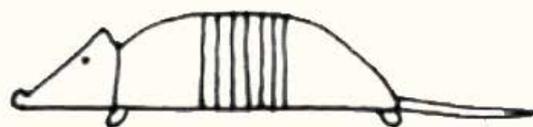
Esta zona ocorre desde 600 e 800 metros até aproximadamente 2.100 metros, variando seu limite inferior de acordo com o maior ou menor avanço da ocupação humana. Segundo o ponto de vista ecológico-zoogeográfico, a zona de mata tropical é a que ocorre de 600/800 a 1.200 metros de altitude, e a mata subtropical de 1.200 a 2.100 metros.

Essa é uma zona de matas que envolvem a serra como uma capa. Assim, as árvores protegem o solo da insolação direta, diminuindo a variação de temperatura entre o dia e a noite. Com essa capa vigorosa, o interior das matas fica protegido das quedas bruscas de umidade provocadas pelos invernos secos, que pode aumentar com a combinação dos efeitos de evaporação provocados pelas grandes superfícies das folhas e pelo húmus acumuladores de água. É por isso que continuam a prosperar muitas formas estenotérmicas e estenoígricas de animais de porte menor, como as sanguessugas terrestres, lesmas, centopeias, lacraias, crustáceos terrestres e muitos anfíbios.

A maioria dos animais de grande porte se recolhe à mata somente para dormir ou proteger-se. Aqueles, porém, que nela têm seu habitat preferencial, adaptam-se facilmente ao emaranhado do sub-bosque, como os inhambus, pequenos e lateralmente delgados, e o porco-do-mato, de couro grosso e duro. Grande parte dos habitantes da mata passaram a uma vida arbórea, como as quatro espécies de primatas encontradas no Itatiaia, o bugio, o sauá, o mono e o macaco-prego, que só descem ao solo para beber; o tamanduá-colete, que é um ágil trepador; a preguiça, que habita quase exclusivamente a embaúba; o ouriço-caixeiro e o serelepe.

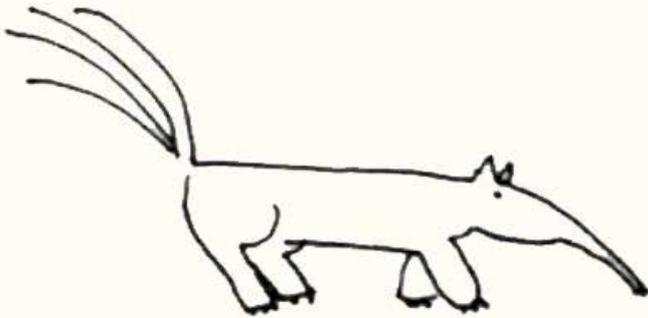
Em perseguição aos animais que vivem nas árvores, aos quais se podem acrescentar as aves trepadoras, sobem às árvores diversos carnívoros, em especial felinos como a onça-parda ou suçuarana, grande saltadora e terror dos macacos. A onça pintada, avistada só esporadicamente, habitava até recentemente as áreas vizinhas da Serra Negra. Dos felinos menores, aparecem na região ainda o gato-do-mato e a jaguatirica. O furão e a irara, embora ocasionalmente procurem seu alimento nas árvores, são animais terrestres. Os seis representantes de gambás e guaiquicas que penetram nas matas também se revelam bons trepadores, roubando ovos e filhotes de pássaros. A quantidade de aves adaptadas para trepar também é elevada. Entre as cobras e os répteis surgem muitas formas adaptadas à vida arbórea. Com exceção da rica microfauna do solo, a vida animal no interior sombrio da mata é relativamente pobre e só se enriquece nas orlas das florestas, ao longo das picadas, nas clareiras ou às margens dos córregos.

A vida concentra-se nesses pontos tangenciais, pois neles não apenas o sol atinge o solo fazendo crescer uma infinidade de arbustos, não só há maior disponibilidade de água e alimento, como também mais desembaraço para a



locomoção e o voo. Aí se observa também uma rica entomofauna e, na mesma proporção, como seus predadores, aves de pequeno porte. A imensidade de insetos é fenômeno que pode ser associado à ampla variedade de flora. As formigas dominam em todas as partes, tanto no chão como nos arbustos e árvores; inimigas naturais de outros insetos, contribuem para o equilíbrio natural. Os cupins, igualmente numerosos, constroem seus ninhos, que são grandes construções, nos troncos e galhos das árvores, ou sob a camada de folhas depositadas no solo.

As condições favoráveis de vida na mata tropical, como a alimentação, a umidade, o calor, a calma etc., propiciam a rápida sucessão de gerações de uma mesma espécie, aumentando-lhe as oportunidades de mutação e promovendo o desenvolvimento de outras em número maior do que o verificado nos climas temperados e frios.



Campos do planalto, subdivididos em campos propriamente ditos, bosques e brejos

É uma zona temperada, com campos entremeados de arbustos, e espaços secos e brejosos.

A fauna da Zona da Mata vive até uma altitude de 1.900/2.100 metros, e sua variação vai distribuindo as espécies de acordo com suas necessidades. Na zona transitória entre campos e matas, onde as árvores começam a diminuir em estatura e frequência, o sol passa a atingir o solo com maior intensidade, fazendo cair a taxa de umidade e a fauna rarear. Os animais são forçados a se ocultar nos capinzais e arbustos, e o planalto oferece uma impressão de solidão e desamparo.

Esta zona, varrida por fortes ventos, só permite o desenvolvimento de bosques baixos nos vales e encostas dotados de alguma proteção. Submetida à intensa irradiação do sol, sua temperatura chega a 6°C abaixo de zero no inverno e, mesmo no verão, ao amanhecer, pode acusar índices próximos de zero.

O inverno, de maio a agosto, caracteriza-se pela secura, quando não é rara uma enfiada de semanas sem um pingo de chuva. A insolação, também muito alta e de composição mais complexa que a do vale, provoca uma intensidade maior das cores dos insetos e das flores. Isso acontece tanto com as espécies exclusivas das altitudes quanto com aquelas encontradas em todas as regiões, como o tico-tico, que no planalto apresenta plumagem muito mais viva do que no vale do Paraíba.

Como a vida animal no planalto se desenvolve de forma bem mais oculta, o que aí mais se destacam são as aves: duas espécies de urubus e alguns

gaviões, encontrados, por alguns meses, na região alta; já nos pequenos bosques, aparecem a coruja-do-mato e o corujão-da-mata. É reduzida também a quantidade de espécies de aves de pequeno porte, a maioria composta de granívoros. São exclusivos da região alta o vira-folhas ou peito-pinhão, a batuíra e o papa-moscas. Constata-se também a ocorrência regular da seriema, mas a perdiz e a codorna tornaram-se raras.

Dos mamíferos, encontram-se com abundância o cachorro-do-mato, o mão-pelada e o quati; o guará raramente penetra na área do Parque do Itatiaia, mas vive nas vizinhanças. Dos grandes roedores, apenas a paca, no verão, arrisca-se a essa altitude. Os ratos-do-mato, animaizinhos que resistem às intempéries escavando no solo suas moradias e alimentando-se de grão de capim, são relativamente comuns. A região alta também é pobre em répteis, com lagartos aparecendo somente no verão. Ocorrem poucas espécies de cobras, mas as espécies de anfíbios apresentam razoável frequência. Há insetos que se alimentam de plantas e é excepcionalmente rica a vida dos biótipos sob as pedras maiores. Várias espécies de carrapatos são encontradas no gado.

As águas paradas ocupam espaço limitado no planalto, que conta com diversos brejos que se mantêm úmidos durante todo o ano. Neles aparece um crustáceo, a uma altitude de 2.240 metros. Sobre a região voam esparsas libélulas. Na região de mata superior, entre 1.200 e 1.600 metros, encontram-se no verão, de dezembro a fevereiro, agarradas às pedras com ligeiro filete de água, pererecas, que podem sobreviver em paredes quase verticais.

Devido à pobreza de plâncton e microrganismos dessas águas montanhosas, seus peixes se distribuem apenas por cinco espécies, entre elas a dos cascudos, que vivem exclusivamente no fundo, entre as pedras das pequenas bacias naturais. Às margens dos rios e córregos formam-se pontos de concentração de rica vida animal, onde se reúnem, além dos insetos da floresta, os aquáticos. Outro biótipo interessante são os inúmeros e pequenos depósitos de água das bromélias, que formam um habitat perfeito para espécies de répteis e larvas.

A Fauna do Vale do Rio da Água Preta

Através do relato de diversos moradores, foi levantada uma listagem dos animais que em época recente foram vistos e identificados no vale. A denominação é a usualmente utilizada pela população local:

Mamíferos anta, ariranha, cachorro-do-campo, cachorro-do-mato, gambá, gato-do-mato, guaticica, irara, jacarambeba, jaguatirica, lobo-guará, lontra, macaco-prego, bugio, sauá, sagui-da-serra, onça-parda ou suçuarana, ouriço-caixeiro, paca, porco-do-mato, preá, quati, rato, serelepe, tamanduá-bandeira⁵, tatu, veado.

Aves andorinha, anu-branco, anu-preto, azulão, azulão-pardo, beija-flor, bem-te-vi, canário-da-terra, canela-fina, caneleiro, chã-chã, corruíra, curiango-da-noite, corujas, engana-tiro, fogo-apagô, galo-do-campo, gavião, gavião-pato, gralha, guaxo, inhambu, jacu, João-bobo, João-de-barro, José-branco, juriti, maria-preta, maritaca, neném-da-floresta, papagaio-do-peito-roxo, pássaro-preto, periquito, pica-pau-carijó, pica-pau-da-cabeça-vermelha, pilorem-do-brejo, pintassilgo, pirola, prátimo, sabiá-branco, sabiá-do-mato-grosso, sabiá-vermelho, sanhaço-frade, saracura, sem-fim, seriema, sorucuá, tabaleto, tico-tico, tidurico, tiriva, trinca-ferro, tucano, uru, urubu, verdinho-do-mato-grosso.

Répteis cobras: urutu, cascavel, jararacuçu e jararaca; lagartos; tartaruga d'água⁶.

Peixes lambari, bagre.

No vale, há também um grande número de insetos e anfíbios. Entre os insetos destacam-se as abelhas preta, amarela e vermelha — as únicas que picam. A maior delas, a manda-saia, não possui ferrão, assim como a arapuá e a tubuna, que enrolam nos cabelos; a última produz só açúcar. Encontram-se ainda a mindurim e, a menor de todas, a mirim.

O vale abriga várias espécies ameaçadas de extinção. Entre os mamíferos que podem desaparecer da região estão o tamanduá-bandeira, o lobo-guará, o cachorro-do-mato, a ariranha e a lontra. Entre as aves, o gavião-pato e o papagaio-do-peito-roxo.

Uma onça suçuarana foi morta em 1980 pela família de seu Joaquim Balbino. Depois de atacar várias vezes as ovelhas da propriedade, uma noite foi encurralada no alto de uma árvore, e aí morta. O couro media mais de um metro de altura sem contar o rabo.

A proteção dessa fauna, em especial a ameaçada de extinção, exige um esforço significativo. Em primeiro lugar, é necessário que se imponha a completa supressão à caça clandestina, que grassa em vasta porção de seu território. Em segundo, é necessário que haja a garantia da preservação dos ecossistemas nativos, e a recomposição dos trechos mais devastados. Também é preciso definir com rigor a territorialidade necessária para que as espécies existentes possam sobreviver. Nesse sentido, a preservação dos corredores de vegetação natural ainda desabitados, que ligam a serra do Papagaio ao Itatiaia, assume importância decisiva e requer estudos mais avançados e proteção implementada. Vale lembrar ainda o que nos ensina Mello Leitão:

As altas montanhas escarpadas, elevando-se abruptamente, apresentam condições de isolamento até certo ponto comparáveis às das ilhas, formando biótipo especial, [...] o isolamento facilita a segregação e formação de raças especiais⁷.

Como no Itatiaia já foram localizadas algumas espécies endêmicas de anfíbios, é muito provável que a serra do Papagaio, pela semelhança de condições, também apresente surpresas biológicas.

O papagaio-do-peito-roxo (*Amazona vinacea*), a linda ave que empresta o nome à serra, à pedra, ao rio e à cidade, teria sido, na opinião de seus habitantes, bem mais abundante na região. Hoje, só ocorre em pequeno número de indivíduos. Também é escassa a bibliografia internacional sobre o papagaio-do-peito-roxo. Esta é a descrição que dele faz Helmut Sick:

35 cm. Bela espécie meridional cujo padrão escamoso arroxeadoviváceo do peito lembra o anacã, ainda mais que também possui uma gola de penas alongadas que frequentemente arrepia tal qual o *Deroptyus*, loros, fronte, base do bico, mento, encontro, espelho e base das retrizes externas vermelhos. Voz: “teó-téo”, “Krao-krao...”. Vive nas matas secas interioranas, pinheirais, orla de capões de mata entre campos; ainda relativamente comum em Santa Catarina e Minas Gerais, ocorre do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, Paraguai e Norte da Argentina. “Jurueba” “Quero-queró”, “Téu-téu”, “Curraleiro”⁸.



NOTAS:

1. A. C. Brade, A Flora do Parque Nacional de Itatiaia, Rio de Janeiro, Boletim do Parque Nacional de Itatiaia, Ministério da Agricultura - Serviço Florestal, 1956.
2. Luiz Felipe Gonzaga de Campos, op. cit.
3. Auguste de Saint-Hilaire, op. cit.
4. Rudolf Barth, A Fauna do Parque Nacional de Itatiaia, Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1957.
5. Um tamanduá-bandeira foi avistado por várias pessoas nos campos próximos ao alto da Pedra do Papagaio em 1977.
6. Uma tartaruga d'água foi observada uma única vez no rio da Água Preta. Pequena, com o casco cheio de limo, confundia-se com as pedras do rio.
7. C. de Mello Leitão, Zoogeografia do Brasil, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1937.
8. Helmut Sick, Ornitologia Brasileira, 2. ed., Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1986.



Tamanduá mirim. Foto: João Silveira Corrêa

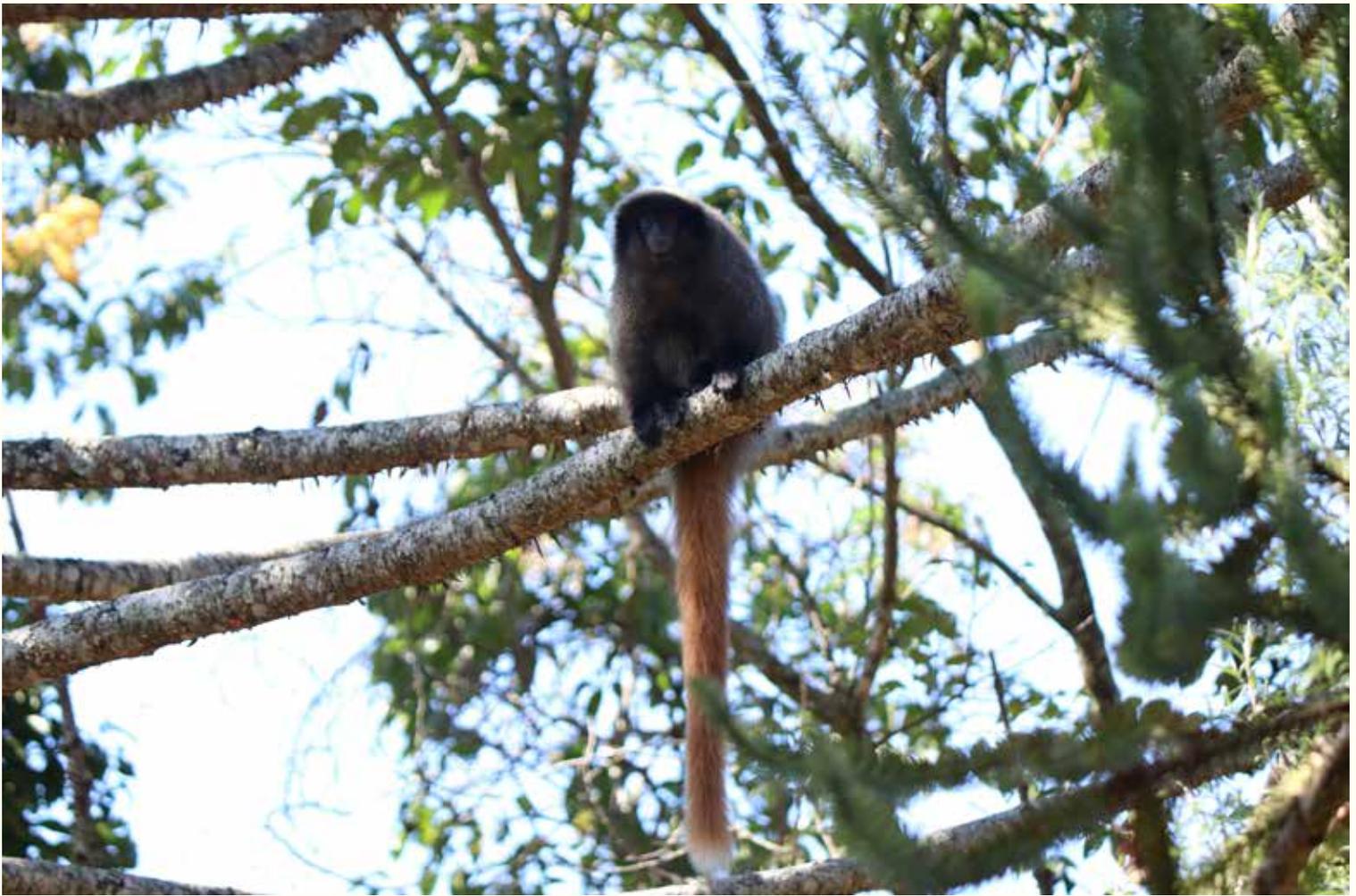


Aves de Aiuruoca. Fotografias de Bárbara Vieira (páginas 53-60)



Ipê-amarelo
e Manacá da Serra



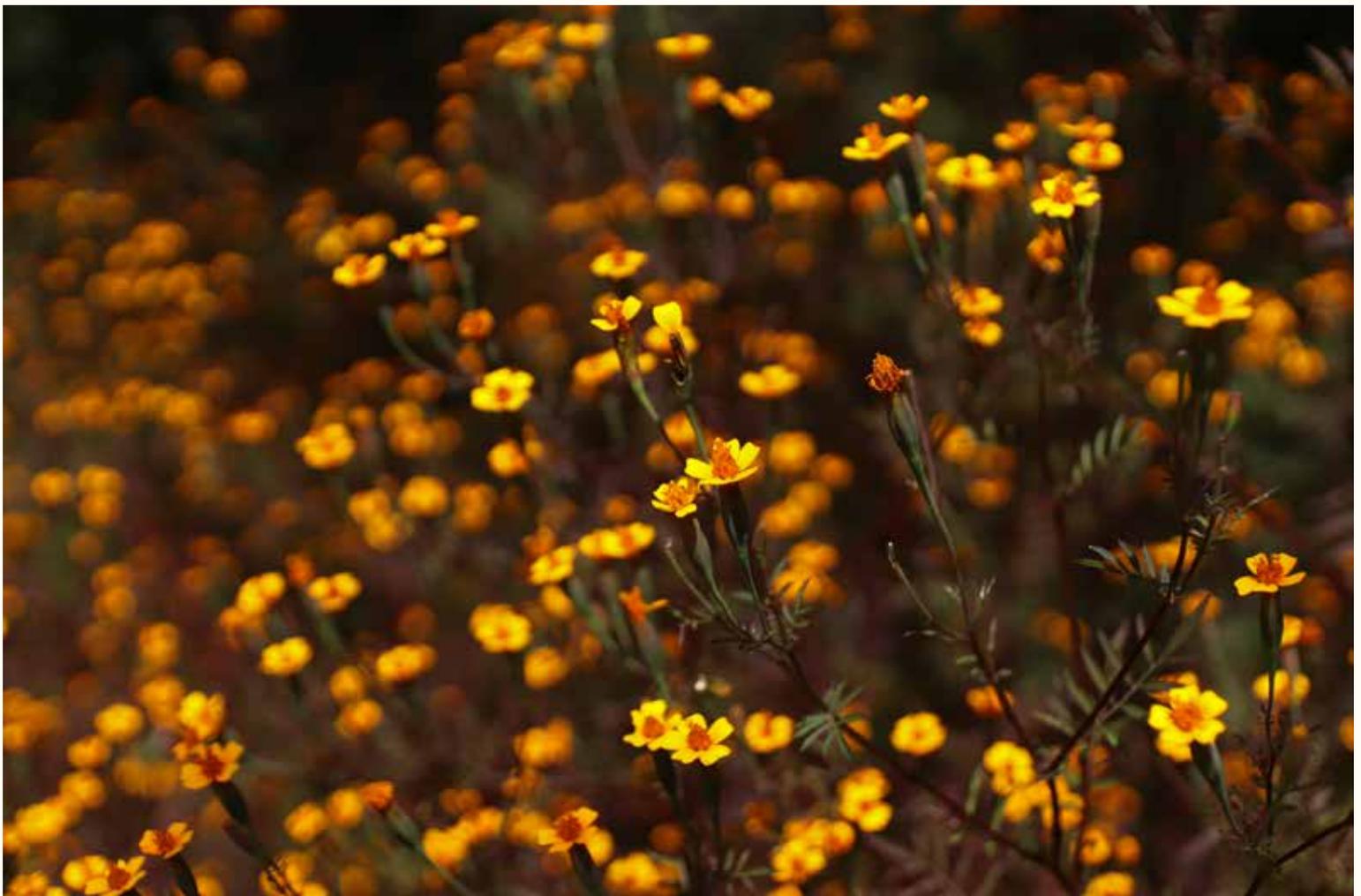


Macaco Sauá
e cupinzeiro





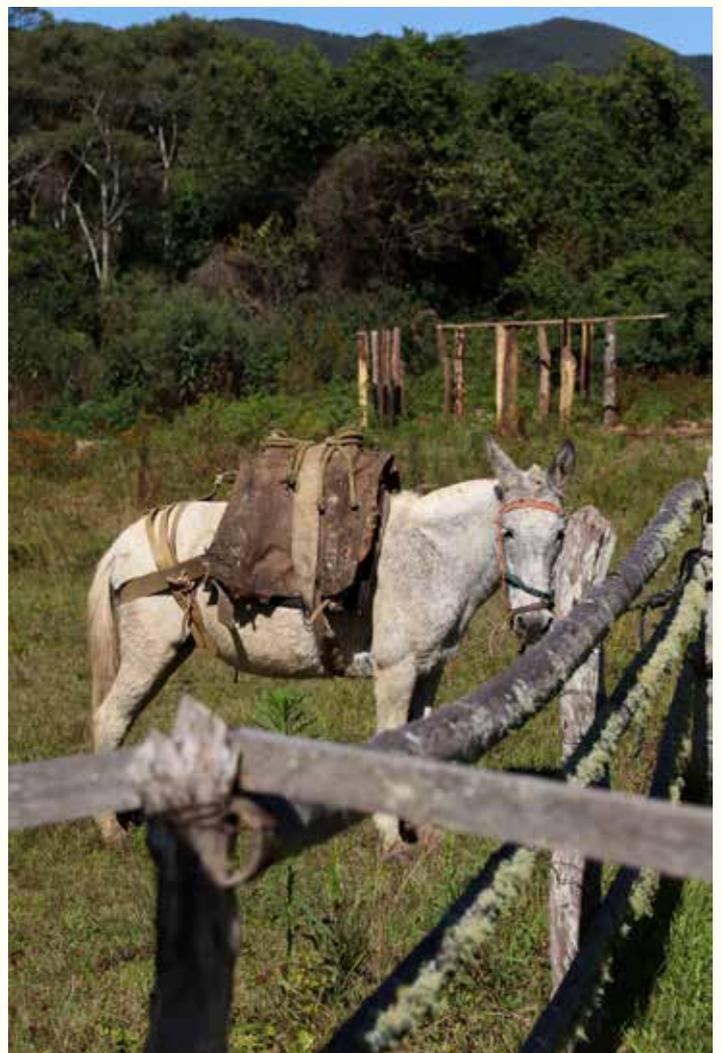
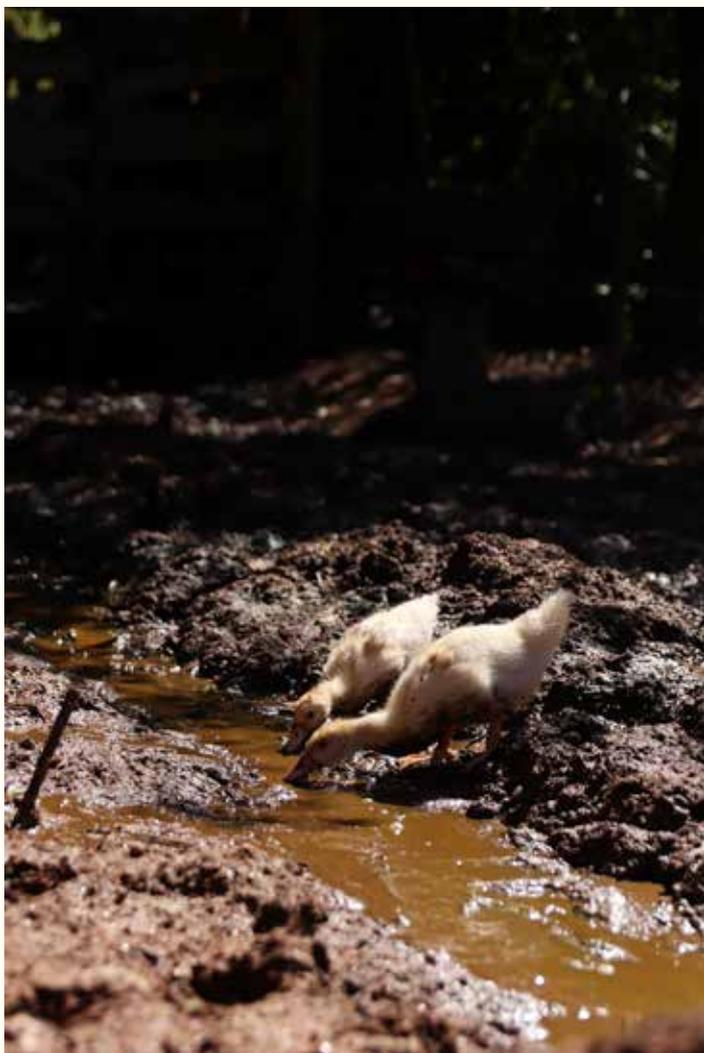
Flores da Aiuruoca





Cavalos,
cão e bazerro





Patos, cavalo com cangalha para receber balaios e gado





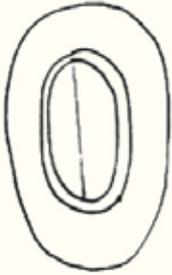
Galinhas no poleiro e ovos no galinheiro





Uma borboleta

3. OS HABITANTES



*Por isto, este instinto bom
De vida rude e primitiva
Por isto este sossego de cabanas,
Encravadas pelos morros,
Entre água, avencas,
Bois mansos pastando.*

A Mantiqueira, seus morros, vales e rios, tem mais a ostentar que uma rara emergência de rocha, terra e água, com plantas que, desde tempos imemoriais, alimentam, abrigam e interagem com os animais. Toda sua paisagem sugere abrigos: reentrâncias nas pedras abrem-se em ninhos para os pássaros, vales cortados por rios acenam como morada para os homens. Sugere também atrações de caminhos, e a história da ocupação do território mostra a lenta descoberta desse espaço pelos que vieram do além-mar.

Essa extensa região serrana, habitada há milênios por indígenas¹, que deixaram sinais que até hoje persistem, deve as primeiras incursões do colonizador ao ciclo de caça ao gentio. Há a evidência do achado de um machado de pedra no Matutu, que teria sido encontrado pela família de um dos habitantes, e posteriormente perdido. Outro morador da região tem como peso de papel em sua venda um fragmento de pedra que é uma peça arqueológica. Além disso, foram encontrados refinados socadores de pedra no vale e numa fazenda não muito distante no município vizinho de Cruzília.

A primeira entrada na região, segundo alguns historiadores, teria sido comandada por Martim Corrêa de Sá em 1597 com o objetivo de “auxiliar os Guaianazes contra os Tamoios”². Em 1623, Fernão Dias penetrou no Sul de Minas em busca de índios e, atravessando a Mantiqueira em Camanducaia, passou a Noroeste da região de Caxambu. No final do século XVII, ao anúncio das primeiras descobertas importantes de ouro, inúmeras bandeiras partiram de São Paulo em direção aos sertões das Gerais, sob ordens de Bartolomeu Bueno de Siqueira, Antônio Rodriguez de Arzão, Antônio Dias de Oliveira, Manuel Antunes de Carvalho e muitos outros. Significativa para a penetração da região de Caxambu foi a entrada levada por Antônio Delgado da Veiga e Miguel Garcia, que, partindo em 1692 de Taubaté, galgou a Mantiqueira através da garganta do Embaú, seguindo por antiquíssima trilha indígena e, depois de batizar Pouso Alto, alcançou um afluente do rio Verde, a que chamou Baependi (do tupi, “clareira na mata, atalho”).

A transposição da barreira topográfica oferecida pela serra da Mantiqueira significou um passo fundamental na expansão colonial capitaneada pelos bandeirantes. Uma das mais antigas referências ao nome Mantiqueira pode ser encontrada no trabalho de André João Antonil, de 1711, no trecho em que descreve o roteiro do caminho para as minas:

De Guaratinguetá até o porto de Guaipacaré, aonde ficam as roças de Bento Rodriguez, dois dias até o jantar.

Destas roças até os pés da serra afamada de Amantiqueira, pelas cinco serras muito altas, que parecem os primeiros muros que o ouro tem no caminho para que não cheguem lá os mineiros, gastam-se três dias até o jantar³.

Com base nas descrições de Antonil, de 1711, e de Francisco Tavares de Brito⁴, de 1731, pode-se concluir que o caminho que cortava a região buscando o sertão de Minas a partir de São Paulo incluía: 1. São Paulo; 2. Nossa Senhora da Penha; 3. Itaquaquecetuba; 4. Mogi; 5. Laranjeiras; 6. Jacaré; 7. Taubaté; 8. Pindamonhangaba; 9. Guaratinguetá; 10. Porto de Guaipacaré; 11. Garganta do Embaú; 12. Ribeirão Passa-Vinte; 13. Ribeirão Passa-Trinta; 14. Pinheirinhos; 15. Rio Verde; 16. Pouso Alto; 17. Boa Vista; 18. Caxambu; 19. Baependi; 20. Angaí; 21. Rio Grande; 22. Rio das Mortes, e 23. São João del-Rei, onde o caminho se dividia tomando os rumos das minas do ribeirão do Carmo e Ouro Preto (caminho Velho) e do rio das Velhas (caminho Novo).

A primeira menção conhecida ao nome Aiuruoca aparece em uma carta que Bento Pereira de Souza Coutinho escreveu a 29 de julho de 1694 ao Governo Geral do Brasil, na qual, referindo-se ao itinerário das bandeiras paulistas em Minas Gerais, falou no rio Grande, “cujas cabeceiras nascem na Serra da Juruoca”⁵.

Embora as bandeiras tenham cortado a região já no século XVI, apenas no início do século XVIII seria realizada uma efetiva ocupação da área. Foi nessa época que João Siqueira Afonso transpôs a serra da Mantiqueira e entrou no território mineiro. Considerado o fundador da Aiuruoca, esse taubateano desertou das minas do ribeirão do Carmo, descobrindo em 1702 as minas do Sumidouro. Avançando doze léguas ao Sul, descobriu, em 1704, as minas de Guarapiranga (hoje, Piranga) e de São José. Dois anos depois, examinando o sertão ao Sul do caminho de São Paulo, descobriu as minas da Aiuruoca nas cabeceiras do rio Grande.

O ciclo da mineração deslocou o eixo econômico da Colônia para o Centro-Sul, atraindo uma massa heterogênea que se embrenhava nos sertões, apropriando-se de regiões quase desertas através de abrigos provisórios. A região das minas mais importantes, no centro de Minas Gerais, por seu solo pobre e relevo bastante acidentado, não era apropriada às atividades rurais. O grande afluxo para essa região, incapaz de produzir gêneros de subsistência em quantidade suficiente, provocou o desenvolvimento da agricultura e da pecuária nas zonas vizinhas a Minas Gerais e ao Rio de Janeiro. O Sul de Minas Gerais, em especial, desenvolveu uma economia agrária significativa⁶.



A região da Aiuruoca contou, assim, com vários fatores a incentivar sua ocupação. Inicialmente houve a descoberta de algum ouro em suas terras, atraindo os mineradores que formaram o povoamento inicial. Sendo, porém, uma região mais apropriada às atividades rurais que a área central da capitania, e estando localizada à beira do caminho das tropas, logo se voltou para a produção de gêneros de subsistência e para a atividade pecuária, que se tornou sua característica fundamental.

A característica de economia voltada para a produção de gêneros de primeira necessidade transparece no trabalho de Antonil, em que o autor fala das roças de milho, abóbora e feijão, algumas poucas de batata, além da criação de porcos domésticos e galinhas à beira do caminho para as minas, onde havia também estalagens que ofereciam “coisas comestíveis, sem lhes faltar o regalo de doces”⁷⁷. Auguste de Saint-Hilaire descreveu a Aiuruoca, em 1822, nestes termos:

Achava-se outrora muito ouro nas margens do Rio Grande e nas do Rio Juruoca, e é a um arraial de mineradores que a cidade deste nome deve a origem. Hoje não há mais lavras entre São João e Juruoca e apenas se contam duas ou três de pouca importância nestes arredores. Segundo o que me disse o cura, as conjecturas que formava ontem sobre a população estão perfeitamente fundadas. Não é habitada durante a semana senão por mercadores, operários e prostitutas. Mas, nos domingos e dias de festa, torna-se um lugar de reunião para todos os cultivadores da comarca.

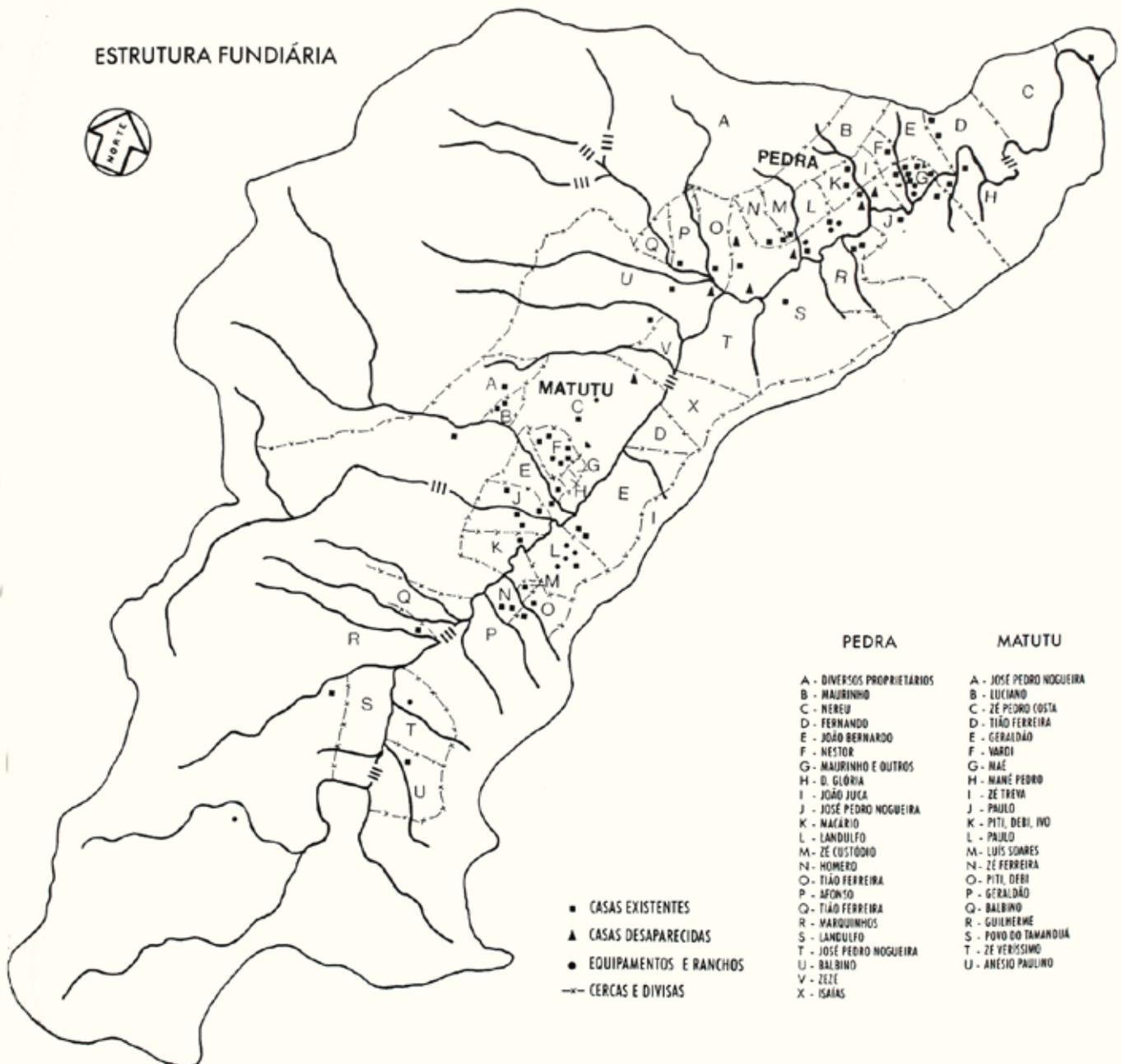
Entre São João e Juruoca colhem-se principalmente milho e feijão, mas os gêneros não saem da região. A criação de gados e porcos forma a principal ocupação dos agricultores e quase sua única fonte de renda. Cada qual possui uma tropa de burros e envia ao Rio de Janeiro leite e queijos. Na paróquia do Juruoca e arredores, o número de mulatos é pouco considerável e os escravos estão para os homens livres na proporção de um para três. Os escravos são, com efeito, muito menos necessários nas regiões onde se cria gado... do que naquelas onde se lavra o ouro⁸.

Saint-Hilaire verificou ainda que, trocado o toucinho e o queijo por sal, muito pouco lucro sobrava para ser acumulado, uma vez que era gasto na substituição de burros e escravos, e na manutenção das benfeitorias. Notou também que o açúcar e o algodão não se adaptavam à região, e o café só aparecia em zonas altas e menos úmidas, menos sujeitas às geadas. Aí a cultura da mandioca não prosperava porque o clima e as preferências contemplavam o milho do qual se faz boa farinha, e que o cultivo do trigo teve êxito só até a ferrugem atacar as plantações. Das frutas, Saint-Hilaire cita o pêssego, a maçã e a uva; das criações, a de porcos, burros, cavalos, galinhas, carneiros e bois.

Após a excursão de Saint-Hilaire, a onda do café que percorreu o vale do Paraíba, indo do Rio de Janeiro em direção a São Paulo, em meados do século XIX, atingiu também o Sul de Minas Gerais. Uma das consequências da passagem do café pela região é a chegada do trem, elemento típico do sistema produtivo gerado pela economia cafeeira. Na Aiuruoca, como no vale do Paraíba, o ciclo do café foi breve, entrando em decadência após alguns anos de vigência,

devido ao esgotamento do solo, o que levou ao deslocamento dos investimentos para plantações das áreas de solo mais fértil e relevo mais suave das zonas Norte e Oeste do Estado de São Paulo. Desse modo, a região retornou à economia predominante desde o fim do ciclo do ouro, fundada na cultura de gêneros de subsistência e na pecuária, que permanecem até hoje como as principais atividades do município.

Segundo o censo demográfico de 1980, o município da Aiuruoca contava com 7.517 habitantes — 28% de população urbana e 72% rural, divisão que compõe o perfil típico de uma economia voltada à produção rural de modelo extensivo, com base na cultura de milho e feijão, e na pecuária bovina e suína.



O Vale do Rio da Água Preta

É ocupado atualmente por pessoas que se dedicam à agricultura de subsistência e à pecuária, mantendo basicamente quase todas as características da região que Saint-Hilaire encontrou já povoada no início do século passado, quando esteve no alto da serra do Papagaio.

Supõe-se que esse vale, em especial em suas áreas mais altas e mais íngremes, tenha tido, no passado, pouca utilização. Mesmo suas baixadas, situadas em média a 1.200 metros de altitude, cerca de 300 metros acima de outras áreas próximas logo ao Norte, sofrem todos os anos a ação de geadas. Aí, as melhores terras tornam-se propriedade dos mais poderosos, enquanto os menos favorecidos se veem empurrados para terras mais íngremes e menos férteis. Apesar disso, ainda existem terras dentro do vale com áreas subaproveitadas ou com aproveitamento mínimo. Além desse desuso, contribuem para a baixa ocupação produtiva da região as muitas terras impróprias a qualquer uso.

O processo de ocupação do vale está pouco documentado, e os dados encontrados sobre a origem das propriedades remontam apenas até a última década do século XIX. Assim, algumas famílias, que lá habitam e que mantêm relações fundiárias ou a presença constante na área por mais de cinco gerações, servem de fonte de tradição oral das informações que se seguem.

1860



Originalmente, o vale foi ocupado por uma só fazenda, de propriedade de José Maciel de Sene, que nela chegou ainda no tempo da escravidão e que seria, segundo um de seus descendentes, de origem gaúcha, mas detentor de sobrenome hoje comum nessa região mineira. Esse primeiro José Maciel construiu casa no quarto patamar do vale, no bairro da Pedra, logo atrás de onde está hoje o Grupo Escolar, local em que, numa Sexta-feira da Paixão, nasceu seu filho José Maciel, que, por ter nascido no dia das trevas, acoplou o apelido de Zé Treva ao nome, herdado depois por seus sucessores. O primeiro José Maciel teria sido também o construtor do retiro e do mais extenso dos muros de pedra existentes no alto da serra, sinais que denotam a presença antiga da pecuária. Esse filho, o primeiro Zé Treva, morreu, segundo depoimentos, em 1915, com idade incerta. Estimando-se sua morte por volta dos 50 anos, infere-se que a casa onde nasceu existia pelo menos desde a década de 1860. Zé Treva tornou-se, de acordo com os mesmos depoimentos, o único herdeiro das terras de seu pai no vale, e do desdobramento, em 1915, de sua herança, teve pelo menos seis filhos, iniciou-se o processo de

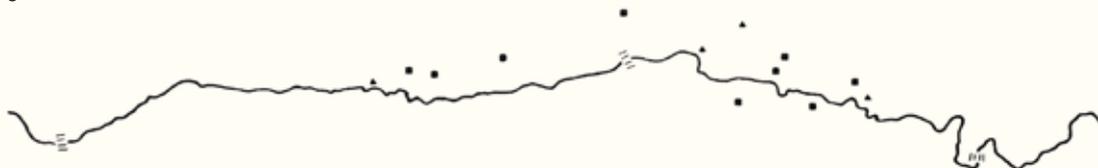
subdivisão da propriedade. Corroboram essa versão alguns fatos: 1. A casa mais antiga do segundo mais amplo terraço do vale, o Matutu, construída em 1904, de generosos espaços e com implantação senhorial, até hoje em propriedade dos Treva; 2. Os relatos de que próximo a ela existiu outra casa, pelo menos dez anos mais velha, mas hoje já desaparecida, sobre cujas fundações de pedras foi construída recentemente outra residência, e 3. O costume até hoje cultivado pelos filhos de, ao se casarem, fazerem sua morada nas terras dos pais.

1890



Foi encontrado um mapa da região, realizado em 1923 pela Comissão Geográfica e Geológica de Minas Gerais, que, apresentando toda a sua superfície com grande número de detalhes de ocupações, no vale indica a presença de apenas duas casas de tamanho considerável, acompanhadas das seguintes legendas: Fazenda da Pedra do Papagaio e Fazenda do Matutu. A partir dessa referência, aparecem depois quatro grandes áreas, resultado da subdivisão ao meio das baixadas da Pedra do Papagaio e do Matutu, e que podem ser entendidas como a origem da estrutura fundiária atual.

1910

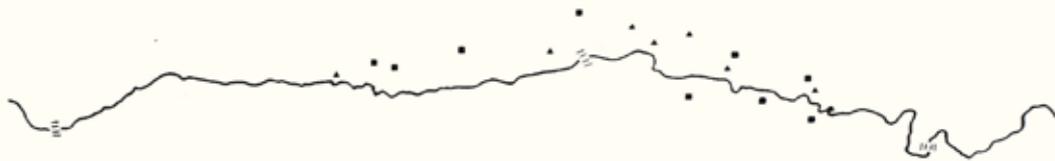


Antes do primeiro José Maciel, talvez tenha havido alguma ocupação incipiente de agricultura de subsistência. Muito provavelmente o mesmo panorama tão bem descrito nessa área por Saint-Hilaire: muitas florestas, campos nativos de altitude e poucas clareiras com suas pobres habitações. É provável, segundo as fontes históricas disponíveis, que a chegada do grande fazendeiro tenha coincidido com a expansão da cultura cafeeira em toda essa região. Se o café foi plantado em larga escala no vale, deve ter sido cultivado nas meias-encostas. Até hoje planta-se nas suas encostas um pouco de café que fora das áreas suscetíveis às geadas, pode prosperar sem enfrentar problemas. Por outro lado, não existem no vale indicações de áreas de grandes terreiros, que eram indispensáveis à secagem do café.

A fazenda extensiva de café, desenvolvida em meados do século XIX, foi responsável pela ocupação de grandes manchas de florestas virgens na

macrorregião, processo que parece ter atingido também as imediações do vale do Água Preta. Por outro lado, a plantação de café no Brasil imperial sempre se fez acompanhar da mão-de-obra escrava. Existem no solo do vale algumas cicatrizes que podem ser resultantes do sistema escravocrata. Era usual, então, obrigar os negros a abrir valos de divisa dos terrenos, a construir muros de pedra e executar outros trabalhos acima das necessidades reais de produção, apenas para mantê-los ocupados durante períodos mortos de entressafra. Não só o vale está bem sulcado por esses valos, como ainda se encontra no alto da serra um grande retiro, chamado retiro dos Pedro, que pela sua excepcionalidade e tamanho e por não receber qualquer menção de Saint-Hilaire, que esteve exatamente ali, deve ter sido construído depois de 1822. Todas essas informações parecem indicar a presença antiga da pecuária e da provável contribuição da força escrava, possivelmente exigida pela passagem do café pela região. Essas suposições, se confirmadas, coincidiriam com o fato de que boa parte das matas de meia-encosta baixa são desenvolvimentos secundários. Em conjunto, essas conjecturas podem compor um ciclo de ocupação intensiva seguido de considerável decadência e abandono da maior parte das terras, reproduzindo o fenômeno ocorrido no vale do Paraíba do Sul.

1930



Após 1915, as informações vão ganhando maior precisão. A subdivisão sucessiva das heranças começa a dar origem a propriedades menores que por processo de venda, entre parentes ou não, passa a moldar a situação fundiária atual. Famílias de fora foram se mudando para o vale, comprando terras ou empreitando arrendamentos e meações de propriedades alheias. Esses novos habitantes, oriundos de Quatro Olhos, Tamanduá, Cangalha ou Alagoa, embora guardem entre si diferenças de renda, têm em comum o fato de pertencerem todos a famílias camponesas, que há gerações vivem do trabalho na terra.

1950



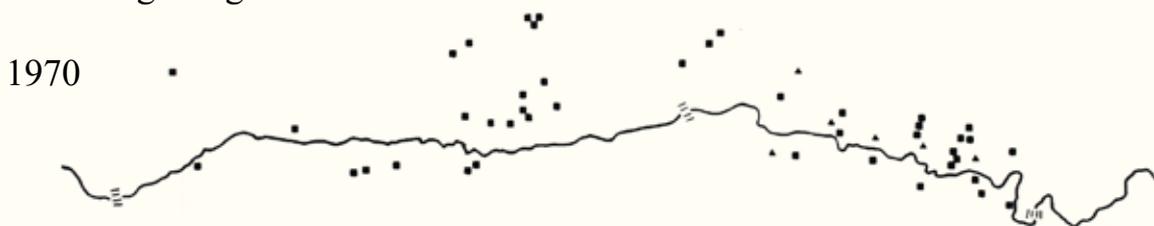
Comprando, vendendo ou até trocando terras, formaram o atual complexo de ocupação. Nele, há propriedades de nítida exploração familiar. São bem

características dessa forma de apropriação as famílias Nestor, Juca, Tião Ferreira, Vardi e Luciano. A ocupação se organiza então com o assentamento das casas dos filhos nos locais mais apropriados e com a rotatividade da produção agrícola imposta pela qualidade das terras.

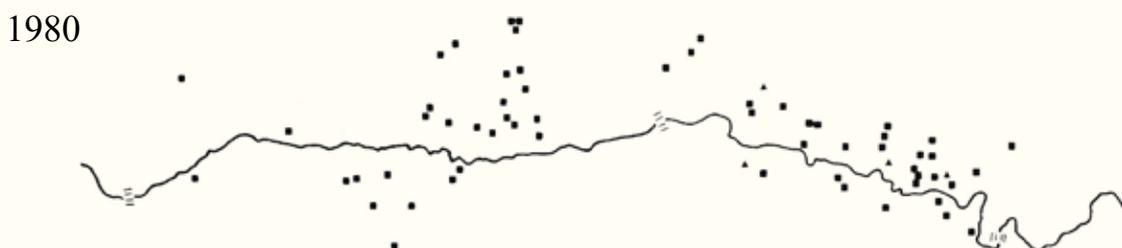
Outra forma, ainda em uso, de subdividir a terra consiste em “premiar” um empregado pela sua dedicação dando-lhe a posse do local onde mora. Houve no passado, sempre segundo a tradição oral, uma área do Matutu onde os empregados podiam plantar para próprio uso, pedaço que até hoje guarda a designação de patrimônio.

Todas essas formas de apropriação do terreno são influenciadas pela necessidade de obtenção de água, pela fertilidade das terras e pela disponibilidade de acessos, que geram, por sua vez, todo um sistema de caminhos, cercas e porteiras, que vai se consolidando a se amoldando de acordo com as intervenções feitas pelos homens.

A partir da década de setenta, jovens de origem urbana começaram a comprar terras no vale, atraídos pela beleza natural da região e em busca de uma vida em contato com a natureza, alguns atraídos pela crença de o vale tratar-se de um lugar sagrado.



Por outro lado, a expansão das últimas décadas da sociedade de consumo gerou em êxodo do campo para a cidade que, mesmo atingindo a região da Aiuruoca com menor intensidade, ainda fez sentir a sua atração. Aqui é preciso lembrar que esse trecho do Sul de Minas permaneceu marginalizado do surto desenvolvimentista principalmente desde que, em 1961, ali foi interrompida, por deficitária, a circulação de trens. Dessa data em diante, para se atingir a Aiuruoca a partir de Caxambu, era necessária uma odisséia de mais de quatro horas, cumprida em veículo resistente por estradas bastante precárias. Esse isolamento durou quase vinte anos, até a inauguração, em 1978, da estrada asfaltada que hoje liga Caxambu a Juiz de Fora, exatamente quando tinha início a crise econômica internacional.



Contribuiu para a evasão rumo à cidade a nova legislação trabalhista, que leva os empregadores rurais a evitar vínculos permanentes com os empregados. A mecanização, mesmo não sendo uma presença expressiva no vale, certamente norteou o seguinte comentário de um de seus moradores que foi para a Grande São Paulo: “Quando as máquina apareceu a gente pensô que elas vinha pra ajudá a gente do campo. Depois a gente descobriu que elas tava era tirano o trabaio nosso”.

Fruto da interação de todas essas forças, cinco áreas de ocupação, correspondentes às suas plataformas, distribuem-se hoje pelo vale. A primeira, junto à foz do rio da Água Preta, consiste na sua única casa de lazer, construída recentemente por uma senhora que mora no Rio de Janeiro. A segunda, na planura mais ampla de todos os terraços, a de mais antiga ocupação e maior população, que é o bairro da Pedra do Papagaio. A terceira, área isolada da Pedra por um degrau de cerca de cem metros de altura, a montante do rio, constituída pela segunda planura em tamanho e ocupada pela segunda maior população, que é o Matutu. A quarta, sobre um pequeno planalto, mais alto que o aplainado do Matutu uns cinquenta metros aos pés da Cachoeira Grande, da qual se pode tomar o nome, com duas casas recentemente desocupadas. A última, já no alto da serra, representada só por alguns poucos ranchos de uso esporádico. Tal sistema de ocupação destaca, assim, duas áreas de utilização intensa e permanente, nomeadas a seguir de acordo com o caminhar das águas, o Matutu e a Pedra do Papagaio.

Essa ocupação humana atinge, em grandes números, pouco mais de 30% da área total da bacia hidrográfica do Água Preta, visto que, sob o aspecto estrito da produção, 40% da sua área total são — por razões de declividade, altitude, e solo rochoso — impróprias a qualquer uso permanente e que outros 30% continuam praticamente inexplorados.

Essa última porção poderia ser submetida a um uso mais intenso, não fosse a existência de razões de três ordens. Em primeiro lugar, a maioria dessas terras ociosas, naturalmente de utilização e acesso mais difícil, pois situadas em terrenos mais altos e mais íngremes, exigiriam um considerável esforço para torná-las produtivas. Em segundo lugar, boa parte dessas terras está protegida pela legislação florestal, hoje defendida por parte dos compradores vindos das regiões urbanas, que zelam contra ameaças de desmate. Em terceiro lugar, a existência de uma situação fundiária complexa e não inteiramente esclarecida, fruto de muitas subdivisões e heranças, que, tendo já gerado alguns conflitos nas tentativas de ocupação passadas, desestimula intenções futuras.

Quanto ao sistema produtivo refere-se a um grupamento ligado à agricultura de subsistência, para o qual a comercialização do leite fornece a

única fonte significativa de renda vinda de fora de sua região. Essa produção se baseia em métodos e técnicas quase sempre arcaicos, com poucas incorporações modernas. Esse grupamento humano, com intensas interações dentro de seu núcleo, guarda técnicas produtivas, estilo de vida e tradições que podem, em grande parte, ser classificados como remanescentes do século XVIII e, como forma de produção rural, ser chamados de componentes de uma civilização rústica leiteira.

Os habitantes tradicionais desse vale, em significativa maioria, descendem de portugueses, negros e índios, e seus tipos físicos compõem-se segundo essas influências. Revelam feições marcadamente indígenas, mulatas, negras e brancas, ao lado de evidentes sinais de uma constante miscigenação. Existem vários casos de consanguinidade entre cônjuges. Quanto à interação por credo e cultura, formam um núcleo bastante integrado. Apresenta-se a seguir um levantamento genealógico, que ilustra as interações das famílias aí residentes.



NOTAS:

1. Encontrou-se no Tratado Descritivo do Brasil, trabalho de Gabriel Soares de Souza escrito em 1587, uma interessante descrição sobre o modo de morar dos índios guaianás, uma das tribos que provavelmente habitava o Planalto Paulista: “Não vive este gentio em aldeias com casas arrumadas, como os tamoios seus vizinhos, mas em covas pelo campo, debaixo do chão, onde tem fogo noite e dia e fazem suas camas de rama e peles de alimárias que matam”, p. 115.
2. Basílio de Magalhães, *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1935.
3. André João Antonil, *Cultura e Opulência do Brasil*, (texto da ed. de 1711), São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1967 (Col. Roteiro do Brasil, vol. 2).
4. O trabalho de Francisco Tavares de Brito foi escrito e publicado em Sevilha, em 1732, com o título *Itinerário Geográfico*, com o objetivo de servir de guia aos cristãos-novos que vinham para o Brasil fugidos da Inquisição. Informação obtida no trabalho de Augusto de Lima Jr., 1965.
5. *Revista do Archivo Público Mineiro*, 1903, p. 924.
6. Caio Prado Jr., *Formação do Brasil Contemporâneo*, São Paulo, Brasiliense, 1957.
7. Antonil, op. cit.
8. Saint-Hilaire, op. cit.

Árvore Genealógica: Matutu e Pedra do Papagaio

A. FAMÍLIA SOARES

Joaquim Soares
Maria Delfina

1.1. Carlos Rodolfo da Silva
América Nazaré da Silva

1. José Rodolfo da Silva
M^a Isabel da Conceição (D.3.)

48

1.2. Joaquim Rodolfo da Silva
M^a Olaria da Silva

1.2.1. José Rodolfo da Silva
1.2.2. M^a Lúcia da Silva
1.2.3. Jaci da Silva
1.2.4. Otacir Rodolfo da Silva
1.2.5. Lázaro Antonio da Silva

1.3. Ana Isabel da Conceição
Antônio Ricardo da Silva

1.4. M^a Matilde da Silva
José Avelino Mendes

1.5. João Messias da Silva
M^a Aparecida R. da Cunha (A.9.1.8.)

54

1.6. Luís Rodolfo Soares
1^o matrimônio - Guiomar
2^o matrimônio - Maria

1.6.1. M^a Aparecida
José Bernardo da Silva (C.1.12.)
1.6.2. M^a do Rosário
1.6.3. José Rafael
1.6.4. Eunice
1.6.5. Iraci
1.6.6. Irani
1.6.7. Casemiro
1.6.8. João Batista
1.6.9. Carmeli

1.7. Júlia Cândida de Jesus
José Rofrigues da Cunha (A.9.1.4.)

2. João Soares
Glória Gardino (J.1.)

3. Pedro Soares
Maria Gardino (J.2.)

4. Virgínia Delfina Soares
Antônio Bernardo (C.2.)

4.1. José Bernardo da Rocha
M^a Pereira maciel

4.1.1. José Reis da Rocha
M^a das Graças
4.1.2. Antônio Maciel da Rocha
Ana Maria
4.1.3. Olívia
Eduardo
4.1.4. Joaquim
4.1.5. Milton M. da Rocha
Ivone

4.1.5.1. Neilson
4.1.5.2. M^a Elaine
4.1.5.3. Wilson

32

4.1.6. Virgínia
Antônio Joaquim Ferreira (A.6.7.)

4.1.6.1. Ivanildo
4.1.6.2. Ivanilza

47

4.1.7. Manoel M. da Rocha
Zélia

4.1.7.1. Edson
4.1.7.2. Edmauro

4.1.8. Olímpia
4.1.9. Maurílio
4.1.10. Francisco
4.1.11. Roldão

4.2. Joaquim Bernardo
Mariana Correa da Rocha

28

4.2.1. M^a das Graças
Josias da Silva Rodrigues (A.6.1.3.)

4.2.1.1. Neuza
4.2.1.2. Nilza

4.3. Geraldo Bernardo
Maria

4.2.2. Zildo Bernardo da Rocha
Rosélia C. de Lima (A.9.1.1.2.)

4.4. Onofre Bernardo
Maria

14

4.5. João Bernardo Rocha
Ana Rodrigues da Cunha (A.9.1.9.)

4.6. Mariana
Mané Tapera

4.7. Ana
Carretel

4.8. Tereza
João Carula

4.9. Rosa
Isac

5. Mariana
Chico Bento

6. Hortência Delfina da Conceição
1^o matrimônio
Antônio Rodrigues da Cunha (A.9.4.)
2^o matrimônio
Joaquim Antônio Ferreira

29

6.1. Sebastião Rodrigues da Silva
Ana Aparecida Cassiano (E.1.5.)

27

6.1.1. Homero Rodrigues da Silva
M^a de Lurdes (J.4.1.2.)

6.1.2. José Rodrigues da Silva
Maria das Graças (A.4.2.1.)

28

6.1.3. Josias Rodrigues da Silva
Maria das Graças (A.4.2.1.)

25

6.1.4. Antônio Rodrigues da Silva
Vera (J.4.1.4.)

38

6.1.5. Maria Inês da Silva
Jair da Silva (E.1.2.3.)

39

6.1.6. Rejane da Silva
Jairo José da Silva (E.1.2.4.)

6

6.1.7. Maria Carolina
José Alexandre da Silva (J.4.1.3.)

35

6.2. Ismael Rodrigues da Cunha
Elsa (E.1.2.1.)

6.2.1. Afonsa
6.2.2. Lázara
6.2.3. Delmira
6.2.4. José
6.2.5. Jovani

6.3. Ana Delfina da Conceição
Joaquim Eduardo da Costa

6.3.1. Ana Maria
6.3.2. Paulo César
6.3.3. Sônia
6.3.4. Gilson
6.3.5. Dezenil
6.3.6. Rodrigo
6.3.7. Míriam
6.3.8. Rogério

57

6.4. José Pedro Ferreira
Iracema Madalena (C.1.10.)

6.4.1. José maurílio
6.4.2. Maria dos Anjos
6.4.3. Suely Aparecida
6.4.4. Sílvia Aparecida
6.4.5. Donizeti
6.4.6. Rosilene de Fátima
6.4.7. Rosinea de Santana
6.4.8. Raquel Ezídia

17

6.5. Luiza Amélia Ferreira
Joaquim Rodrigues da Cunha
(A.9.1.5.)

6.5.1. Odemar de Jesus
6.5.2. Osmar
6.5.3. Lucimara
6.5.4. Dulcimar
6.5.5. Gilmar
6.5.6. Leonor
6.5.7. Ismael

13

6.6. Nadir Ferreira da Silva
Benedito Antônio da Silva
(1.1.1.)

6.6.1. Rita de Cássia
6.6.2. Margarete Maria
6.6.3. Alair Maria
6.6.4. Edivaldo
6.6.5. Misael Alencar

32

6.7. Antonio Joaquim Ferreira
Virgínia Maciel da Rocha (A.4.1.6-c.g.)

7. Barnabé Soares
Rosária

8. Arminda Soares
Antônio Benedito da Silva

8.1. Jordino
Ma Aparecida
8.2. Ana
José Marcelino
8.3. Joaquim

9. Maria Carolina da Conceição
Joaquim Rodrigues da Cunha

16

9.1. João Rodrigues da Cunha
M^a Isalina da Conceição (C.1.1.)

9

9.1.1. Amélia Rodrigues da Cunha
1º matrimônio
Pedro Calisto de Lima
2º matrimônio
Mauro de Carvalho Nogueira
(B.1.2.5.1.)

9.1.1.1. Reinaldo C. de Lima
9.1.1.2. Rosélia C. de Lima
Zildo B. da Rocha
(A.4.2.2.)
9.1.1.3. Rosilea da Rocha
9.1.1.4. Antônio
9.1.1.5. Marco

9.1.2. Benedito
Sebastiana
9.1.3. Jorge Rodrigues da Cunha
Maria (I.1.8.)
9.1.4. José Rodrigues da Cunha
Júlia Cândida

17

9.1.5. Joaquim R. da Cunha
Luiza Amélia Ferreira

18

9.1.6. Antônio R. da Cunha
Vilma Correa de Faria

9.1.6.1. Cristiano
9.1.6.2. Josilene
9.1.6.3. Leandro
9.1.6.4. Douglas

9.1.7. Alcides
9.1.8. Maria Aparecida
Messias (A.1.5.)



9.1.9. Ana Rodrigues da Cunha
João Bernardo da Rocha (A.4.5.)

9.1.9.1. Antônio
9.1.9.2. José
9.1.9.3. Lúcia
9.1.9.4. Roberto
9.1.9.5. Luciene Ma
9.1.9.6. Cirlene
9.1.9.7. Júlia
9.1.9.8. Juviana
9.1.9.9. Josélia

9.1.10. Carmem
Antônio Rego

9.2. José Rodrigues da Cunha
1º matrimônio

9.2.1. Ana
9.2.2. Batista Carolino do Nascimento
Ana Mª do Nascimento



9.2.2.1. José Renato



9.2.2.2. Ma das Graças
Anésio Cândido da Silva (I.1.2.1.)

9.2.2.3. Vilmar Antônio
9.2.2.4. Dernival
9.2.2.5. Maurival
9.2.2.6. Vera Lúcia
9.2.2.7. Guiomar
9.2.2.8. Omar
9.2.2.9. Amarildo
9.2.2.10. Rosilene

2º matrimônio
Elisa

9.2.3. Afonso
Marlene

9.3. Joaquim Juca
Maria

9.4. Antônio Juca
Hortência Delfina da Conceição (A.6-c.g.)

9.5. Maria
José Romão

9.6. Ana

9.7. Mariana
José Nestor (I.3.)

B. FAMÍLIA MACIEL (TREVA)

José Maciel

1. José Maciel de Sene
Júlia Maciel de Sene
- 1.1. Alfredo Maciel de Sene
Maria da Cunha
- 1.2. Joaquim Maciel de Sene
1º matrimônio
Ana
2º matrimônio
Antonieta Carvalho
- 1.2.1. José Treva
- 1.2.2. Antônio
Peciliana
- 1.2.3. Joaquim
Isolina
- 1.2.4. Jeremias
Maria
- 1.2.5. Ana Bragilde de Carvalho
José Pedro Nogueira
- 1.2.5.1. Mauro de C. Nogueira
Amélia R. da Cunha
(A.9.1.1.)
- 1.2.5.2. Antônio Macário
- 1.2.5.3. Márcia
- 1.2.5.4. Marina
- 1.2.5.5. Moacir
- 1.2.5.6. Mateus
Cleusa
- 1.2.5.7. Marlene
- 1.2.5.8. Matilde
- 1.2.5.9. Mozar
- 1.2.5.10. Marcos
- 1.3. Maria
Francisco Lopes Siqueira
- 1.4. José Maciel de Sene
Guilhermina C. dos Santos
- 1.4.1. Geraldo Maciel de Sene
- 1.4.2. Pedro Treva
- 1.4.3. Cícero
- 1.4.4. José Maciel de Sene
Maria
- 1.4.5. Noêmia M. de Sene
Ulisses de Sene
- 1.4.6. Ana M. de Sene
José Batista Maciel
- 1.4.7. Ataíde
- 1.4.8. M^a Cândida Maciel
Joaquim Alvarenga Maciel
- 1.5. Júlia
José Luís Siqueira
- 1.6. Áurea C. do Nascimento
José Mendes Carvalho
- 1.6.1. Landulfo Mendes de Sene
Inês Pereira Mendes de Sene
- 1.6.1.1. Samia Mendes Pereira
João Quirino de Almeida
- 1.6.1.2. Sami Mendes de Sene
Suely Fátima dos Santos
- 1.6.1.3. Simeí Mendes de Sene
- 1.6.1.4. Simar Mendes de Sene
- 1.6.1.5. Saulo Pereira M. de Sene
- 1.6.1.6. Salony P. de Sene
- 1.6.1.7. Silma P. de Sene
- 1.6.1.8. Silas P. de Sene
- 1.6.1.9. Samir P. de Sene
- 1.6.2. José Oroastro
- 1.6.3. Salvador
- 1.6.4. Israel
- 1.6.5. Antônio
- 1.6.6. Messias
- 1.6.7. José Mendes
2. Maria Treva
Ovídio
- 2.1. Belizário
- 2.2. Ovídio
- 2.3. José Ovídio
- 2.4. Isalina M^a da Conceição
José Bernardo da Silva (C.1.)
- 2.5. Cecília
- 2.6. Ana (Sinhazinha)
- 2.7. Sebastião Ovídio
Mariana (C.5.)
- 2.8. Joaquim Ovídio

C. FAMÍLIA ROCHA

José Bernardo da Rocha

Antônia da Rocha

1. José Bernardo da Silva  1.1. M^a Isalina da Conceição
1^o matrimônio João Rodrigues da Cunha (A.9.1.)
Isalina M^a da Conceição (B.2.4.)  1.2. Glória Ma dos Reis
José Domingos Mendes (J.4.)
1.3. Joaquim Bernardo da Silva 1.3.1. André
América Benfica da Silva  1.3.2. Mateus Bernardo da Silva 1.3.2.1. Odair
América Ferreira (D.1.1.) 1.3.2.2. M^a Regina
1.3.2.3. José Mauro
1.3.2.4. Moacir
1.3.2.5. Celeste
1.3.2.6. Natanael
1.3.3. Oswaldo
1.3.4. Benedito
Francisca
- 2^o matrimônio
Jucelina Ezídia (D.5.)  1.4. Manoel Bernardo
Cecília
1.5. Terezinha Aparecida 1.5.1. Ma Aparecida 1.5.1.1. Conceição A. da Silva
Manoel Pedro da Silva (F.1.4.) José Cândido 1.5.1.2. Rosilda da Silva
 1.5.2. Ana Maria 1.5.2.1. Regilaine
José Evair da Silva
(E.1.2.5.)
1.5.3. Silmar
1.5.4. Lázaro
1.5.5. Marcilei
1.5.6. Marcilene
- 1.6. Maria Ezídia
José Cardoso
- 1.7. Custódio Lindolfo
Inês (I.1.7.)
- 1.8. Geralda Ezídia
João Cunha
- 1.9. Anésia Joana
Nestor Cândido
-  1.10. Iracema Madalena
José Pedro Ferreira (A.6.4.)
- 1.11. M^a das Graças
Luís Gonzaga
- 1.12. José Bernardo
M^a Aparecida Soares (A.1.6.1.)
2. Antônio Bernardo
Virgínia Delfina Soares (A.4.)
3. Manoel Bernardo
4. Juvelino Bernardo
Afonso (Genoveva)
5. Mariana
Sebastião Ovídio (B.2.7.)
6. Filisbina
7. Maria Mendes
José Mendes
8. Joaquim

D. FAMÍLIA EUFROSINO

Antônio Eufrosino de Barros

Bartomira Augusta da Conceição

1. José Eufrosino
Maria

45

- 1.1. América
Mateus Bernardo da Silva
(C.1.3.2.)
- 1.2. José Leci
- 1.3. Nilton
- 1.4. José Eufrosino
- 1.5. Maria
- 1.6. Ana

2. Antonio Eufrosino
Alzira

3. M^a Isabel da Conceição
José Rodolfo Soares (A.1.)

4. Isabel da Conceição

5. Jucelina Ezídia
José Bernardo (C.1.)

E. FAMÍLIA CASSIANO SILVA

Cassiano

Maria

1. Osório Clemente da Silva
Ana Silvéria da Silva

34

1.1. Maria

37

1.2. Derval Clemente da Silva
Geralda (F.1.6.)

35

1.2.1. Elsa da Silva

Ismael Rodrigues da Cunha (A.6.2.)

1.2.2. Maria José da Silva

1.2.2.1. Gilseia

Gonsalo Julvêncio Cosme

1.2.2.2. Gilsenei

38

1.2.3. Jair da Silva

1.2.3.1. Ronilda Maria

Ma Inês Ferreira

1.2.3.2. Valdinéia

39

1.2.4. Jairo José da Silva

1.2.3.3. Valdinei

Rejane da Silva (A.6.1.6.)

1.2.4.1. Fátima

55

1.2.5. José Evair da Silva

Ana Maria da Silva (C.1.5.2.)

1.2.4.2. Ana Amélia

1.2.6. Isvalda da Silva

Orlando

1.2.7. Zilmara da Silva

1.2.8. Gilmar da Silva

1.3. Nair da Silva

1.4. M^a Tereza da Silva

Sebastião Benedito

29

1.5. Ana Aparecida

Sebastião Rodrigues da Silva (A.6.1.)

F. FAMÍLIA SILVA

Teodora da Silva

1. Joaquim Pedro da Silva
Ana Maria

1.1. Décio Pedro

1.2. José Pedro

1.3. João Pedro

 36

1.4. Manoel Pedro da Silva

Terezinha Aparecida (C.1.5.)

1.5. Maria

 37

1.6. Geralda

Dernival Clemente da Silva (E.1.2.)

2. Maria

3. Madalena

4. Juvêncio

5. José Pedro da Silva
Rosária

G. FAMÍLIA TRIUNFO DA SILVA

Joaquim Triunfo da Silva

 31

Luiza Maria da Silva

 24

1. José Custódio da Silva
Francisca Ma da Silva

1.1. Marisa da Silva

1.2. Ana da Silva

1.3. Tarcísio José

1.4. Joaquim Salvador

1.5. Almerinda Lázaro

1.6. Luiza Eduarda

1.7. Antônio Paulo

1.8. Francisca de Cássia

1.9. Helena Aparecida

2. Sebastião Arão da Silva

3. Joaquim Benedito da Silva

4. José Francisco da Silva

5. Salvador Triunfo da Silva

6. Messias Triunfo da Silva

7. Paulo Triunfo da Silva

 22

8. Francisco Triunfo da Silva
Francisca Maria de Souza

8.1. Julio

9. Noemi Ma da Silva
Farias

10. Laura Ma da Silva

11. Ana Francisca da Silva

H. FAMÍLIA HORTÊNCIO DA SILVA

Luciano Hortêncio da Silva

1º matrimônio

Ana Madalena da Silva

41

40

1. Regina da Silva Cruza
José Ribeiro da Cruz

1.1. Afonso
1.2. Dontão
1.3. Reno
1.4. Cosme
1.5. Denísio
1.6. Joaquim
1.7. Cícero Márcio

1.2.2.1. Gilseia
1.2.2.2. Gilsenei
1.2.3.1. Ronilda Maria
1.2.3.2. Valdinéia
1.2.3.3. Valdinei
1.2.4.1. Fátima
1.2.4.2. Ana Amélia

42

2. José Hortêncio da Silva

3. João da Silva

2º matrimônio

Benedita Rosa da Silva

I. FAMÍLIA NESTOR

José

Cândida

1. Nestor Cândido

Isabel Mariana da Silva

13

1.1. Benedito Antônio da Silva
Nadir Ferreira da Silva
(A.6.6.)

11

1.2. Sebastião Cândido da Silva
Mª Aparecida da Silva

12

1.2.1. Anésio Cândido da Silva
Ma das Graças (A.9.2.2.2.)

1.2.2.1. Lucimar

8

1.2.2. Ataíde Cândido da Silva

7

1.2.3. Ari
1.2.4. Anísia
1.2.5. Odilon
1.2.6. Ademir
1.2.7. Andréia
1.2.8. Adriana

10

1.3. Ernesto Cândido da Silva
1.4. Joaquim Cândido da Silva
1.5. Geraldo Cândido da Silva
1.6. Isabel
Mauro
1.7. Inês
Cândido Lindolfo da Silva (C.1.7.)
1.8. Maria
Jorge Rodrigues da Cunha (A.9.1.3.)

2. Joaquim

3. José Nestor

Mariana (A.9.7.)

4. João

Filomena

5. Maria

Francisco

6. Ana

Joaquim

J. FAMÍLIA GALDINO

Joaquim Mendes
Maria José Gardina

1. Glória Gardino
João Soares (A.2.)
2. Maria Gardino
Pedro Soares (A.3.)
3. Joaquim Gardino
Ana

4. José Domingos Mendes
Glória Ma dos Reis (C.1.2.)



4.1. Geraldo Galdino da Silva
Benedita



4.1.1. Ma Aparecida da Silva
Maurício Pereira Matoso

4.1.2. Ma de Lourdes
Homero Rodrigues da Silva
(A.6.1.1.)



4.1.3. José Alexandre da Silva
Maria Carolina (A.6.1.7.)

4.1.4. Vera Lúcia da Silva
Antônio Rodrigues da Silva
(A.6.1.4.)

4.1.5. Raimundo da Silva

4.1.6. Luiz Antônio

4.1.7. João Batista

4.1.8. Paulo Henrique

4.1.9. Marcos Roberto

4.1.4.1. Edmar
4.1.4.2. Eudes
4.1.4.3. Edna

4.2. Dione Mendes
José Onório da Silva

4.2.1. Maria

4.2.2. Ma Conceição

4.2.3. Roberto

4.2.4. João

4.2.5. Joaquim

4.2.6. Júlio

4.2.7. Eliana

4.2.8. Helena

4.3. Maria Isalina

5. João Gardino
6. Benedito
7. Filomena
João (I.4)



Maurinho



Filha de João Bernardo



Ana Bernardo e filho



João Juca



Graça e Anésio



Tião Soares e mulher



Joaquim Juca



Carmeli



Evair



Sá Maria



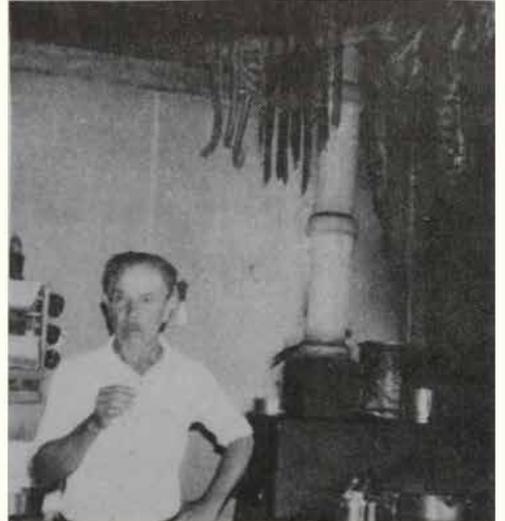
Zé Altino e filho



Ernesto



Balbino



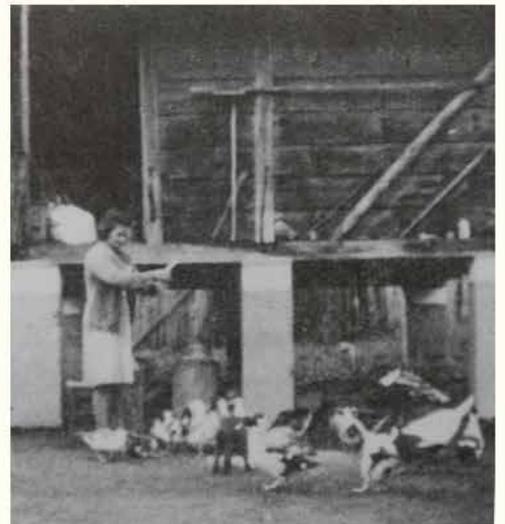
Landulfo



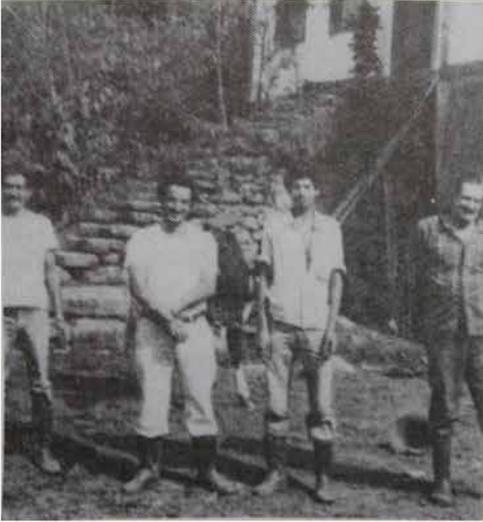
Irmã de João Bernardo



Nadir



Amélia



Luis Soares, Lico, Geraldão



Tião Ferreira e neto



Netos de João Juca



Filho do Seu Lorindo



Dona Aparecida



Mateus



Maé



Luciano



Lico

Árvore Genealógica: Matutu e Pedra do Papagaio atualizada em 2022

A árvore genealógica apresentada nesta seção atualiza as informações da versão original publicada neste livro em 1994. Esta versão foi desenvolvida a partir de pesquisa em campo nas duas localidades, Matutu e Pedro do Papagaio, realizadas por Bárbara Vieira ao longo de três meses, entre março e junho de 2022. Em sua busca, partiu dos dados da versão original, que pôde desdobrar, avançando ou recuando no tempo, com base nas informações coletadas diretamente de moradores. Vieira alcançou seguir as ramificações de quatro das famílias abordadas na pesquisa original, abarcando até quatro gerações sucessoras do período da publicação impressa pela EDUSP. Os dados atuais obtidos foram tratados segundo modelo de apresentação proposto pelo autor deste livro. A pesquisadora também compilou dados demográficos fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir dos censos de 1991, 2000, 2010 e estimativa de 2021.

A. FAMÍLIA SOARES

1.2.1. José Rodolfo da Silva (Darcy) Dejanira	1.2.1.1. Daniel Esposa	1.2.1.1.1. Miguel
	1.2.1.2. Felipe Esposa	1.2.1.2.1. Kaique
	1.2.1.3. Gabriela Esposo	1.2.1.3.1. João Lucas
1.2.2. Maria Lúcia da Silva José Rafael Soares (A.1.6.3)	1.2.2.1. Juliano	
	1.2.2.2. Eliane Soares 1º matrimônio: Eudes A. Rodrigues 2º matrimônio: Odemir Teixeira	1.2.2.2.1. Mirella Soares Rodrigues (J.4.1.4.2.1.) 1.2.2.2.2. Milla
	1.2.2.3. Juciana Soares Arlison Faria	1.2.2.3.1. Jaqueline
	1.2.2.4. Diego Rafael	
1.2.3. Jaci da Silva Zimara da Silva	1.2.3.1. Gilliane	
	1.2.3.2. Gustavo (†)	
1.2.4. Lázaro Antônio da Silva Clarice Ferreira da Silva	1.2.4.1. Alisson Silva Érica Rocha	1.2.4.1.1. Emanuelle
	1.2.4.2. Lieucio Augusto	
1.6.1. Maria Aparecida Soares (†) José Bernardo da Silva (C.1.12.)	1.6.1.1. João Batista da Silva Elisa Lopes Campos	1.6.1.1.1. Mateus Henrique Batista Lopes 1.6.1.1.2. João Vitor Lopes da Silva 1.6.1.1.3. Maria Fernanda Silva Souza
	1.6.1.2. Clarice Aparecida da Silva Erineu (separados)	1.6.1.2.1. Karina Laize da Silva Auto 1.6.1.2.2. Miguel José Abreu da Silva
	1.6.1.3. Lenice da Silva Valdinei Rodrigues da Silva	1.6.1.3.1. Danilo Rodrigues da Silva
	1.6.1.4. Mateus Messias da Silva	
	1.6.1.5. Lenir Maria da Silva Paulo (separados)	1.6.1.5.1. Esther Cristina da Silva Rios 1.6.1.5.2. Daniel Oliveira da Silva Rios 1.6.1.5.3. Maristela Késia da Silva Rios
	1.6.1.6. Francisco da Silva Benedita	1.6.1.6.1. Fabiana Pereira da Silva 1.6.1.6.2. Fernanda Bruna Pereira da Silva 1.6.1.6.3. Fabrício Pereira da Silva
	1.6.1.7. Antônio Serafim da Silva Sara	1.6.1.7.1. Luana Bernardes da Silva 1.6.1.7.2. Lana Bernardes da Silva
	1.6.1.8. José Luiz da Silva Leidiane M. M. da Silva	1.6.1.8.1. Raquel Cristina Mathias da Silva 1.6.1.8.2. Josué Miguel Mathias da Silva

- 1.6.2. Maria do Rosário Soares da Silva
Valdenito Severino da Silva
- 1.6.2.1. Sheila Soares Ribeiro
Rafael da Silva Ribeiro
- 1.6.2.2. Flávio Severino da Silva
Derenice Fernandes da Silva
- 1.6.2.2.1. Davi Lucca Fernandes da Silva
- 1.6.2.2.2. Valentina Fernandes da Silva
- 1.6.3. José Rafael Soares
Maria Lúcia da Silva (A.1.2.2.)
- 1.6.4. Eunice Soares
- 1º matrimônio:
Ismael Joaquim da Silva (†)
- 2º matrimônio:
Gilberto Rodrigues Ramos
- 3º matrimônio:
João Francisco de Arantes
- 1.6.4.1. Adriana Soares da Silva
André da Silva Rodrigues
- 1.6.4.1.1. Samuel Soares da Silva
- 1.6.4.2. Letícia Soares Ramos
- 1.6.4.3. Elisa Soares de Arantes
- 1.6.5. Iraci Soares
Esposo
- 1.6.5.1. Josiane Soares
Walber de Diniz
- 1.6.5.1.1. Caroline Soares Diniz Siqueira
- 1.6.5.1.2. Davi Luis Soares Siqueira
- 1.6.5.2. Tiago Antônio Soares
- 1.6.5.3. Maira Helena Soares
- 1.6.5.4. Luis Felipe Soares Silva
- 1.6.6. Irani Soares (†)
Jairo de Souza
- 1.6.6.1. Daniela Soares
Edvaldo da Silva (A.6.6.4.)
- 1.6.6.1.1. Emanuelle Soares Silva
- 1.6.6.1.2. Micaelle Soares Silva
- 1.6.6.2. Fabrício Soares
Ana Paula Francini
- 1.6.6.2.1. Emanuel
- 1.6.6.3. Vitor Soares
- 1.6.7. Cassemiro Soares
- 1.6.8. João Batista Soares
- 1º matrimônio:
Marcilene Pedro da Silva
- 2º matrimônio:
Tânia Toledo
- 3º matrimônio:
Débora Correia
- 1.6.8.1. Luna
- 1.6.8.2. Maria Fernanda
- 1.6.8.3. Francisco
- 1.6.8.4. Pérola
- 1.6.8.5. Maitê
- 1.6.9. Carmeli Soares
Izomar de Paula Diniz
- 1.6.9.1. Daniel
- 1.6.9.2. Ariel

6. Hortência Delfina da Conceição

1º matrimônio: Antônio Rodrigues da Cunha (A.9.4.)

2º matrimônio: Joaquim Antônio Ferreira

6.1. Sebastião Rodrigues

Ana Aparecida da Silva Rodrigues (E.1.5.)

6.1.1. Homero da Silva Rodrigues
Mª de Lourdes S. R. (J.4.1.2)

6.1.1.1. Graciele da Silva Rodrigues
Amarildo do Nascimento

6.1.1.1.1. Kauê Rodrigues do Nascimento

6.1.1.1.2. Tainá Rodrigues do Nascimento

6.1.1.2. Tiago da Silva Rodrigues
Marciley de Souza Matoso (separados)

6.1.1.2.1. Sophie Matoso Rodrigues

6.1.1.3. André da Silva Rodrigues
Adriana Soares da Silva

6.1.1.3.1. Samuel Soares Rodrigues

6.1.1.4. Thalia da Silva Rodrigues
Emerson D. da C. Souza (separados)

6.1.1.4.1. Lucca Rodrigues da Cunha

6.1.2. José da Silva Rodrigues

1º matrimônio:
Mª Aparecida Diniz R. (†)

2º matrimônio:
Rosamara Soares

6.1.2.1. Dulciene Diniz Rodrigues

1º matrimônio: Esposo

2º matrimônio: Bruno Tiago O. da Silva

6.1.2.1.1. Luis Guilherme R. da Silva

6.1.2.1.2. Enzo Gabriel R. da Silva

6.1.2.2. Josimar da Silva Rodrigues
Caroline Costa Fabiano Rodrigues

6.1.2.2.1. Miguel Rodrigues Fabian

- | | | |
|--------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|
| | 6.1.2.3. Elias da Silva Rodrigues
1º matrimônio: Simone
2º matrimônio: Adriana Campos | 6.1.2.3.1. Maria Eduarda F. Rodrigues |
| | 6.1.2.4. Gilsimar da Silva Rodrigues
Aliaj Matheus Rodrigues | 6.1.2.4.1. Rutiely Matheus |
| | 6.1.2.5. Ketina Rodrigues da Silva
Thiago Siqueira Miguel | 6.1.2.5.1. Lorenzo Rodrigues Miguel
6.1.2.5.1. Arthur Rodrigues Miguel |
| | 6.1.2.6. Lionildo Lázaro Rodrigues
Racklaine da Silva Minervino | 6.1.2.6.1. Henry da Silva Rodrigues |
| | 6.1.2.7. Emerson Soares Rodrigues | |
| 6.1.3. Josias da Silva Rodrigues
Mª das Graças (A.4.2.1.) | 6.1.3.1. Nilza Aparecida da Silva | |
| | 6.1.3.2. Neuza
Esposo | 6.1.3.2.1. Gabriele |
| | 6.1.3.3. Nilzinha
Esposo | 6.1.3.3.1. Ariadna |
| | 6.1.3.4. Neilson
Esposa | 6.1.3.4.1. Filho (descobrir o nome) |
| 6.1.4. Antônio da Cunha Rodrigues
Vera Lúcia da Silva R. (J.4.1.4) | 6.1.4.1. Edmar Antônio Rodrigues
Elisabete A. Silva (separados) | 6.1.4.1.1. Isabelle da Silva Rodrigues |
| | 6.1.4.2. Eudes Antônio Rodrigues
Eliane Soares (separados) | 6.1.4.2.1. Mirella Soares Rodrigues |
| | 6.1.4.3. Edinéia da Silva Rodrigues
Hideraldo Lima (separados) | 6.1.4.3.1. Lucas Rodrigues de Lima |
| | 6.1.4.4. Enéias da Silva Rodrigues | |
| 6.1.5. Maria Inês Rodrigues
Jair da Silva (E.1.2.3.) (separados) | 6.1.5.1. Ronilda Maria da Silva
João Lopes da Silva | |
| | 6.1.5.2. Valdinei Rodrigues da Silva
Lenice da Silva (A.1.6.1.3.) | |
| | 6.1.5.3. Valdineia Aparecida da Silva
1º matrimônio:
Carlos Correia de Faria
2º matrimônio:
Paulo Henrique da Silva
3º matrimônio:
Célio da Silva | 6.1.5.3.1. Carolyne Aparecida de Faria
6.1.5.3.2. Pedro Henrique da Silva |
| | 6.1.5.4. Raldo Rodrigues da Silva
Dulcimar R. da Silva (A.9.1.5.7.) | |
| | 6.1.5.5. Josiane Rodrigues da Silva (†) | |
| 6.1.6. Maria Shirley da Silva Rodrigues
Jairo José da Silva (E.1.2.4) | 6.1.6.1. Regiane Aparecida da Silva
Edson Campos da Silva | 6.1.6.1.1. Anderson
6.1.6.2.1. Kauane Maria da Silva |
| | 6.1.6.2. Fátima Maria da Silva
Alex Oliveira | |
| | 6.1.6.3. Ana Amélia da Silva | 6.1.6.4.1. Gabriel |
| | 6.1.6.4. Gilberto Evandro da Silva | |
| | 6.1.6.5. Jeberson José da Silva | |
| 6.1.7. Maria Carolina Rodrigues da Silva
José Alexandre da Silva (J.4.1.3.) | 6.1.7.1. Marilene da Silva (J.4.1.3.1.)
Leomar R. Silva (A.9.1.5.4.) | |
| 6.6. Nadir Ferreira da Silva
Benedito Antônio da Silva | | |
| 6.6.1. Rita de Cássia da Silva
João Batista da Silva (J.4.1.7.) | 6.6.1.1. Grasielle
6.6.1.2. Glaucia Aparecida da Silva
6.6.1.3. Andrielle da Silva
Antônio Alvarenga
6.6.1.4. Larissa Maria da Silva
6.6.1.5. Alais Aparecida da Silva
6.6.1.6. Felipe da Silva
6.6.1.7. Victor Emanuel da Silva | 6.6.1.3.1. Sofia Alvarenga da Silva |

6.6.2. Margareth Maria da Silva Esposo	6.6.2.1. Luiz Guilherme		
	6.6.2.2. Stephanie		
6.6.3. Alair Maria Esposo	6.6.3.1. Wesley Antônio da Silva		
6.6.4. Edivaldo da Silva Daniela Soares (A.1.6.6.1.)			
6.6.5. Misael Alencar Esposa	6.6.5.1. Maria Eduarda		
6.6.6. Onilton			
9. Maria Carolina da Conceição (†)			
Joaquim Rodrigues da Cunha (†)			
9.1. João Rodrigues da Cunha (†)			
Maria Isalina da Conceição (C.1.1.) (†)			
9.1.1. Amélia Rodrigues da Cunha 1º matrimônio: Pedro Calisto de Lima 2º matrimônio: Mauro Nogueira (B.1.2.5.1.) (†)	9.1.1.1. Reinaldo C. de Lima Ana Joana Campos Lima (Nita)	9.1.1.1.1. Magno Campos Lima Débora Corrêa	9.1.1.1.1. Gabriel
	9.1.1.2. Rosélia C. de Lima Zildo B. da Rocha (A.4.2.2.)	9.1.1.1.2. Matheus Campos Lima	
		9.1.1.2.1. Rosildo B. da Rocha	9.1.1.2.2.1. Ysadora
		9.1.1.2.2. Rosiane A. da Rocha Paulo R. C. Varginha	9.1.1.2.2.2. João Lucas
		9.1.1.2.3. Rosilene Maria da Rocha Lourenço G. Cotti Jr.	9.1.1.2.2.3. Haniel
		9.1.1.2.4. Matheus J. C. da Rocha Naara O. Basílio Calixto	9.1.1.2.3.1. Maria Clara
			9.1.1.2.3.2. Miguel Cotti
	9.1.1.3. Rosilea Santana da Rocha Francisco da Silva Rocha	9.1.1.3.1. Rosinea Maria da Rocha Corey Garretson	9.1.1.2.4.1. Heloíse
		9.1.1.3.2. Raphael da Silva Rocha Syndie Aretusa	
		9.1.1.3.3. Dayane Francisca Rocha	
	9.1.1.4. Antônio Mauro Carvalho Tatiane Carvalho Nogueira	9.1.1.3.4. Beatriz de Fátima Rocha	
	9.1.1.5. Marco Antônio Nogueira Eni V. de Souza Nogueira	9.1.1.4.1. Davi Lucatoni Charles de Carvalho	
		9.1.1.4.2. Leticia Nogueira de Carvalho	
		9.1.1.5.1. Gabriel de Souza Nogueira	
9.1.2. Benedito Rodrigues da Cunha (†) Sebastiana (†) (família mudou-se para Guaratinguetá)	9.1.2.1. Milton Marlene	9.1.2.1.2. 1ª Filha	
	9.1.2.2. Maria		
	9.1.2.3. João Paula	9.1.2.3.1. 1º filho	
	9.1.2.4. Fátima (†) André	9.1.2.4.1. André	
		9.1.2.4.2. 2º filho	
9.1.3. Jorge Rodrigues da Cunha (†) Maria (I.1.8.) (família mudou-se p/ Cachoeira Paulista)	9.1.3.1. Ângela		
	9.1.3.2. Jessilda		
	9.1.3.3. Edivaldo		
	9.1.3.4. Antônio		
	9.1.3.5. Marco		
	9.1.3.6. Paulo (†)		
	9.1.4.1. Vilma		
9.1.4. José Rodrigues da Cunha Júlia Cândida (A.1.7.) (†)	9.1.4.2. Selma		
	9.1.4.3. Evair		
	9.1.4.4. Rosilea		
9.1.5. Joaquim Rodrigues da Cunha (†) Luiza Amélia Ferreira	9.1.5.1. Oldemar de Jesus Cláudia (Lili) (†)	9.1.5.1.1. Samuel	
	9.1.5.2. Osmar (Preto)		
	9.1.5.3. Gilmar (†)		
	9.1.5.4. Leomar Rodrigues da Silva Marilene da Silva (4.1.3.1.)	9.1.5.4.1. Mayara Carolina da Silva	
	9.1.5.5. Gilcemar Andressa	9.1.5.5.1. Igor	
	9.1.5.6. Lucimar 1º matrimônio: Edésio	9.1.5.5.2. Iago	
	9.1.5.7. Dulcimar Rodrigues da Silva Raildo R. da Silva (6.1.5.4.)	9.1.5.5.3. Gabriely	
		9.1.5.6.1. Ivis	
		9.1.5.7.1. João Victor	
		9.1.5.7.2. Victória	

- 9.1.6. Antônio Rodrigues da Cunha
 Vilma Correa de Faria (†)
- 9.1.6.1. Cristiano
 9.1.6.2. Josilene
 9.1.6.3. Leandro
 9.1.6.4. Douglas
 9.1.6.5. Jéssica
 Esposo 9.1.6.5.1. Filho
 9.1.6.6. Paula
- 9.1.7. Alcides Rodrigues da Cunha
- 9.1.8. Maria Aparecida Rodrigues da Cunha (†)
 Messias (A.1.5) (†)
 (família mudou-se para Guaratinguetá)
- 9.1.8.1. Élio
 9.1.8.2. Edir
 9.1.8.3. Érica
 9.1.8.4. Edna (†)
 9.1.8.5. Eliane
- 9.1.9. Ana Rodrigues da Cunha (†)
 João Bernardo da Rocha (†)
- 9.1.9.1. Antônio (†)
 9.1.9.2. José
 9.1.9.3. Lúcia
 Esposo 9.1.9.3.1 Eliane
 9.1.9.3.2 2ª filha
 9.1.9.4. Roberto
 9.1.9.5. Luciene Maria
 9.1.9.6. Cirlene R. da Silva 9.1.9.6.1. Fabúla Crislene da Silva Rocha
 Luiz Antônio da Silva (J.4.1.6.) 9.1.9.6.2. William Luis Bernardo da Silva
 9.1.9.6.3. Amanda da Silva
 9.1.9.7. Juliana
 9.1.9.8. Joviana
 9.1.9.9. Josélia
- 9.1.10. Carmem Rodrigues da Cunha
 Antônio Rego (†)
- 9.1.10.1. Luciano
 9.1.10.2. Luis
 9.1.10.3. Maria
 9.1.10.4. Lúcia
 9.1.10.5. Rafael
 9.1.10.6. Rudinei

B. FAMÍLIA MACIEL (TREVA)

- 1.2.6. Daniel
 Maria Rosa
 1.2.6.1. Zélia
- 1.2.7. Maria (†)
- 1.2.8. Afonso Maciel de Carvalho
 Vera M. Carvalho
- 1.2.8.1. Deulza M. de Carvalho Ratti
 Jonas Sampaio Ratti
- 1.2.8.1.1. Andréa Ratti Alves
 Luciano Antônio S. Alves
 1.2.8.1.1.1. Clara Ratti Alves
 1.2.8.1.1.2. Mariana Ratti Alves
 1.2.8.1.1.3. Caio Ratti Alves
 1.2.8.1.2. Fabiana C. Ratti
 Luiz Guilherme G. C. Guerra
 1.2.8.1.2.1. Luísa Ratti Cardim Guerra
 1.2.8.1.2.2. Luísa Ratti Cardim Guerra
- 1.2.8.2. Cleuza Martins de Carvalho
- 1.2.8.3. Neusa Martins de Carvalho
 José Paulo Reis de Carvalho
- 1.2.8.3.1. Paulo Afonso de Carvalho
 Bárbara Helou B. de Carvalho
 1.2.8.3.1.1. João Helou B. de Carvalho
 1.2.8.3.1.2. Guilherme H. B. de Carvalho
 1.2.8.3.2. Janaína Carvalho
 1.2.8.3.3. Júlio César Reis de Carvalho
- 1.2.8.4. Renato M. M. de Carvalho (†)
 Sandra Rosa Pereira
- 1.2.8.5. Laércio M. de Carvalho (†)
 Maria Lúcia G. de Carvalho
- 1.2.8.5.1. Carlos Augusto G. de Carvalho
 Talita Delgado Faria
 1.2.8.5.1.1. Ana Beatriz F. de Carvalho
 1.2.8.5.1.2. Stella Faria de Carvalho
 1.2.8.5.1.3. Helena Faria de Carvalho
 1.2.8.5.2. Carlos Henrique G. de Carvalho
 1.2.8.5.3. Carlos Eduardo G. de Carvalho
 Leidiane Mendes
- 1.2.8.6. M^a Aparecida M. de Carvalho
 Rogério Barleta
- 1.2.8.6.1. Rogério Carvalho Barleta
 Mari
 1.2.8.6.2. Ana Vera Carvalho Barleta
- 1.2.9.1. Joaquim Mateus de Sene
- 1.2.9. Mateus
 Nilse

- 1.6.1. Landulfo Mendes de Sene (†)
Inês Pereira Mendes de Sene
- 1.6.1.1. Samia Mendes Pereira
João Quirino de Almeida (†)
- 1.6.1.1.1. Clayton Quirino Mendes
Mônica Martins Mendes
- 1.6.1.1.1.1. João Quirino Martins Mendes
- 1.6.1.1.1.2. Luis Quirino Martins Mendes
- 1.6.1.1.2. Kátia Mendes de Almeida
Leandro Alvarenga Ueda
- 1.6.1.1.2.1. Alice Mendes Ueda
- 1.6.1.1.2.2. Clara Mendes Ueda
- 1.6.1.1.3. Cássia Mendes de Almeida
Irerê Rodovalho de Souza
- 1.6.1.1.3.1. Huayaran Mendes de Souza
- 1.6.1.1.3.2. Agatha Mendes de Souza
- 1.6.1.1.3.3. Bianca Rodovalho Mendes
- 1.6.1.2. Same Mendes de Sene
Suely Fátima dos Santos
- 1.6.1.2.1. Alisson S. Mendes de Sene
Esposa (separados)
- 1.6.1.2.1.2. Isabela Souza Sene
- 1.6.1.2.2. Michelle Sene
- 1.6.1.2.3. Thayame Sene
- 1.6.1.3. Simei Mendes de Sene
Paulo Ivaldo Nogueira (†)
- 1.6.1.3.1. Polyana Mendes Nogueira
Caio Correa
- 1.6.1.3.1.1. Miguel Mendes Correa
- 1.6.1.3.1.2. Rudá Mendes Correa
- 1.6.1.3.2. Sávio Mendes Nogueira
- 1.6.1.4. Simar Mendes de Sene
1ª relação
1º matrimônio
Laura Maria Maciel Mendes
- 1.6.1.4.1. Jenipher Lúcia da S. Sene
Pedro Guatimosim Lobão
- 1.6.1.4.1.1. Sara Maria da S. Sene G. Lobão
- 1.6.1.4.1.2. Bento Miguel da S. S. G. Lobão
- 1.6.1.4.2. Yasmin Soares Sene Veloso
Martinele da Silva Veloso
- 1.6.1.4.2.1. Maria Eduarda S. da S. Veloso
- 1.6.1.4.3. Thaís Mendes Santos
- 1.6.1.4.4. Lucas Maciel de Sene
- 1.6.1.4.5. Ângelo Maciel de Sene
- 1.6.1.5. Saulo Pereira Mendes de Sene
1ª relação
1º matrimônio: Iracélia Mendes
- 1.6.1.5.1. João Vitor Braga Mendes
- 1.6.1.5.2. Mariah Mendes
- 1.6.1.5.3. Eva Mendes
- 1.6.1.6. Salomy Pereira de Sene
Aurea Helena Mendes de Sene
- 1.6.1.6.1. Hélen Mª Mendes de Sene
- 1.6.1.6.2. Andressa M. da S. Sene
André Maciel da Silva Sene
- 1.6.1.7. Silma Pereira de Sene
Gilmar Paulino da Silva
- 1.6.1.7.1. Alan Sene Silva
Juliana Aparecida P. de Sene
- 1.6.1.7.1.1. Felipe Pereira de Sene
- 1.6.1.7.2. Charles Sene Silva
- 1.6.1.7.3. César Sene Silva
- 1.6.1.8. Silas Pereira de Sene
Ilza Helena de Siqueira Sene
- 1.6.1.8.1. Lara Siqueira Sene
- 1.6.1.8.2. Davi Siqueira Sene
- 1.6.1.9. Samir Pereira de Sene
Elaine Neves
- 1.6.1.9.1. Núbia Neves de Sene
- 1.6.1.9.2. Landulfo Neves de Sene
- 1.6.1.9.3. Kaiube Neves de Sene
- 1.6.2. Zoroasto
- 1.6.3. Salvador
- 1.6.4. Israel
- 1.6.5. Antônio
- 1.6.6. Messias
- 1.6.7. José Mendes
- 1.6.8. Júlia

I. FAMÍLIA NESTOR

- | | | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| 1.2.1. Anésio Cândido da Silva
Maria das Graças (A.9.2.2.2.) | 1.2.1.1. Dulcinéia
1.2.1.2. Valdinéia
Ricardo
1.2.1.3. Valdecir
Suelena | 1.2.1.2.1. Danielle
1.2.1.2.2. Bruna
1.2.1.3.1. Yasmin
1.2.1.3.2. Yan |
| 1.2.2. Ataíde Cândido da Silva | | |
| 1.2.3. Ari Cândido da Silva
Luciana (†)
(família mudou-se para Mogi das Cruzes) | 1.2.3.1. Ariane
1.2.3.2. Andrei
1.2.3.3. Andrew
1.2.3.4. Ana Júlia
1.2.3.5. André | |
| 1.2.4. Anísia Aparecida da S. Cunha
Altamiro da Cunha de Paula | 1.2.4.1. Vanusa Aparecida da S. Cunha
1.2.4.2. Valmir S. de Paula | |
| 1.2.5. Odilon Carvalho da Silva
1º matrimônio:
Luciana
2º matrimônio:
Rosemar P. de Almeida Silva | 1.2.5.1. Urrikeson
1º matrimônio:
Isamara
2º matrimônio:
Valmira
1.2.5.2. Taís | 1.2.5.1.1. Kauan |
| 1.2.6. Ademir Carvalho da Silva
1º matrimônio:
Vanielly
2º matrimônio:
Célia Regina Faria | 1.2.6.1. Alisson
1.2.6.2. Gabriel | |
| 1.2.7. Andréia de Fátima da Silva
1º matrimônio:
Deivilin
2º matrimônio:
Fernando | 1.2.7.1. Angélica
Cauê
1.2.7.2. Mariana | 1.2.7.1.1. Victor |
| 1.2.8. Adriana
Edvandro | 1.2.8.1. Miguel | |

J. FAMÍLIA GALDINO

4. José Domingos Mendes (†)
Glória Maria dos Reis (C.1.2) (†)

4.1. Geraldo Galdino da Silva (†)
Benedita Maria da Silva

4.1.1. Maria Aparecida da Silva
Maurício Pereira Matoso

4.1.1.1. Claudinéia da S. Pereira Maciel
Everaldo Maciel

4.1.1.1.1. Téo da S. P. Maciel

4.1.1.2. Suellem Aparecida Pereira
Nilson Braga

4.1.1.2.1 Gabriel (†)

4.1.1.3. Clayton da Silva Pereira
Mara Santos

4.1.1.3.1. Davi Santos Pereira

4.1.2. M^a de Lourdes da S. Rodrigues
Homero R. da Silva (A.6.1.1.)

4.1.3. José Alexandre da Silva
M^a Carolina R. da S. (A.6.1.7.)

4.1.3.1. Marilene da Silva
Leomar R. da Silva (A.9.1.5.4.)

4.1.3.1.1. Mayara Carolina da Silva

4.1.3.2. Suelena da Silva
Valdecir Cândido da Silva

4.1.3.2.1. Iasmim Maria da Silva

4.1.3.2.2. Yan Raphael C. da Silva

4.1.3.3. Alessandra da Silva

1^o matrimônio:

4.1.3.3.1. Helen Mendes da Silva

Éder Mendes da Silva (Edinho)

4.1.3.3.2. Antônio Paulo M. da Silva

2^o matrimônio:

4.1.3.3.3. Kamyla Silva Guimarães

Adriano Guimarães (separados)

4.1.3.3.4. Ysadora M^a S. Guimarães

4.1.4. Vera Lúcia da Silva
Antônio C. Rodrigues (A.6.1.4.)

4.1.5. Raimundo da Silva

4.1.6. Luiz Antônio da Silva

Cirlene R. da Silva (A.9.1.9.6.)

4.1.7. João Batista da Silva

Rita de Cássia da Silva (A.6.6.1.)

4.1.8. Paulo Henrique da Silva

Valdineia A. da Silva (separados)

4.1.9. Paulo Sérgio da Silva

4.1.10. Marcos Roberto da Silva

Elisangela Vieira Meireles

4.1.8.1. Pedro Henrique da Silva

4.1.10.1. Mahina Vieira Silva

Pesquisa para atualização da árvore genealógica: Bárbara Vieira

Que agradece pela colaboração de Lucas Pina, Dona Amélia, Eunice Soares, Tiago Rodrigues, Eni Souza, Simeir Sene e Vanusa Silva.

Aiuruoca - Minas Gerais

Dados demográficos:

População em 1991

Total: 6.616

Homem: 3.478

Mulher: 3.138

- População residente de 5 anos ou mais de idade:

Total: 5.997

Urbana: 2.289

Rural: 3.708

População em 2000

Total: 6.469

Homens: 3.390

Mulheres: 3.078

Urbana: 3.020

Rural: 3449

População em 2010

Total: 6.173

Homens: 3.212

Mulheres: 2.961

Urbana: 3.123

Rural: 3.050

População estimada em 2021

Total: 5.949

Aiuruca e seus habitantes em 2022

Fotos de Bárbara Vieira



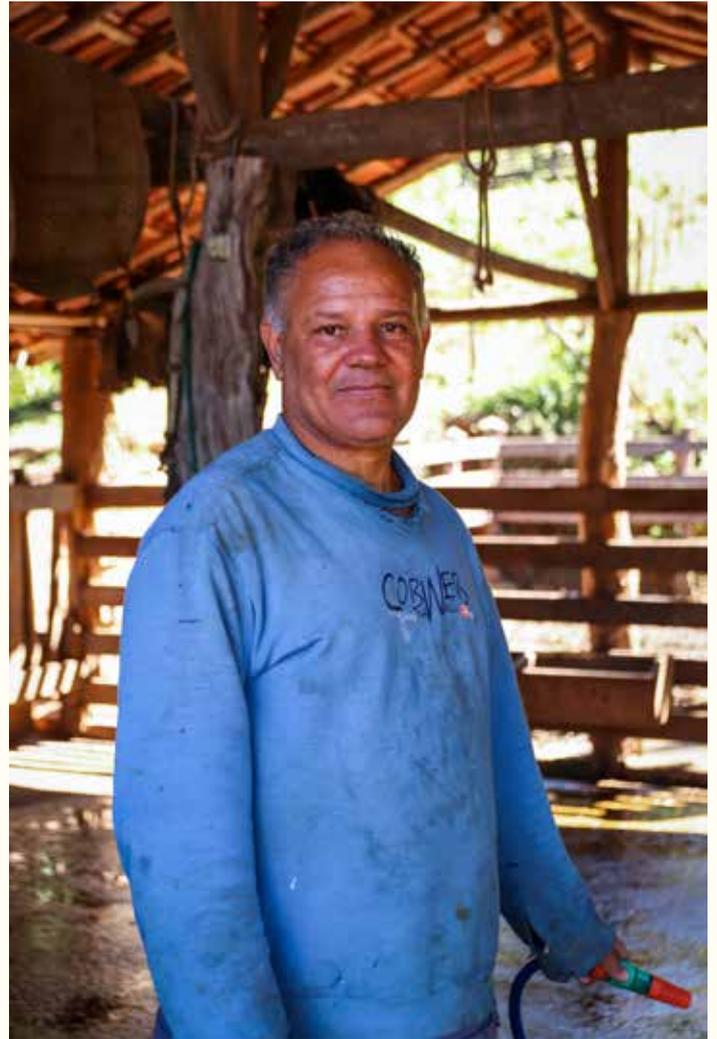
Davi, neto de Dona Amélia, tocando seu berrante





Seu Caquinho (Joaquim),
irmão de Tião Nestor

Zé Ivaldo, filho de João Bernardo



José Rafael, filho de Luis Soares

Vanusa, neta de Tião Nestor



Iraci, filha de Luis Soares



Dona Amélia no fogão à lenha

Antônio, Davi e Dona Amélia

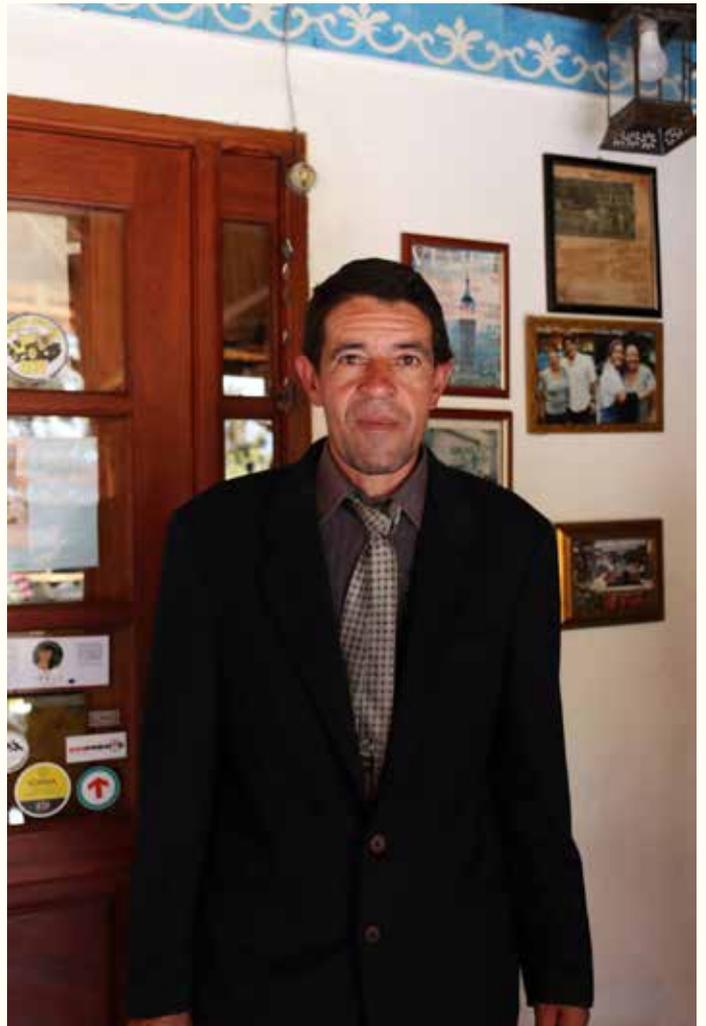


Eunice, filha do Luis Soares,
e Tiago, filho da Iraci



Maria do Rosário,
filha de Luis Soares

Casemiro, filho de Luis Soares



Lázaro, filho de Dona Lica

Marco, filho de Maurinho e Dona Amélia,
com Eni, sua esposa, e Gabriel, filho



Josiane, filha de Dona Iraci, com seus filhos



Dona Lica (Maria Olária) em frente a sua casa e no quarto a fiar

Irani, filha de Luis Soares



Carmeli e João Batista, filhos de Luis Soares

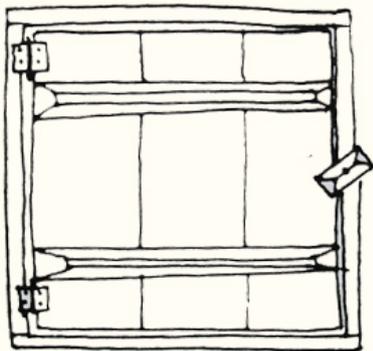
Fotos de Luis Felipe Soares



Maira, filha de Iraci

Luis Felipe, filho de Iraci





4. AS CONSTRUÇÕES

*Sem dúvida, cada um de nós é baldrame, barroto,
Portal, pé-direito, chave ou gazua
Daquilo a que se convencionou chamar casa,
Mas que, a rigor, é solidão de quarto alugado ao tempo,
Guarda-roupa ventando na planície.*

Para examinar como se vive, como se mora e, em especial, como se constrói no vale do Água Preta, foi feito um levantamento arquitetônico e fotográfico do universo completo das habitações da região em 1983 e, depois, outro em 1987. Na primeira visita foi feito um levantamento abrangente das construções, com maior atenção para as moradias, e, na segunda, foi possível constatar a ocorrência de uma série significativa de mudanças, tanto nas construções como em seu uso, e de novas casas e edificações. As mudanças ocorridas eram reformas finalizadas ou em andamento e aumentos, raras vezes diminuições da área construída. Nesse período, fecharam-se casas antes utilizadas e registrou-se o fato de alguns moradores terem mudado para outro lugar do vale ou mesmo para fora.

Além dessas modificações, durante essa segunda visita, foi possível acompanhar uma série de transformações nas construções, que permitiram constatar a grande variação no uso delas e das áreas adjacentes.

Para melhor entendimento desse universo, foram listadas as seguintes construções encontradas:

Casas

Adotado como critério, esse grupo engloba todas as edificações construídas com a finalidade de moradia constante de pessoas ou famílias, independentemente de área, situação fundiária ou técnica construtiva. Inclui também as edificações com características de casa de campo de pessoas que moram nas cidades, mesmo quando não têm uso constante.

Ranchos

Construções de menor área realizadas com intenção de uso esporádico. Alguns desses ranchos servem como abrigo para trabalhos de agricultura e outros como apoio a atividades leiteiras, sendo então chamados, respectivamente, de ranchos de roça ou ranchos de retiro. Mesmo quando algumas dessas habitações possam ter recebido uso mais prolongado, continuam a ser consideradas parte desta categoria, prevalecendo a intenção primeira que levou à sua construção.

Equipamentos

Várias outras construções independentes das casas entram nesta categoria. São elas: vendas, olarias, escolas, um templo e uma obra, hoje paralisada, que se pretende transformar em uma colônia de férias. Além dessas, outras edificações relacionadas às moradias integram esse grupo: currais, galinheiros, fornos, paióis, chiqueiros, moinhos, casas de arreios, casas de queijo, silos, uma casa de esmeril, uma cozinha de matar porcos e ranchos de diversos usos.

Há vários outros elementos construídos sem cobertura que devem ser mencionados. São os mangueiros ou retiros, estaleiros de secar e bater feijão, pedras de amolar ferramentas, jaulas para prender frangos, cochos e bebedouros.

Uma categoria inclui as cercas de arame farpado, de madeira rústica, de bambu, ou de madeira serrada que, inteiradas com caminhos e estradas, resultam em porteiras de pau roliço ou tábuas, tronqueiras, mata-burros, e num tipo último de cancela, constituído de quatro ou cinco paus enfiados horizontalmente em dois mourões que precisam ser removidos um a um para permitir a passagem. As cercas e caminhos cruzam-se também em estreitos corredores circulares que permitem a passagem só de pessoas e impedem a circulação do gado. Outra forma de transposição são os pula-cercas nos quais se formam duas rampas ou escadinhas com paus dispostos de ambos os lados, de modo a possibilitar igualmente a passagem só de pessoas e barrar os animais.

Outras formas de construção são resultantes da necessidade dos caminhos e das estradas, de cruzar os cursos d'água. Essa precisão é resolvida por pontes, estivas — estas constituídas de dois ou três barrotes, que, transpondo o vão, são assoalhados por paus transversais menores, todos roliços, cobertos de terra, o que permite a transposição a cavalo —, pinguelas de um ou dois troncos, com ou sem corrimão. Riachos também são vencidos através da arrumação de pedras grandes, afloradas do curso d'água, na distância aproximada de um passo. Empregam-se ainda as pedras na construção de túneis para a passagem das águas, vãos que, recobertos por terra, tomam a função de manilhas e permitem a convivência das estradas com os riachos. As pedras aparecem finalmente em usos como esteios, calçamento de mangueiros, e suporte de caldeirões junto ao solo.

Os habitantes do vale constroem regos d'água, bicas e, para passar com seu fluxo por valos, fazem uns cochos abertos nas pontas que permitem à água correr como num pequeno aqueduto, ultrapassando as barreiras. Há dois pequenos açudes construídos por gente vinda de fora. Os moinhos requerem também um planejamento no uso da água. Para remover trechos encharcados das estradas, os moradores cavam valas transversais que enchem de bambu até o ponto em que a água possa ter vazão e cobrem tudo com terra e os resultados são excelentes.

Para as divisas das propriedades e dos pastos, contam quase sempre com limites naturais, que ora são formados pelas escarpas íngremes, ora pela mata fechada ou alguns valos. No alto da serra, aparecem muros de pedra.

Ao construir uma nova casa, a primeira medida que tomam é a escolha da localização no terreno de que dispõem. Geralmente a levantam na meia encosta, evitando assim a umidade e o frio característicos das baixadas, e os ventos dos lugares altos. A casa ficará sempre na parte mais plana, central e dominante da propriedade, prevendo-se nessa escolha a feitura dos terreiros e de outros equipamentos. Essa localização deve contar necessariamente com boa insolação e acesso razoável por caminho. Este último é elemento importante na determinação da fachada, sempre voltada para a circulação principal. Anotou-se o caso de um proprietário de fora que contratou os serviços de um construtor da região para fazer sua casa e, depois de explicar tudo como queria e ter riscado a planta no chão, voltou depois de um mês e encontrou sua casa, contrariamente às suas instruções, com as fundações já indicando a futura fachada voltada para o Sul porque dali vinha a estrada. Também elemento fundamental de decisão para a localização das casas é a hidrografia da região, pois sempre é desviado um pequeno rego d'água que passa próximo dos fundos das residências. Quase todos os novos assentamentos começam pela construção da morada e, posteriormente, (“posterior” entre vírgulas) se adicionam outras edificações complementares como fornos, paióis, retiro, etc.



Os equipamentos apresentam caráter de transitoriedade mais acentuado do que as casas que eles rodeiam. As hortas são cercadas de forma conveniente para que galinhas e pintos não possam danificá-las, e mudam de lugar segundo a capacidade de produção do solo. Chiqueiros são montados ou desmontados conforme a época de engorda dos porcos. Fornos, quando preciso, são refeitos em locais diversos de acordo com as necessidades. Se o terreno do mangueirão ficou muito estragado e lamacento pelo pisoteio dos animais, ele também pode ser mudado. Os ranchos são feitos e desfeitos com razoável facilidade. Outras construções mais amplas e trabalhosas, como paióis e currais, têm estabilidade locacional mais garantida.

Os mangueiros e currais geralmente estão situados à frente da porta de entrada da casa e, para alcançá-la, passa-se por dentro do retiro. Eles podem às vezes estar um pouco mais afastados, mas sempre próximos da casa. A uma distância semelhante estão as hortas e os fornos, só que relacionados com a porta do fundo. Eventualmente, as hortas, por questões de fertilidade, podem estar um pouco mais longe, mas os fornos quase nunca se afastam mais de poucos metros.

Junto das hortas, dos fornos, ou atrás das casas, às vezes aproveitando parte do vão sob o assoalho, ficam as galinhas, sempre por perto, ao alcance dos ouvidos, para serem protegidas de um predador mais ousado. Os ranchos de depósito podem estar perto ou a meia distância e, dependendo da finalidade, mais junto aos currais, hortas etc., na parte frontal ou posterior da casa.

Os chiqueiros sempre ficam mais longe, em distâncias que podem chegar a trinta metros. Malcheirosos, atraindo moscas, os porcos são os animais conservados em maior afastamento, às vezes próximos do rego d'água depois da bica, ou junto a terrenos mais úmidos. Pode haver dois ou até três chiqueiros juntos ou separados, em pontos diametralmente opostos, mas sempre longe da moradia. Há casos de chiqueiros associados a paióis.

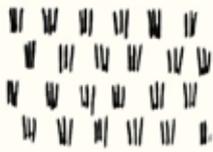
Dependentes do declive e do tombo d'água necessários ao seu funcionamento, os quatro moinhos existentes no vale situam-se junto a cursos mais caudalosos, (cortar essa vírgula) e distantes cinquenta a cem metros da construção principal.

O sol, elemento importante de salubridade, conservação e desenvolvimento para todos esses usos, faz com que as casas ou equipamentos nunca sejam instalados em grotas frias ou de pouca iluminação. Já a localização das aberturas e a distribuição das plantas em relação ao Norte não seguem necessariamente uma regra fixa. Parece mais importante a casa estar voltada para o caminho, para a chegada, do que exposta à melhor insolação. Foram, por exemplo, encontradas casas com boa situação em relação à insolação, mas tendo mais da metade de seus cômodos com as vazaduras voltadas para uma insolação insuficiente.

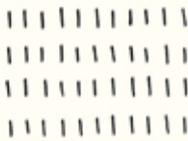
Há casas de localização muito antiga. Hoje, a mais antiga no vale é a do Geraldão Treva, que leva em sua fachada a data de 1904. Os levantamentos feitos, baseados na tradição oral, constataram locais de casas já desaparecidas. Assim, chegou-se ao conhecimento de dois tipos de situação: as casas de



Capim baixo



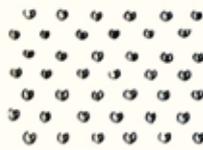
Capim alto



Capim velho



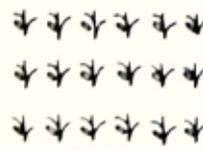
Ervas



Horta



Café



Milho



Cana



Bananeira



Flora e plantas



Pinheiro



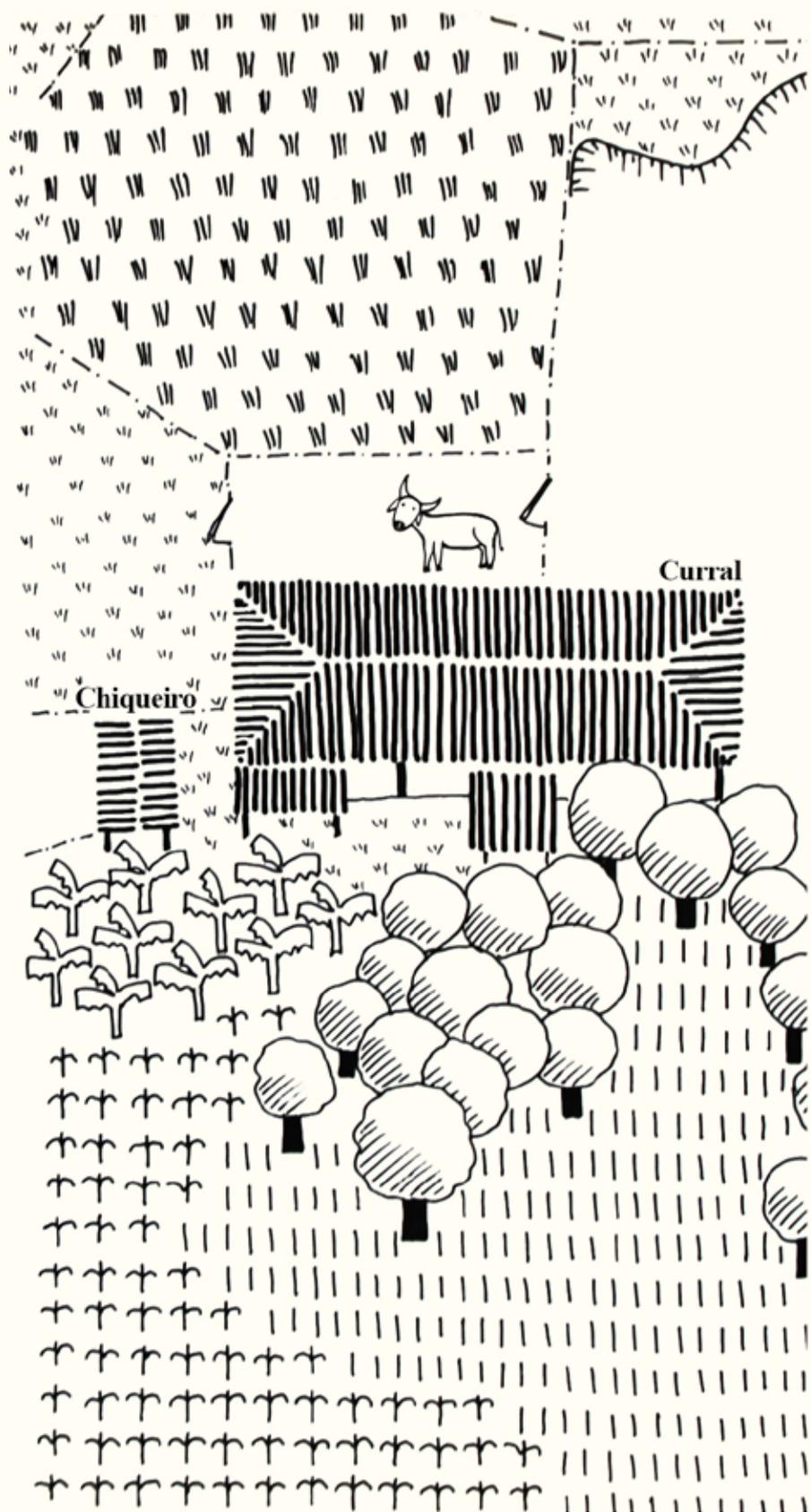
Bambu

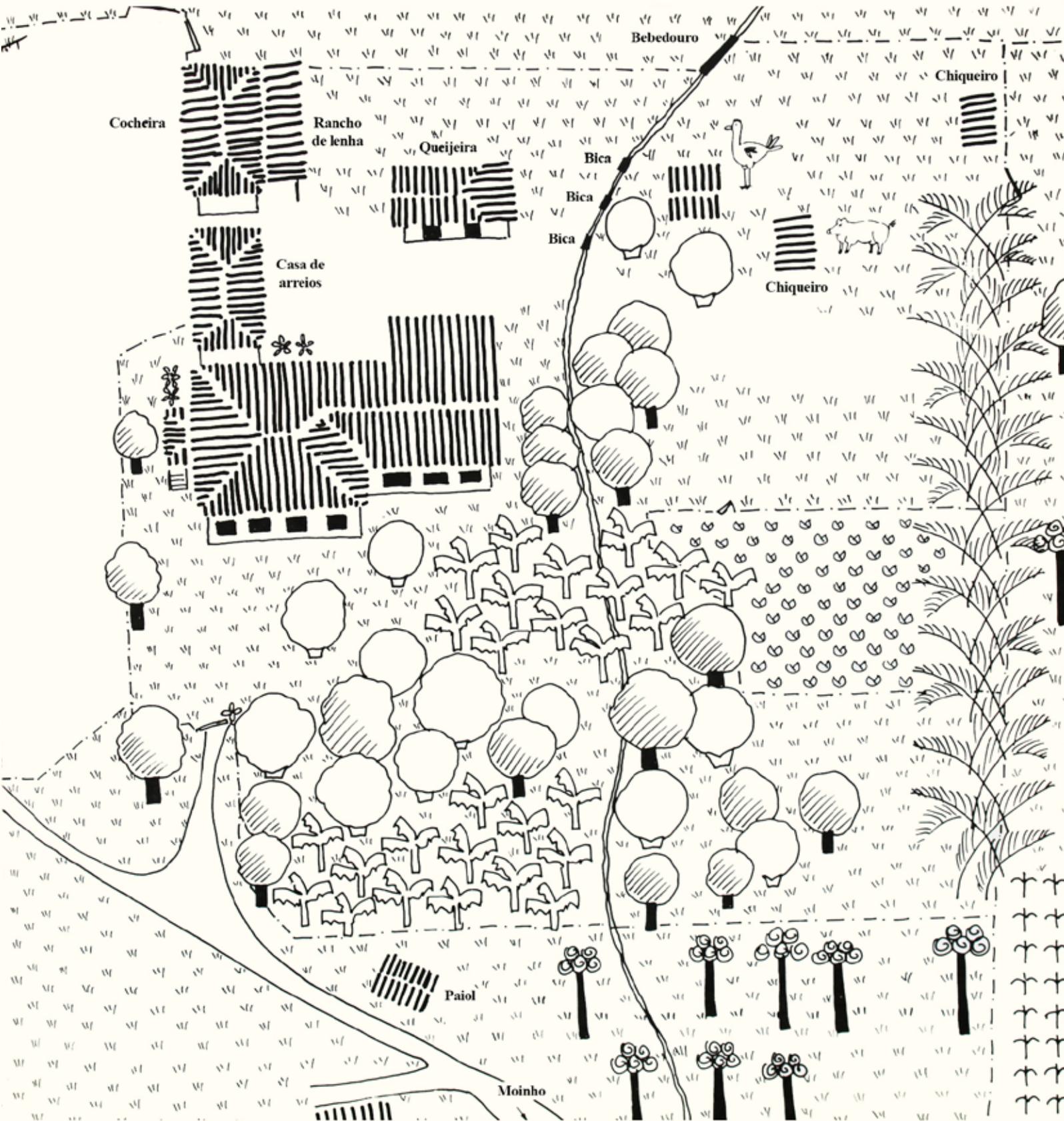


Árvores em geral



Árvores frutíferas





primeira construção e as existentes em locais onde já houve outra ou mesmo duas anteriores, em um grupo, e as já desaparecidas em outro.

A reconstrução de casas em um mesmo local constitui informação bastante interessante sobre as habitações da região. Por exemplo, nas casas do João Juca e do Mané Pedro desmontadas e reconstruídas, entre 1979 e 1987, foi possível alcançar as informações das construções anteriores. No primeiro caso, através de fotografias e de relatos, reconstituíram-se as disposições gerais da primeira casa. No segundo, o levantamento de 1983 encontrou ainda a construção antiga, e o de 1987 já deparou com a nova casa em fase final de acabamento. Nos dois casos ficou bem patente a utilização dos mesmos métodos construtivos, a mesma forma de conceber a arquitetura, a divisão e a utilização do espaço. Só variou a disposição da planta, que foi se adequando à vontade de momento dos proprietários. No primeiro caso, inclusive, a casa, um pouco menor que a anterior, foi recentemente reformada, recebendo uma ampliação. Nas novas casas, aproveitou-se grande parte do material das construções que as antecederam e o motivo do refazimento foi as moradias serem consideradas já velhas, com uma série de recalques, apodrecimentos e defeitos chegados com os anos. De uma outra casa, também refeita no mesmo período, não foi possível conseguir documentação fotográfica de antes da demolição. Ainda assim, evidenciou-se a manutenção dos critérios culturais prevaletentes. Essa permanência é, aliás, elemento importante de comprovação de persistência cultural no modo de construir¹.

As casas já desaparecidas contribuíram de maneira decisiva para a história da ocupação do vale. Duas foram ainda levantadas em 1983. A menor foi abandonada quando seu dono, Seu Lorindo, adoeceu e teve de morar com a filha, e a maior foi desmontada pelo proprietário, que preferiu aproveitar seu material antes que se danificasse com o desmoronamento inevitável. As cavas antigas dessas casas fornecem, além de fatores importantes da história da ocupação do vale, uma série de informações interessantes. Os ajustes impostos aos terrenos, os barrancos cortados e os aterros feitos continuam perceptíveis depois de muitos anos, mesmo cobertos por capim. Nesses resquícios, pode-se ler a localização da bica, do rego d'água e dos terreiros. As pedras indicativas das fundações, quando existiram, geralmente foram transportadas para outro local e tiveram novo uso. Encontram-se também pés de limão e uma ou outra árvore frutífera em torno desses sítios. Em uma dessas áreas, o único vestígio encontrado de que ali existiu uma casa é um capão de rosinhas de penca.

Entre as casas existentes distinguem-se dois grupos: as casas em funcionamento e as fechadas. Destas, algumas já se encontram em precária estabilidade. Mesmo assim, foram todas agrupadas conjuntamente já que muitas dessas taperas podem, como já aconteceu, ser barreadas novamente e iniciar nova fase de uso. O critério para nomeá-las foi adotado tomando o morador como a indicação prioritária. Quando fora de uso, vão designadas pelo nome dos proprietários.

Até o final da década de trinta, entre casas existentes e já desaparecidas, contando sempre uma só casa, mesmo quando em um local uma construção nova

substituiu uma antiga, foram contadas ao todo dezesseis casas. Entre 1940 e 1970, foram construídas mais dezoito casas, perfazendo um total de trinta e quatro. Na década de setenta, mais dezenove casas, chegando ao número de cinquenta e três. E na década de oitenta foram construídas, ou estão em construção até agora, dezessete casas, o que resulta num total de setenta casas. Dessas setenta áreas, dez já desapareceram e estão na maior parte com suas cavas cobertas por capim.

Entre todas essas casas, algumas têm características bastante diferenciadas da forma de construir prevalente, devido às influências urbanas ou ao resultado de uma corruptela do método tradicional. Outras, construídas pela gente que veio das cidades depois de 1980, revelam as mais variadas influências. Esses tipos diferenciados serão tratados em separado, posteriormente.

As casas representantes da forma tradicional de construir, a grande maioria até hoje, merecem ser analisadas primeiro sob o enfoque de seus construtores. Os irmãos Tião e Luís Soares são os dois carapinas residentes no vale que construíram a maior parte das casas desde que iniciaram sua atividade profissional. Há poucas que foram feitas dentro desse período por outro construtor. Da maioria dessas exceções, foi possível identificar o construtor, sempre gente da região. Mas, foi em especial de Tião e Luís Soares, que, juntos ou separados, construíram a maior parte do que se encontra erigido no vale, que foram colhidas as informações apresentadas a seguir, sendo que muitas de suas casas e equipamentos podem ter tido a ajuda da família do proprietário em sua construção.

Quem decide construir discute com o carapina a dimensão, o número de cômodos e o jeito da casa desejada. Dessa conversa resulta em geral um riscado no chão no qual se identificam a quantidade e a dimensão do madeirame necessário. Se é casa nova, serra-se a madeira necessária e, das dimensões e usos necessários, resulta a escolha do tamanho e da qualidade das árvores a serem cortadas. Se é segunda construção, desconta-se a madeira disponível da casa velha e cortam-se apenas os complementos precisos. Feito o corte e transportada a madeira ao local da obra, tem início o trabalho de construção propriamente dito, quase sempre feito nos meses secos².

A primeira providência, quando preciso, é ajeitar com o enxadão o nível do terreno, com alguns cortes e outros tantos pequenos aterros para áreas mais acidentadas. Áreas de declives mais suaves, que são a maioria, não recebem nenhum tratamento. A cozinha ficará sempre localizada no trecho mais elevado do terreno, já que seu piso será de terra batida, evitando-se assim trabalho excessivo. A fundação é feita de pedras, já catadas para esse fim, ou então de madeira. No caso da fundação de madeira, candeias e outras espécies apropriadas para resistir à umidade do chão são cortadas no tamanho e na forma condizentes com as necessidades, e trazidas para a obra. É maior a ocorrência de casas com esteios só de madeira, seguida pelos mistos de madeira e pedra³.

Quando os esteios são de madeira, os troncos nas partes enterradas guardam a casca até pelo menos um palmo do chão, e depois são lavrados em forma retangular ou quadrada, ou conservados roliços. Ou então, quando de pedra,

feitos por superposição. A seguir, assentam-se os baldrames. Nesse momento faz-se o nivelamento. Quando os esteios estão localizados em terreno plano ou quase plano a distância do chão será de no máximo meio metro. Quando o terreno é inclinado, a distância menor do solo será de no mínimo vinte centímetros, e a maior a que resultar da situação da topografia, podendo em alguns casos chegar a mais de metro e meio⁴. O encontro dos baldrames nos cantos das construções é geralmente consolidado com encaixes, que travam uma madeira na outra sem a necessidade de qualquer prego ou parafuso. Colocados os baldrames, montam-se as pilastras e depois os frechais. A seguir, arma-se a estrutura do telhado e colocam-se os caibros e as ripas. Praticamente não há tesouras e a cumeeira apoia-se em pontaletes assentados nos frechais.

Terminada a armação da estrutura da casa e do telhado, cobre-se a construção. A maior parte das coberturas existentes é de telha canal. Há referências à feitura manual dessas telhas no vale, em passado já distante. Hoje utilizam-se mais as telhas francesas. A inclinação é praticamente mantida constante para os dois tipos de telhas. Existem reformas nas quais as telhas canal e francesa convivem em uma mesma água de telhado. Os beirais nunca ultrapassam sessenta centímetros, sendo mais comuns os de quarenta centímetros de largura. Já que o pau-a-pique necessita de boa proteção da chuva, a explicação para essa pequena dimensão deve-se à economia, uma vez que hoje as telhas são compradas em olarias próximas da cidade. Foi encontrada só uma casa coberta de sapé.

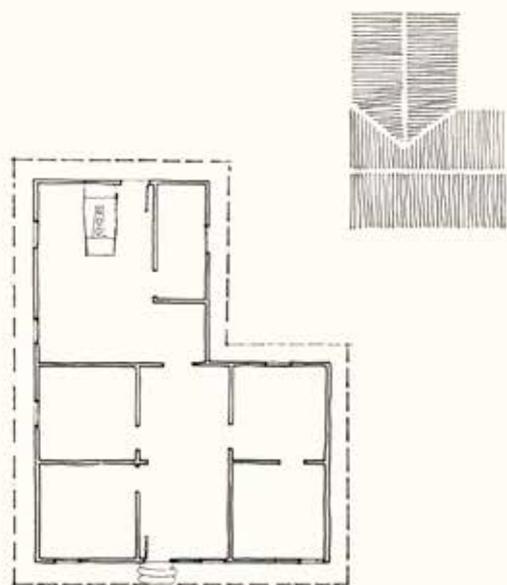
Feito o telhado, passa-se a trabalhar na obra, à sombra e ao abrigo das chuvas. Aí colocam-se os barrotes, usualmente paus roliços com uma só face lavrada, e constrói-se o assoalho. A seguir são posicionados os pés-direitos de sustentação das ombreiras de portas e janelas. Muitas vezes essas peças de madeira são as próprias ombreiras. Colocam-se então as vergas e os peitoris definindo-se assim as vazaduras. Há montagens de esquadrias das janelas independentes, fixadas com pontaletes de madeira em cima e em baixo, mas estes casos são mais raros.

A seguir colocam-se os paus-a-pique, em geral fixados no frechal em furos previamente preparados e escorados pelo lado interno sobre os baldrames, na saliência deixada pelo assentamento do tabuado do assoalho. Depois disso, é pregada uma ripa de madeira ao longo do baldrame que prende os paus-a-pique pela parte externa. Aí colocam-se as varas horizontais, em boa parte de bambu ou, quando não se dispõe desse material, de varetas de madeira ou mesmo dos dois materiais, uma vara por dentro e outra por fora, amarradas alternadamente, com arame ou com cipó, nos paus-a-pique. Terminado esse trabalho está pronta, como dizem, a “gaiola”, porque, nesse ponto, as casas podem ser vistas com todos os seus vazados explicitados.

O barreado pode ser feito pelos construtores mais os familiares ou mesmo através de um mutirão ou marca, que terminará com uma refeição e às vezes festa com viola, sanfona e baile. O barro escolhido deve ser argiloso com a aderência necessária. O barreiro vai sendo montado de material cortado de barrancos ou tirado do chão. Esse é misturado com água e pisoteado até adquirir

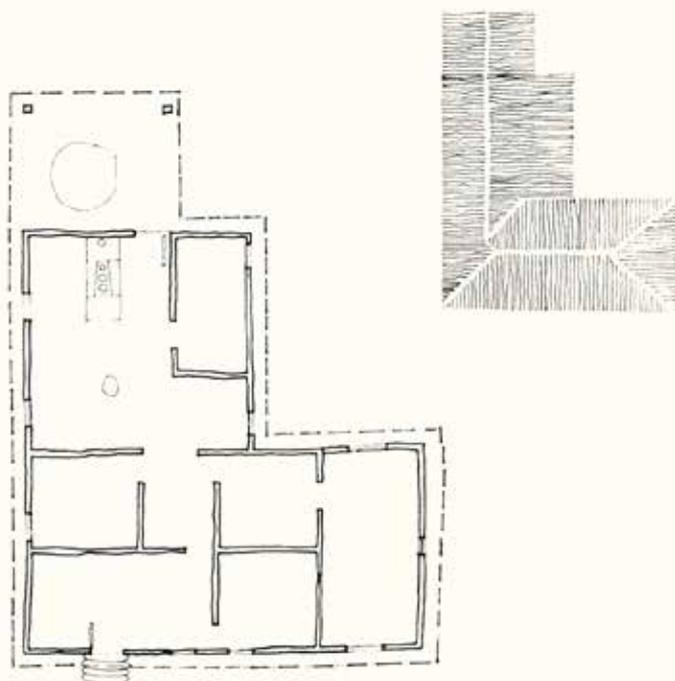
JOÃO JUCA

Casa já demolida



Planta

Casa atual já ampliada



Planta



Casa já demolida



Casa nova



Ampliação

a consistência certa. Dele são então extraídas grandes pelotas que se aplicam à mão por dentro e por fora das paredes. Enquanto o barreado seca, colocam-se portas e janelas e seus respectivos batedores. Aí entram as dobradiças, primeiros e únicos elementos industriais de difícil substituição por um elemento natural. As folhas das portas e janelas, previamente preparadas no tamanho necessário, são compostas de tábuas justapostas travadas por, no mínimo, duas travessas encavilhadas ou pregadas, ou unidas através dessas duas maneiras. Algumas portas e janelas recebem uma tira de couro para estancar o vento junto de seus fechamentos. Na porta de entrada engasta-se então uma fechadura e nas outras vazaduras aplicam-se tramelas.

O trabalho seguinte é o do piso das cozinhas e, quando há, das despensas. No mesmo nível que o restante da casa, esses pisos são de terra batida, cimentados ou não. Para sua feitura são colocados vedamentos verticais de pedra sobre os baldrames ou então fincados tocos de madeira junto à sua face interna. Depois jogam terra e socam até atingir a altura desejada. Constroem-se, então, os fogões.

Geralmente, nesse ponto dos trabalhos, o barreado já seco apresenta uma série de rachaduras. Nesse momento ele recebe uma camada mais fina de barro, que tem a função de arremate e acabamento, às vezes superpostas, a título de pintura, por uma camada de barro branco ou por uma caição. Algumas casas ainda ostentam barras, em geral azuis, na parte externa inferior de suas fachadas. Há famílias que refazem o barreado e repassam o barro branco todos os anos.

O forro de taquara trançada ou, mais raramente, de tábuas de pinho é em geral aplicado no final. Mas pode ser colocado durante a construção, antes da pintura interna. A maioria das casas não têm forro, compondo um único universo acústico reforçado pelo formato do telhado, que funciona como uma concha de ressonância. Nesses casos, é possível conversar, estando em peças diferentes, sem elevar o tom de voz utilizado para falar no mesmo cômodo. Há casos de forros só nos quartos, já que eles, mesmo sendo de taquara, com muitas aberturas, oferecem conforto térmico considerável nos meses mais frios. As cozinhas nunca são forradas, e a fumaça dos fogões enegrecem caibros e telhas.

No conjunto, essas casas não têm instalação sanitária. Hoje, porém, passando a generalizar-se o desejo do conforto da água encanada e do banheiro, já se fazem reformas especialmente para sua instalação. Pouquíssimas são as casas que, não tendo banheiro, dispõem de uma “casinha” separada com privada no exterior. Reformas para ampliações são usuais e ocorrem, no mais das vezes, ao mesmo tempo que as famílias crescem. Não raro, terminada sua construção e habitada, a casa é completada pela construção de um alpendre frontal, quando esse decoro não foi previamente construído. Pode também receber vários puxados do telhado, como varandas posteriores para fornos e outros usos. Casos há de casas dotadas desses apêndices que, com o envelhecimento da obra ou a diminuição da necessidade de espaço provocada pelo casamento e mudanças de filhos, têm esses complementos retirados, revelando aos poucos a forma original da construção.

Certas casas apresentam porões altos o suficiente para permitir o deslocamento de uma pessoa em pé sem obrigá-la a curvar-se. Nesse caso, porões dotados de fechamento são usados como depósitos. Em uma única oportunidade um deles abrigou uma venda. Nos porões abertos guardam-se os mais variados materiais não perecíveis, desde lenha, vigas e peças de madeira até latas, ferramentas e bicicletas.

Algumas construções apresentam gradis de madeira como fechamento. No caso mais requintado, os gradis são de madeira serrada vedando uma das faces de um porão; no entanto, usualmente eles são de madeira roliça. Em geral, os próprios paus-a-pique sem as varas e seu revestimento desempenham esse papel. Vazaduras como essas costumam ocorrer no alto das paredes das cozinhas, junto à cumeeira. Duas casas das mais antigas apresentam vidraças, como a indicar que a ausência generalizada de vidros, tão úteis no frio e contra o vento, deve-se mais às dificuldades econômicas do que à tradição cultural. As casas mais ricas incorporaram vitrôs em suas cozinhas para superar esse problema. Venezianas não são encontradas nas moradias dessa fria região.

O partido das plantas dessas casas compõe-se de dois retângulos justapostos. Ao maior deles, à frente, acopla-se um menor, atrás, que corresponde à cozinha, acompanhada ou não de despensa. O telhado de duas ou quatro águas do retângulo maior é mais elevado e o que cobre o retângulo menor ajusta-se a ele, com sua cumeeira mais baixa com duas ou três águas. O resultado volumétrico é de agradável composição e simplicidade. Os volumes dos retângulos, sendo soltos do chão, dão ao conjunto da construção o aspecto de obra leve, realizada sem ferir o terreno, quase que pousada com delicadeza no solo. Essas casas, quando vistas rodeadas de seus equipamentos e da vegetação que as caracterizam, compõem paisagens das mais tradicionais e características de ampla região do sertão brasileiro.

Muitas dessas casas de menor área poderão, quanto às plantas, ser resolvidas em apenas um retângulo, mas, quando passam de quarenta metros quadrados, já apresentam quase todas a solução composta, e terão pelo menos uma sala, dois quartos e uma cozinha. Crescendo em número de cômodos ou em área, sempre manterão o esquema básico de um corpo principal e um secundário. A única variação significativa acontece quando esses dois retângulos básicos voltam-se para a fachada principal. Nesse caso, a planta apresentará uma dimensão maior voltada para a frente, sendo a profundidade menor que essa largura.

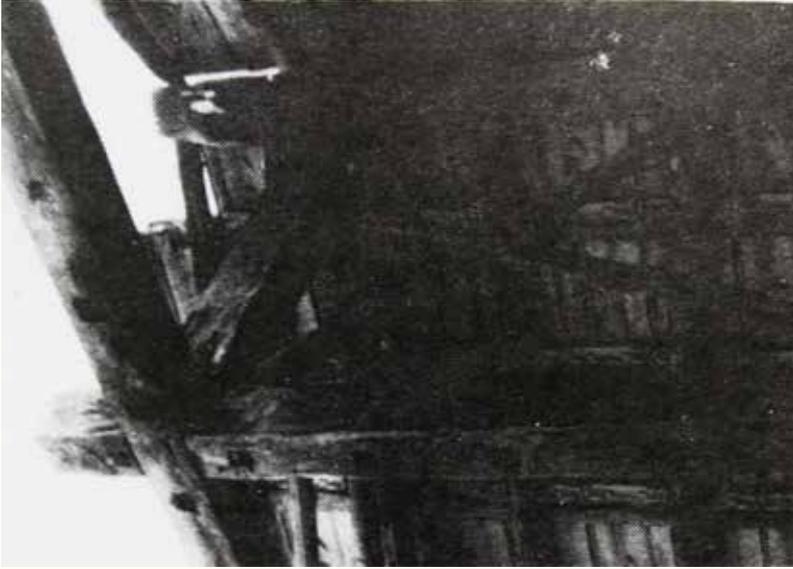
Existem plantas que apresentam um pequeno hall de circulação interno, independente de a casa ser grande ou pequena. Esse hall recebe o nome de sala de dentro. Outras plantas são resolvidas pela passagem de um quarto para outro. Corredores de ligação praticamente inexistem. Geralmente todos esses cômodos têm dimensões bastante reduzidas. São comuns os quartos de dois metros por um metro e oitenta centímetros com o espaço mínimo para se alojar uma cama e se guardar um pouco de roupa. Quartos um pouco maiores já abrigarão duas camas. Maiores que dois metros e pouco por três metros constituirão exceções. As salas

são pouca coisa maior. As cozinhas ocupam a maior área e são o centro de convergência das moradias. Nas poucas casas em que aparecem, os banheiros são construídos junto das cozinhas, para aproveitar melhor o encanamento que abastece as pias de lavar louça.

Sempre existe uma porta da frente na sala e uma dos fundos na cozinha, salvo uma ou outra exceção pouco expressiva. O partido arquitetônico dessas casas e o de suas plantas lembram muito o das casas urbanas da época da Colônia e do Império. É possível admitir que se originem de um mesmo veio cultural, sendo as residências rurais mais singelas nos materiais e nas dimensões.

As fachadas frontais apresentam as mais variadas composições e, apesar de a disposição das janelas e portas sugerirem algum ritmo, o distanciamento entre elas quase nunca é regular. A maioria das fachadas principais compostas de três vazaduras terá a porta no centro ladeada pelas duas janelas, sem que isto recomende a conclusão da existência de uma perfeita simetria. As demais aberturas ocorrerão de acordo com as necessidades da planta. Os dois grupos mais significativos de fachadas compõem-se das casas em que os dois retângulos da planta estão um atrás do outro, seguido pelo das casas em que esses retângulos se desenvolverão ao longo da fachada. Temos então, respectivamente, as fachadas frontais mais estreitas com poucas vazaduras e as mais extensas com maior número de janelas. Em ambos os casos há sempre uma predominância dos cheios sobre os vazios. As fachadas laterais serão mais extensas ou menores em função dos dois tipos de composição de planta citados. Já as fachadas posteriores apresentam maior proximidade do chão e, como quase todos os pisos das cozinhas são feitos de terra socada, não têm transparência por baixo





dos baldrames, dando ideia de maior agregação ao solo. Sempre que a casa é de pau-a-pique, os baldrames, as pilastras e as frechais ficam aparentes, geralmente “pintados” com o mesmo barro branco usado nas paredes.

Boa parte dessas casas são enfeitadas por pequenos e graciosos alpendres, elevados, ao nível do assoalho, projetados da fachada principal, cobertos por um puxado de telhado e ligados ao chão por uns poucos degraus de madeira, que às vezes podem ser de tijolos ou pedras. São sempre equipados de guarda-corpo e corrimão com gradil de madeira. Singelíssimos, muitas vezes com menos de um metro de largura, esses quase decoros dão graça especial à composição final da arquitetura e são característicos do modo de construir caboclo mineiro.

Nessas construções, o sol das montanhas passeia pelos cômodos guiado pelas vazaduras, trazendo aos de canto, voltados para o Norte, uma maior insolação e iluminação. Salas de dentro serão mais escuras, mas a ausência de forro permite uma radiação de luz difusa suficiente na maior parte do dia. Cozinhas muito castigadas pela fumaça terão telhado, caibros e paredes enegrecidas, oferecendo vivo contraste com a luz que, entrada por uma janela, se reflete em um pano branco.

A contribuição mais importante à salubridade dessas casas é o arejamento conseguido pelo assoalho solto do terreno. Região de clima frio, aí as construções ficam completamente liberadas da umidade do solo e das temperaturas mais baixas junto ao chão.

Elementos significativos do aquecimento, em especial nesse clima, os fogões são também espécie de lareiras às quais todos acorrem nas manhãs e noitinhas, com mais assiduidade, esfregando as mãos e batendo os pés, nos meses de inverno. Fator de saúde é também a qualidade das águas que as servem,

sempre correntes, nas bicas dos terreiros, com pureza natural já não alcançável pela maioria das pessoas, só igualável à finura e excelência do ar que aí se respira.

Já hoje, há casas que são construídas de tijolos. Essa mudança significativa no material altera pouco o partido das construções. Exceto a estrutura, agora sem esteios, baldrames e pilastras de madeira, o resto se faz da mesma maneira. A persistência do modo de construir é tão enraizada que se podem encontrar paredes de tijolos em execução que, chegadas à altura dos peitoris, receberão os enquadramentos de madeira das janelas para prosseguirem subindo. Ainda que mantenham o assoalho solto do solo em proporções semelhantes, as casas de tijolo já não têm a mesma transparência e leveza, pois as paredes, compactas até o chão, perdem muito do encanto emanado das estruturas de madeira.

De todas as características assinaladas, a que mais impressiona na maioria dessas construções é a exiguidade de espaço disponível. À exceção das cozinhas, de dimensões mais generosas, os outros cômodos têm o espaço mínimo necessário ao seu uso. Resulta disso a conclusão de que essa é uma arquitetura realizada para satisfazer as necessidades básicas, funcionando a casa quase como um abrigo. Em contraposição a esta constatação, os terreiros, onde se desenvolvem grande parte das atividades domésticas, são um prolongamento da habitação, fazendo como que parte integrante dela.

O modo de construir os equipamentos que rodeiam essas moradias não difere em quase nada do jeito de edificar a construção principal. Nesse universo integrado, essas dependências apenas terão suas formas adaptadas aos usos a que se destinam. Assim, os currais, que são ranchos de estrutura de madeira, cobertos de telha, têm formato e divisões de acordo com as necessidades de sua utilização. Cochos individualizados em número suficiente para as vacas da propriedade, local para a ordenha ao abrigo da chuva, bezerreiro, picador de cana, um armário ou um caixotinho pendurado para guardar remédios e seringas, e um estrado para receber sacos de farelo, tudo devidamente separado por cercas de tábuas vazadas horizontalmente. O curral está sempre relacionado a um mangueiro, ou



retiro, retângulo cercado do mesmo modo, que tem, quase sempre, partes de seu piso coberto por pedras, para evitar, nos pontos mais baixos, o acúmulo de lama formada pela combinação da água da chuva, com os dejetos e o pisoteio do gado. O curral é sempre construído ao nível do chão, com piso cimentado ou não, com pé-direito baixo, tendo a maioria telhado de quatro águas para melhor abrigar das chuvas de vento. Quem tem gado, mesmo não tendo curral, tem o retiro para prender, ordenhar e cuidar de seus animais.

Os galinheiros nem sempre são uma construção. Na maioria das vezes resumem-se a balaios pendurados à beira de paióis para a postura e o choco. Outras vezes as galinhas empoleiram-se para dormir em paus colocados com esse fim em um rancho junto ao terreiro, em cima dos fornos ou em puxados do telhado da casa. Galináceos, perus, patos e marrecos são acostumados a ficar próximos das casas e estão sempre ciscando por seu entorno, tentando entrar na cozinha para beliscar alguma comida caída no chão. Nessa luta pela sobrevivência, as galinhas são cerceadas de suas investidas por pequenos portõezinhos gradeados de um metro de altura, que lhes barram a entrada às casas. Quando existe, o telheiro das galinhas é utilizado para abrigá-las só à noite e fica perto da casa.

Os fornos podem estar abrigados em pequenos terraços construídos em continuidade ao telhado dos fundos ou em telheiro próprio de uma só água, ao lado da porta da cozinha. Grandes, com mais de um metro de diâmetro, feitos de barro, são alimentados pela queima de madeira no seu interior. Quando a lenha está reduzida a brasas, são introduzidas roscas, pães, quitandas variadas ou frangos e leitões. Tapa-se a boca com uma tampa própria de madeira escorada por um caibro; depois é só controlar o tempo de cozimento.

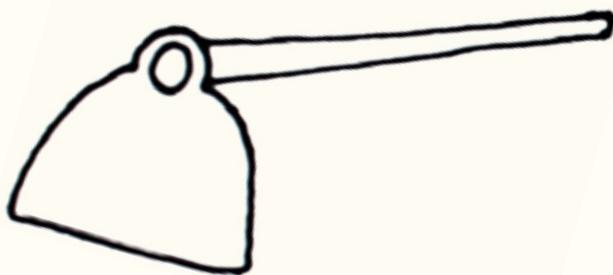
Os paióis já são peças bastantes especializadas do modo de construir dessa gente. Elevados do chão por esteios de madeira, de pedras ou até de tijolos cimentados, eles têm sempre planta retangular, são assoalhados, com estrutura de madeira, pés-direitos razoavelmente altos e cobertura de duas águas de telhas. Revestidos de tábuas justapostas verticalmente, assemelham-se no restante às casas e aos ranchos de madeira existentes no vale. Dispõem de uma só porta. Sua estrutura elegante tem o mesmo encavilhamento de junção dos baldrames usados na maioria das casas. Alguns esteios de madeira são vestidos por saias de lata para evitar o ataque dos ratos. Outros, de tijolos com cimentado bem liso para a mesma finalidade, podem ainda receber azulejos para reforçar essa proteção. Todo esse engenho, porém, não impede que muitos proprietários busquem socorro nos venenos químicos contra os roedores.

Os chiqueiros são de dois tipos: fixos, com cobertura de telhas e assoalho, abertos para um cercado um pouco maior, ou então feitos de paus roliços superpostos formando retângulos consolidados por dois paus fincados no solo em cada ângulo, ou com outra geometria de acordo com a topografia. Esses últimos, bastante mutáveis, são armados ou desarmados conforme as necessidades, e podem se acoplar aos paióis. Nesse caso, o vão entre o baldrame e o solo é fechado por pedras e essa parede formará um dos lados da figura geométrica que comporá o chiqueiro.

Os quatro moinhos existentes, de tradição ibérica, são as peças de engenharia mecânica mais sofisticadas de todas as encontradas. Esses pequenos módulos situados sobre os regos d'água que movem suas engrenagens são construídos de forma muito parecida com a dos paióis, só que em escala menor.

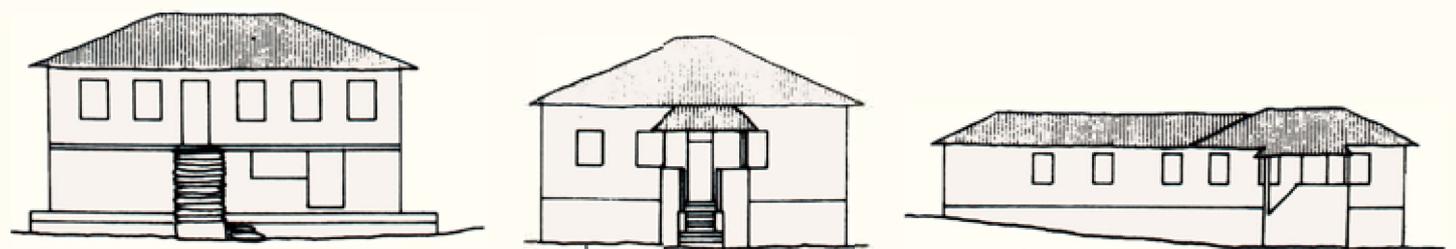
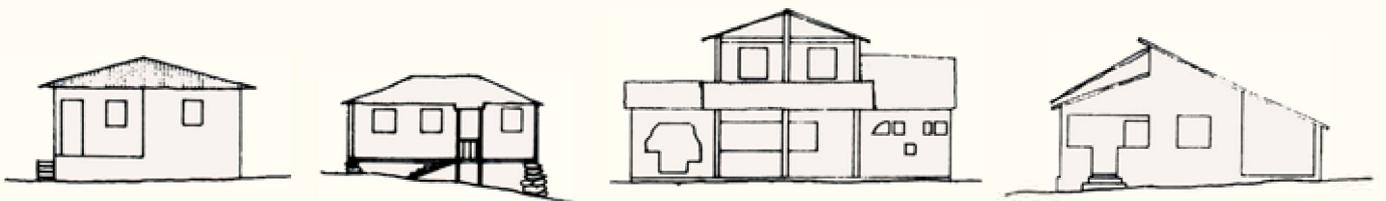
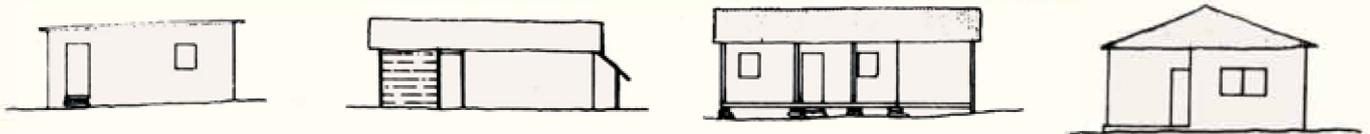
Além dessas construções mais comuns, também existem ranchos de estrutura muito simples disseminados pelo entorno das casas. Quatro paus fincados, cobertos por um telheiro de uma ou duas águas, abertos ou fechados pelos mais diversos materiais, servem para guardar lenha ou qualquer coisa que mereça estar abrigada do relento. Por fim, algumas moradias mais ricas ainda apresentam algumas particularidades, como as interessantíssimas casas de arreo, onde se recolhem todos os apetrechos necessários à tração animal. Arreios, baixeiros, barrigueiras, freios, cabrestos, laços, chicotes, cordas, cangalhas, cangas, correntes, e outras peças assemelhadas estão dispostas com razoável arte e organização. Encontram-se casas de queijo, fogões de fazer sabão, cozinha de matar porcos e uma casa de esmeril movimentada pela força de uma roda d'água. Essas construções seguem o mesmo conceito arquitetônico das demais e compõem, com todos os elementos que rodeiam as moradias, um conjunto de perfeita harmonia construtiva.

Nesse universo integrado, três casas de construção mais recente saltam aos olhos pelas características marcadamente diferenciadas. São as habitadas hoje por Ataíde, Macário e Homero. Com influências das construções urbanas, são assentadas no solo, todas de tijolo, com partido completamente diverso do tradicional. Mesmo apresentando alguns requintes no acabamento a até vitrôs, essas casas são em tudo estranhas às condições ambientais e escapam à harmonia construtiva do conjunto. Duas apresentam telhados de duas águas desencontradas apoiadas em uma parede central sem cumeeira, e com abas soltas, iguais às que proliferam nas áreas urbanas e servem como exemplo do risco que corre todo o universo estético descrito.

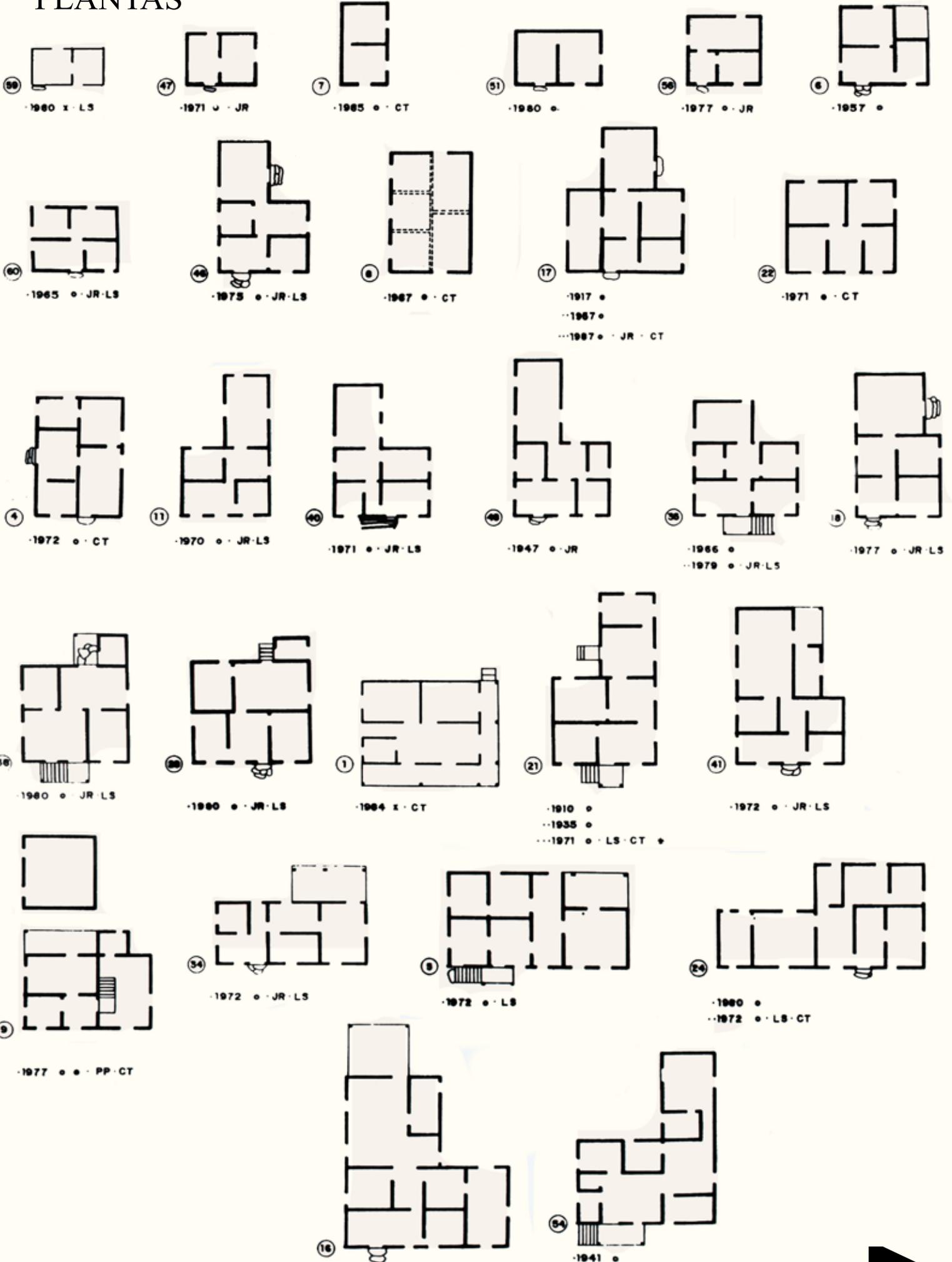


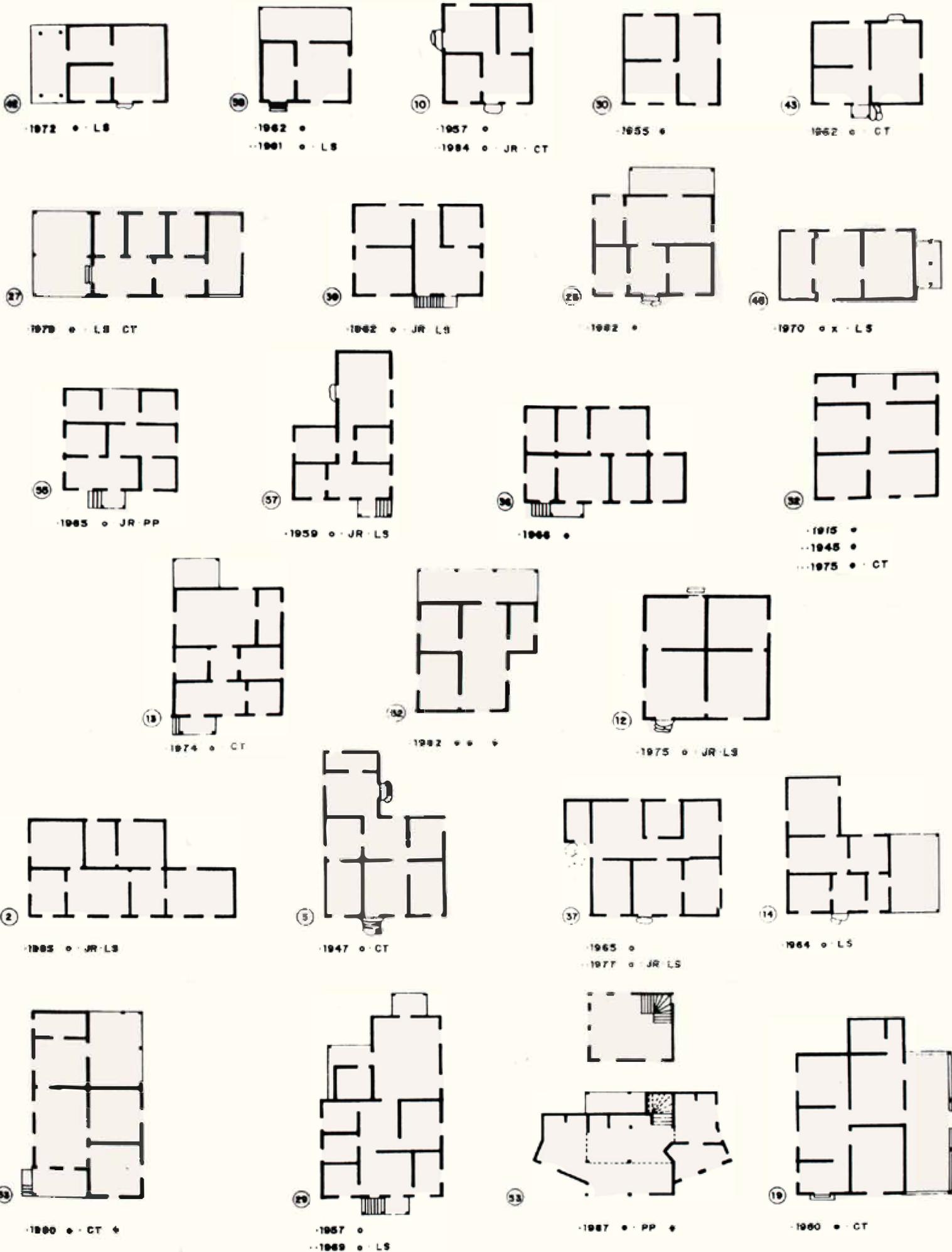
FACHADAS

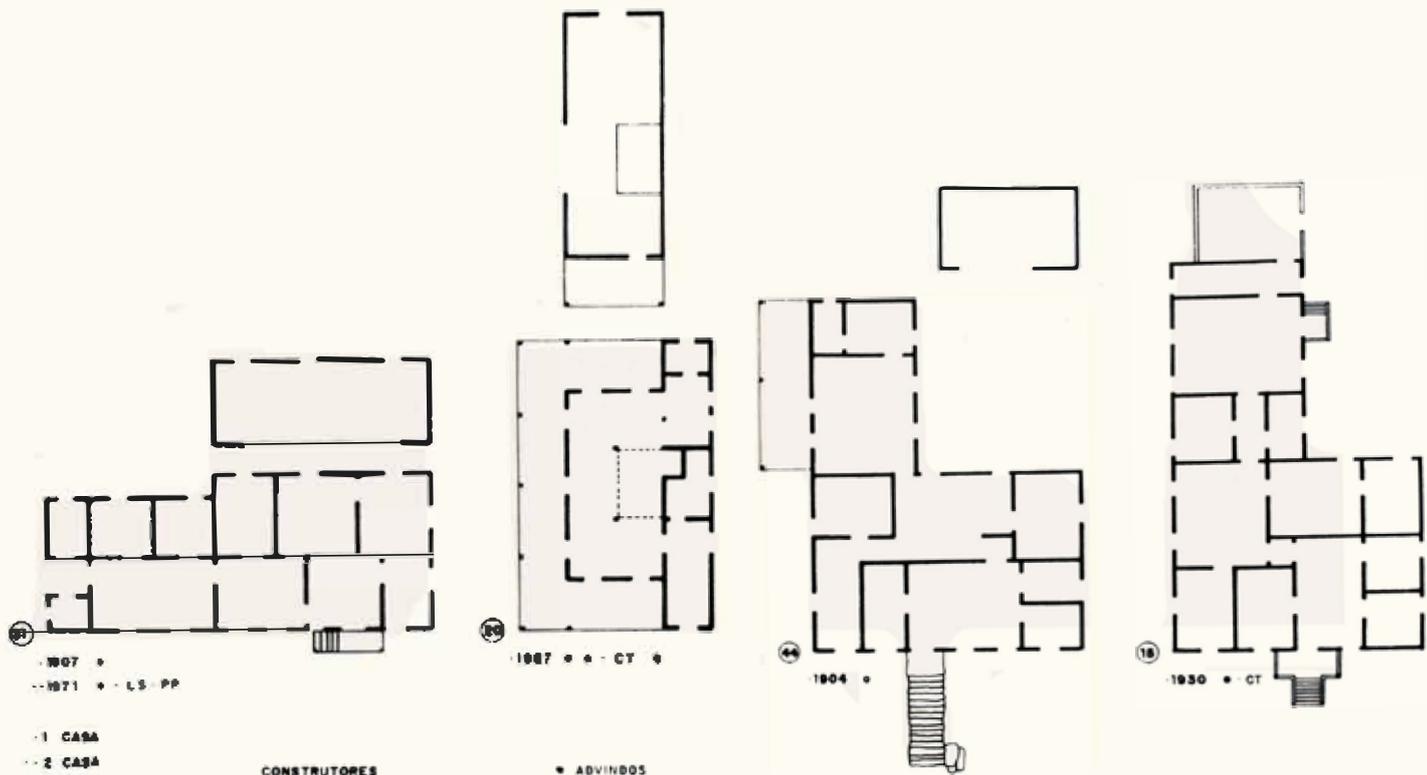
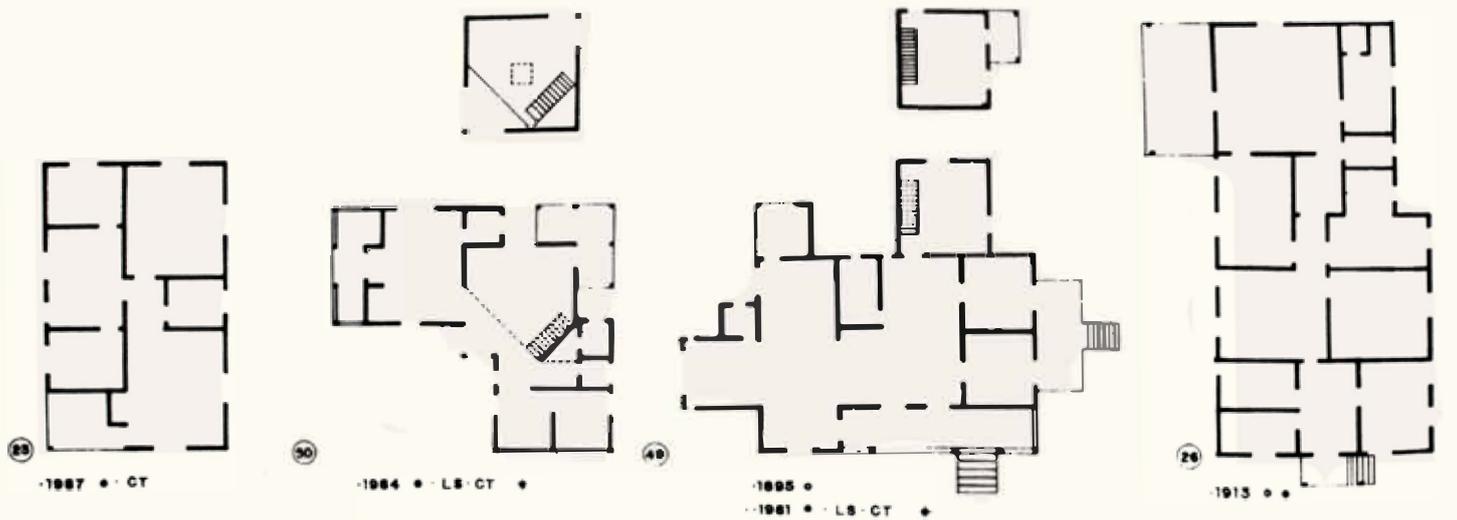




PLANTAS







- 1 CASA
- 2 CASA
- 3 CASA

- PAU A PIVU
- TIJULO
- X MADEIRA

CONSTRUTORES

- LS- LUIS RODOLFO SOARES
- JR- JOAQUIM RODOLFO DA SILVA
- PP- PROPRIETÁRIO
- CT- CONSTRUTOR OUTRO

• ADIVINDOS

As vendas, as escolas, o templo e a colônia de férias, feitos de tijolos, também se inserem no grupo das exceções. Presos ao chão, perdem a melhor característica das construções tradicionais. Duas das vendas, aliás, são tão desastrosamente construídas quanto as três casas de exceção. Por fim, as casas de fim-de-semana dos moradores dos grandes centros urbanos têm variada composição. Todas diferem das dimensões e dos partidos tradicionais, como a sugerir a necessidade de postura que impeçam uma descaracterização arquitetônica da paisagem.

Considerando a presença marcante de Tião e Luís Soares, em quase todas as edificações do vale dos últimos vinte anos, verificou-se a arquitetura de algumas casas de bairros próximos. Duas, bastante antigas, foram também levantadas, uma do Cangalha, outra da Serra, constando-se aí afinidade completa na maneira tradicional de construir. Mais ao longe, foram levantadas duas outras casas. Uma no vale do Garrafão, no município de Alagoa, e outra no município de Itamonte. Nesses dois casos, apesar de uma ser de tijolos⁵, as moradias também guardam intensa semelhança. Essas constatações realizadas em espaço mais abrangente levam à confirmação da existência de um modo de construir tradicional disseminado por ampla região⁶.

A análise permitiu confirmar que construções grandes ou pequenas, novas ou antigas, são feitas, sem exceção, com madeira do local, lavradas as peças maiores, e serradas à mão as tábuas, ripas e todas as outras peças de menor tamanho. Quando possível, utiliza-se a madeira roliça, como no caso dos caibros e paus-a-pique. Verificou-se também o uso de madeiras nobres para construção das estruturas e mesmo a tentativa de adequar determinadas madeiras com qualidades e durabilidades específicas a usos especializados. Os esteios, por exemplo, são de candeia ou de canela. Para os baldrames, a opção mais generalizada recai sobre o guatambu, podendo ser aceitos também a canela, o jacarandá ou, em sua falta, o pinheiro. Os frechais podem ser quase sempre de pinho, mas há os que os preferem das mesmas madeiras dos baldrames. Nos telhados, as madeiras serradas são quase todas de pinho, existindo guatambus nas peças principais. Os caibros, assim como os paus-a-pique, provêm de diversas madeiras escolhidas de acordo com o diâmetro necessário e a disponibilidade das matas acessíveis. As ripas são sempre serradas. Os pés-direitos podem ser de madeira dura ou de cedro. O pinheiro fornece o tabuado do assoalho, das portas e das janelas, que podem também ser de cedro.

Quanto à pintura, confirmou-se, na maioria dessas casas, a utilização da pintura com barro branco, que é refeita a cada um ou dois anos. Poucas incorporam o uso da cal. Os únicos materiais industriais usados nessas casas são os pregos, as dobradiças e as fechaduras das portas de entrada, sem falar daquelas poucas com banheiro, onde já aparecem as peças necessárias à sua instalação. As telhas também hoje são compradas fora do vale. Constatou-se, na construção de parte de uma edificação da casa do Sr. Landulfo, a utilização de adobe, técnica construtiva usual na região da Aiuruoca.



Particularidade significativa e surpreendente é uma viga de tamanho descomunal encontrada no centro da estrutura de apoio dos barrotes da casa do Geraldão Treva. O proprietário, orgulhoso da solidez de sua moradia, referiu-se a essa peça como a “viga madre”. Trata-se de um tronco de pinheiro lavrado com as dimensões de trinta e cinco por vinte e oito centímetros de seção por treze metros de comprimento, com seu lado mais estreito assentado sobre um muro contínuo de pedras situado no porão e localizado exatamente sob o alinhamento da cumeeira principal. Essa viga chega a até alguns centímetros dos baldrames nos dois extremos laterais da casa, mas não tem ligação estrutural com eles. Peça com mais de oitenta anos que se encontra em perfeito estado de conservação, sem recalques ou qualquer outro problema maior de manutenção, como, aliás, a maior parte da estrutura de toda essa construção.

Essa descoberta, aliada às dimensões avantajadas de madeiras de sustentação de muitos pisos de assoalho e outras tantas peças estruturais, em especial as das construções mais antigas, levou a três constatações. A primeira, a de que as casas em geral usam material de tamanho superior às necessidades reais. Esse superdimensionamento das madeiras, junto à excelente qualidade de muitas dessas peças, é em grande parte o responsável pela durabilidade excepcional de algumas dessas casas. A vida útil da maioria delas é de vinte a trinta anos, existindo aquelas com mais de sessenta ainda em plena capacidade de uso. Por outro lado, nem sempre a capacidade e a resistência das madeiras são aproveitadas no sentido da maior economia. Casos há, e constantes, em que os apoios são feitos sem tirar proveito da melhor utilização dos materiais empregados. Esta constatação é válida em especial para a estrutura dos telhados.

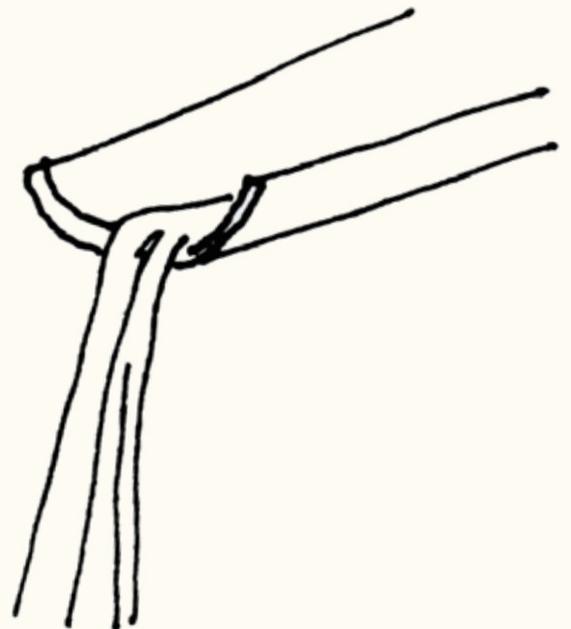
A segunda constatação é a de que as casas mais antigas, de um modo geral, são construídas com peças de maior porte, tanto no comprimento quanto na seção, como a traduzir a história da ocupação do vale através do uso, primeiro, das madeiras maiores e mais nobres e, em seguida, das menores e de menor valor. Essa constatação foi confirmada na maioria das casas, mas não determina uma regra absoluta. Pode-se inferir daí que a Pedra do Papagaio, onde os guatambus e outras madeiras duras aparecem hoje com menor frequência e o pinheiro já

substitui essas peças mesmo nos barrotes, é área de ocupação mais antiga, em que as matas desapareceram há mais tempo.

A terceira constatação é a de que todas essas casas são repositórios de informações sobre a história e a qualidade da vegetação arbórea do vale. Assim, todas também fazem as vezes de museus vivos da forma de trabalhar a madeira ao longo dos anos, da maneira de construir e da quantidade e qualidade das madeiras disponíveis na região ao longo de sua ocupação.

No estudo dessas casas levantou-se também, a relação que mantêm com seus entornos, equipamentos e construções anexas, permitindo uma visualização da maneira de organizar esses complementos indispensáveis à vida de cada família. À primeira vista, nesses entornos aparece uma diferença significativa entre a quantidade de equipamentos das famílias ricas e pobres. Essa diferenciação também surge quando se comparam aos arredores das famílias numerosas com aqueles das compostas por poucos membros. Assim, entornos de proprietários mais abastados ou com maior número de filhos têm uma quantidade grande de equipamentos, podendo até dispor de mais de um paiol, e ter de dois a três chiqueiros. Os pequenos proprietários terão hortas e chiqueiros, mas quase nunca currais. Se dispõem de algum gado, podem ter apenas um mangueiro. Todos contam com bicas nos terreiros atrás das casas, e os mais ricos com a presença de água encanada ao menos em pia na cozinha, quando não desfrutam do conforto de banheiros.

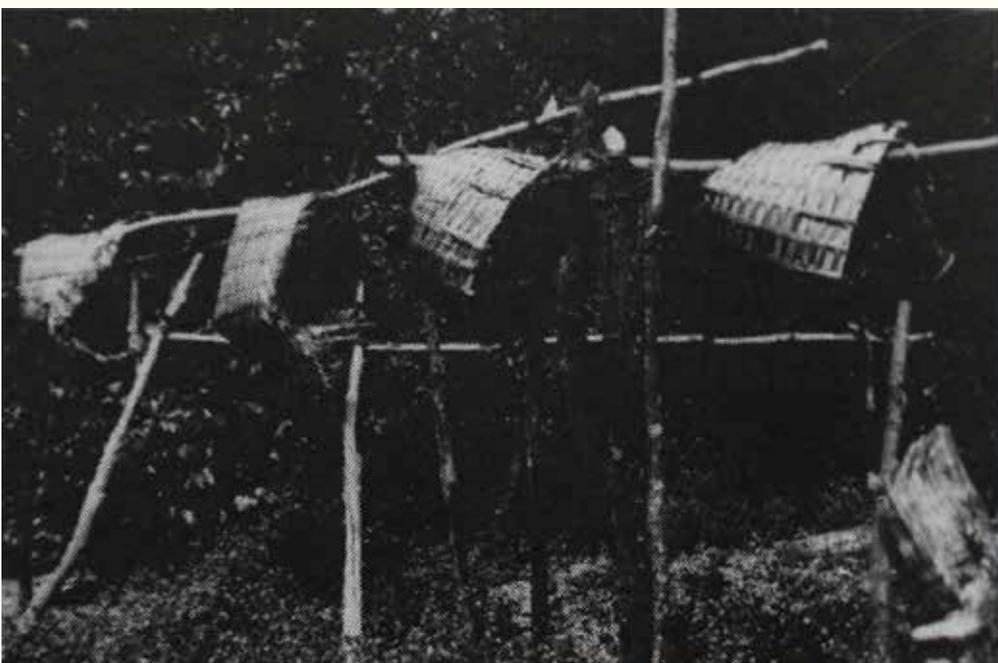
As maiores propriedades, além de sempre ostentarem curral e mangueiros, todos esses com o piso sofrendo de erosão acelerada⁷, apresentam também pelo menos duas cercas envoltórias. Uma cerca mais ampla separando os pastos da moradia, e outras protegendo, nessa área próxima, capineiras, árvores frutíferas, milharais e hortas, do assédio dos animais. As pequenas propriedades podem ter cercadas apenas hortas e uma ou outra plantação mais específica. Nesses últimos casos, a maneira de implantar essas divisórias mostrou-se também bastante interessante. Os espaços reservados vão sendo ampliados à medida que



as necessidades surgem, e a forma resultante desenha um acúmulo de cercas se complementando, cada uma a mostrar acréscimos, ao longo dos anos, de acordo com o modo de fazer mais econômico e prático.

As cercas externas são constituídas geralmente de três fios de arame farpado presos a mourões de candeia fincados a cada dois ou três metros. A grupos de oito ou dez mourões feitos de madeira rachada intercala-se um tronco roliço inteiro para estabilizar o conjunto. As cercas internas são, na maioria, de madeira serrada para os mangueiros e de paus ou taquaras para as hortas. As residências mais modestas podem apresentar cercas externas de madeira, como a mostrar a falta de recursos para o arame.

A situação das casas também se reflete no tipo de plantação. Assim, aquelas mais próximas das baixadas, sujeitas a um maior castigo das geadas, terão pouca



ou nenhuma bananeira no seu entorno, enquanto nas situadas em encosta alta os bananais predominam. A maioria das habitações têm uma touceira de bambu por perto, dada sua abrangente utilidade. A quantidade e a qualidade dos plantios também resultam do que se dá para o gado, em geral cana, milho, capim napie, folhas de banana, e também daquilo que a família consome. Um silo, muito raro, encontrado só em uma das casas tradicionais, hoje subutilizada, pode determinar a localização das plantações a ele relacionadas.

Os móveis são predominantemente construídos na própria área do vale. A maioria deles feitos em casa pela própria família ou então pelos carapinas Luís e Tião Soares. Mobiliário sóbrio, estritamente relacionado às necessidades básicas como camas, mesas, bancos, baús, armários, caixotes e prateleiras. As cadeiras, em geral, já são de fazer industrial. É importante notar também a existência de peças extremamente rústicas. Muitas camas feitas de paus roliços dispostos sobre duas travessas de paus também roliços suportados por duas forquilhas fincadas no chão de um lado, e, de outro, apoiados no próprio pau-a-pique da parede. Os utensílios encontrados também se revelam de estrita necessidade, muitas vezes com latas fazendo as vezes de panelas ou jarras.

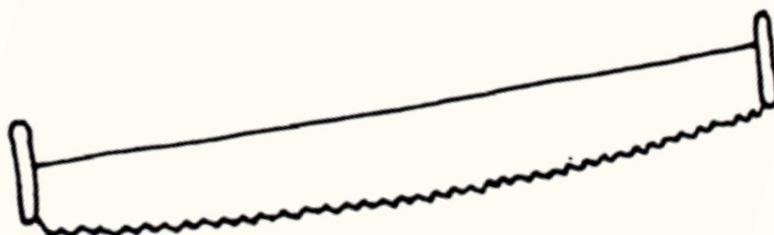
Algumas casas foram estudadas em todos os seus detalhes, e desenhadas de forma a se poder reconstruí-las com suas particularidades. Na menor dessas moradias, levou-se a efeito uma avaliação do material utilizado para sua confecção, e se constatou que a casa, com 42 metros quadrados, utilizou 4,50 metros quadrados de madeira e 8 metros cúbicos de barro. As telhas da cobertura são 1.216 peças, e as pedras dos esteios correspondem a um metro cúbico.

Procurou-se verificar que técnicas construtivas de terra tradicionais conhecidas se adaptariam tão bem quanto o pau-a-pique na área do vale. Para isso, foram pesquisadas todas as técnicas com terra conhecidas. A conclusão indica que a taipa de pilão, o adobe, o chorizo e o bahereque seriam as técnicas mais recomendadas. O adobe e os tijolos, hoje utilizados, apresentam o inconveniente do peso excessivo, que impossibilita sua utilização em estruturas soltas do solo. No caso dos tijolos furados mais leves, poderiam ser empregados sem qualquer problema como elemento de vedação dos vãos verticais. A taipa usada em construções urbanas da região também criaria dificuldades quanto à vinculação ao chão. O chorizo e o bahereque nada mais são do que formas de pau-a-pique com pequenas diferenças estruturais, ambas vinculadas à tradição ibérica e que, junto com o pau-a-pique, devem ter passado à América Latina pela mão dos colonizadores.

Conclui-se daí que, entre as formas tradicionais de arquitetura de terra, o pau-a-pique, as suas variações ou adaptações, e a utilização de elementos como tijolos furados que o substituam, é a forma mais apropriada de se construir nessa área, dentro dos padrões socioeconômicos existentes.

NOTAS:

1. Há ainda um outro exemplo a ser citado. Antônio Macário morou no vale em casa construída por seu pai para ser o Grupo Escolar. Essa casa de pau-a-pique, feita nos moldes tradicionais, tinha uma sala atípica de grandes dimensões, que era usada como sala de aula. Em 1972 construiu-se o Grupo novo e a família continuou a morar na casa. Depois, em 1977, mudaram-se para a cidade. Cinco anos mais tarde, Macário derrubou a casa velha e construiu uma nova, de tijolos, em local próximo da anterior. Essa casa nova, com características notadamente de influência urbana, é um dos exemplos de rompimento de tradição cultural.
2. Em outras regiões, os meses secos são mencionados como os meses sem “R”: os meses de maio a agosto.
3. As designações construtivas são as usuais na região e coincidem com Corona e Lemos, Dicionário de Arquitetura Brasileira, São Paulo, Edart, 1972.
4. “Somente os portugueses, que em ondas maciças invadiram Minas, é que vieram introduzir estruturas de madeira nas casas urbanas e rurais, levantando-as do solo, libertando-as da topografia íngreme, arejando-as por baixo, criando novos espaços inferiores com novas funções extra-habitacionais” (Carlos Alberto C. Lemos, A Casa Colonial, USP, s. d.).
5. A casa da Fazenda do Garrafão, construída de tijolos, bastante antiga, segundo informações colhidas ali, situa-se no mesmo local onde existiu a sede da fazenda dos jesuítas, que deixaram a área cerca de 1750. Não distante dela existe um túnel cavado na rocha com um metro quadrado de seção e sessenta metros de desenvoltura, que teria servido para mover uma roda d’água pelo desvio do rio do Garrafão.
6. O levantamento de Clayton Ferreira Lino no alto vale do Ribeira, que esmiuçou uma comunidade de mineiros migrada para essa área em fins do século XVIII, também documenta a mesma técnica construtiva.
7. No curral do Geraldão Treva é visível a perda de cerca de um metro de altura de terra, o que obrigou o proprietário a construir um trecho novo da escada para atingir o primeiro degrau da antiga.





Casas de pau-a-pique com estrutura portante em madeira na região da Serra da Mantiqueira, cedidas por Marcelo Ferraz de seu livro *Arquitetura rural na Serra da Mantiqueira* (1992) - até página 134





A presença da madeira na estruturação das ca-sas, paióis, chiqueiros, galinheiros, tanques, etc.





Quarador (acima)
e fornos (à esquerda e abaixo)





Interior de cozinhas com utensílios pendurados e fogão a lenha



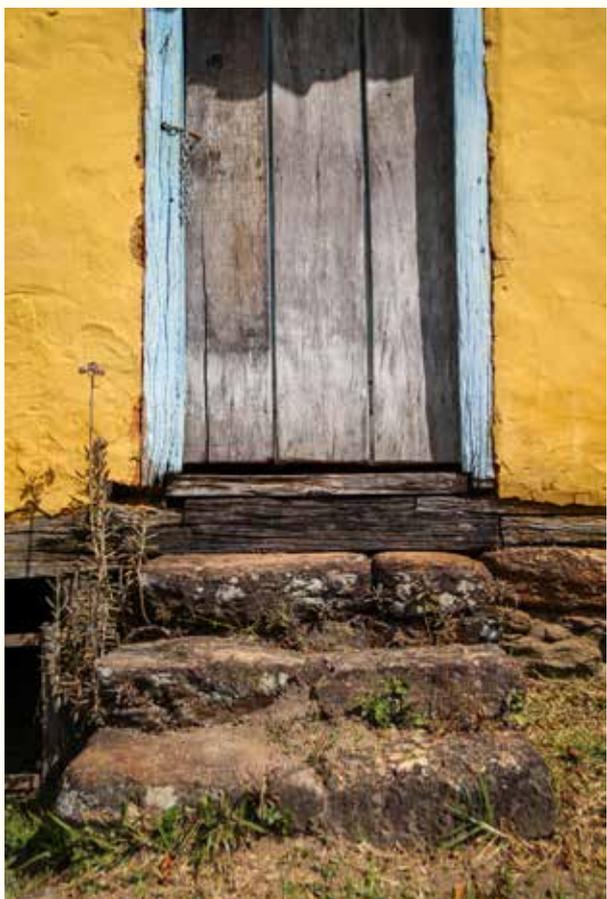


Casas do Matutu, vistas da Cabeça do Leão (acima).
Casarão do Geraldão (abaixo). Fotografias de Bárbara Vieira (páginas 135-139)



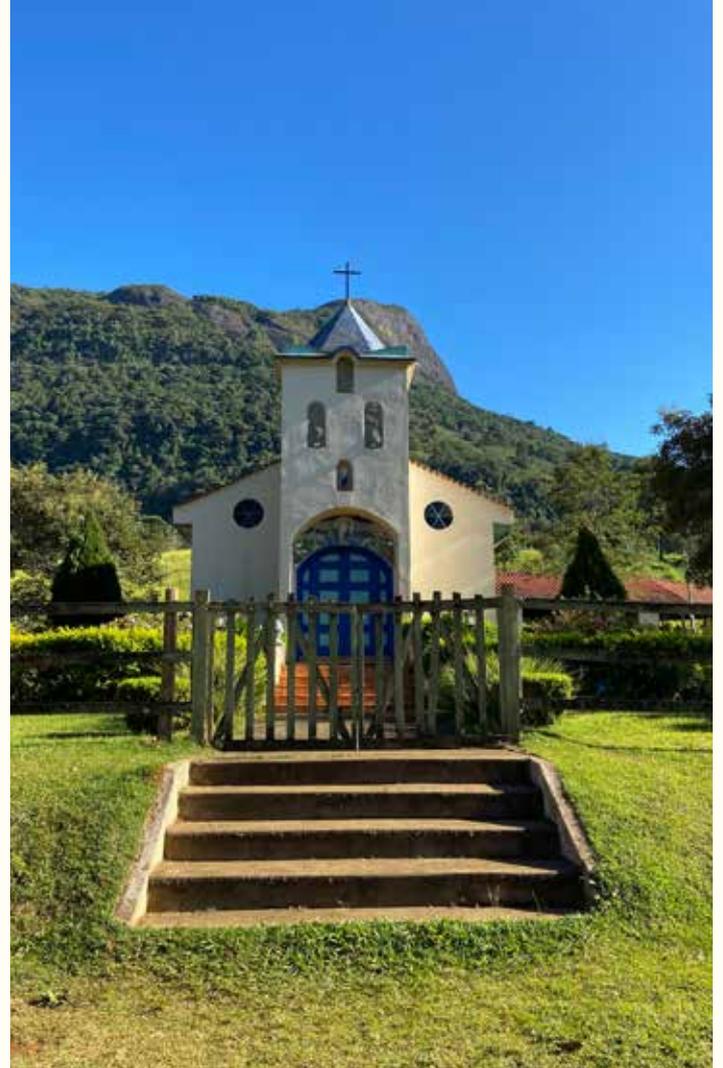


Casa de pau-a-pique do Maé no Matutu (acima), e detalhes de casa original (abaixo)





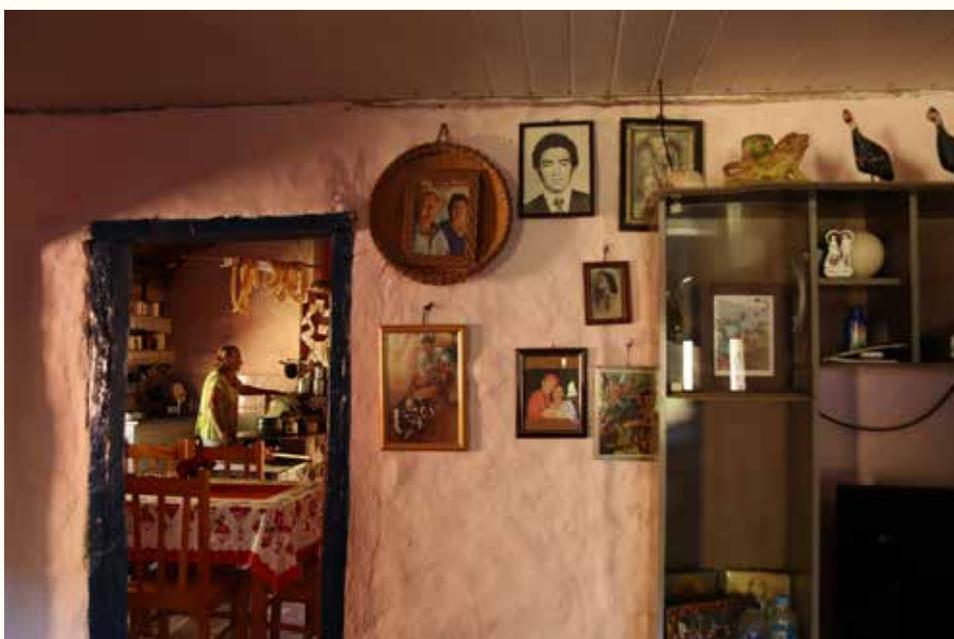
Construções de templos religiosos.
Capela de Nossa Senhora de Fátima (ao lado). Igreja
Cândido (abaixo à esquerda). Igreja da Pedra (abaixo)





Interior de casas em Aiuruoca: sala da casa do Maé (acima à esquerda) e quarto da casa de Dona Amélia (à direita). Casa original de pau-a-pique (abaixo)



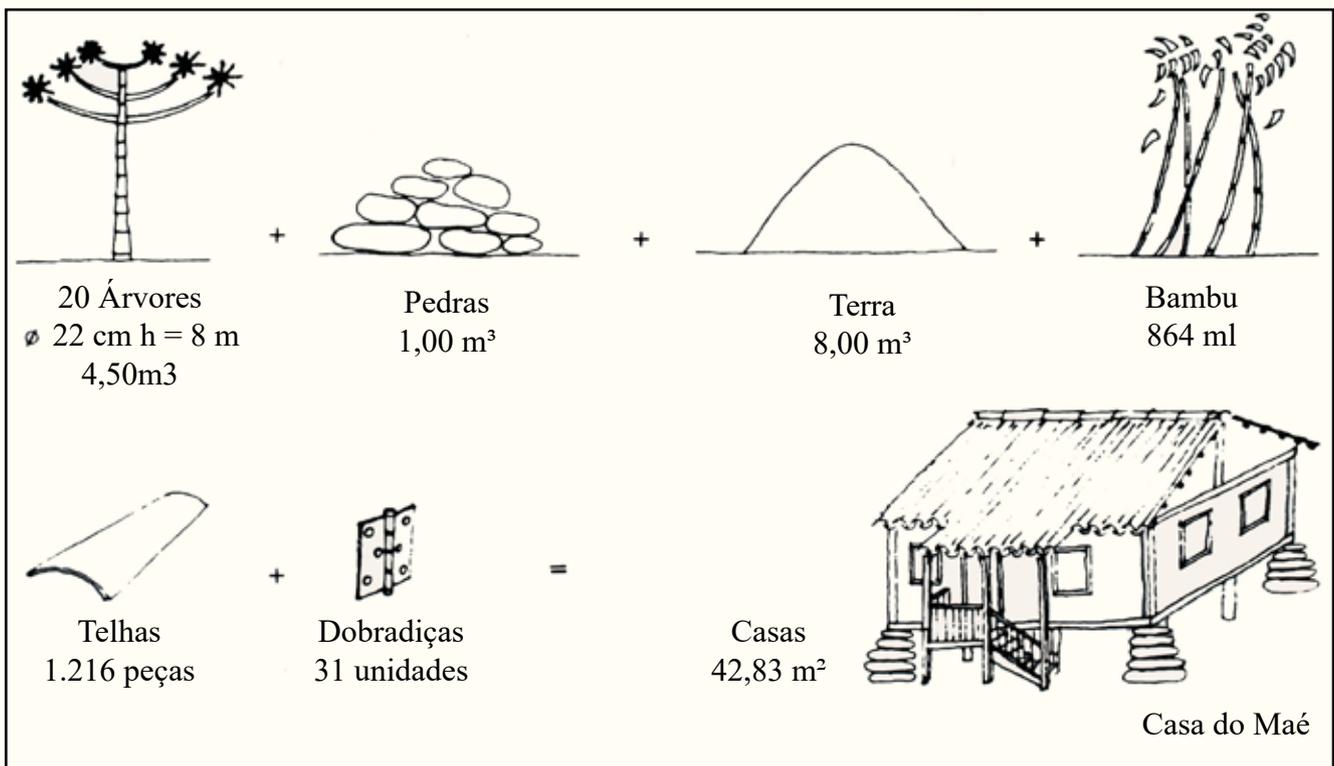


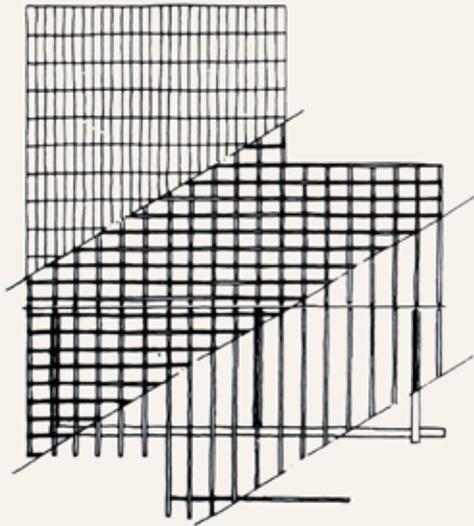
Interior da casa de Dona Amélia:
telhado, cozinha e sala de estar.
Fotografias de Bárbara Vieira.



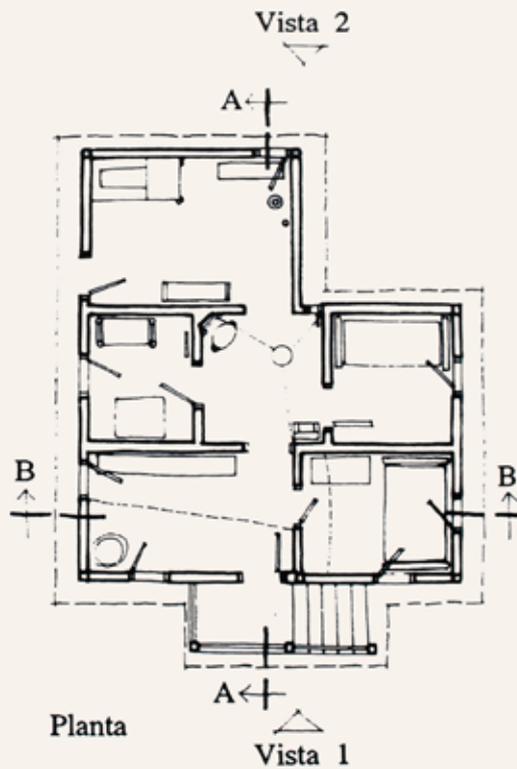
5. AS CASAS E SEUS ENTORNOS

*Nem te direi que tuas terra estejam morrendo,
ou, abandonadas, sejam apenas sepulcros.
Em que nem vida vive, nem pão, medra.*

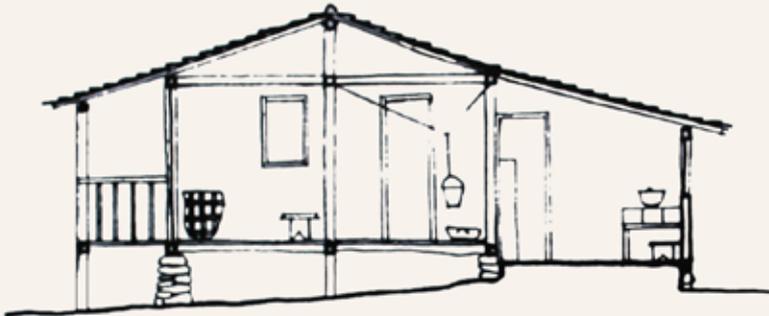




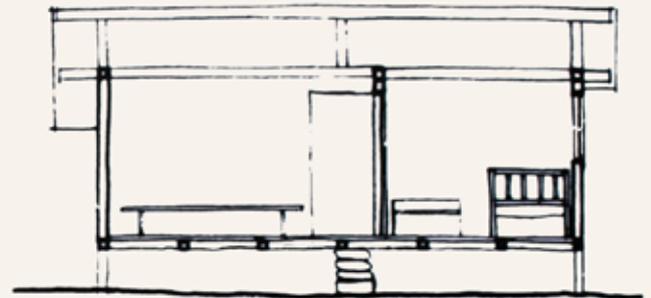
Planta Cobertura



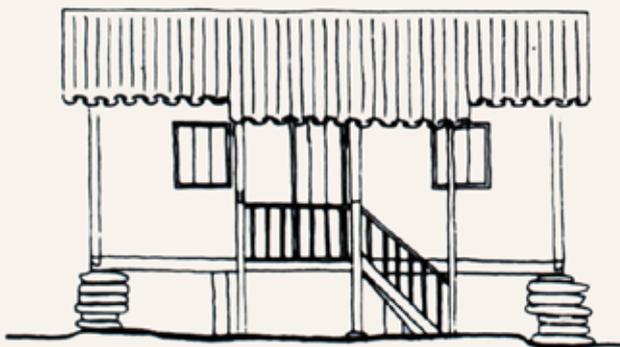
Planta



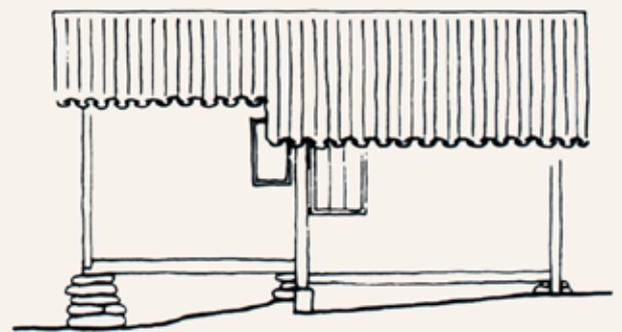
Corte A-A



Corte B-B

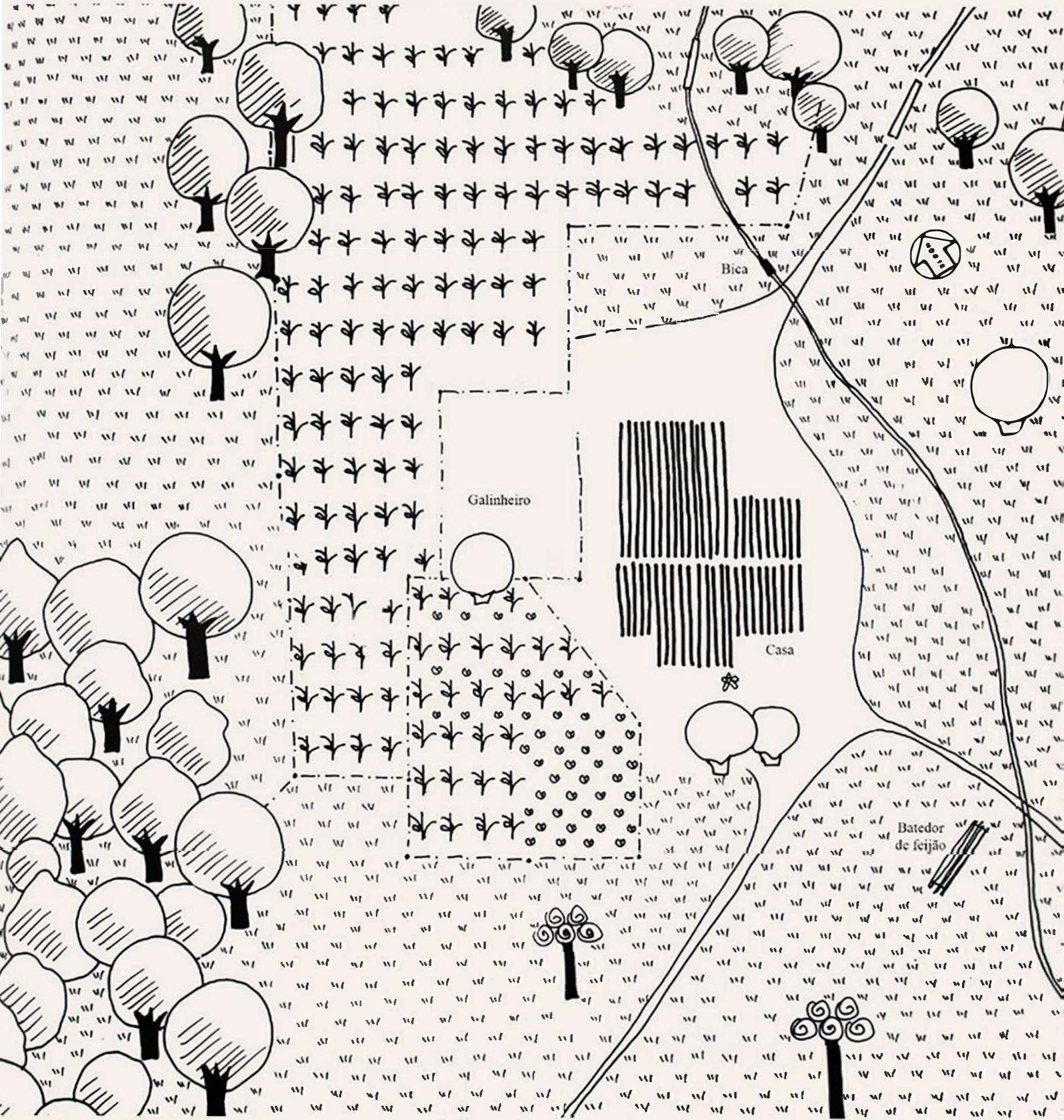


Vista 1



Vista 2





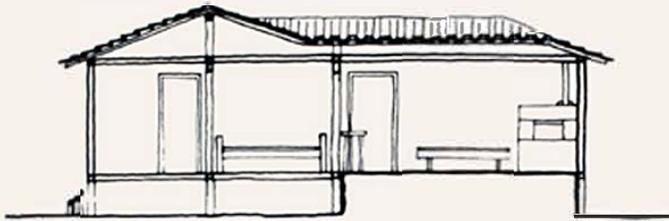
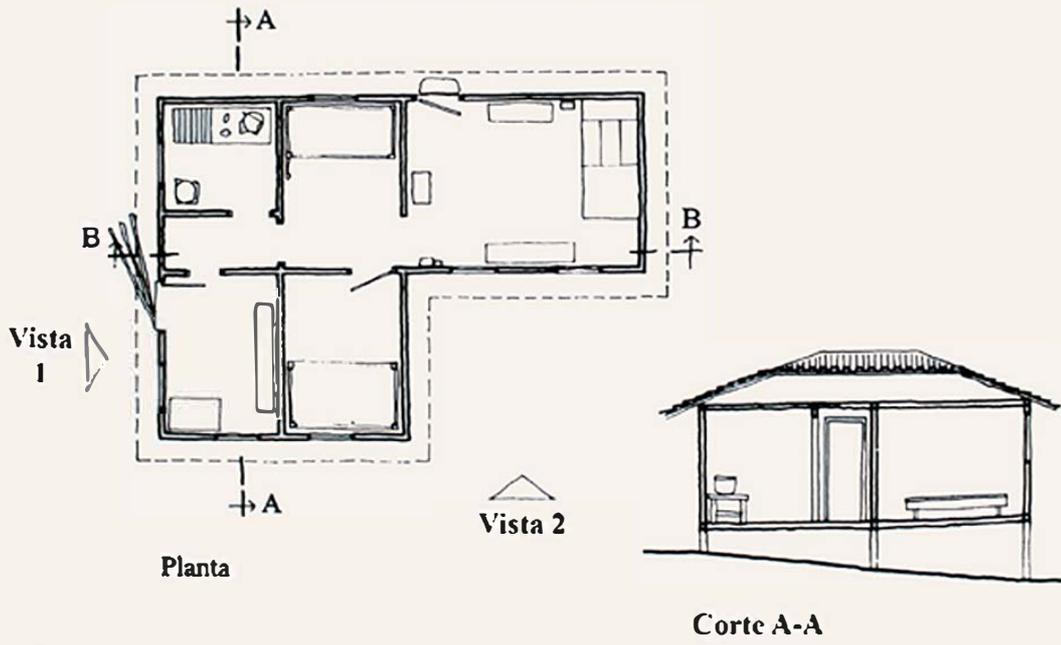
Galinheiro

Bica

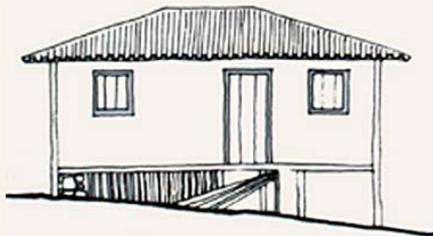
Casa

Batedor
de feijão

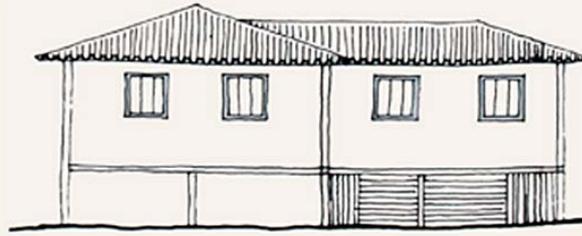
JOSÉ RIBEIRO DA CRUZ



Corte B-B

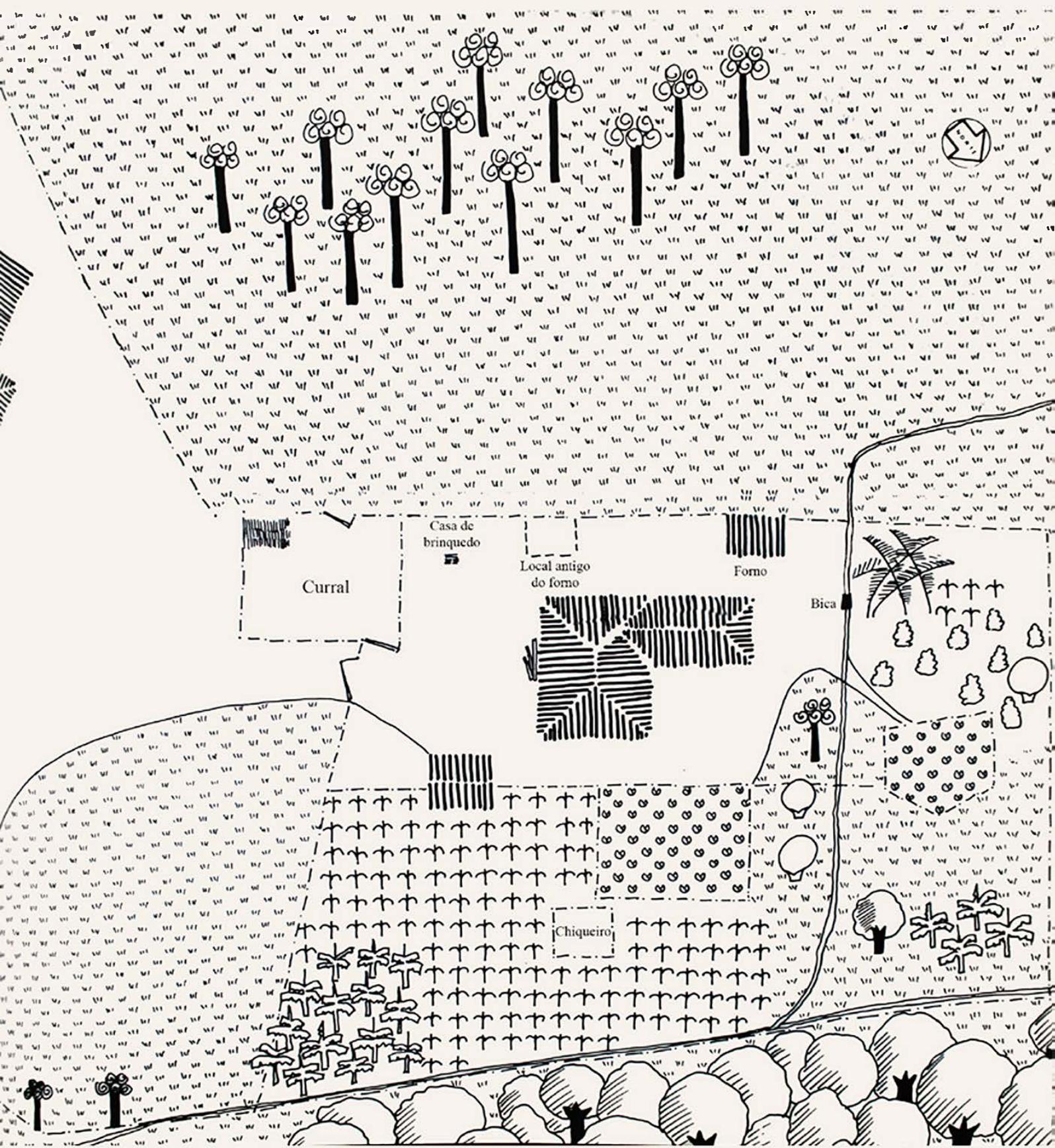


Vista 1

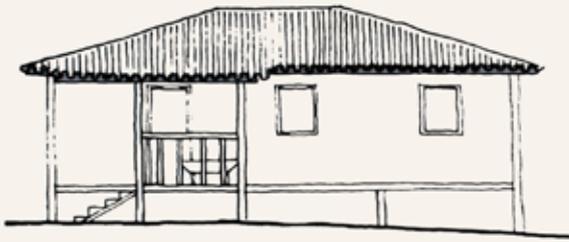


Vista 2

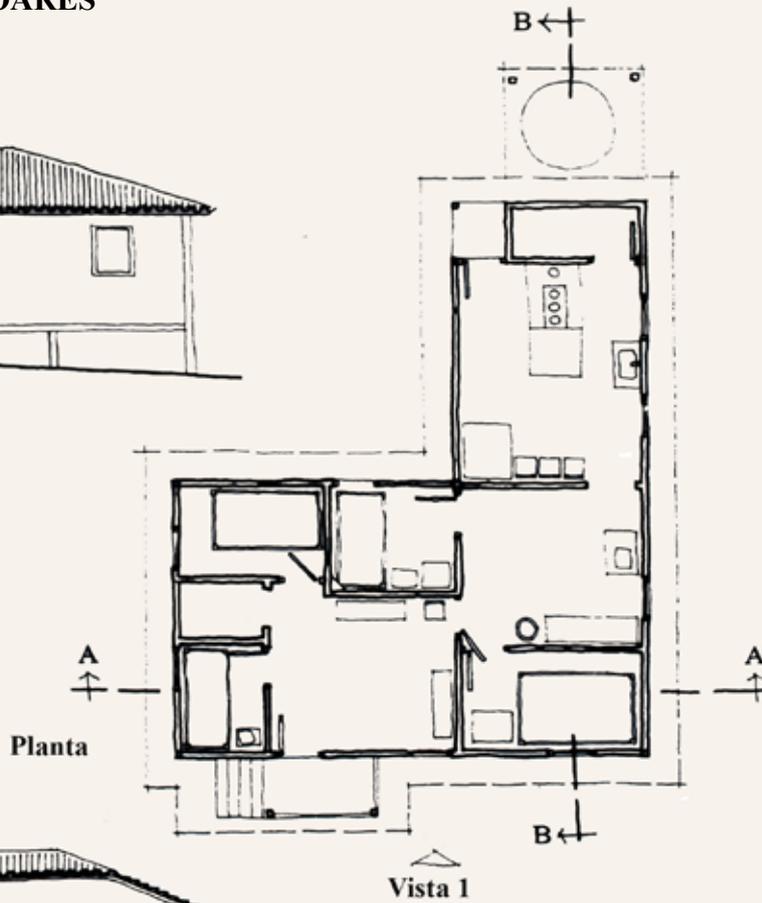




LUIS RODOLFO SOARES

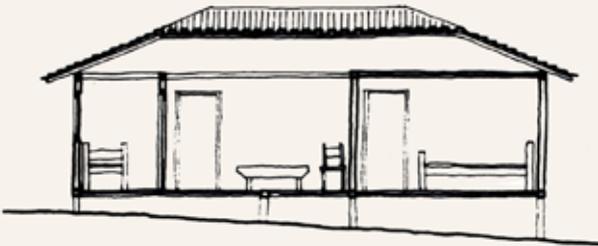


Vista 1

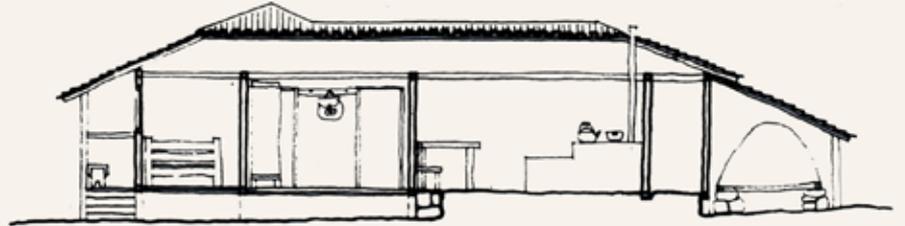


Planta

Vista 1

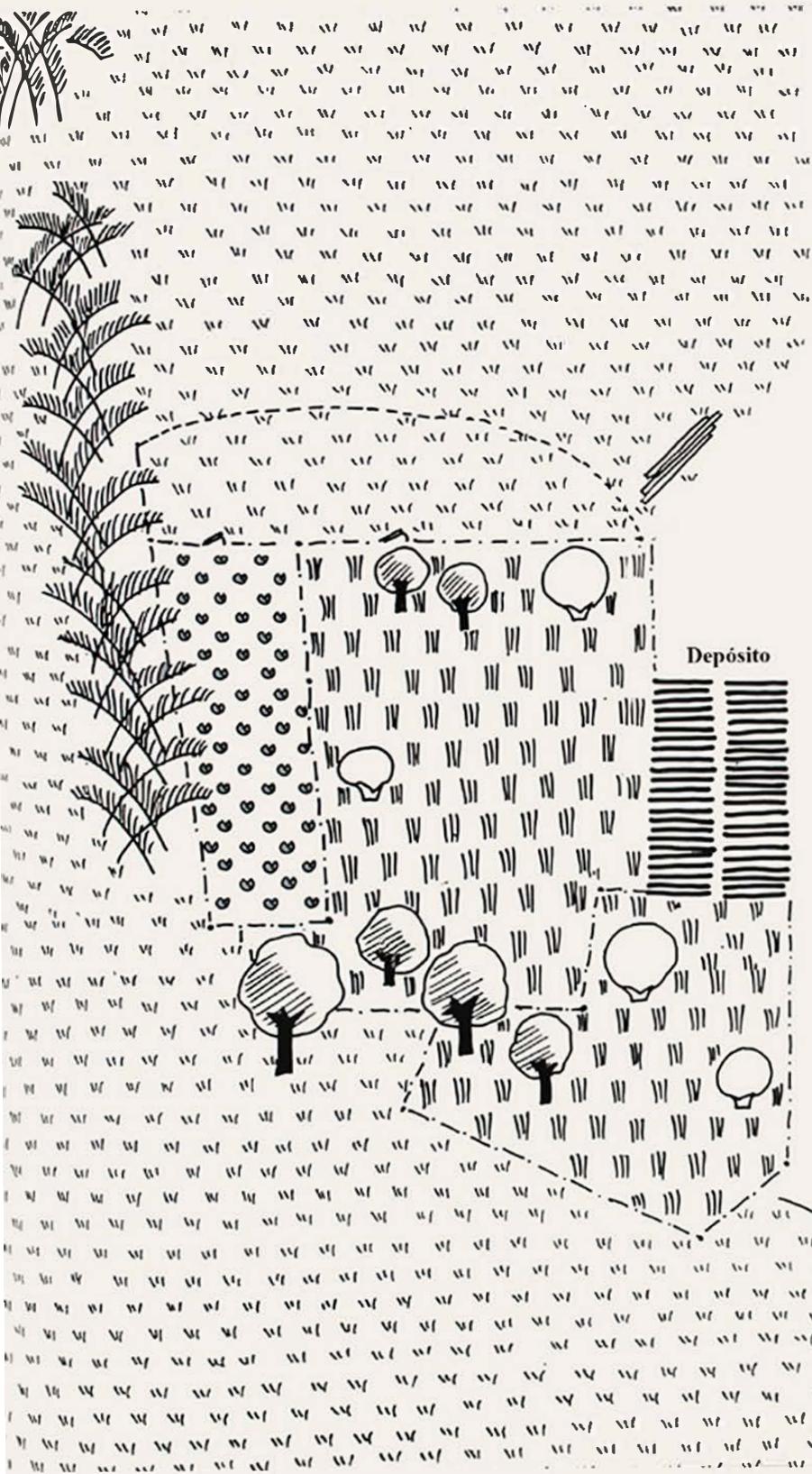


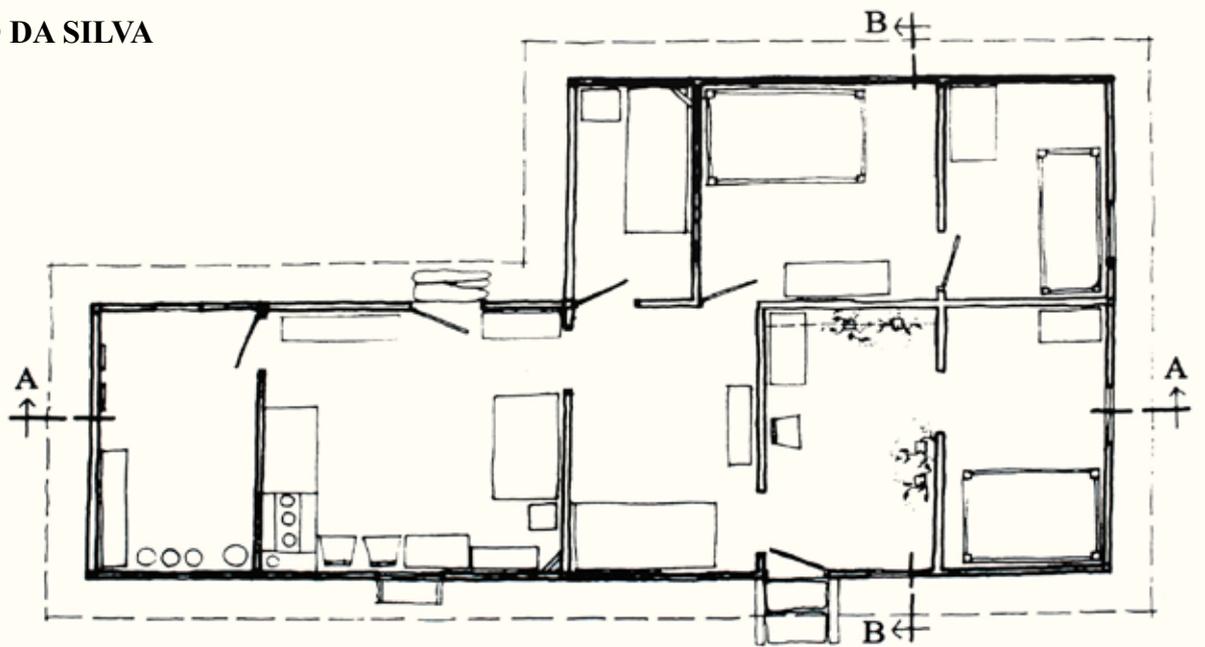
Corte A-A



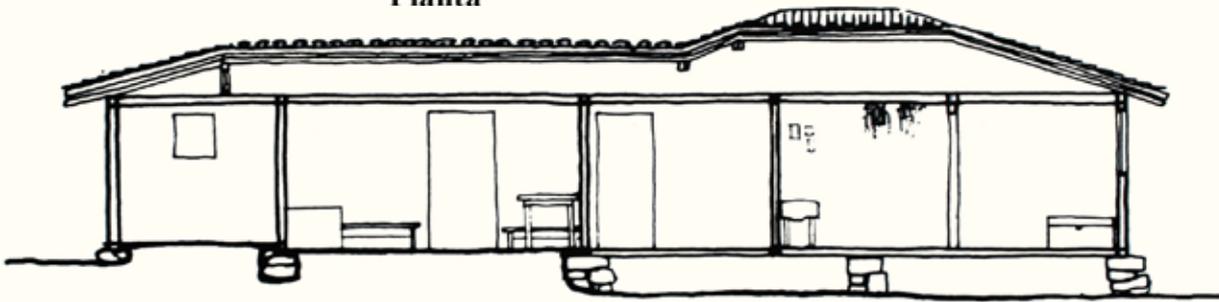
Corte B-B



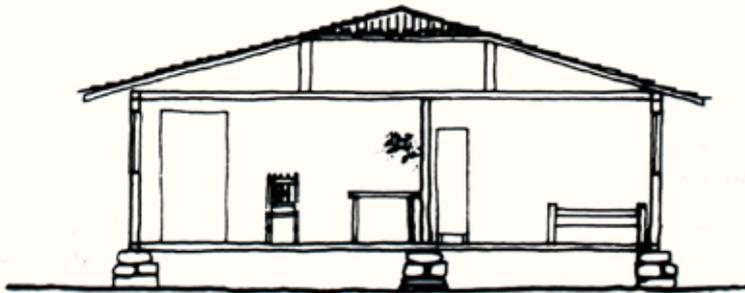




Planta

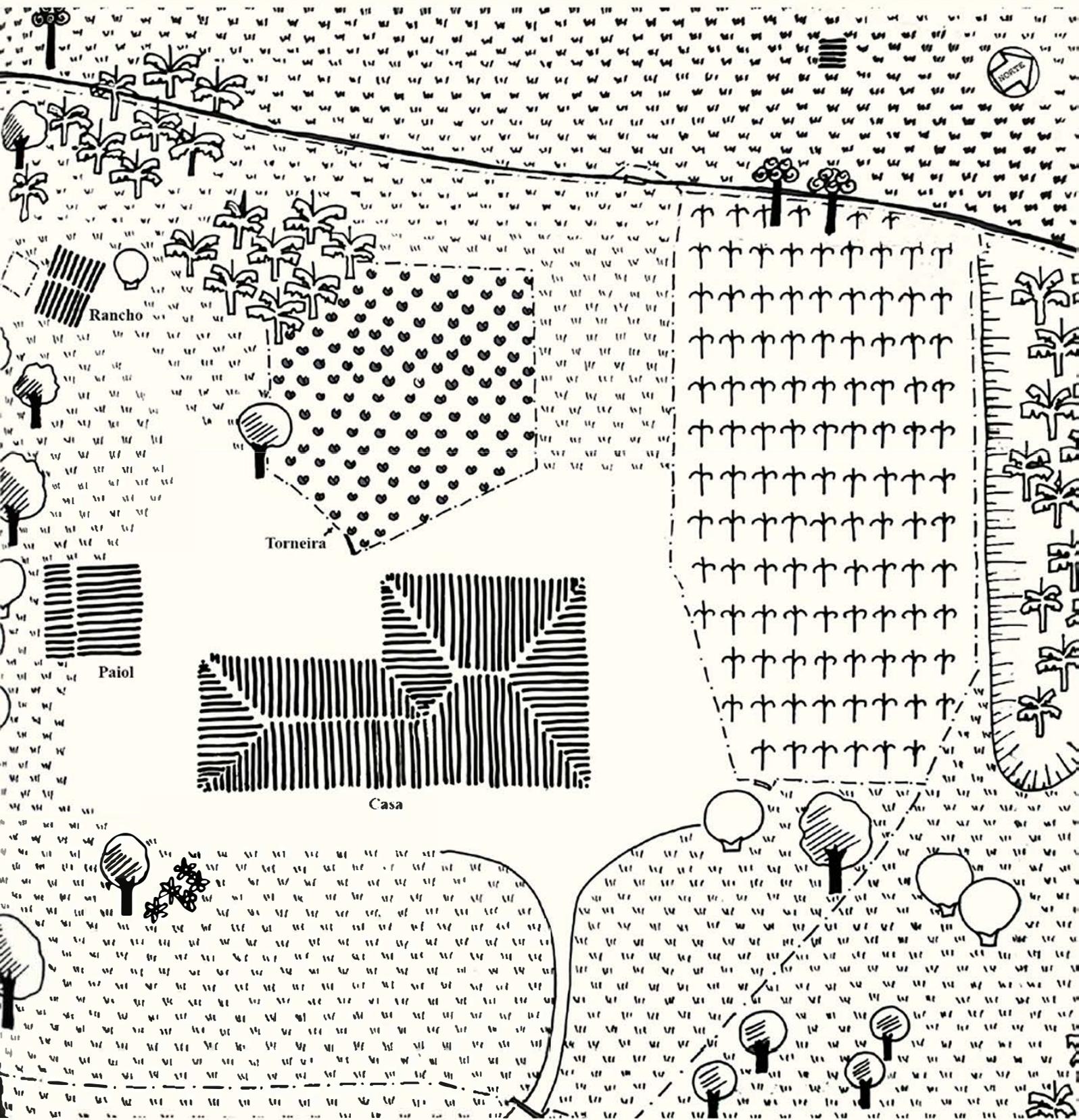


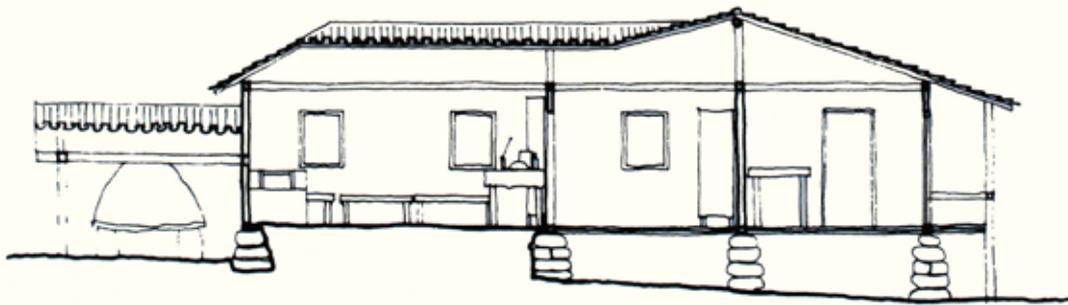
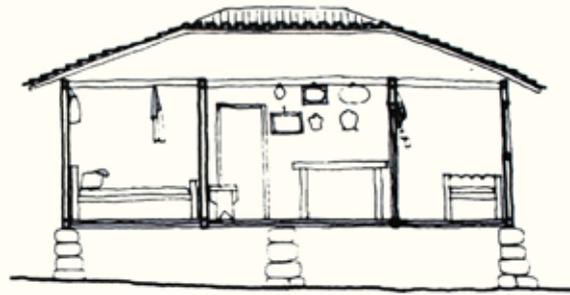
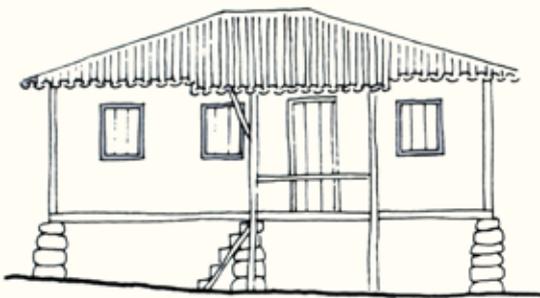
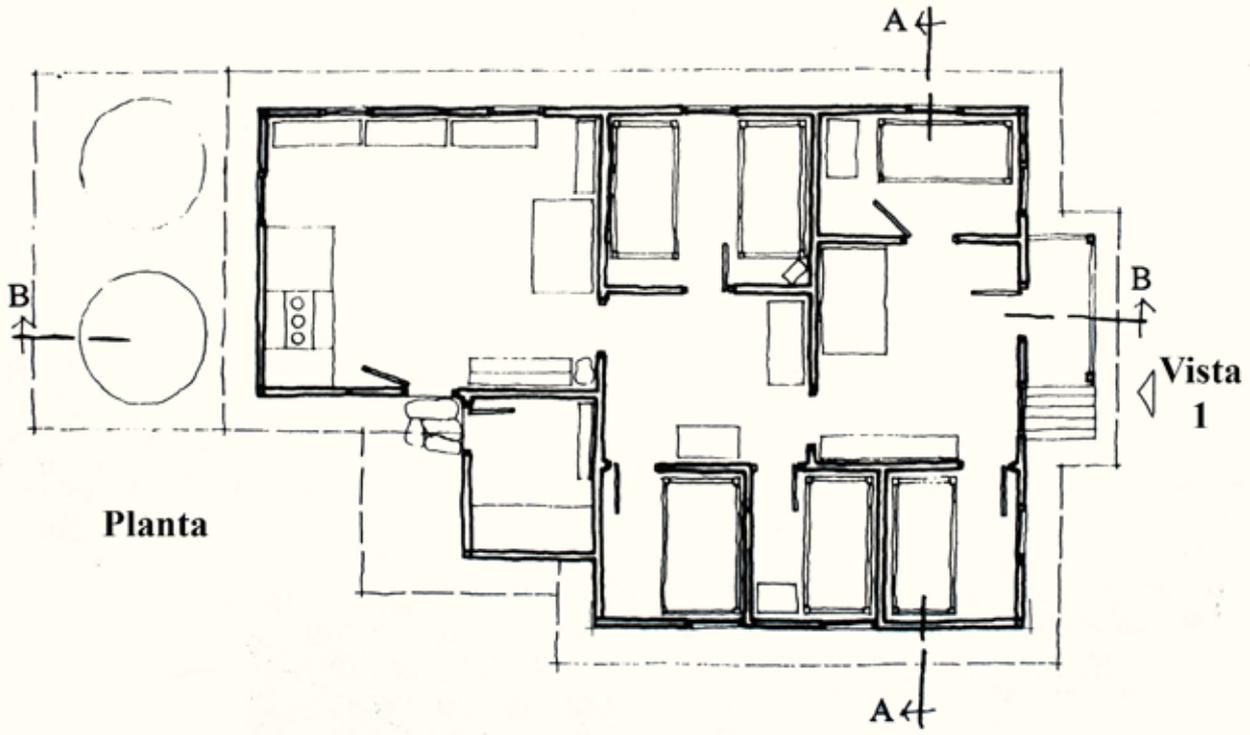
Corte A-A

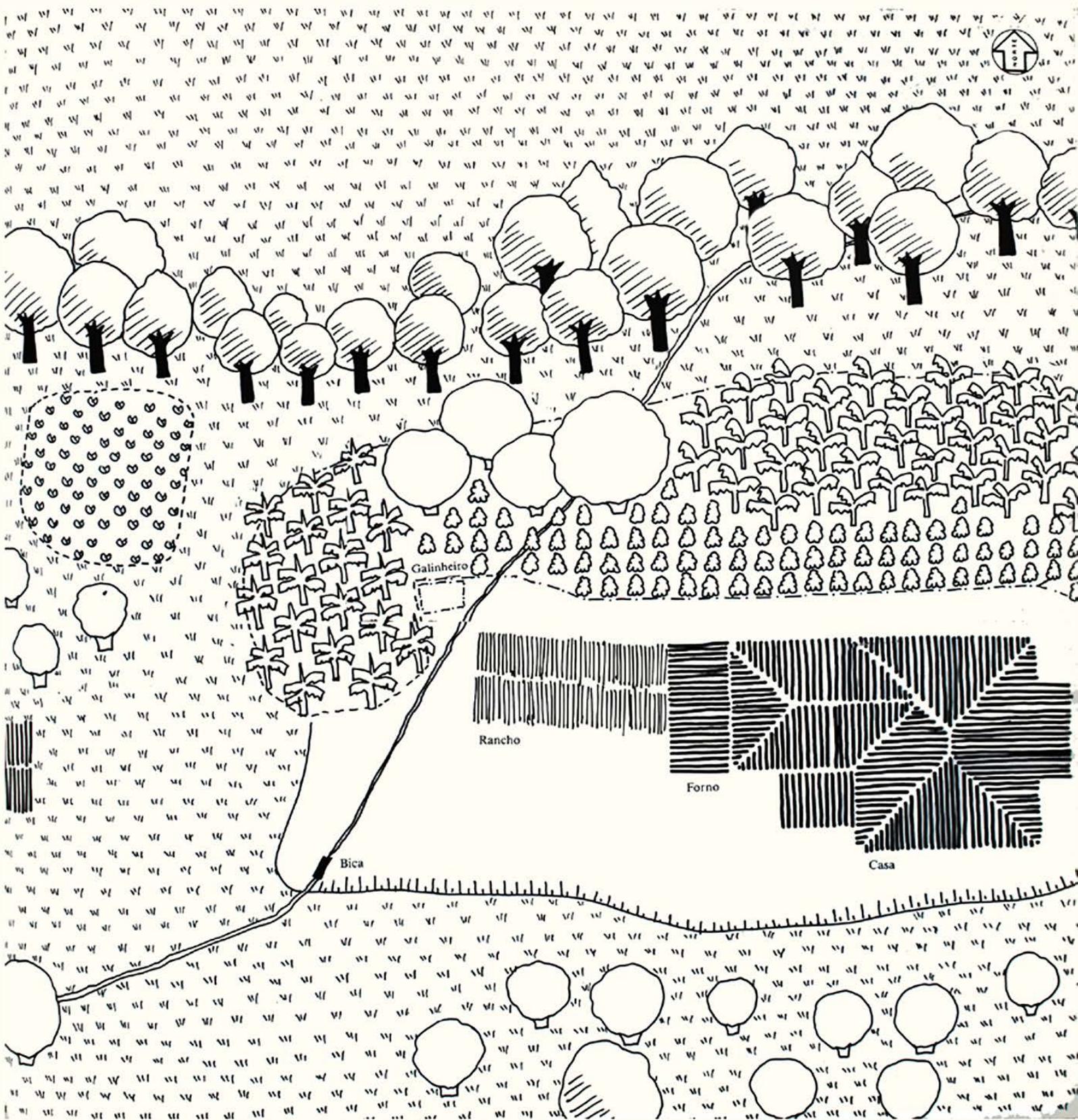


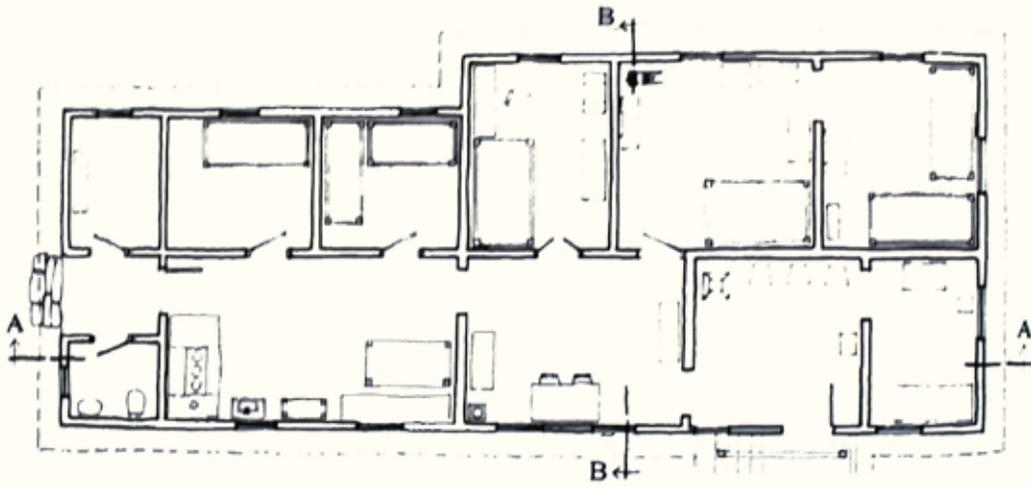
Corte B-B



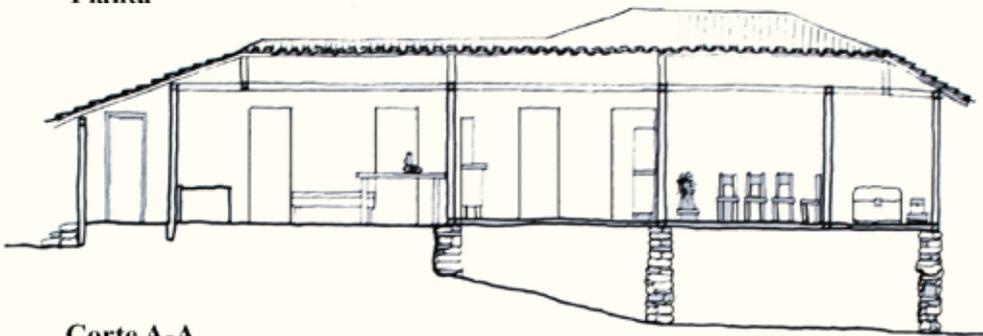




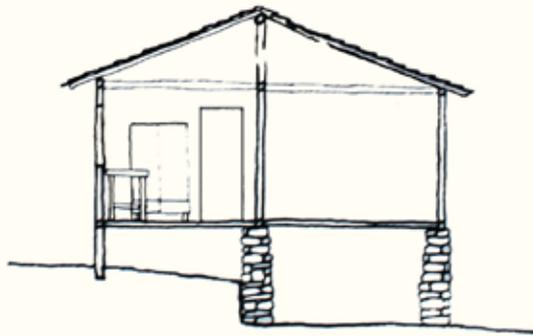




Planta

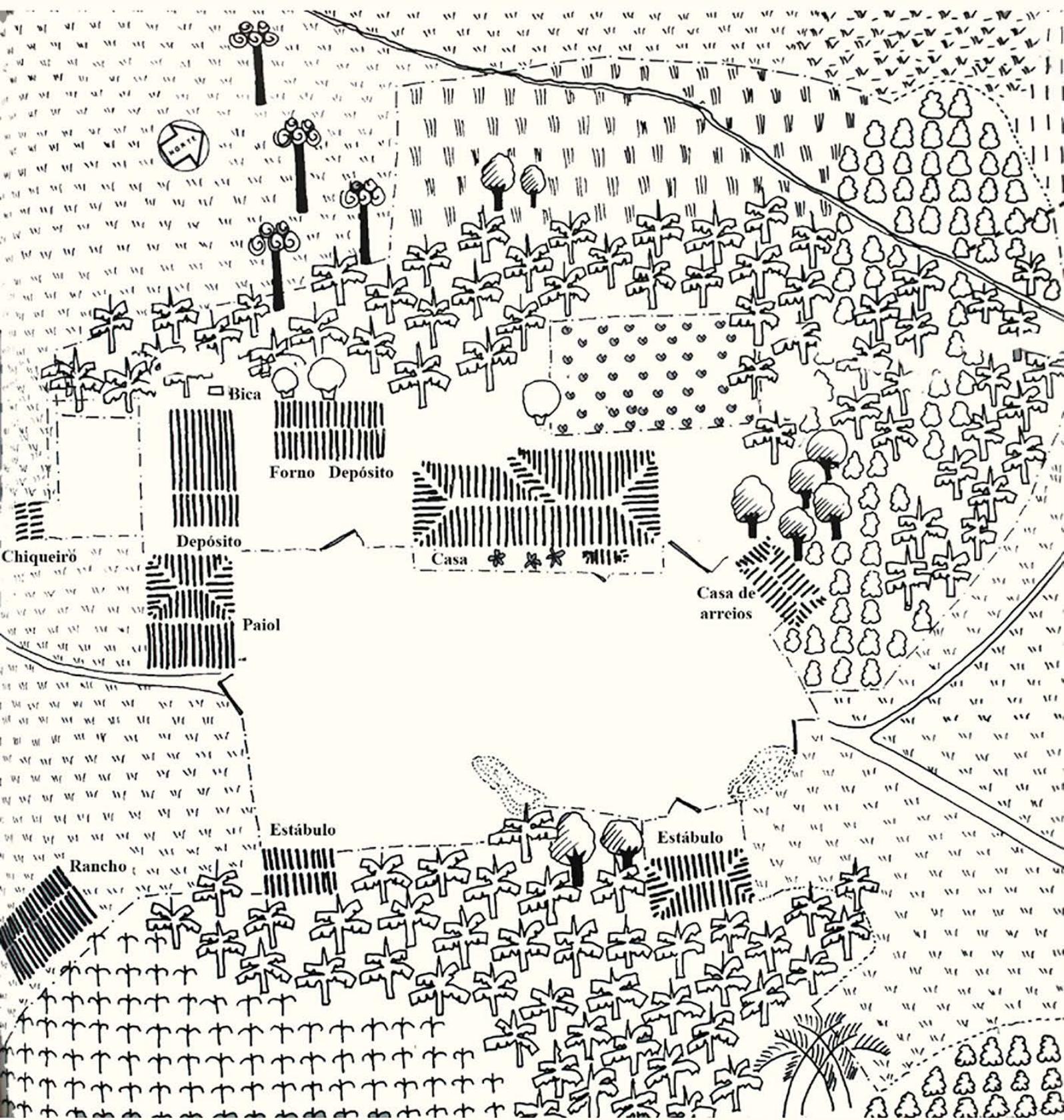


Corte A-A



Corte B-B





PORTA

Bica

Forno Depósito

Depósito

Chiqueiro

Paioi

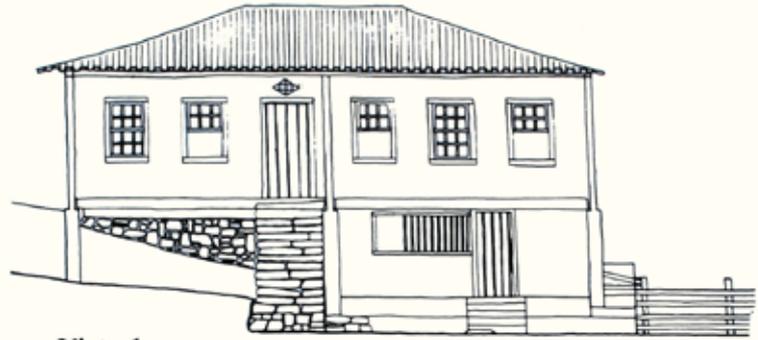
Casa

Casa de arreios

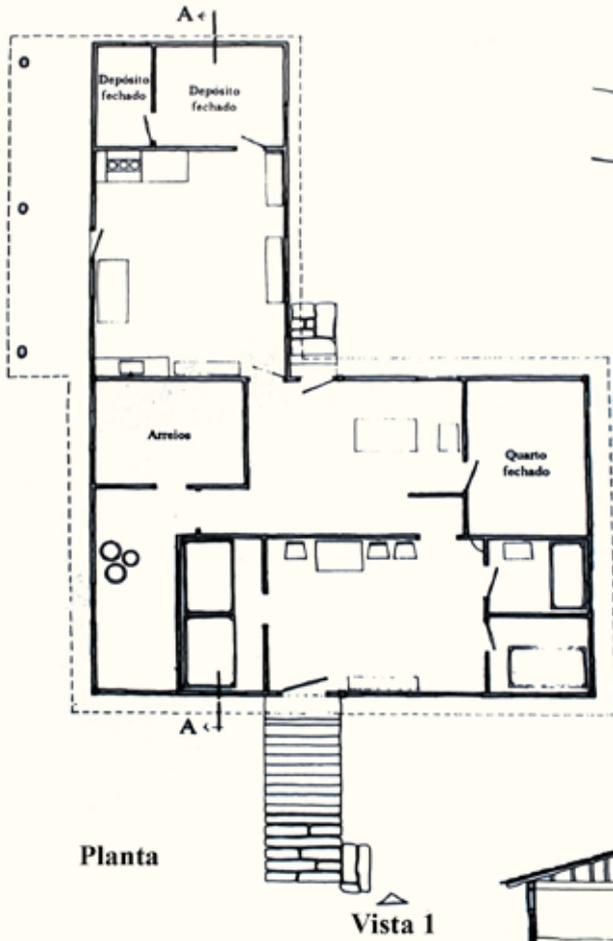
Estábulo

Estábulo

Rancho



Vista 1

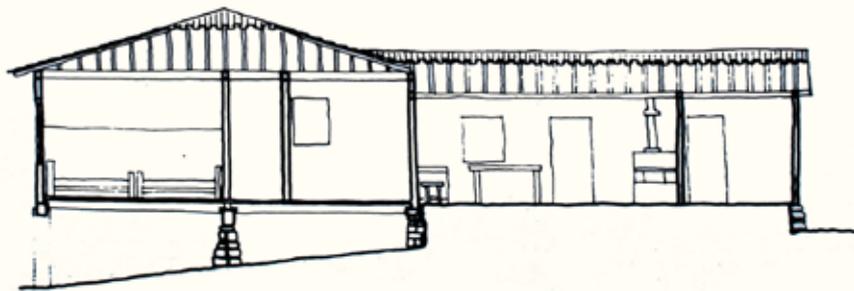


Planta

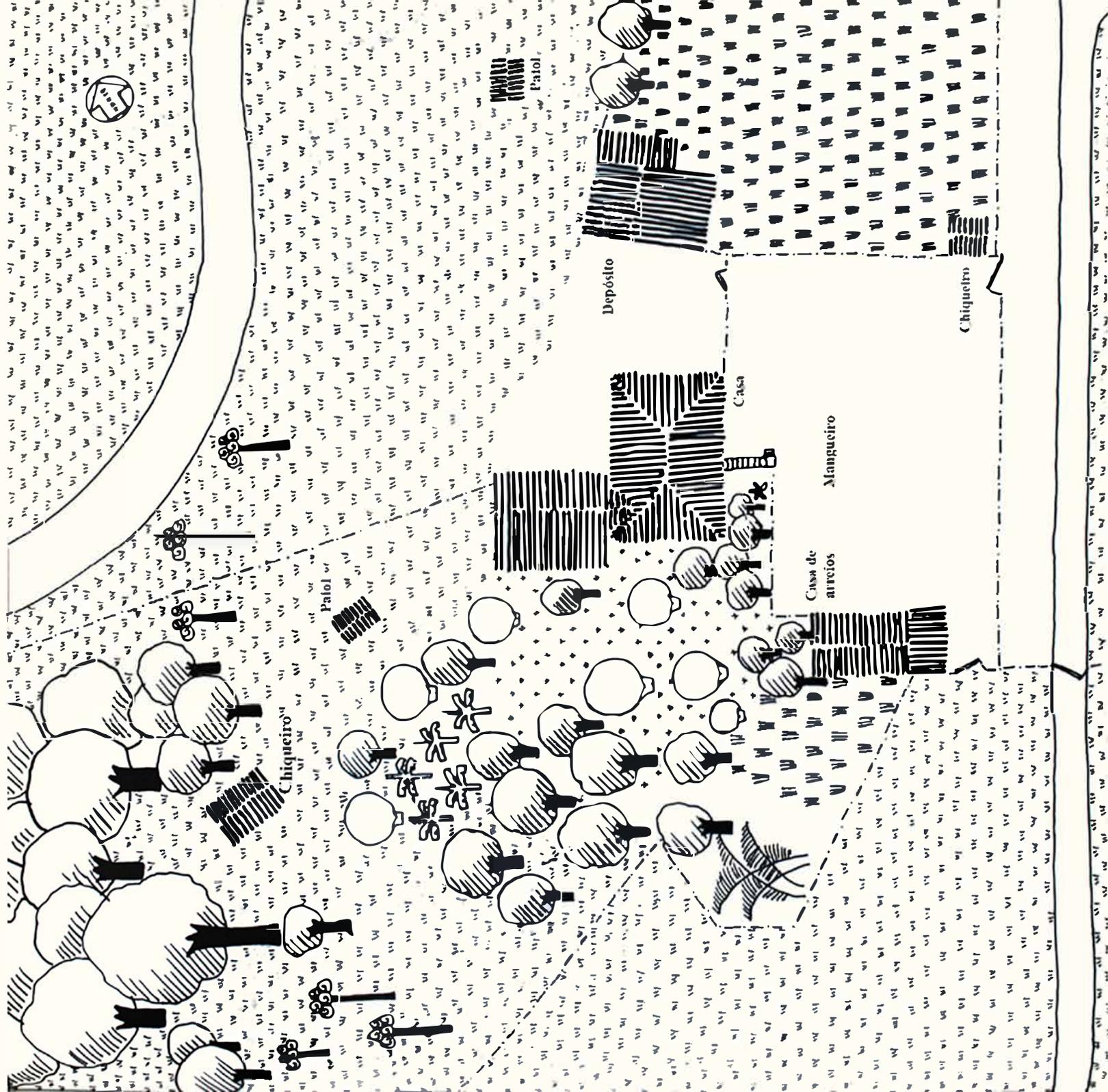
Vista 1



Estrutura piso



Corte A-A





Geraldo Maciel de Sene



6. O JEITO DE VIVER

*As cabanas e os remendos
Resistem mais à ação do tempo,
[Quando,]
Nos lábios que murmuram,
Cabe toda a Eternidade.*

Ainda há uma década, os nascimentos no vale ocorriam na própria casa da família, conduzido pela parteira com o auxílio de parentas e comadres. No entanto, com a melhoria dos transportes e da assistência médica na região, os partos passaram ao encargo do hospital da cidade. Hoje, quando as parturientes pressentem o momento, um vizinho, já advertido, fornece a condução, seja dia ou noite. Esse processo quase não admite exceção. Fato considerado extraordinário foi um parto ocorrido na roça, em casa razoavelmente isolada, há poucos anos. O pai saiu às carreiras, a cavalo, em busca de ajuda; a criança padecia devido à demora no corte do cordão umbilical, porém, a mãe e a criança chegaram incólumes ao hospital. Perdas de vidas em partos não produzem estatísticas especiais. Os recém-nascidos, de retorno a casa, são acomodados na cama paterna, ou ao seu lado em pequenos berços, com o corpo enrolado em flanela e a cabeça protegida por uma touca, seja inverno ou verão. A alimentação inicial básica é o leite materno e depois o de vaca. A seguir vêm as papinhas e, tão logo possível, a comida da família.

Os batizados são realizados na igreja da cidade ou na da Guapiara. Esta é a preferida, pois, além de estar mais perto, não exige curso preparatório de pais e padrinhos. Os nomes, como em outras regiões tradicionais, eram escolhidos de acordo com o santo do dia do nascimento. Hoje são mais inspirados por modismos de gosto peculiar.

Além dos sobrenomes oficiais, os detentores de nomes mais comuns tomam o apelido ou o prenome dos pais. Esses nomes podem ser passados aos netos. Assim, Seu João Rodrigues da Cunha passou a ser chamado de João Juca, que era o apelido do pai. Seus filhos são Antônio Juca e Joaquim Juca. Outra possibilidade é assumir o sobrenome do padrasto. Há casos antigos de se assumir o sobrenome do padrinho.

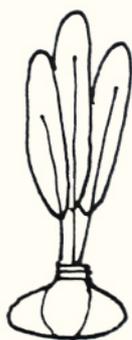
Soltas pelos terreiros, as crianças crescem quase sem roupa, vestidas apenas com uma camiseta de algodão, e a maioria vive descalça quase até a

adolescência. Logo que aprendem a andar passam a seguir, sem auxílio, as mães nos deslocamentos próximos. Os pais têm o cuidado possível para com os filhos, tratando-os conscienciosamente e com razoável esmero quando apresentam alguma doença. Quando um pouco maiores, apesar dos cuidados gerais que recebem, estão sujeitos a surras e repreensões ruidosas e repentinas, se não forem obedientes. Brincam com as crianças da família e com as das casas próximas. A maioria das meninas nunca teve uma boneca, e há poucas bolas. As brincadeiras mais comuns são correrias, lutas e agarramentos. Alguns poucos brinquedos de plástico, petecas feitas de palha de milho e penas, ou galhos cortados que fazem as vezes de bichos-de-pau. Uma mãe construiu uma miniatura de casa de pau-a-pique para as crianças brincarem. Os meninos mais crescidos jogam futebol pelos terreiros ou pelas planuras dos pastos com as raras bolas de borracha.

Em 1972 foi inaugurado o prédio do atual Grupo Escolar Municipal. Até então a escola funcionava na antiga casa, hoje desaparecida, de Antônio Macário Nogueira, e sua mulher, Nilza, era a professora. No início, o grupo contava com duas educadoras. Hoje é atendido apenas por uma. O horário das aulas é do meio-dia às quatro e meia da tarde, com um intervalo de meia hora. Os alunos são aceitos na escola com a idade mínima de sete e máxima de quatorze anos. Mostram certo desinteresse pelo aprendizado. O ler e o escrever têm pouca utilidade no dia-a-dia da comunidade. Fazer contas já é importante para o comércio. O currículo da escola não contempla preocupações com conhecimento que seja útil à vida diária. Em 1987 essa escola possuía vinte e um alunos em suas quatro séries. Poucos terminam a última série. A maioria, tão logo aprende a escrever um pouco e a fazer contas, deixa a escola para ajudar os pais. A professora não brinca muito com as crianças, para não deixar que “tomem conta” da sala de aula. A Prefeitura oferece cadernos, livros, lápis, borracha, e paga uma cozinheira para fazer a merenda, que pode alternadamente ter arroz, feijão, canjiquinha, fubá, leite e curau.

Em casa, as crianças aprendem ao ver fazer e ajudam os pais desde muito cedo. As mais velhas olham os irmãos menores. Os meninos acompanham e auxiliam o pai. As meninas contribuem na faxina da casa, entregam a comida para o pai quando esse não leva marmita ao local de trabalho. A partir de oito ou dez anos, as famílias mais numerosas podem emprestar um dos meninos para serviços em outra casa. Nesse caso, ele passa a desempenhar as funções de leiteiro, o que leva o leite num burro até a estrada para o caminhão do laticínio, a ajudar no curral e em outras tarefas cotidianas. A educação caseira inclui preceitos de comportamentos, como não falar muito ou se exhibir, e respeitar os mais velhos.

Os adolescentes trabalham praticamente o dia todo. Logo que os interesses afetivos começam a se manifestar de maneira mais intensa, as meninas-moças passam a formar grupos de amigas, integradas por segredos e conversas ao pé do ouvido. Os rapazes põem-se a seguir o pai nas visitas à venda ou viagens à cidade. Quando surgem estranhos, as meninas fogem correndo para casa, com risinhos, gritinhos, as saias infladas rodando até os franzidos e, de lá, ficam espreitando pelas frestas nas cercas de taquara.





Quanto ao lazer, além das festas usuais dos santos, há o futebol, pelo menos um domingo por mês, que fornece pretexto para reuniões, conversas, trocas de informações e também para olhares e namoros distantes. Em geral, também a cada mês, há bailes promovidos pelos moradores mais festeiros. Às vezes, as danças são organizadas para depois da reza e dança de um terço de São Gonçalo, mas esse é costume que vem desaparecendo.

Junto com o baile, o dono da casa oferece café, leite, alguma quitanda e pinga, enquanto os visitantes podem trazer um vinho, mais pinga ou biscoitos. Dito Nestor tem sido um dos mais constantes promotores dessas festas que, na maior parte das vezes, se realizam às sextas ou aos sábados à noite. Os músicos mais frequentes são Joaquim Bernardo e Joaquim e Antônio Juca. A sanfona e a viola são os instrumentos básicos.

Nessas ocasiões, as mulheres casadas ficam na cozinha cuidando do fogão, com as crianças menores. Os visitantes vão chegando aos poucos, maneiros, pedindo licença. Os homens se concentram na porta da frente, ou no terreiro. No inverno, quando estão ao ar livre, em torno de uma fogueira. A música começa depois de servido o café e as quitandas. As moças se aglomeram em um ou dois dos quartos da casa, onde se entretêm com seus fuxicos, o olho pregado na porta. Os rapazes na sala, junto à entrada da frente, na varanda ou no terreiro, bebendo e tomando coragem. De repente, um a um vão ao quarto e tiram uma moça para dançar. Mão direita na cintura, mão esquerda na da moça, os pés se movem com desenvoltura. À luz das lamparinas, o approach é respeitoso, eles conversam e se olham. Terminada a música, a moça volta para o quarto e o rapaz ao seu grupo. As mulheres casadas vêm à sala olhar um pouco o movimento e logo retornam à cozinha. Seus maridos misturam-se aos solteiros. Como em toda parte, os olhos das moças, quando elas querem, podem dar voltas discretas, ser brejeiros, fugidios. Seus lábios, risonhos ou debochados, os braços e os ombros soltos ou comportados, e a respiração arfante. Apesar da preferência dos mais jovens, essas festas servem de ocasião para o encontro de todos. Os bailes às vezes vão até tarde, e alguns podem chegar ao amanhecer. No dia seguinte são assunto obrigatório dos encontros.

O namoro, o ficar de mãos dadas e as visitas à casa da moça só são assumidos depois de acertado o noivado. O casamento é realizado na igreja da cidade e no cartório. Depois, quase sempre, todos os convidados voltam à casa da noiva para uma festa em tudo parecida com os bailes, acrescentando-se um bolo ou alguma bebida mais cara. Nem sempre só os mais jovens são apanhados pelos fascínios do amor. Homens maduros, rudes e descuidados com a aparência podem de repente aparecer barbeados, de roupa nova, até perfumados, arrastando os olhos para alguma moça mais fogaosa. Esses casos são sempre comentados com muitos risos por todos que deles se apercebem.

Os casais têm muitos filhos. Em geral, mais de uma dezena. Hoje, porém, já existe a preocupação de evitar a fecundação. Uma das mães comenta: “Em família grande é difícil dar sustento e ganho pra todos os filhos”. Os homens,



em especial os solteiros, de vez em quando encontram escapes sexuais com mulheres-da-vida que moram fora ou na cidade. Mulheres que, segundo um deles, “servem a uma grande região”. A infidelidade da mulher é inimaginável. A moral, bastante rígida, não permite desvios, e por isso no vale todo só há notícia de duas separações por completa incompatibilidade de convivência. Ainda assim, uma mulher solteira com quatro filhos, segundo consta, de diferentes pais, pôde morar aí até pouco tempo sem ser molestada pelos moradores; hoje mora na Aiuruoca. A vida familiar transcorre sem grandes mudanças. O nascimento e a criação dos filhos, o trabalho seguindo seus costumes e o surgimento dos netos preenche toda a existência no lar. Os velhos, mesmo os menos favorecidos materialmente, são respeitados por todos. Se ficam doentes, e se for preciso, aceitam com naturalidade o tratamento fornecido pelo hospital da cidade; hoje, até mesmo cirurgias entraram para o seu cotidiano.

Os mortos são enterrados na Guapiara, onde existe, desde o início da povoação mais remota do Sul de Minas, uma capela dedicada a Sant’Ana. Se o defunto tem aposentadoria, o caixão é comprado na cidade e pago pelo Funrural. Caso contrário, é feito na própria região. Após o velório, o caixão, pendurado por duas cordas em um tronco longo, é levado num cortejo formado apenas por homens, que vão se revezando dois a dois na tarefa de transportá-lo. Os últimos enterros foram o do filho do Joaquim Bernardo, que morava junto à Cachoeira Grande do Matutu, distante quase quinze quilômetros da Guapiara, e cujo caixão foi conduzido, debaixo de chuva, por picadas íngremes e escorregadias, por trinta homens, e o do Seu Lorindo, o mais velho morador da Pedra do Papagaio, com mais de noventa anos, cuja morte, na véspera de São João, provocou o cancelamento das duas festas previstas em homenagem ao Santo. Seu enterro foi seguido por trinta e cinco varões.

Quando o cortejo chega ao cemitério da Guapiara, ao lado da igreja, abre-se uma cova de sete palmos e meio de fundo. Não é incomum que se encontrem, então, ossos pertencentes a mortos antigos, que são colocados ao lado do caixão e também cobertos de terra. À frente da cova, finca-se uma modesta cruz de madeira assinalando o local.

Houve dois casos de mortes trágicas nos anos recentes. Uma filha do Dito Bernardo, com sete anos, caiu da pinguela próxima à sua casa em um dia de cheia e se afogou. E a mulher do Maé, que sofria de ataques e que por duas vezes

desmaiou em cima do fogão queimando-se gravemente. Sua morte forçou o marido a dividir os filhos pequenos entre famílias conhecidas em condições de criá-los.

Um outro filho do Joaquim Bernardo morreu há muito tempo afogado no rio da Água Preta, no Matutu. Nas margens do trecho do rio em que foi achado o seu corpo, foi colocada uma cruz de madeira, ao pé da qual todo dia 3 de maio Joaquim vai rezar em homenagem à Santa Cruz. Existem no vale duas outras cruzes como essa. Uma se acha no próprio Matutu e a outra na Pedra, mais perto da foz do rio. A segunda cruz do Matutu é também objeto de orações nesse dia santo promovido por Mané Pedro, um devoto da Santa Cruz. Fazem-se então, normalmente à tarde, rezações junto à cruz do Joaquim Bernardo, e depois uma procissão segue até a do Mané Pedro, para novas rezas, indo, finalmente, em cortejo à sua casa onde são oferecidos café e quitandas.

Todas as famílias locais confessaram-se católicas e muitos moradores disseram que, como não há igreja no vale, costumam ir pelo menos uma vez ao mês à missa na Aiuruoca. Às vezes, os moradores de maior poder aquisitivo do vale pagam um padre para rezar missa no Grupo Escolar. O grau de religiosidade é considerável. Alguns, por exemplo, não costumam aproveitar o mesmo dia em que vão às compras na cidade para assistir à missa porque, segundo eles, comprar e rezar são atividades distintas e consideram a ida à igreja como sagrada. Na falta do padre, algumas famílias costumam rezar à noite, nas casas, trezenas e novenas, preparações para festas religiosas como a Semana Santa, Santo Antônio, São João, São Pedro e Santos Reis. O terço de São Gonçalo é rezado enquanto as pessoas dançam. A maioria das famílias já fez pelo menos uma romaria a Aparecida. De lá trazem santos, capelinhas de espelho e estampas, que são colocados em algum lugar de destaque da sala da casa e formam uma espécie de altar doméstico. As romarias fornecem a principal, senão a única oportunidade de contato com o mundo exterior mais distante. São comuns as expressões: “Minha Nossa Senhora!, Virgem Santa!, Benza Deus!”. As crianças e os adolescentes pedem a bênção ao pai e ao padrinho, quando se despedem, e recebem como respostas um “Deus te abençoe”.

Um único caso de conversão religiosa é lembrado. O da família do Antônio Carreté, que hoje não mora mais no vale. Carreté e a família viraram crentes, mas isso não resultou em qualquer hostilidade, nem atraiu seguidores. Alguns comentaram que para o Carreté, famoso beberrão, a decisão foi muito proveitosa, já que a conversão o forçou a parar de beber. Sua abstinência, em todo caso, era quebrada em grandes festas religiosas católicas que continuava a frequentar e nas quais era um dos louvados cantadores do calango.

Em 1982, registrou-se uma expansão de religiosidade em toda a região, fruto de uma campanha de reevangelização promovida por padres de Aparecida. Eles trouxeram uma imagem de Nossa Senhora, que ficou alguns dias em quase todas as casas da Pedra do Papagaio. A imagem era recebida com novenas, e as rezas eram acompanhadas por muita gente. Todo esse movimento culminou com missas nas cidades da Alagoa e Aiuruoca, no dia das Missões.

Apesar dessa intensa religiosidade, não é raro o recurso às benzedadeiras da Guapiara. Também na Alagoa há um curandeiro muito procurado. Fala-se ainda de pessoas que foram buscar auxílio de um benzedor no Jambreiro, Estado de São Paulo. No passado distante, o vale teve seu benzedor, mas só os mais velhos guardam sua lembrança. Hoje, Cândido Machado, um dos cidadãos recém-chegados, construiu um templo no Matutu e quando está lá promove orações, que são frequentadas por alguns moradores.

Há também a história de uma bola de fogo que, à noite, corre da Pedra do Pinhal para a do Papagaio. Alguns alegam já tê-la visto e contam que, depois de surgir, a bola vai clareando até sua parada final. Chamam esse fenômeno de mãe-d'água sem saber por quê. Não se encontrou outra credence, além de algumas referências a mulas-sem-cabeça e lobisomens, aparições em que admitem não acreditar.

A linguagem reproduz a mesma fala da roça de todo o Sul de Minas e dos grotões do vale do Paraíba. Erres carregados e esses quase inexistentes no final das palavras. De característico aqui vão alguns termos interessantes:

Animá: referente a animal de montaria

Aprumá: subir um caminho

Cutia: quem desfaz um trato

Galeio: movimento do copo, gesto

Pasto fiado: pasto sujo, no qual falhou a roçagem em um ano

Pé-encardido: quem não está satisfeito com a vida

Terra bafada: vales profundos com pouca luz

Terra de rolá: pirambeiras

Terra sentada: terrenos mais planos

Bons brasileiros não dispensam diminutivos. Lá é possível ouvir preciosidades dessa mania, como: “Terrinha minha lá era muito pititinha”. Outros termos são os característicos da fala caipira, como: cochado, pelejano, encruzo, tiçume, munho, diveide, por cá, campeá. Usam expressões exclamativas como: iiih!, aah!, tinindo! De modo geral, os moradores têm voz firme e pronunciam engolida a última sílaba das palavras não-oxítonas como laran(ja) li(ma). Meneiam pouco as mãos durante a conversa, quase nunca acompanhada de gesticulação. Costumam falar delicadamente com os menos íntimos e pouco fitam os olhos do interlocutor, ao ouvi-lo ou dirigir-lhe a palavra.

Todos se vestem de modo a cobrir a maior parte do corpo, faça frio ou calor. Apesar de estarem ocorrendo mudanças na maneira de vestir, as mulheres não se sentem atraídas por se exhibir em roupas agarradíssimas, grandes decotes ou barrigas de fora ou talvez isso não lhes seja permitido. As mais velhas mantêm um vestuário tradicional, que consta de vestido de chita, tipo chemise, cinturado ou de cintura um pouco alta, rodado, comprido, sempre abaixo do joelho, chegando até o meio da canela. Pode também ser abotoado atrás. A maioria com gola redonda, feito em casa, e que vai desbotando com o tempo e é sempre um

pouco mais gasto na barriga, de tanto se esfregar na pia ou no fogão. Ou então o vestuário consta de saia e blusa de algodão, na maior parte das vezes estampadas, mas que podem também ser de cores lisas. As estampas variam de pequeníssimas e discretas a enormes flores rosa com folhas verdes em fundo preto, sendo que os desenhos das blusas não têm nenhuma relação com os das saias. As blusas podem ser de manga curta ou comprida. O mesmo pano de bolas brancas sobre fundo azul pode aparecer na saia da mãe e na camisa dos meninos. Essa liberdade com as cores resulta, nas festas e em outras ocasiões de encontro, em um festival de grande vibração visual e alegria. As mulheres não usam meias e raramente usam sapatos; só sandálias, quando vão a passeios, a casamentos ou a festas. No frio, usam casacos de flanela e, às vezes, blusas compradas em loja, já que não fazem tricô. O cabelo sempre está preso por um pano, no mais das vezes também estampado. As mulheres mais moças, solteiras ou casadas, já usam com frequência calças compridas, e têm maior quantidade de roupas compradas feitas. As blusas podem ser mais abertas ou mesmo presas por alcinhas; as cores são mais berrantes, e algumas usam camisetas. As roupas tradicionais deixam de ser as preferidas, mas também não chegam à ousadia de shorts ou de bermudas. É comum encontrar grupos de meninas-moças em blusas de diversas cores, com ou sem mangas, tudo de algodão, de chita, uma metade feita em casa, outra comprada em loja. Quando saem para a cidade ou para festas, as mais faceiras pintam a boca com batom e o rosto com muito ruge, mas não passam nada nos olhos. Em compensação, podem carregar bastante nos perfumes, pintar as unhas e complementar tudo com pulseiras, brincos, anéis, correntinhas e colares. As roupas de ir à cidade ou às festas são as mesmas do dia-a-dia, só que com pouco uso.

Os homens, velhos ou moços, vestem calça comprida de algodão, lisa ou riscada, camisa de manga curta também de algodão ou de flanela sem estampa ou xadrez. Usam paletó de lã, de brim ou de gabardine, e roupas de tecidos grossos feitas lá mesmo ou compradas fora. No trabalho, muitos usam botas de borracha ou borzeguim. Alguns andam sempre descalços, mas quase todos têm pelo menos um par de “quédis” ou de sandálias havaianas. O requinte no traje é representado por botas de couro de cano alto ou pelas grandes e grossas capas de lã, compridas, verde-escuras ou cinza, que servem também de capa de chuva e transformam seus corpos em sóbrios volumes cônicos quando estão a cavalo. O chapéu de palha ou de feltro é obrigatório e elemento primeiro para se demonstrar civilidade ao retirá-lo nos cumprimentos a pessoas merecedoras de muito respeito, levantá-lo de leve para os amigos, ou só empurrá-lo para cima com um dedo para os demais.

Em geral, não têm muitas roupas e as que têm guardam em baús, penduradas em cabides de parede ou em fios puxados dentro das casas e amarrados nos frechais. Não é raro trocar de roupa só uma vez por semana.



As roupas usadas no trabalho são na maior parte remendadas, às vezes com vários remendos superpostos. Não se tem notícias de pijamas ou roupas de baixo, mas imagina-se que, existindo, serão poucos. Algumas mulheres costuram para a família e para as dos vizinhos, donde se conclui que sejam essas costureiras as estilistas guardiãs da moda tradicional. Os rapazes, no futebol, põem calções e camisetas combinados, principalmente quando vão jogar contra um time de fora, o que empresta um ar de maior competência ao esquadrão local.

Os cabelos das mulheres são cortados por elas mesmas. Algumas têm cabelos cacheados um pouco mais compridos, outras, mais velhas, fazem tranças ou coques que ficam escondidos debaixo dos panos de cabeça. As mulheres não pintam os cabelos, mas um dos homens mais velhos permitiu-se essa vaidade por vários anos. As jubas de boa parte dos homens também são cortadas lá. João Bernardo pode ser encontrado, em alguns sábados ou domingos, no terreiro da frente de sua casa de tesoura e máquina de cortar à mão, aparando as madeixas de seus amigos, que vão sentando um a um em uma cadeira, com um lençol amarrado no pescoço. Tudo rodeado por crianças, galinhas, cachorros e porcos. Vários varões cultivam bigodes, quase sempre aparados na metade superior, correndo finos junto ao lábio. A barba é feita uma vez por semana, geralmente aos sábados, na hora do banho.

Todos são exímios andarilhos. Andam com boa velocidade e ritmo admirável. Quando não carregam nada, o corpo vai um pouco inclinado para a frente. Se carregam, adaptam-se às formas das diversas coisas que transportam. Se param, uma das pernas pode ficar mais para a frente, e as mãos muitas vezes na cintura. É no movimento, porém, que fica mais evidenciada a agilidade e a capacidade de seus corpos, pois no estado de repouso parecem menos desembaraçados. Nas festas, na cadência do calango, os homens cantam de olhos fechados, batendo o pé. Quando o sanfoneiro abre a sanfona ou o cantador começa seu verso, em geral dão um jogo de corpo, fazendo-o primeiro recuar e depois avançar para o lado, meio em diagonal, o pescoço acompanhando.

Esse cenário humano amolda-se de acordo com as estações, gerando procedimentos que se transformam em costumes. Há atividades de inverno, quando chove pouco, como construir casas, arrumar estradas, queimar os campos e dar maior tratamento de cocho à criação, e outras de verão, como roçar as plantações e os pastos antes que as pragas germinem. Na primavera arase, aduba-se e planta-se, e no outono colhe-se e enche-se o paiol. Tudo tem um ritmo, uma cadência e uma forma de fazer. A ordenha determina um horário, que se compatibiliza com a passagem do caminhão de leite na estrada. Sempre há o que fazer, a seu tempo e a sua hora.

Todos acordam cedo e todos deitam cedo. A ausência de luz elétrica condiciona a comunidade à passagem do sol. Todos, exceto os doentes, estão sempre fazendo alguma coisa. Alguns mais ligeiros, outros mais demorados, todos se empenham sem grandes correrias ou lerdezas, num ritmo constante. No entanto, uma mesma tarefa diária pode ser desenvolvida de forma mais rápida ou



lenta, conforme a injunção do momento. Assim, para tratar das galinhas à tarde, a mulher pode sair ao terreiro com um saco de milho gritando: piii! piii! piii! Ao jogar o milho aos poucos, faz uma contagem das aves, vê se estão com saúde, separa e cuida das que estão jururu, e calcula o peso dos frangos mais crescidos em ponto de panela. Alimenta os pintinhos, jogando quirera em um cercadinho redondo feito de ripas de bambu, por cujas frestas só eles podem passar. A mesma atividade feita no dia em que a criança está doente ou de outra ocupação que requeira prioridade pode se resumir em abrir a porta da cozinha e jogar duas cuias de milho no terreiro, chamando as galinhas com gritinhos ou não.

Em dias de frio e de chuva, a população se resguarda, mais encolhida em torno do fogão e, no verão, em noites de estio e lua, sai a passear chegando até a fazer visitas.

A maior parte das pessoas são sadias, de boa compleição física, capazes de trabalhos pesados, dispostos, sem receio a dar conta de suas tarefas, suplantando as mais variadas adversidades. Há alguns doentes e debilitados, mas sua presença não pesa no conjunto. Os mais velhos ou muito doentes recebem alguma ajuda, por menor que seja, dos parentes e da comunidade. É clara a noção de uma obrigação social comunitária.

O trabalho dos homens, em geral bastante fortes, é cuidar do gado, tirar o leite, preparar a terra, plantar e colher, roçar os pastos, serrar madeiras, construir casas, paióis, currais, estradas, e tratar do comércio da produção. A mulher cuida da casa, das crianças, da horta e da cozinha, limpa, costura, faz bolos, biscoitos, roscas, torra café, farinha, faz sabão, lava a roupa na beira dos rios batendo-a numa tábua, cuida da criação junto da casa, mata e limpa a galinha. Quem mata o porco é o homem. A mulher trata, pica o toicinho, frita, cozinha a carne, depois bota na gordura de porco para conservar, onde pode ficar de quatro a cinco meses. Faz linguça das tripas. Do toicinho, faz sabão, misturando com cinza. Garrote e porco os meninos ajudam a limpar.

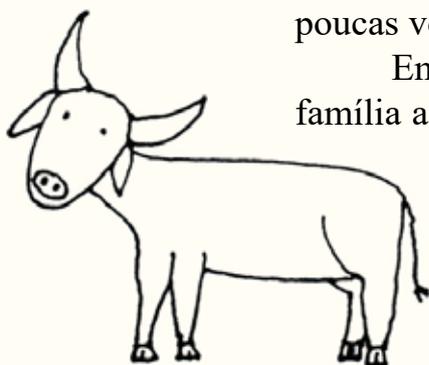
A vida é muito dura, trabalham muito e moram em casas modestas, às vezes com pouco espaço para uma família grande. No entanto, a própria população não se acha miserável. São no mínimo proprietários de terra. Poucos vivem em chão que não seja seu. Alguns que moravam em terreno alheio ganharam ou trocaram por serviços um pedaço que hoje lhes pertence. Seu Lorindo, o mais velho da Pedra do Papagaio, era um dos mais pobres, morava em terra alheia, mas tinha um pedaço de terreno, e ele mesmo se considerou rico quando descobriu a aposentadoria rural e passou a receber um dinheirinho todo final de mês.

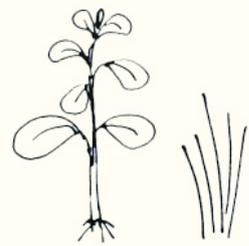
Os que têm pouca terra fazem plantações de ameia. Essas parcerias se travam por meio de diversas formas de contratos verbais. A maior ou a menor parte da produção vai para o trabalhador, conforme o dono da terra participe ou não da aração, da adubagem, ou mesmo das fainas de semeaduras, capina, recapina ou colheita. Alguns dos mais desprovidos usam empregar-se cerca de dez dias por mês “alugados”. Outros trabalham como camaradas dos mais ricos. A relação patrão-empregado é bastante estreita. Todos comem à mesma mesa e têm, de modo geral, uma maneira assemelhada de entender o mundo. Não existem aparentes divergências ou antagonismos maiores entre patrão e servidor. A chegada dos citadinos está modificando esse estado de coisas, pois passaram a ser mais frequentes os pagamentos baseados no salário mínimo, e a ausência prolongada do patrão cria uma relação distanciada e, além disso, suas origens configuram visões de mundo muito distintas.

Um tipo de ocupação muito usual consiste em deixar a região por algum tempo, às vezes por vários meses, para se empregar em outras bandas, principalmente no vale do Paraíba paulista. Esses homens, do Matutu, da Pedra do Papagaio, do Cangalha, geralmente em grupos de seis a quinze, mas que podem chegar até trinta, são arregimentados e levados em kombis para Cachoeira Paulista, Cruzeiro, Barra do Pirai, onde trabalham sem contrato assinado em roçagem de pasto, desbaste de eucalipto, limpa de faixas de fios de luz ou outras tarefas braçais. Em sua maior parte, vão os solteiros. São contratados por “turmeiros” de ou moradores da própria Pedra. Zé Tião esteve nos últimos tempos em Cachoeira e para lá carregou Zé Ferreira, casado; Afonso, filho do Zé Altino; Ari e Ataíde, com cerca de vinte anos, filhos de Tião Nestor; Luiz e João, de dezoito e vinte anos, filhos do Geraldo Juca, e Joaquim, filho do Nestor. Os trabalhadores devem levar suas ferramentas; no local do trabalho alojam-se em casas de peões; recebem refeições com carne três vezes por semana; são levados à cidade a cada quinze dias, e recebem pagamento de aproximadamente três salários por mês. Vêm visitar as famílias, trazem dinheiro e retornam.

Muitos desses “turmeiros” e seus arregimentados acabam ficando pelos novos locais de trabalho, arranjando posição fixa de trabalhador rural. Alguns dos participantes têm nessa tarefa a única ocasião de conhecer outras localidades. É considerável o contingente de gente que abandonou a Pedra do Papagaio. Mais recentemente, com o campo de trabalho aberto pelos proprietários vindos de fora, a saída definitiva tem estado contida. Dos que vão, há alguns já aclimatados em grandes cidades, e muito poucos regressam. Alguns vêm para a festa de Reis, quando contam suas experiências, visitam a família, e às vezes até facilitam o êxodo de outros. Algumas moças foram trabalhar nas casas da cidade e, dessas, poucas voltaram para o vale.

Em contraposição, quase ninguém da região vem morar no vale. A última família a chegar foi a do Seu Luciano, há cerca de quinze anos. O crescimento





vegetativo tem sido a principal razão da expansão demográfica. É comum a vinda de trabalhadores especializados para serviços temporários. Tratoristas, serradores, um deles com o singular apelido de João de Amargá, amansadores de cavalo, roçadores de pasto, tijoleiros, pedreiros e construtores vêm, desempenham suas tarefas e voltam para seus lugares de origem.

É usual, e era mais costumeiro em passado ainda recente, o trabalho de mutirão ou marca. Quando um morador se vê mais acochado na realização de uma tarefa, que requer mão-de-obra concentrada, faz uma marca. A marca consiste em chamar os vizinhos e os mais amigos para uma operação conjunta. Geralmente dura um dia, mas pode levar mais tempo. As empreitas são capina de milho, roçagem de pasto, construção de cerca, barreado de uma casa, consertos de estrada, ou outros que estejam atrasados. Quem chama para a marca dá a comida, que em geral é constituída de arroz, feijão, macarrão com batata, chuchu, café e quitandas. O beneficiário fica por sua vez comprometido com os convidados a responder a seus chamados.

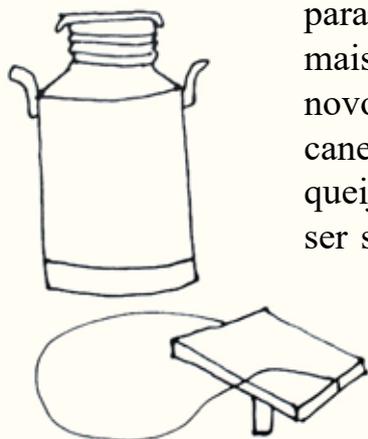
A maior marca dos últimos anos foi feita para a construção da ponte mais extensa do trecho da estrada, aberto em 1980. Joaquim Balbino, responsável por ela, organizou todos os preparos e chamou mais de vinte homens, que juntos passaram os cinco barrotes de sustentação da obra. Venceram os seis metros de vão com cordas, estacas e muita força. Para mover as grandes toras, duas filas de homens colocavam alavancas de pau por debaixo delas, de ambos os lados, e ritmadamente levantavam-nas, fazendo movimentos na direção desejada. Com uma rapidez espantosa, as enormes toras avançaram docilmente. Todas essas fainas, das quais eles muito se orgulham, não impedem os mais gaiatos de comentar: “O trabalho engrandece, mas acaba com a pessoa”.

As casas dessa comunidade quando avistadas à distância têm uma série de características comuns. Não são grandes e, de um modo geral, estão acompanhadas de pelo menos uma construção complementar. Situam-se geralmente próximas a uma grotta que possibilite acesso à água, estão quase sempre ladeadas por vegetação arbórea, ou mesmo cercadas por mata. A inexistência de vegetação frutífera próxima é indicador de casa nova. Quando construídas em meio a pastos, esses pequenos oásis compõem paisagem de graça singular, impressão que se torna mais intensa quanto maior for a vegetação do entorno. O visitante que se aproxima por uma estreita picada, sulcada pelos pés de homens e animais, em geral encontra uma vedação separando o mundo externo da área mais próxima. Nessa cerca, com uma porteira que é quase sempre ladeada por uma primavera, por hibiscos ou por um pé de brincos-de-princesa, começa um ritual de visita cheio de regras. Se o morador está à vista, deve, depois do bom-dia ou boa-tarde, convidar o recém-chegado com um “vamo chegá”. No caso de avistar o terreiro vazio ou de não ter tido a presença anunciada por nenhum latido, o visitante ergue a voz e chama: “ó de casa!” apelo que deve repetir pelo menos três vezes para adquirir o direito de ir adiante, e isto só se não tiver resposta. O morador, sua mulher ou um de seus filhos, ouvindo o chamado, deve aparecer na porta

da frente e convidar: “Vamo acabá de chegá”, ou “entre pra dentro”, ao que o visitante responderá com um “dá licença”.

Atravessando a porteira, o que se vê é um alargado do caminho, que logo se transforma em um pequeno terreiro de terra batida. Nesse terreiro, cujo estado de limpeza é um dos indícios do asseio da família, podem-se encontrar crianças brincando, taquaras arranjadas em serviços de cestaria em andamento, ferramentas de trabalho, ou alguma produção secando ao sol. O visitante, ao se aproximar da porta de entrada, verá uma série de latas com plantas de flor e folhagens penduradas na fachada principal ou canteirinhos de onze-horas e rosinhas trepadeiras enfeitando a arquitetura. À porta, na varanda, de pé nos degraus mais altos, o hospedeiro lhe perguntará da família, da saúde, e convidará de novo: “vamo entrá pra dentro”. O que chega pedirá licença novamente e, sendo pessoa de alguma intimidade, seguirá direto para a cozinha. Se for de fato íntimo, poderá entrar pela porta dos fundos ou permanecer no terreiro detrás acompanhando algum trabalho que ali se realize.

O visitador de maior cerimônia será convidado a acomodar-se na sala e ele, pedindo licença ainda uma vez, senta-se. O chapéu, que já estava na mão desde a porteira, passa para os joelhos, ou para o lado no banco. As salas, geralmente pequenas, têm, além da porta, uma ou, no máximo, duas janelas. Os móveis, na maior parte rústicos, feitos no lugar, são muito poucos. Um banco, ou então quatro cadeiras, uma mesa pequena, um cabide ou um prego na parede, um baú ou uma caixa de madeira, e um balaio. Às vezes, uma máquina de costura de manivela, um rádio de pilhas em uma mesa; outras vezes, arreiro, baixeiro, cabresto, freio e barrigueira pendurados em gancho elevado. Quase sempre, fotografias de casamento coloridas à mão, penduradas perto de estampas de santos, e uma folhinha de um armazém da cidade. Enquanto a conversa se desenvolve, os olhos vão seguindo finos facho de luz, que furam o telhado sem forro. Casas mais ricas terão forro de palha trançada ou mesmo tábuas. Nesse caso, poderão aparecer móveis industriais, poltronas e até um sofá estofado com cobertura de plástico. Depois de algum tempo de conversa, acertadas ou encaminhadas as questões mais substanciais que motivaram sua vinda, o visitante deve demonstrar o desejo de retirar-se, ideia que despertará no morador profunda discordância: “Como, se não tomou ainda nem um café?” Feito o convite, ele deverá passar imediatamente à recusa: “Que isso, obrigado, não quero dar trabalho”, a qual será arduamente rebatida por “Trabalho nenhum, não pode ir agora, ainda é muito cedo, nunca vem aqui e já quer ir embora!” Gentilezas para lá e gentilezas para cá, e o visitante é levado para a cozinha. Depois de mais um “dá licença” para se aprofundar na moradia e outro para sentar-se de novo, ele é acomodado à frente de uma mesa já posta, à sua espera, com uma caneca, um bule de café e uma panela com leite. Em casas de maior posse, um queijo e quitandas de fubá, de polvilho, roscas e rosquinhas. Poderá ainda lhe ser servido goiabada com leite, milho cozido ou outras guloseimas da região.



Algumas casas têm um *hall* de distribuição separando a sala da cozinha. Esse cômodo, conhecido com “sala de dentro”, que permite nesses casos intitular a primeira de “sala de fora”, em geral não tem mobiliário nenhum, apenas objetos pendurados na parede, um pilão e alguns sacos. Pode ter ou não janelas e, quando maiores, às vezes têm um catre ou cama. As portas dos quartos estão geralmente fechadas. Abrindo-as, se verá uma ou duas camas cobertas por colchas ou cobertores de fabricação local. Os colchões são de palha de milho, e os travesseiros de paina ou marcela. Há malas empilhadas, roupas penduradas na parede, um baú, e muito raramente um armário ou um guarda-roupa. O número de camas é significativamente menor do que o de moradores, a indicar que, além do casal, dormem duas ou mais pessoas em um só leito. Nunca se entra nos quartos, exceto quando as moças vêm para o baile, ou quando se visita uma pessoa doente. Há quartos a que se chega só por outro, e que são chamados de quartos de dentro, e são descritos como quartos dentro de outros quartos.

A cozinha é o centro da casa, onde as pessoas da família ficam a maior parte do tempo. Aí o visitante encontra a dona da casa, crianças e até algum parente. Enquanto se serve com extrema moderação, deverá continuar a travar o duelo de boas maneiras. Agora uma hospedeira, querendo que coma e repita tudo que lhe oferece a ele, educadamente, elogiando e recusando, ao mesmo tempo, com a mesma teimosia. Nesse cômodo, as paredes, enegrecidas pela fuligem, estão em parte cobertas por armários e prateleiras com pratos, canecas e panelas. As panelas, quando de alumínio, têm de estar reluzentes, se a dona-de-casa quiser que suas virtudes brilhem para o visitante. Os talheres se acham acomodados em suporte de pano, com dizeres bordados em compartimentos costurados, que ficam pendurados como quadros na parede. Pelos lados veem-se latas, coadores de café, tachos, bacias. Normalmente não há pias, mas sua presença começa a ser cada vez mais desejada. Na sua ausência, um ou dois potes de barro ou duas latas de vinte litros são usados como reservatório de água. Lava-se uma caneca, passando-a nessas águas e jogando o conteúdo pela janela. A janela voltada para o Norte pode ter um pequeno estrado de madeira, projetado em balanço para fora, que serve como secador de pratos. O piso diferente do resto da casa, geralmente assoalhada, é de terra batida ou cimentado, com ou sem vermelhão.

O fogão, num dos cantos, feito de pedras cobertas de barro sobre um estrado de madeira, tem dois planos: um mais baixo, rente à parte inferior da boca, onde se coloca a lenha para queimar, e outro na altura da chapa. Fica o dia todo aceso. Para avivar rapidamente o fogo ou acendê-lo de manhã, usam-se pontas de galhos secos de pinheiro, chamadas de “piúcas”, que têm combustão muito rápida, gravetos ou taquara rachada e sabugos de milho. Quando o fogão não está em uso, dois tições de proporções razoáveis, dispostos em posição adequada, mantêm viva uma chama diminuta, no limite da economia da madeira. Cada tipo de lenha tendo, conforme sua origem e tamanho, uma combustão diferente, é usado sabiamente de acordo com as necessidades do momento. A lenha, em geral de galhos roliços, é buscada nos matos próximos e armazenada debaixo



da casa ou do fogão. Das três bocas da chapa, a da extremidade exterior é a que recebe mais calor, que vai diminuindo de modo progressivo nas outras duas.

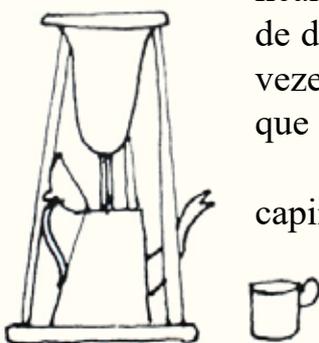
A parte mais baixa do fogão serve também de assento aos que querem se esquentar, e às vezes serve de suporte a um pequeno banco de madeira de cerca de um palmo de altura. Essa função pode ser preenchida por uma tábua fixada, à mesma altura, na frente do fogão, em dois pedaços de pau fincados no chão. A cinza é retirada pela manhã e guardada, já que tem muitas serventias. Junto à sua boca, encontra-se sempre uma pequena vassoura, um feixe de ramos amarrados com cipó. Essa vassourinha serve para limpar e devolver a cinza e o carvão que ultrapassem a área própria para o fogo. O fogão é usado como incinerador de tudo aquilo que, sendo inflamável, se pretenda jogar fora. Nas poucas casas que têm banheiro, costuma-se embutir um cano em torno da área de fogo, em forma de serpentina e ligado a uma pequena caixa d'água. Nela se recolhe a água aquecida, que serve aos banhos.

Assim como o fogão é o elemento principal de aquecimento da casa, a luz de suas chamas é a primeira fonte de iluminação da cozinha à noite e pode ser mesmo a única, quando não complementada por uma ou duas lamparinas de querosene colocadas junto às paredes em pequenos suportes de madeira. Acima do fogão penduram-se pedaços de carne que se deseja conservar pela defumação. Umas poucas casas têm uma pedra chata incrustada no meio do chão da cozinha. Sobre essa pedra, nos dias de geada, é aceso um fogo complementar, ao redor do qual os familiares se aquecem à noite.

Junto às cozinhas é comum a existência de uma pequena despensa, com uma janelinha, nas quais são armazenados, sobre tábuas dispostas no chão ou prateleiras, produtos de uso diário: sacos de milho, feijão, fubá, arroz ou pinhão, latas de banha de porco, pacotes de macarrão, café, e uma ou outra mercadoria mais.

No terreiro detrás encontra-se, perto da porta da cozinha, sob telheiro separado ou não da casa, um forno grande, com a estrutura de torrões de cupinzeiros dispostos na forma de uma abóboda coberta de barro e uma boca pequena, tudo assentado em um estrado de madeira roliça sustentado por quatro troncos fincados no chão. No centro do terreiro ficam algumas pedras colocadas em posição de receber grandes caldeirões ou tachos para cocções que são mais adequadamente feitas fora de casa, como depenar galinhas, pelar porcos e produzir sabão de cinzas. Mais para trás, fica a bica d'água, usada para se lavar de tudo, até as roupas da família. Seguindo o rego d'água, vai-se encontrar o curso original de onde se desviou esse veio para uso da casa. Ainda nesse terreiro, separados por cercas de arame, de tábuas, de paus roliços verticais ou de taquara, ficam hortas, galinheiros, chiqueiros e capineiras. Aí estão, também, ranchos de diversos usos, paióis e casas de queijo. Mais distante, à beira dos rios, há às vezes um moinho de tração hidráulica. Tantas são as funções aí desenvolvidas que quem chega a esse terreiro, de certa forma, já está dentro da casa.

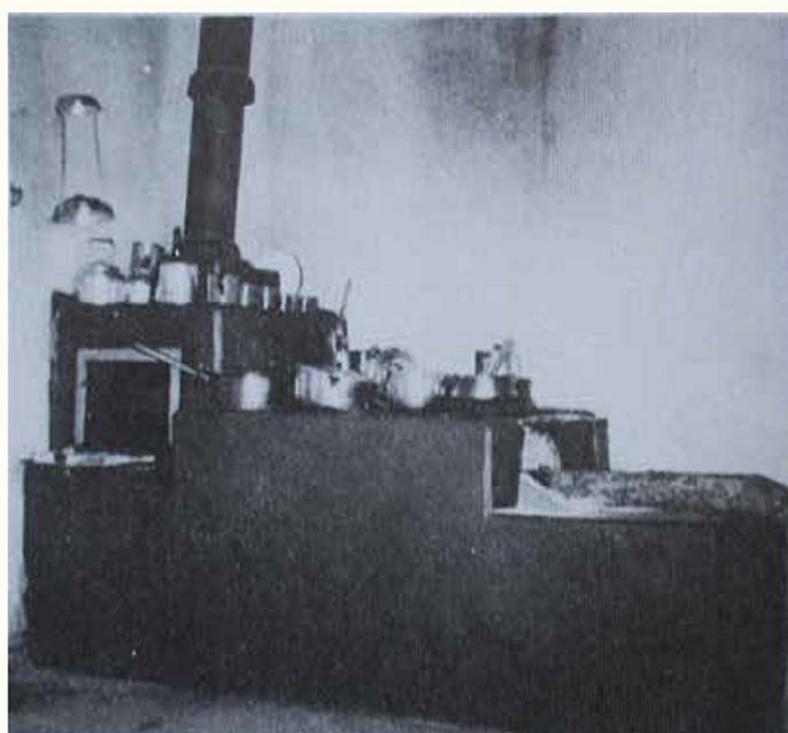
Em torno da casa, à frente, do lado, por trás, é plantado milho, cana e capim para o gado, um pouco de café, banana, jabuticabeiras, goiabeiras, e





Interiores





outras árvores frutíferas. Nos terreiros, as famílias secam, torram e piloam ou moem o café, debulham milho, secam feijão, maceia, tingem lãs e desenvolvem inúmeras outras atividades. O visitante mais íntimo da casa, enquanto conversa, pode ajudar nesses afazeres.

Normalmente não se visita ninguém à noite, exceto nos casos de grande precisão, de bailes ou de extrema familiaridade. Quem, no entanto, for fazer alguma visita à noite pode se surpreender pela luz das lamparinas vazando pelas frestas das paredes. É que se costuma deixar pau-a-pique ficar bem esburacado, quase transparente, antes de se refazer toda a parede, descuido ainda mais patente nas construções secundárias.

Quem passa pela casa dos outros para conversa rápida ou simples recado e realmente não pode ficar, deve, ainda assim, responder convencionalmente aos insistentes oferecimentos, convidando, por sua vez, o morador a acompanhá-lo até sua casa. O ritual da hospitalidade é levado tão a fundo que mesmo durante os festejos de Reis, quando quase todos os visitantes já se haviam retirado da casa de onde parte o cortejo, seu dono insistia com os retardatários para ficarem mais um pouco.

A impressão mais forte é provocada pela exiguidade do espaço das moradias em que vivem, em contraste com a imensidão do terreno de que dispõem para construir. Chama a atenção, a seguir, a pequena quantidade de bens domésticos e utensílios. Mesmo assim, morando em reduzido espaço e com tão poucos recursos típicos das casas urbanas — e talvez por isso mesmo —, arranjam tudo com razoável lógica e notável grau de funcionalidade. Essas primeiras impressões, no entanto, são, com a convivência, suplantadas por uma grande curiosidade, causada em especial pela criatividade com que apresentam soluções no uso do espaço.

Fazem as refeições na cozinha, em torno de uma mesa, ou sentados em um banco junto à parede prato nos joelhos, ou ainda acorados no terreiro, com as costas descansadas em algum apoio. Ao amanhecer, geralmente tomam café simples ou acompanhado de farinha de milho. Almoçam por volta das 10 horas, quando comem arroz, feijão, macarrão, angu, carne e alguma verdura. Poucos, na verdade, podem se permitir essa variedade todos os dias. Raramente se servem de carne, só disponível quando matam um frango ou um leitão. Poucas famílias comem uma quantidade suficiente de verduras. Algumas vezes os trabalhadores comem só arroz com macarrão. A composição e sequência das refeições é bastante semelhante à encontrada por Antonio Candido em seu *Parceiros do Rio Bonito*¹.

Geralmente, só as mulheres e as crianças almoçam em casa. Os homens almoçam onde estão trabalhando. Trazem de manhã a comida em um caldeirãozinho de mais ou menos um litro de capacidade e comem com uma colher de sopa. Quando o trabalho que estão fazendo fica mais perto da moradia, um filho lhes traz na hora apropriada a refeição. Às vezes se encontram nos pastos grandes pedras ladeadas por outras menores, formando pequenos fogões onde os homens esquentam sua comida. Ao meio-dia tomam café,

muitas vezes frio, com farinha, ou se houver, quitanda. O jantar é servido às cinco ou seis horas da tarde e se constitui dos mesmos elementos do almoço.

Os que não plantam café, compram-no verde, em grãos, na cidade e o torram e o moem em casa. Tomam-no fraco e extremamente adoçado. O consumo de leite dos que não têm gado é bem baixo, atingindo grau razoável apenas entre as crianças pequenas. Ainda assim, encontram-se famílias com até oito filhos que não consomem mais de que um litro de leite por dia. A banha de porco é utilizada com prodigalidade. É comum, ao se aproximar a época da colheita do milho, que boa parte das famílias esteja com seus paióis vazios.

A rapadura, usada para adoçar o café ou roída, pura ou em forma de talhada, pelas crianças, as balas das vendas e o excesso de açúcar fazem com que a maioria acuse sérios problemas dentários. Mesmo os que têm arcadas mais fortes apresentam falhas, cáries e escurecimentos, que enfeiam os rostos mais saudáveis. A escova e o creme dental, ainda que de conhecimento generalizado, revelam uso e frequência ainda muito incipientes. Métodos corretos de escovação, evidentemente, são desconhecidos. Alguns, quando terminam uma refeição, passam uma aguada na boca. Dentaduras completas já podem aparecer em pessoas com menos de 30 anos. Em geral, não se observam maneiras higiênicas estritas. Na ordenha, por exemplo, acontece de o leiteiro levantar, urinar e imediatamente voltar a seu trabalho; na cozinha, misturam-se as cascas e os legumes descascados, e durante a matança de porcos e limpeza das carnes muitas partes se misturam com as entranhas. A limpeza geral está longe de ser exemplar. A prioridade recai sempre sobre atividades de subsistência e de produção. Essas observações sobre as práticas higiênicas não devem, no entanto, levar a uma impressão de imundície ilimitada. Pelo menos uma vez por dia varrem-se as casas e mesmo os terreiros. Se esses cuidados não conseguem eliminar a persistência de pulgas em alguns porões, ainda assim permitem que algumas famílias ostentem uma limpeza exemplar. Vale lembrar que esse hábito salutar, como muitos outros conhecimentos nas famílias em que existem, passam de geração a geração.

Hoje a escolinha recém-criada no Matutu desenvolve uma campanha para promover hábitos de alimentação e de higiene mais saudáveis. Já se constatou que resultados positivos dessa campanha começam a se irradiar dos filhos para os pais.

O banho, como norma, é pouco praticado. Geralmente os homens e os meninos banham-se uma vez por semana, aos sábados, nos rios e riachos,



quando também trocam de roupa. As mulheres lavam-se em bacias com água morna no recesso da casa, nas cozinhas, nos quartos ou nas despensas. Não há muitas pessoas que tomam mais de um banho por semana; entre elas, conta-se no entanto um número razoável que observa a prática do banho diário.

A consanguinidade existente não leva à atuação de fatores degenerativos físicos evidentes, mas pode estar na raiz de alguns casos de distúrbios psíquicos. Conhecem o emprego de inúmeros medicamentos caseiros, como chás, ervas e outras plantas, que cultivam ou coletam. Seu João Juca, em especial, notável conhecedor desses medicamentos, é procurado pelos que julgam precisar de uma aplicação mais especializada, aos quais atende com desprendimento. É comum encontrá-lo pelas redondezas com sua cesta coletando ervas. Entre suas produções, destaca-se um renomado xarope para furúnculos que é “tiro e queda”. Uma das ervas mais utilizadas para tratamento de doenças do peito, gripes, catarros e chiados é um poejo nativo dos altos da Pedra do Papagaio, descrito em 1822 por Saint-Hilaire. Trata-se de uma infusão de grande poder expectorante. Existem outras práticas curativas menos atraentes, como a cura de feridas esfregando-se ou prensando-se o local atingido com urina e fumo ou manteiga de porco (banha). Há ainda casos em que os pais dão pinga às crianças menores com a intenção de curá-las de dores de cabeça ou aquecê-las do frio, costume que acaba por viciar um contingente de jovens na bebida. Por fim, vale mencionar a história do Dito Bernardo e do Homero Tião, únicas pessoas mordidas por cobra e que continuam fortes e saudáveis em suas atividades, graças ao emprego, garantem todos, dos medicamentos locais.

A comunidade desenvolve intensas atividades de integração e troca. Trabalhos se somam, quando necessário, e muitas atividades similares são igualmente realizadas por quase todas as famílias, o que dificulta, nesse contexto, a distinção de classes sociais. No entanto, apesar dessas dificuldades, o povo do Matutu e da Pedra do Papagaio vê sua estrutura social bastante definida. Eles próprios se encaram como mais pobres ou mais ricos, e as avaliações que um grupo faz do outro diferem em muito pouco. É necessário considerar que não só possuem uma noção clara da localidade em que vivem como, apesar de se relacionarem com o mundo exterior ao vale, revelam a nítida consciência de pertencerem, por meio de variadas relações, com diferentes graus de comprometimento, à sua comunidade.

No interior da comunidade, as noções de riqueza são dadas pela quantidade de terra, de equipamentos, de veículos e pelo número de animais, e se acham basicamente associados ao patrimônio econômico. Mas em seu conceito pesam também o número de filhos homens com saúde, a capacidade de trabalho, realização e produção, e a condição de empregador. Outros elementos significativos encontram-se no tamanho da casa e de construções subsidiárias, na posse de habitação na cidade, e em ligações com o exterior que tragam, de alguma maneira, certo grau de status. Por exemplo, em 1979, havia no local



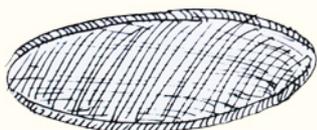
quatro grandes propriedades rurais, que se destacavam, pela extensão da área, das demais. Duas dessas fazendas eram tocadas por famílias com grande número de filhos e respeitadas como os grupamentos mais poderosos. Uma terceira propriedade era administrada por um solteirão e um empregado, que utilizavam apenas parte do terreno disponível. Na última, moravam uma senhora e um de seus filhos e a propriedade era explorada com a ajuda de um ou dois empregados. Passados mais de cinco anos, a situação era a seguinte: as duas famílias com muitos filhos haviam progredido, ampliado suas propriedades e continuavam em grande atividade e produção; o solteirão não avançara do estágio em que estava, e a senhora, tendo ficado doente, mudara-se para a cidade, logo seguida pelo filho, que também adoeceu e só mais tarde voltara a tocar os seus negócios. Já as famílias grandes, com pouca ou quase nenhuma terra, “exportavam” os filhos como braçais para outras localidades e sofriam maior carência de gêneros, alguns de necessidade.

Os casamentos em grande parte se realizam sem encontrar obstáculos no preconceito de cor. Mas entre ricos e pobres acontecem só excepcionalmente e mesmo assim de forma conflituosa. A proximidade geográfica não atenua a latente rivalidade entre os ricos, que os força a certo afastamento cerimonioso. Os mais pobres, porém, convivem em harmonia considerável, e suas relações, bem mais abertas, não são prejudicadas por pequenas diferenças de posses.

Alguns têm ou tiveram carro e o consumismo, embora não seja ânsia primeira e nem hábito possível, acentua a diferença entre os mais pobres e os mais ricos. A disparidade de área de moradia e construções anexas parece ainda mais extremada, quando se considera, por exemplo, uma pessoa sozinha instalada em uma casa de cento e sessenta metros quadrados e ao seu lado se colocam famílias de seis pessoas dispondo de apenas vinte metros quadrados construídos. Apesar de tamanhas divergências, todos sem exceção vivem, para padrões urbanos, com razoável modéstia e no estrito limite de suas possibilidades e necessidades.

Em suas inter-relações, se mostram respeitosos com os demais e, mesmo quando há alguma rixa, evitam a multiplicação dos desafetos. A hospitalidade pode ser levada a tal requinte que o hospedeiro esperará até que a visita manifeste o desejo de sair para oferecer alguma coisa, evitando a possibilidade do entendimento de que se pretende abreviar a estada em sua casa. E à noite, na venda, se alguém deseja deixar o grupo, precisará de pelo menos cinco minutos de despedida. Os que ficam lhe dizem para não ir, e ele convidando-os a acompanhá-lo à sua casa. O compadrio é um dos clímax desse modo de viver. Os padrinhos da criança passam a chamar então seus pais de comadre e compadre em conversas diretas ou citações, independentemente de serem parentes ou mesmo irmãos. O que externalizam é que a honra da escolha possui mais peso e valor que as relações de sangue.

Com os de fora, mostram-se muito atenciosos e disponíveis. Todos os novos proprietários que vieram de outras localidades se impressionam com essa





extremada civilidade, dela desfrutando e valorizando-a. Mesmo variando o grau de simpatias e preferências no relacionamento, o que prevalece é um estado de pródiga cordialidade.

Esse clima de harmonia não impede o surgimento de desentendimentos entre alguns habitantes do vale. Vizinhos há que se hostilizam historicamente.

Maé e Mané Pedro, dois dos mais necessitados, atingiram tal grau de desavença sobre colocação de uma cerca junto ao valo entre suas propriedades, de poucos litros de área, que nem três ajuizamentos de vizinhos conseguiram resolver a pendência. A questão consistia em decidir se a cerca passaria dentro do valo divisor ou sobre uma das encostas. A discórdia ainda não foi dirimida. O acirramento na disputa entre esses vizinhos ultrapassou os insultos e palavrões e um passou a queixar-se de que as crianças do outro tacavam pedras em suas casas e telhados.

Há outras desinteligências a respeito de divisas. Para resolvê-las, usualmente as partes escolhem uma pessoa que goze da confiança mútua como juiz. O escolhido recebe a tarefa da louvação e é designado louvado. É dito ser a louvação sempre aceita pelas partes, mas algumas pejejas não terminam com sua sentença. Pode haver rivalidade por outras razões. Uma das mais significativas foi motivada pela disputa em que entrou o construtor de uma venda nova, defendendo a mudança do campo de futebol para a frente de seu estabelecimento. Em todas as outras discórdias menos problemáticas, as emoções não existem ou não são exteriorizadas. Ninguém aparenta muita raiva ou muita alegria.

Há outras formas de liderança além da representada pelos mais ricos, pelos patrões e pelos “turmeiros”. Alguns adquirem respeito com sua capacidade de arregimentar os rapazes para os jogos de futebol. Outros obtêm estima graças a seus modos cativantes de agir, suas boas maneiras no trato social e seu desenvolvido sentido de camaradagem. Outros ainda se fazem respeitar em função de suas habilidades e são procurados por suas qualificações. Poucos são os que não se distinguem por alguma capacidade nessa sociedade, na qual a soma de aptidões de seus indivíduos compõe uma significativa reserva de conhecimento e um diversificado potencial de realizações.

No vale, caminhar ainda é a forma mais frequente de se deslocar. Menos de um terço das famílias têm “animais” ou, melhor dizendo, montarias. Há cerca

de três anos, chegaram a quatro os veículos dos moradores, mas hoje apenas uma das famílias locais possui carro. Eles caminham para chegar ao trabalho, para apanhar lenha e para fazer as visitas. Exímios andarilhos, alcançam a pé a cidade, que pode distar até vinte quilômetros das casas mais afastadas, e voltam, no mesmo dia, uns a pé, carregando as mercadorias que compram, outros já desfrutando a comodidade de dividir o aluguel de uma kombi. Sobem os quinhentos metros do desnível que separa o vale do alto da Pedra do Papagaio como guias dos visitantes, conversando sem cansaço, e deixando perceber muito pouca alteração da respiração. Alguns têm bicicletas, que empurram nas subidas mais íngremes, pedalam nas pequenas lombadas e planos e fazem correr em boa velocidade nas descidas.

Os caminhos são estreitas picadas, na verdade sulcos da largura de um pé, pisados pelo gado e pelas pessoas. Cruzam os cursos d'água por pedras estrategicamente dispostas na distância de um passo ou por pinguelas ou estivas. Essas picadas volteiam as grandes lombadas, evitando subidas abruptas, e interligam como uma rede as diversas casas e roças e outros pontos procurados.

A circulação principal se faz por meio de uma pequena estrada de terra carroçável em tempo seco, e que nas águas se torna difícil ou impossível para veículos sem dupla tração. Essa estrada se ramifica da via que interliga Aiuruoca à Alagoa e foi consolidada até a Pedra do Papagaio quando da construção do Grupo Escolar em 1972. Em 1980, foi prolongada até o Matutu, na maior parte aproveitando um antigo sulco de carros de boi. Hoje, um novo trecho está sendo aberto subindo a serra do Papagaio por Sudoeste, o que causa muita preocupação aos interessados na preservação do vale, por contrariar a legislação que o protege. Além dessa estrada, existe ainda uma passagem muito antiga, que liga o Matutu ao bairro do Cangalha, e outra que segue da Pedra do Papagaio à Guapiara. Essas, porém, são transitáveis apenas por pessoas e animais.

Por esses caminhos circulam os camponeses que, além das viagens que fazem à Guapiara, Aiuruoca e Aparecida do Norte, também vão com certa regularidade à Alagoa. Os bairros próximos mais procurados são a Serra, pelo pessoal da Pedra do Papagaio, e o Cangalha, pelo pessoal do Matutu. O Laticínio do Cangalha recebe, por exemplo, o leite produzido no Matutu. Os demais entregam o leite na encruzilhada da estrada para o caminhão do laticínio da Aiuruoca.

Com o pessoal da Serra e do Cangalha, os moradores do vale mantêm relações amistosas e se visitam de vez em quando. O cantador de reis na festa do vale mora na Serra e encontra-se na Pedra do papagaio quem cante reis em outras freguesias. Há quem tenha parentesco nesses dois bairros. Alguns já estiveram no Rio de Janeiro ou em São Paulo e guardam viva impressão dessas visitas. Costumam descrever com uma imensidão de detalhes as aventuras nos bares, a multidão da rua Direita e a fila para os mictórios públicos, fatos muitas vezes ocorridos há mais de trinta anos. Cerca de dez grupos, compostos de famílias, recém-casados, homens ou mulheres solteiros, saíram do vale nos últimos dez anos. Há dessa gente no Paraná, em São Paulo, e sobretudo no vale do Paraíba e no Sul de Minas.



É usual os proprietários de casas na cidade e seus familiares passarem algum tempo na Aiuruoca. A filha de um deles, recém-chegada de lá, dizia-se muito cansada, “pois na cidade a gente não tem hora pra nada”. Não se estranha mais a visitação de pessoas de fora, e nas férias jovens vindos das cidades acampam na Pedra do Papagaio. Entre esses visitantes está um rapaz de Juiz de Fora que introduziu a apicultura no vale. Os moradores conhecem bem a gente do comércio da cidade, o padre, os políticos, e frequentam parentes de lá, e a cultura deles não difere muito da de grande parte dos habitantes da Aiuruoca. Apesar disso, a ligação mais profunda do vale com o mundo exterior se dá pela audição de programas de rádio. Em especial à noite e de manhãzinha, ouvem audições de músicas sertanejas, comungando em geral das opiniões de seus apresentadores. Acompanham através desses programas as questões mais graves da conjuntura nacional, envolvendo-as com as suas, sempre relacionadas com o baixo preço do leite, moeda mais significativa para todas as suas atividades.

A maioria dos habitantes do vale dedica-se a algum tipo de comércio, que é praticado de forma mais intensa por aqueles que têm mais posses, e podem levar essa tendência ao extremo de permitirem que os filhos menores possuam bens para comerciar dentro da própria família. Apesar do variado comércio interno, a vida da comunidade não é autossuficiente. A produção local tem de ser suplementada pelas mercadorias da cidade, onde compram remédios, farinha de trigo, macarrão, sal, açúcar, fósforos, velas, calçados, creme dental, escovas de dentes, vestuário e utensílios domésticos, como panelas, pratos e talheres. Por vezes, chegam a comprar frangos, ovos, porcos, café e carne de vaca em locais próximos ou mesmo na Aiuruoca. Entre as mercadorias compradas fora, recebem apreço especial a pinga, que vem de alambiques próximos ou da cidade, o vinho e o guaraná. Recentemente Macário instalou um alambique na Pedra do Papagaio, o que alegrou a muitos. Os que tiram leite para vender, compram farelo e sal para o gado. Farelo sobretudo no tempo da seca.

Além das compras na cidade, atendem à demanda local duas vendas na Pedra do Papagaio. A do Antônio Juca dispõe hoje de poucas mercadorias, oferecendo quase somente pinga, refrigerantes, balas, querosene e fósforos. No passado, quando era a única do vale, podia ostentar a metade de uma porca estendida em seu balcão, com sua carne e tocinho sendo cortados e vendidos aos poucos. Tem freguesia certa à noite, em especial nos fins de semana e nos domingos de futebol. Há também a venda do Maurinho, com estoque mais variado: cachaça, vinho, cerveja em lata, coca-cola, guaraná, xarope de groselha, óleo de soja, banha, arroz, macarrão, farinha de trigo, farinha de milho, pimenta, cebola, vinagre, café, açúcar, coalho, fósforos, fumo, sabão, bombril, prego, gilete, pente, óleo para cabelo, sonrisal, cibalena, remédio veterinário Agrovét, Racumin, querosene, linha de costura, e óleo de máquina.

A essas formas de comércio superpõem-se outras. Mais ou menos quatro vezes por ano, a Pedra do Papagaio recebe a visita de um mascate, que chega de carro e abre sobre o capô malas com roupas, quinquilharias, chupetas, chocalhos,





Venda



anéis, brincos, pulseirinhas, esmaltes, batons, ruges e perfumes. Diferentes grupos ciganos acampam na encruzilhada da estrada para a cidade; consertam e vendem tachos e panelas, e são respeitados como trabalhadores. Já com relação aos que comerciam animais, os moradores guardam alguma reserva, devido ao receio de que vendam gado roubado. Mesmo assim, compram. Deles, o Isaías comprou um cavalo cego, e o Zé Reis, que mora próximo ao corredor, comprou uma vaca branca pintada como holandesa, que perdeu suas cores na primeira chuva. Além das lembranças trazidas de Aparecida do Norte, comenta-se ainda sobre a compra de um cavalo na feira de Conceição do Mato Dentro e sobre outras histórias, que já se constituem em exceções e particularidades.

Dentro do espaço do vale, existe ainda o trabalho dos moinhos, que podem ser utilizados, conforme as relações entre vizinhos, como favor ou como serviço pago. Homero tinha uma máquina que moía bastante milho, mas cujo resultado não agradava porque encontravam um gosto de fumaça no fubá.

A honestidade é cultivada como preceito sagrado. O roubo só se justifica se cometido em circunstâncias excepcionais. Mesmo assim, seu ato continua a ser muito censurado. Muitas casas ficam fechadas, sem ninguém para guardá-las, protegidas apenas por uma tramela. Já nos negócios, a situação se mostra um pouco mais opaca. Os mais espertos podem chegar até a se vangloriar de ganhos ardilosos, enquanto os outros podem acusá-los de alguma marotagem, como vender vaca doente ou pôr água no leite. Todos, no entanto, são pacíficos e não se encontram notícias da prática de violência no vale, nem se sabe de brigas, socos ou outras agressões entre adultos. A única tragédia recordada na região ocorreu no Cangalha, quando, numa discussão de botequim, um bêbado agrediu um campesino que, em legítima defesa, matou o agressor com um canivete, mas o remorso o transtornou de tal forma que, extremamente deprimido, se enforcou poucos meses depois.

A pinga na venda do Antônio, consumida do entardecer até a meia-noite e em maior quantidade nos fins de semana, é às vezes sonorizada por modas de viola. Outras ocasiões, surge um baralho já ensebado e o truco ronca sobre o balcão. Zape, sete de copas, sete de ouros e espadilha, frequentam então os desejos mais íntimos dos jogadores. Desses habitués, os mais amigos da noite e da cachaça são Ernesto, João Bernardo, Luís Soares, Maé, Lico e Zé Custódio. Coincidentemente, são também os maiores amigos de prosas e brincadeiras.



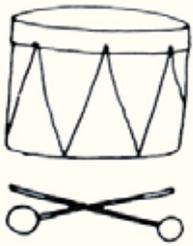


Certo dia, por exemplo, convenceram Geraldo Nestor a plantar macarrão. A história ficou célebre. Repetem essa e outras histórias várias vezes, rindo como se estivessem vivendo o dia em que tudo aconteceu. Não há notícias de brigas na venda e os habituais bebedores compõem uma alegre confraria. É mais o pessoal da Pedra do Papagaio que frequenta essa venda. O povo do Matutu, com exceção dos fregueses certos, entra quando está de passagem. Nos dias de futebol, a frequência é diferente. Além dos jogadores, famílias inteiras se aboletam nos barrancos mais próximos e confortáveis e passam horas em festiva confraternização. Fora essas, o lazer ativo restringe-se à excepcional presença de um circo na Aiuruoca.

Esse povo de vida tão singela cultiva, além da hospitalidade, outros refinamentos. Um comprador de gado, com os sapatos orvalhados em dia de inverno, poderá ser recepcionado com uma lata de brasas colocada junto a seus pés para esquentá-los. Um visitante se surpreenderá com a alvura das longas toalhas de franjas que os homens põem dos ombros aos braços para servir a janta das festas de Reis cumprindo promessas. Que dizer, então, da beleza dos tecidos e das cores das mantas dos teares? Entre essas sutilezas, incluem-se as festas como seus momentos de maior alegria e comunicação. Nelas há de tudo, convergência perfeita e momento de clímax, esperado por todos. A começar por um de seus cantos, o calango, a expressão musical mais apreciada na região, e reproduzida em quase todas as oportunidades: nas vésperas de Reis, nos bailes nas casas à noite, enquanto os mais moços dançam à luz das lamparinas, e nos bares, aos domingos ou após o trabalho. A sanfona e a viola podem ser acompanhadas do pandeiro e do cavaquinho. O calango é cantado exclusivamente pelos homens, em roda, de pé ou sentados, que aceitam qualquer recém-chegado que queira participar. Em geral, o calango só começa após generosas rodadas de cachaça, e sempre com uma introdução, um cumprimento, um pedido de licença. A melodia é invariavelmente a mesma, repetida a cada estrofe. Tem um ritmo constante batido, de toada ligeira. As variações são obtidas pela habilidade dos tocadores em apresentar diferentes arranjos, ou pelos cantadores no uso de suas vozes. Cada um dos participantes deve cantar quatro versos e dar lugar ao seguinte.

O primeiro verso cantado deve reproduzir ou referir-se ao tema utilizado imediatamente antes. Só nos versos seguintes é desenvolvido novo argumento,

relativo ou não ao primeiro. Quem chega à roda, já com canto iniciado, aguarda sua vez e, em sua primeira intervenção, repete o pedido de licença ou os cumprimentos. Há sempre um caráter irreverente e de desafio nos argumentos, o que leva os cantadores no final, ao apresentarem suas despedidas, a fazerem também propostas pacificadoras. A cantoria pode durar bastante tempo, até uma hora, ou, se interrompida, voltar a ser cantada na mesma noite. A seguir vão alguns exemplos de versos, coletados na Pedra do Papagaio e na Guapiara.



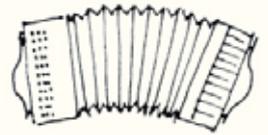
*Dá licença meu colega de escutá o que eu vô cantá,
Boa noite, boa tarde aos amigo do lugá,
Eu cheguei, aí tô chegado, tô quereno acostumá,
Dá licença meu colega, do calango celebrá,
Perguntaro do meu nome, se o meu nome eu num vô dá,
Eu me chamo João Bernardo, eu moro em quarqué lugá,
Na Campina sô tenente, n'Alagoa sô fiscá,
Mais sô memo desse jeito, sô um cabocro de amargá,
Queria fazê barrero, o barranco já num dá,
Chuva grossa num me móia, chuva fina qué moiá,
Ó a fia do Lorindo quereno me namorá,
Falo e falo, tô falano, dexa eu tamém falá,
Como é que fica, pro calango festejá?
Me dá cá um golo de pinga que o céu vai vê eu cantá,
Tenho guela de borracha quanto mais puxa mais dá,
Sarto dentro da sanfona, chacoio pra lá e pra cá.
Num bebo pinga que a mardita me faiz má,
A marvada já me feiz eu subi morro devagá,
Se a cachaça tá no bucho a peroba tá no á,
Eu bebo um golo de pinga, eu fico meio a daná,
Onde eu relo sai farinha, onde eu rapo sai fubá,
A marvada da cachaça tá querendo me matá,
Tropicá não é caí, tô querendo levantá,
Eu num bebo mais cachaça, qué me dá um guaraná?
O que eu como num me enche, quano enche me faiz má,
Eu num sei se é a cozinhera que num sabe cozinhá,
Eu num sei se é a gordura, ou se tô passano má,
Fazenda que eu mando nela num dexo ôtro mandá,
No mato que eu tiro lenha num dexo cipó lastrá,
Na fazenda onde eu moro quem tem medo num vai lá,
Cabo de chupá laranja, logo chupo um laranjá,
Quero que o céu me conte que semente areia dá,
Se a areia dá semente, vira fumaça no á,
Eu quero bebê uma sopa na costela do gambá,
Tenho verso na cabeça, leio letra no jorná,*

*Vô mandá fazê uma reza pra livrá do má olhá,
Océ é uma égua véia, rabo de tatu-gambá,*

*Tô chegano, tô saíno, eu num posso demorá,
Vamo embora, vamo agora, que vai logo serená,
Vamo nós fazê a paiz com os amigo do lugá.*

As festas com data fixa, celebradas ou frequentadas com maior devoção, são as seguintes:

*Santos Reis: 6 de janeiro
Santa Cruz: 3 de maio
Santo Antônio: 13 de junho
São João: 24 de junho
Nhá Chica: 14 de julho (Alagoa)
Sant'Ana: 26 de julho (Guapiara)*



Dessas, a Festa dos Três Reis é a maior do vale e a mais apreciada. Vai reproduzido aqui um relato de uma entrevista com dona Maria Olária sobre esse evento:

No dia 24 ou 25 de dezembro, Natá, o festero que é quem vai fazê a festa vai arrumano os fulião, companheiro que sai pra cantá Reis. Eles se junta na casa do festero e faiz o ensaio, pra depois saí pras casa. Eles canta nas casa e pede comida, armoço e janta nas casa que visita.

Canta sarvano os dono das casa e depois canta pedino as oferta pra festa, dinhero, milho, feijão, frango, carnero, garrote ou leitoa e cachaça, pra esperá pro dia 4 ou 5 de janero quano começa a matá as criação, pô a carne no só e depois cozinhá e assá pro dia da festa.

Os fulião, que são em número de seis, sete ô inté doze, quano eles chega na porta da casa que vai visitá, é recebido pelo dono da e esse pega a bandera do arfere, quem carrega a bandera dentre os fulião, aí, beja a bandera “pro Santo Reis” e põe ela em cima da cama pra ficá benta ou em cima da mesa. Os fulião agradece a oferta dada e depois é servido o café bebido simpres. Já tano despachado, eles canta pedino a bandera, o dono da entrega a bandera e eles convidano pra festa, então os fulião vai ino cantá em otra casa.

Seu Joaquim Bernardo é um dos mestre de Reis que é quem puxa a música. Na véspra de Reis, tudo vão ajudá pra festa, arrumá as carne.

Dia da festa

Reúne os fulião, e escóie uma casa, perto da casa do festero, pra fazê a chegada, entre meio-dia e uma hora da tarde. O dono da festa faiz os arco, enfeitado de bambu e frô, que são treis fora e um na porta da casa. Os fulião vem e em todos arco. O úrtimo é o da porta. Aí já tá todo mundo lá e a janta tá

pronta. Os paião fica pulano, bulino com as pessoa pra pedi mais oferta, a ropa dos paião é toda enramada de vermeio com todo ano feita nova - é fáci de fazê.

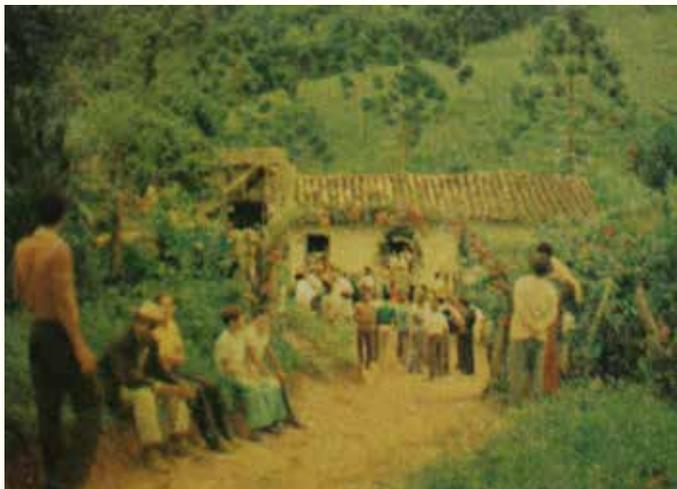
Os fulião entra pra dentro e canta mais um poco e pára. Aí vem o movimento da janta, mais ou menos às duas hora da tarde, a mesa dos fulião é posta separada, come no fim. Toda mulherzada junta lavano os prato pra levá pras mesa, pra servi o doce, então serve o doce. As mulhé de criança come no fogão memo — sempre chega mais gente e as mulhé no fogão até tarde da noite. Os fulião canta pra agradecê a janta e canta tamém pra agradecê as oferta das pessoa que vão chegano mais tarde.

Aí vem a dança: o home chama uma mulhé pra dançá e sai dançano. A dança vai até às hora da manhã se fô boa. A música é de sanfona, violão, cavaquinho, bate-caxa e cantoria, com música que eles aprende no rádio. Passa a noite dançano a café e cachaça. As comida da festa são: arroiz, macarrão, moio de cebola, carne de vaca, leitoa, carnero, arito, galinha, feijão, cachaça e vinho. Doce ralado, doce de cidra, arroiz-doce, doce de figo verde, e café; quitanda pra noite: broa, biscoito e rosca.

Essa janta é servida para mais de duzentas, às vezes trezentas pessoas, e sempre sobra comida. Houve festas em que mataram três garrotes, doze leitoas, outros tantos patos e mais de quarenta galinhas. Na véspera, na hora da matança, é uma correria: os moleques entusiasmados atrás dos frangos, galinhas estrebuchando pelo chão, e o vento levantando as penas por todo lado. No terreiro, vários caldeirões de ferro, alguns de até um metro de diâmetro, fumegam sem parar por mais de vinte e quatro horas.

No dia da festa, cozinham o arroz, o feijão, a batata, o macarrão e os doces. Fazem com tábuas duas mesas imensas. Uma na frente da casa para os homens, com cerca de dez metros de comprimento, que recebe dois a três grupos diferentes de até cinquenta pessoas, e outra no fundo, geralmente encostada a um paiol, para as mulheres. Como quase sempre chove nessa época, levantam, quando possível, uma armação de bambu que cobrem com plástico para abrigar os comensais. As travessas com as comidas são postas sobre a mesa e todos se servem. Comem de pé. Além dos arcos, enfeitam os terreiros da frente e de trás com bandeirinhas de papel. Bebe-se muita pinga, e solta-se muito foguete.

Os festeiros das últimas comemorações foram Luís Soares, João Juca, Dito Nestor, Lico, Zé Custódio e João Bernardo, estes últimos associados. O mestre que sempre canta é o Seu Joaquim Bernardo, um morador da Serra, que é parente de muita gente da Pedra do Papagaio. Com 55 anos, cantando Reis desde os dezoito, garante que, se festas falharam no vale todos esses anos, isso não aconteceu mais que duas ou três vezes. Correram invariavelmente bem, “graças a Deus”, essas festas em que celebram a Epifania dos Três Reis, sob sua visão o mais velho festejo do mundo. Em seu decorrer, escolhe-se quem será o próximo festeiro, que muitas vezes procura o encargo para cumprir promessas feitas. Trata-se de uma celebração de origem ibérica, antiquíssima e realizada



em várias regiões do Brasil. Nela, os palhaços representam espiões de Herodes e, segundo alguns estudiosos, diz-se que não pertencem à companhia que é formada pelo mestre e outros músicos². Todo ano há festa de Reis também na Guapiara³, no Cangalha e em muitos outros lugares da região. Bebe-se nessas festas além de pinga, vinho, cerveja, o que houver. No dia seguinte vários moleções são encontrados pelo sol, esparramados pelos pastos ao longo dos caminhos.

A festa de São João, com fogueira, é feita como obrigação por quem tem um filho nascido nesse dia. Certos festeiros mantêm algumas superstições com relação ao banho, que nessa data se deve tomar, bem cedo, ainda no escuro. Depois de lavar ao menos o rosto e os pés, procuram na água a própria imagem que, se não for avistada, poderá resultar em mau agouro. Para a festa de São João costumam enfeitar alguns pinheiros não muito crescidos com fitas e laranjas espetadas em seus galhos.

Nhá Chica, que morreu em Baependi no século passado, granjeando fama de milagrosa, é hoje festejada no Sul de Minas, em especial na Alagoa, onde há uma igreja dedicada a ela e consagrada a Nossa Senhora da Conceição. Os organizadores dessa festa orgulham-se de ter uma fogueira de catorze metros de altura, a mais alta da região. Várias pessoas do vale vão à Alagoa para louvar Nhá Chica.

A festa da Guapiara é obrigatória, e é dedicada a Sant'Ana e São Joaquim.

Demonstra a cultura popular que estas festas são comuns a vastas regiões do Brasil. Caetano Veloso cantando sua Santo Amaro no recôncavo baiano poderia estar falando de Aiuruoca quando diz: “Há muita gente apagada pelo tempo nos papéis desta lembrança que tão pouco me ficou: igrejas brancas, luas claras nas varandas, jardins de sonho e cirandas, foguetes claros no ar”.

NOTAS:

1. Antonio Candido, op. cit.

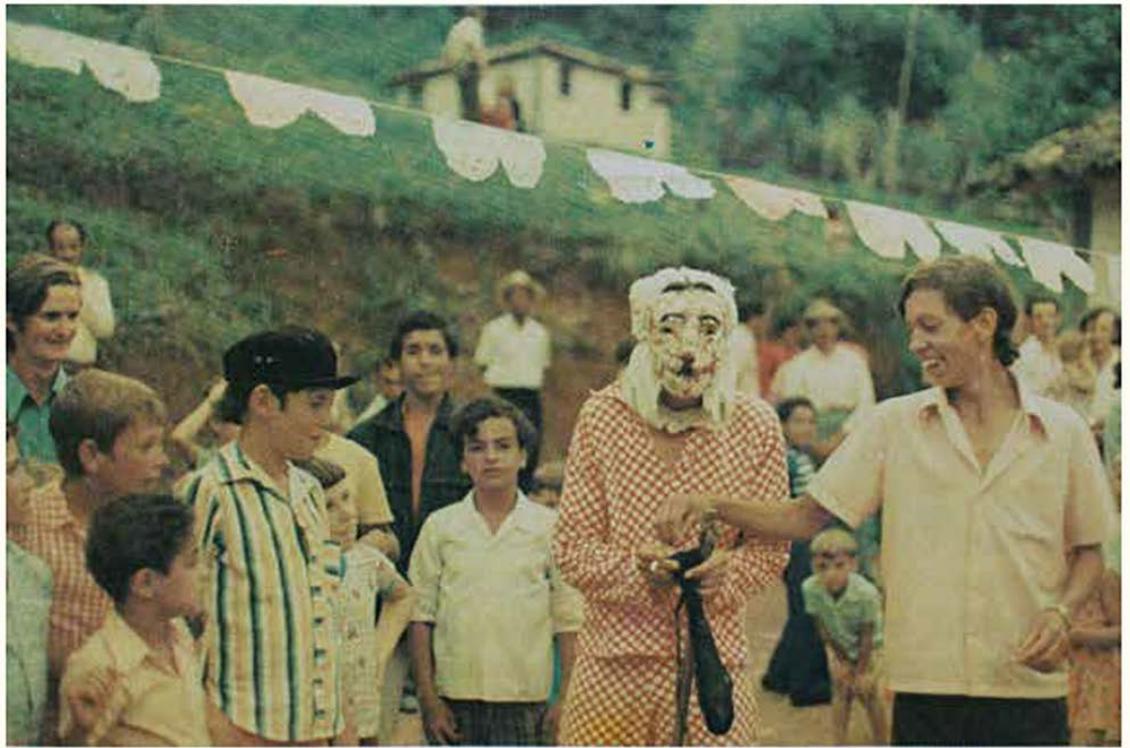
2. Rossini Tavares de Lima, *Folguedos Populares do Brasil*, São Paulo, Ricordi, 1962.

3. Na Guapiara há uma máscara de palhaço, feita com o couro da cara de um bode preto com as orelhas, muito impressionante. Esse palhaço ainda segura um chicote.



João Juca, festeiros
e bandeira de Reis





PROGRAMA

Às 9 horas da manhã: Chegada do Pároco à Capela, para atender às Confissões.

Às 11 horas: SANTA MISSA, com a Comunhão e participação de todos os fiéis. Em seguida à Missa: LEILÃO DE GADO E DE PRENDAS, ofertas dos devotos de Sant'Ana e de São Joaquim para a sua Capela da Guapiara.

NOTA: O gado arrematado terá prazo de 30 dias para pagamento, mediante a apresentação de um cheque assinado pelo arrematante; as prendas serão pagas na hora.

Às 4 horas da tarde: SANTA MISSA; PROCISSÃO E SERMÃO.

A corporação Musical de Aiuruoca abrilhantará nossa Festa, alegando-a com sua música festiva, animada e contagiante.

FESTEIRO DE SANTANA E SÃO JOAQUIM, NO ANO DE 1987: Sr. ANTERO JOVINO DE FREITAS, E SUA FAMÍLIA que, com muita dedicação e um amor muito grande aos padroeiros da Capela da Guapiara, trabalhou muito, pediu a todos, fez tudo o que pôde para a beleza, a realização, e o êxito integral da Festa da Guapiara em 1987.

Ao Sr. Antero e sua Família, o mais reconhecido e agradecido DEUS LHES PAGUE por tudo o que fizeram pela Festa de Sant'Ana em 1987. ELA, a gloriosa Sant'Ana, e seu esposo, o glorioso São Joaquim, abençoem, largamente, o trabalho e a boa vontade que tiveram para a realização de Sua festa.

O Pároco e o Festeiro convidam todas as pessoas conhecidas e amigas, todos os devotos de Sant'Ana e de São Joaquim para participarem de Sua festa, vindo assisti-la, trazendo sua prenda, rezando, pedindo ou agradecendo alguma graça, enfim: a presença de cada pessoa, em nossa Festa, é muito importante para todos nós!

Pedimos a Deus que abençoe a todos e faça a Festa da Guapiara ser de muito proveito espiritual para todos, uma oportunidade a mais, em nossa vida, para louvarmos a Deus e glorificá-LO, através de nossos queridos Padroeiros — Sant'Ana e São Joaquim.

AIURUOCA, JUNHO DE 1987

O Pároco: Padre Luís Vieira Arantes.



A fotografia acima e as duas seguintes foram realizadas recentemente por Luís Felipe Soares, jovem morador de Aiuruoca, e demonstram como a tradição das festas ainda preserva vários de seus elementos.





7. A PRODUÇÃO

*Há chuva no mundo? Há lama na forja?
Há dedos tecendo sóis em silêncio,
Mãos que falam de possíveis eventos.*

A Coleta, o Cultivo e o Pastoreio

Para obter a subsistência necessária ao próprio sustento e ao de suas famílias, a gente do vale desenvolve atividades de coleta, cultivo e pastoreio. Essas atividades, relacionadas a todo um saber oriundo da fusão de várias culturas, resultam em formas de trabalho características da maneira de viver tradicional. Coletam madeiras, palha, taquara, pedras, frutas, ervas medicinais e de tingimento; caçam e pescam.

Transportam a madeira cortada, lavrada e serrada no local de coleta para a área em que vão usá-la de diversas maneiras. Se é tora grossa, tirada em pasto aberto, arrastam-na por junta de bois. Tronco grande tirado do meio do mato já requer maior trabalho. Fazem com o enxadão um caminho delineado de acordo com a topografia, de cerca de um metro e meio de largura, o suficiente para a passagem de uma parelha de bois de carro. Na feitura desse caminho, cortam todo o mato que encontram pela frente e deixam estragos consideráveis. Madeiras menores podem ser puxadas por burros. Nesse caso, prende-se por uma das pontas uma quantidade igual de caibros, pontaletes, ripas, de cada lado da cangalha, e a outra ponta vai arrastando pelo chão. Os serradores, que sempre trabalham aos pares, também costumam, ao voltar do serviço, trazer algumas peças nos ombros.

Para serrar a madeira, constroem um estaleiro de, no mínimo, um metro e meio de altura. Depois de lavrada a machado nos quatro lados, no tamanho permitido pelo diâmetro, e depois de cortada no comprimento desejado, a peça é empurrada, puxada e levantada por alavancas para o alto do estaleiro. Posta na posição conveniente, marcados os cortes com barbante embebido em anil, um serrador se coloca por cima da tora e um outro por baixo do estaleiro. Com movimentos ritmados, eles vão fazendo avançar uma serra grande, que chamam de traçador, até o trabalho terminar. Dessa forma cortam pranchas, caibros e ripas no tamanho exato que desejam. Ao escolher

uma árvore para cortar, já calculam o peso, o local do tombo, a maneira como vão construir o estaleiro e vários outros detalhes. Árvores muito grossas nem sempre podem ser cortadas em peças muito compridas, pois o peso não permite assentá-las por inteiro no estaleiro. Nessas avaliações mostram conhecer cada uma das árvores de porte existentes na região a distâncias praticáveis, e se referem com familiaridade às árvores que ainda estão de pé, ou a outras que derrubaram há muitos anos.

Normalmente não derrubam árvores para lenha, preferindo, por ser menos trabalhoso, catar os galhos caídos ou a sobra dos serradores e da limpa de áreas para plantio. As madeiras preferidas para a queima são o pinheiro e a tamanqueira. O pinheiro tem uma casca de demorada combustão, que libera muito mais calor que as madeiras de peso específico mediano, que queimam com relativa rapidez. Os nós dessa madeira são muito duros e contém óleo. Queimam liberando tantas calorías que o povo da região costuma dizer que eles são os quebra-panels. A tamanqueira é madeira leve, de queima rápida, com liberação de poucas calorías. Várias outras madeiras podem virar lenha, a maior parte mole, retirada no preparo dos roçados e capazes de produzir poucas calorías. Utilizam-se também de galhos e pedaços de madeiras duras. Dessas, a candeia e o jacarandá são as que dão maior calor, com maior tempo de queima e melhor conservação de suas brasas. A seguir, vêm o guatambu e as canelas, e depois o cedro e o pinheiro. Os galhos catados em geral devem ter no máximo de dez a quinze centímetros de diâmetro, para evitar o trabalho de racha. Piúcas, sabugos, gravetos e taquaras são usados na hora de acender o fogo ou reavivá-lo, para fazer um café ou para fritar algo que precise rapidamente de calor.

No vale fazem uso de muitas frutas, que, provavelmente, são nativas da região. Algumas são plantadas próximo das casas, outras coletadas nos campos e nas matas. As frutas mais significativas são: o ananás, o araçá, duas espécies de chicoteira, a framboesa, a goiaba, a gabirola, duas espécies de ingá, o juá, a mexerica, o pinhão e a pitanga. A banana é plantada e suas folhas servem para alimentar o gado.

Muitas ervas são também coletadas e dentre elas se destacam:

Para remédio: arnica-da-serra, usada para curar feridas, paratudo, usa-se o chá da raiz para dor de cabeça e dor de barriga, poejo, para gripe, carobinha, corraleira, douradinha, mandioquinha-do-campo, salsaparrilha e velã. Com estas seis últimas ervas é feita uma infusão, fervendo-as com açúcar por vinte minutos para se preparar um tônico. *Para tingimento:* anil, quaresminha e ruivinha-do-campo.

Há uma série de utensílios que são executados com plantas e galhos recolhidos do campo. Além da vassoura, coletam a marcela, da qual fazem travesseiros, e ainda recolhem galhos em forma de forquilhas, cabos, zorras e cajados.

As florestas da Serra da Mantiqueira foram e ainda são devastadas para a feitura de carvão vegetal que alimenta os fornos das siderúrgicas da região, sendo a maior delas a de Volta Redonda.

É característico dessas paragens o ciclo vicioso, com os pequenos proprietários empobrecidos sendo obrigados a vender suas matas para o carvoejamento, e obtendo da transação uma renda mínima, a perda do solo e uma miséria ainda maior. De modo geral, proprietários mais estabilizados economicamente não participam desse



processo. O mesmo não acontece com os situados em terrenos mais declivosos ou impróprios para qualquer produção, que ainda podem acabar como trabalhadores braçais. Os carvoeiros representam o segmento mais baixo da frágil escala social e vivem em grau de miséria desesperadora e indescritível. Não se tem notícia de carvoejamento em passado recente na bacia do Água Preta, mas vales vizinhos, muito próximos, já passam por essa situação degradante. O vale, no entanto, já sofreu a perda de muita madeira arrancada e vendida na cidade. Madeiras de lei, candeia para cercas e muita lenha já seguiram esse caminho.

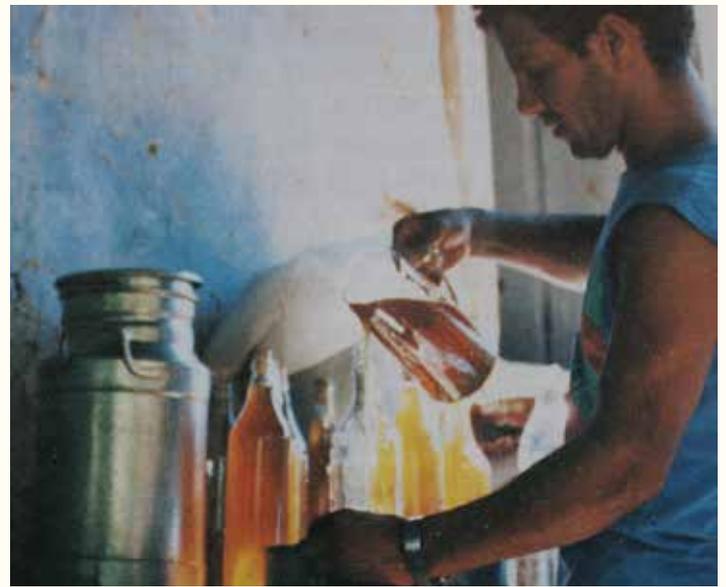
A pesca é ainda praticada na baixada da Pedra do Papagaio por alguns aficionados, que se satisfazem em tirar da água pequenos lambaris. Macário chegou a fazer uma ceva no Água Preta para aumentar sua coleta. Já a caça teve muitos adeptos. Misto de trabalho e lazer, sempre serve para melhorar a qualidade da dieta e faz com que muitos

ainda guardem uma espingardinha em casa. Persiste como atividade dissimulada, mas seu desaparecimento está praticamente definido. Até alguns anos atrás apareciam no vale caçadores de fora com muitos cachorros e ficavam vários dias na serra. A oposição dos recém-chegados foi importante para baixar o número de suas incursões. Atualmente, os próprios habitantes concordam que os animais silvestres da região têm diminuído muito nos últimos anos como resultado dessa perseguição.

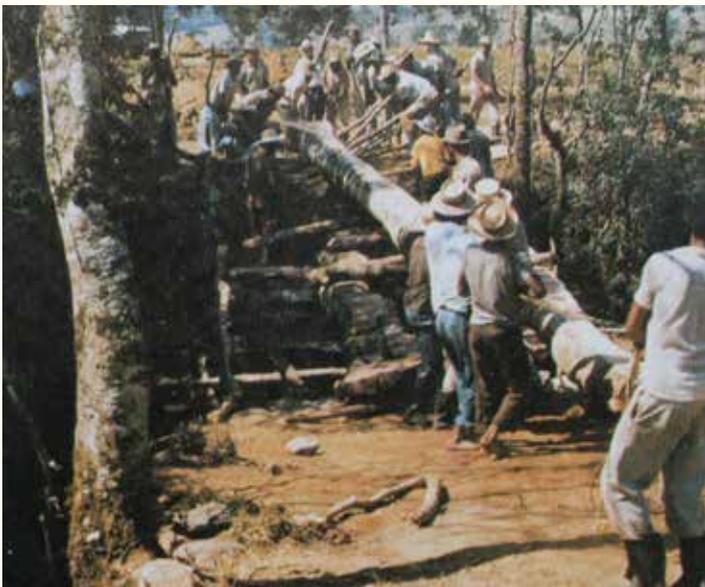
A coleta de mel silvestre é uma atividade noturna, que se faz cerca de uma ou duas horas depois do escurecer. Batista é quem mais se dedica a essa tarefa. Há cerca de três anos foi montado um apiário na fazenda do Sr. Landulfo com a *Apis mellifera*, uma abelha africanizada, híbrido de uma raça europeia com uma africana. É a espécie mais utilizada atualmente pelos apicultores devido à sua alta taxa de enxamiagem, que é a capacidade de concentrar-se nos apiários e colonizar novos ambientes com grande rapidez. Podem ser agressivas aos animais e aos homens, e são sempre sensíveis ao ruído e aos cheiros fortes. Até hoje não há no vale notícia de acidentes envolvendo essas abelhas. Sua sustentação de voo chega a dez quilômetros mas, normalmente, seu raio de ação se estende a dois apenas. A produção de mel é destinada mais à venda do que ao consumo interno.

As plantas mais cultivadas na região são: milho, feijão, mandioca, mandioquinha, batata, batata-doce, cebola, cebolinha, salsa, salsão, alho, tomate, repolho, beterraba, couve, alface, jiló, pimenta, abóbora, chuchu, cenoura, inhame, taioba, taiá, gengibre, maxixeiro, aipo, cará, ervilha, urucum, fumo, capim-elefante, cana e café.

Também plantam, além das listadas antes, uma série de ervas usadas como remédio. Socorrem-se, por exemplo, do alho, do gengibre, do limão e da laranja, o primeiro contra dor de cabeça e os três últimos contra gripe. Outras plantas que aparecem empregadas como medicamento são: o alecrim: usado em pó para umbigo



Casa de arreios, produção de mel, mutirão e berrante



zangado; a camomila: para dor de barriga, diarreia, vômito; a flor-de-chagas: para beber e banhar pereba na cabeça; o funcho: para ar parado, gases; a hortelã: para dor de barriga; o isope: para gripe; a losninha: para lombrigueiro, com hortelã e chifre de carneiro; a manjerona: para gripe, tosse; a melissa: para tirar resfriado; a marcelinha: para dor de cabeça, febre; o poejo: para gripe; a salsinha: para queimadura, com sebo de vaca; e a sálvia: para gripe, dor de umbigo.

Com relação às frutas, além de algumas das espécies silvestres, são também cultivadas: a amora-preta, a banana, a jabuticaba, a laranja, o limão-cravo, a maçã, o maracujá, o marmelo, a pêra, o pêssego, e a uva.

Exceto o cultivo do milho, do feijão e das capineiras, todos os outros se distribuem ao redor das casas, em hortas e pomares.

O milho e o feijão são plantados em áreas maiores, anteriormente cobertas por mata. Depois de desmatadas, queimadas e plantadas por dois ou três anos, essas áreas se convertem em pasto ou permanecem em descanso, e desenvolvem uma mata secundária, até recobrar sua capacidade produtiva. Tais terrenos tendem a sofrer a ação da erosão, pois o plantio de milho e feijão não protege o solo como a antiga mata; quando usados por anos seguidos, terminarão por tornar-se pedregosos, sem



Leite

possibilidade de retomar sua colonização. Depois da colheita do milho, é costume deixar o gado pastar em sua palha.

Toda a produção é destinada ao consumo da própria família e à alimentação dos animais de criação. Segundo o entendimento dos moradores, as dificuldades de escoamento da produção não estimulam o incremento da agricultura para o comércio. Usam técnicas rudimentares, e suas ferramentas são apenas o arado, a enxada, o enxadão e a foice.

O plantio das roças começa na primavera. Ara-se a terra logo depois das primeiras chuvas, que amaciam o terreno. O arado é puxado por uma ou duas juntas de bois, que, seguindo o nível do terreno, vão traçando os sulcos que revolvem a terra. Em seguida, o terreno recebe o adubo de estrume expressamente reservado e, finalmente, acolhe as sementes. Quase sempre o adubo revela-se insuficiente para toda a plantação, o que leva a produções diferentes. Uns dois meses depois da brota, faz-se com enxadão uma limpa das ervas que competem com a plantação. Algumas vezes repete-se tal capina ainda antes da colheita. Realiza-se a colheita no outono e sua urgência pode suscitar um mutirão. O milho é recolhido aos paióis, de onde vai sendo retirado para o consumo. O feijão é preso para secar em andaimes chamados batedores. Depois de seco, seus grãos, separados das vagens por batedura, são ensacados.

A produção de milho é medida por cargueiros que correspondem aos dois balaios da cangalha levados por um burro, cheios de espigas ainda na palha. Cada dez cargueiros, por sua vez, equivalem à carga de um carro de boi, ou seja, cada carro corresponde a dez cargueiros ou a vinte balaios de cangalha.

Criam porcos e galinhas, principalmente para consumo familiar. Quando necessitam ou os têm em excesso, podem comercializar essa produção. Alguns vendem ou emprestam ovos.

A criação de carneiros, que já foi bem mais expressiva, entrou em um período de declínio e atualmente vem se recuperando. O objetivo dessa criação é a obtenção

de lã. Um carneiro bem “lanudo” dá dois quilos de lã por ano. Um quilo de lã mais um quilo de fio de algodão comprado na cidade fornecem o material suficiente para a confecção de uma manta. Dois quilos de lã fiada bastam para uma manta só desse material.

A produção de leite como já dito é a única fonte de renda expressiva. Do Matutu, Geraldo Maciel de Sene envia nos meses de maior produção trinta litros diários para o laticínio do Cangalha. Os moradores da Pedra do Papagaio vendem para o da Aiuruoca. As produções mais significativas são as de Balbino, Tião Ferreira, Landulfo, que também reserva leite para seu próprio queijo, e Maurinho Nogueira. A maior produção conjunta do vale chega a cerca de 600 litros diários. O laticínio da Aiuruoca, por sua vez, produz queijo branco, que é vendido em supermercados do Rio de Janeiro.

A produção média diária de cada vaca, com bezerro pequeno, é de sete litros nos primeiros três meses, e de cinco litros nos seis meses seguintes; após esses nove meses, o bezerro é desmamado e a vaca descansa por um período de três meses, ao fim do qual vem a parir novamente. O ciclo de produção por vaca divide-se, portanto, em nove meses de lactação e três meses secos. A concepção geralmente se dá em setembro e a parição em maio. O gado apresenta a mesma mestiçagem do existente na região, tendente mais para o gir e o holandês.

No período da seca, de 15 de maio a 15 de outubro, quando o pasto costuma revelar-se insuficiente, os que podem fornecem ao gado uma ração suplementar de farelo de trigo, capim e cana. Já as vacas que estão produzindo recebem, usualmente, um tratamento de cocho diário.

Quanto aos cuidados com os animais, o procedimento mais comum, de acordo com as possibilidades de cada proprietário, consiste na vacinação contra febre aftosa, obrigatória, e aplicação de Agrovit, penicilina intramuscular, em caso de infecção, além de cálcio na veia para fortificar. Para berne, aplicam óleo queimado com negrume que é um carrapaticida. Todo o gado recebe sal regularmente. Já houve casos em que se levou o nome de uma vaca doente para ser rezado por um benzedor do Cangalha.

Os pastos nativos são de barba-de-bode e grama, os cultivados são de capim-gordura. Regularmente, nos meses de fevereiro a abril, os pastos passam por uma operação de roçagem, que os livram das plantas que concorrem com o capim antes de atingirem a maturação das sementes dessas pragas. Tal atividade pode resultar na empreita de trabalho, cujas medidas são feitas por área ou por dia de serviço. O pagamento por um dia de serviço corresponde ao valor de dez litros de leite, produto que praticamente se converteu na moeda da região. Arrendos de pasto, por exemplo, cobram-se com base no preço de um litro de leite diário por cabeça de gado. Já cavalos e burros, que comem mais, tendem a acertos de litro e meio por dia. No caso de trabalho realizado por área, usam-se as mais variadas medidas. Uma tarefa corresponde a um dia de serviço. Quando em terra boa, vale dizer, em terreno de trabalho mais fácil, a tarefa equivale a vinte e cinco varas em quadra, sendo uma vara igual a doze palmos e meio. Em terreno falhado, onde não se roçou no ano anterior, a tarefa corresponde a quinze varas em quadra. Uma tarefa representa um litro ou pouco mais de um litro, e

quarenta litros perfazem um alqueire, sendo um litro a área necessária para o plantio de um litro de grãos de milho. Envolvidas nestas intrincadas medições, há pessoas que roçam até três tarefas por dia e disso se vangloriam.

Campos nativos, brejos e outros terrenos de pior qualidade geralmente são queimados no mês de agosto, quando a vegetação está mais seca. Apesar da queima ser uma operação complicada, com uma série de cuidados, muitas vezes o fogo escapa do controle e estende-se por vasta região. Junto do pisoteio excessivo e da derrubada da mata das encostas, a queimada é uma das formas de apropriação do território da cultura tradicional mais danosas ao meio ambiente.

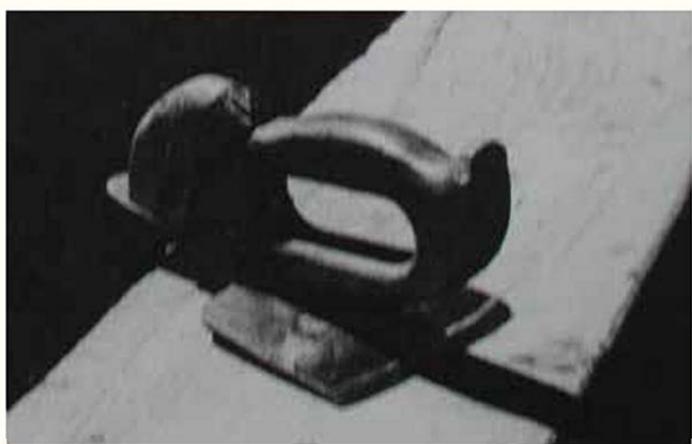
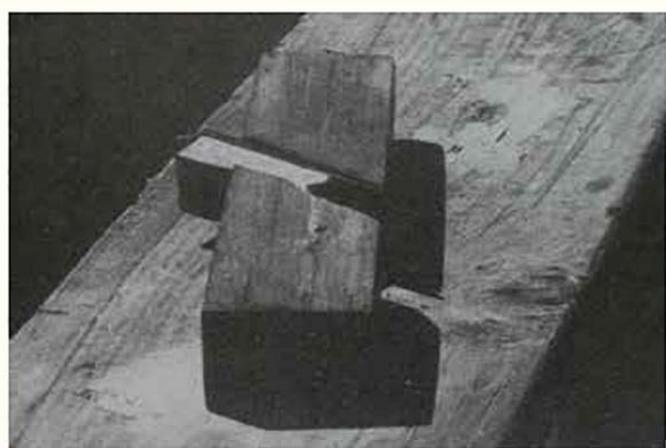
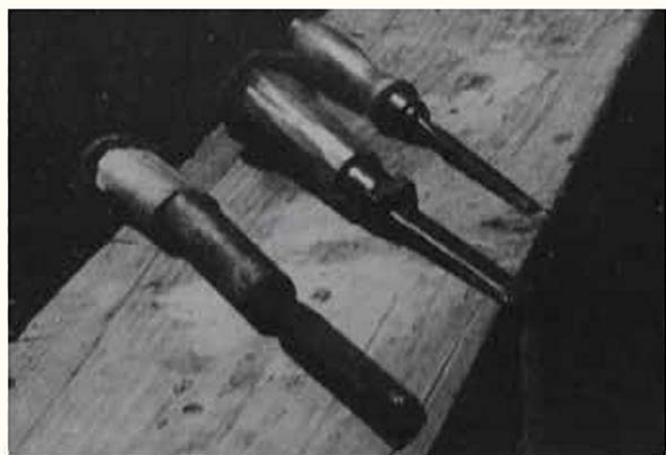
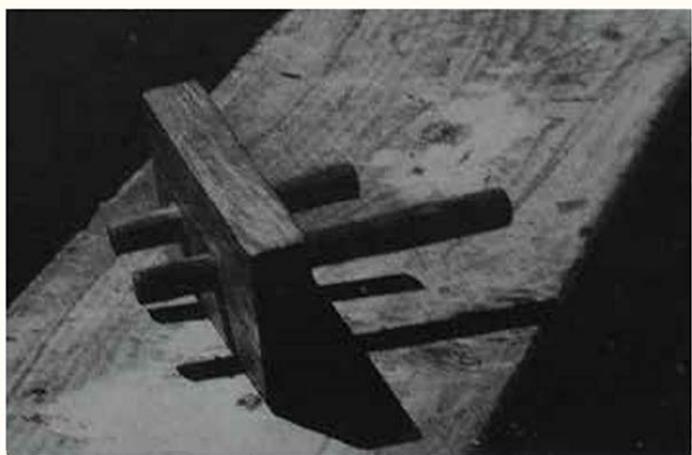
Os criadores que podem, por direito de herança, ou por acordos de uso, levam principalmente no verão o gado falhado para o alto da serra, reservando seus pastos para as vacas leiteiras, que sempre ficam por perto. O gado mais valioso é retirado da serra nos meses de inverno, quando o pasto é tostado pela geada. Chamam de gado falhado as novilhas muito jovens para a produção, ou os bezerros machos desmamados, chamados “gabirus”, que são destinados à engorda, ou também uma vaca sem leite que “falhou” na cruzada e ficou sem cria. Com esse costume faz-se a adequação da utilização dos pastos de forma mais produtiva e otimizada. A cada dois anos os moradores do vale ou de outras áreas vizinhas fazem a queima dos campos nativos do alto da serra para propiciar a rebrota, que, sendo mais tenra, é preferida pelo gado. Essas queimadas são as mais preocupantes quanto ao aspecto ambiental, pois os campos de altitude situados mais próximos da Pedra do Papagaio, já bastante desgastados pelo pisoteio excessivo do gado, necessitariam de uma atenção especial e mesmo de recuperação.

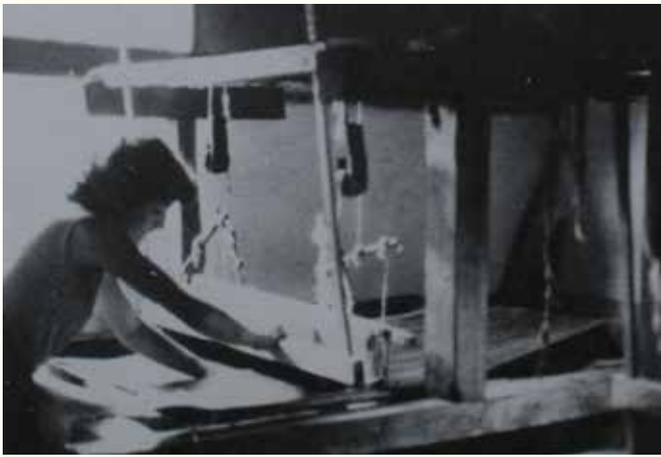
Quase todos os anos, os criadores vendem uma parte dos bezerros machos ou as vacas velhas já sem possibilidade de produção. Essa venda é geralmente feita a boiadeiros da Aiuruoca, especializados na comercialização de gado. Ao final de todas essas fainas, obtêm um resultado pouco compensador: a maior parte, senão a totalidade do dinheiro arrecadado na produção leiteira, acaba indo para a compra de farelo, sal, remédios e dos mantimentos necessários à alimentação da família.

A seguir, apresentamos uma lista de alguns nomes de bois de carro e de vacas do vale. A escolha desses nomes passa pelas mais complexas razões, e podem servir de inspiração o nome do vendedor, do lugar da compra, o nome da vaca mãe, o nome de um amigo, a cor, a cara ou o jeito do animal, e até o título de uma música preferida.

Bois de carro: Brasileiro, Carvão, Café, Palácio, Ponteiro, Relógio e Viajante.

Vacas: Arapuça, Arena, Assembléia, Baixinha, Barra Limpa, Bianca, Bilia, Boneca, Bordalera, Cana, Cigana, Cinema, Conquista, Cozinheira, Divisa, Dourada, Espanha, Faixa, Formiga, Fortaleza, Garota, Jardineira, Lembrança, Lindóia, Lisa, Londrina, Mancha, Maravilha, Meia-noite, Melodia, Minerva, Parmalate, Paulina, Pintura, Serena, Seritinga, Veneza e Vitrola.





As Fabricações

Muitas coisas são fabricadas no vale do Água Preta. A maior parte desse saber fazer, herdado de outras gerações, vai, com o tempo, recebendo aprimoramento e adaptações. Essa sabedoria compõe, em grande parte, o repertório da cultura tradicional brasileira. Assim como as construções, essas feitura e fabricações decorrem da fusão do conhecimento do colonizador com o daqueles que conheciam a natureza tropical.

Para a feitura das construções, do mobiliário e de outros utensílios, os moradores do vale escolhem as madeiras mais apropriadas para os usos desejados, de acordo com seus conhecimentos. O corte é realizado de maneira a satisfazer uma série de regras com relação à lua. A época de corte da madeira vai do segundo dia após a lua cheia até dois dias antes da lua nova, período em que a madeira está mais seca. Derrubam a árvore e dela retiram toda a galhada, para deixar o tronco limpo. Com o machado, lavram a madeira fazendo uma seção quadrada ou retangular. Para cortá-lo em pranchas, prendem um barbante tingido com anil pelas extremidades, no sentido longitudinal do tronco, a uma polegada de uma das arestas. Puxam o barbante e soltam-no de maneira que, ao bater no tronco, o anil tinga a madeira. Viram o tronco, repetindo o processo. Assim, marcado dos dois lados, o tronco é cortado no estaleiro por duas pessoas com o auxílio do traçador. Repetem esse processo até toda madeira estar cortada em pranchas de uma polegada. As pranchas são posteriormente empregadas em portas, janelas, assoalhos etc.

As madeiras de uso mais comum são as seguintes:

Pinheiro utilizada em toda a estrutura da casa, exceto nas partes que ficam em contato com o chão; usadas também para portas, janelas e assoalho.

Guatambu ou *Peroba* utilizadas em peças estruturais como o baldrame, e em portas, estrutura de pau-a-pique, porteiras e cabo de ferramentas (machado, foice, etc.).

Sucupira utilizada em baldrames, esteios e pontes.

Canjerana utilizada em tábuas de assoalho, janelas e portas.

Cedro utilizada em janelas, portas, pilões e eventualmente em tábuas de assoalho.

<i>Bico-de-pato</i>	utilizada em baldrames, e como cabos de machado.
<i>Jacarandá</i>	utilizada em porteiras, madeiras estruturais, esteios, pontes e cangas de boi para o arado.
<i>Cambará</i>	utilizada em esteios e mourões.
<i>Canelas preta, amarela ou sassafrás</i>	utilizadas em peças estruturais, travamentos, esteios e cabos de machados.
<i>Maçaranduba</i>	utilizada em tábuas, régua e pilões.
<i>Candeia</i>	utilizada em esteio e mourões de cerca.

As madeiras de menos uso são:

<i>Cambuí</i>	colhida em local úmido, é utilizada em obras de construção de casas e como arco de peneira.
<i>Ipê-amarelo</i>	utilizada em cabos de ferramentas.
<i>Embira</i>	utiliza-se sua casca interna para amarrar estruturas.
<i>Paineira</i>	utilizada em gamelas.
<i>Pau-de-vinho</i>	utilizada em régua, nos travamentos das casas e em cercas.
<i>Pessegueiro-bravo</i>	tem a mesma durabilidade da candeia e é utilizada em mourões.
<i>Pinheiro-da-serra</i>	utilizada em caibros.
<i>Mamica-do-porco</i>	utilizada em cabos de machado.
<i>Sapororoca</i>	utilizada em estruturas de pau-a-pique e caibros.

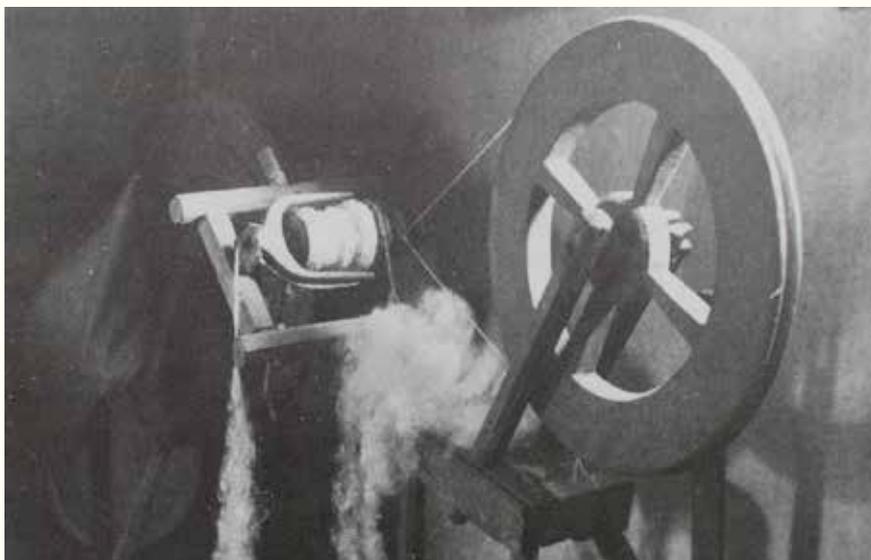
Os serradores do vale são Maé e João Bernardo. Há também serradores que vêm de fora, como João de Amargá, da Liberdade, e outros, de Carvalhos e Mirantão.

Há dois carapinas no vale: Tião Soares e Luís Soares. Tião Soares trabalha com construção, mas cria peças mais elaboradas, como móveis; é a única pessoa na região que trabalha com construção em pedra, como base de casas, pontes e moinhos. Luís Soares, o melhor carapina da região, faz qualquer tipo de serviço em madeira.

Há um banco típico da região, baixo, feito com duas pranchas de madeira inclinadas para o meio do assento, encontrado em várias casas. Alguns o chamam de “banca”. As porteiras são executadas no local, sem ferragens industrializadas.

João Juca faz trançados, como balaios e forros. Para o forro utiliza a taquara, mais fina e maleável que o “bambu”, a qual, cortada na lua minguante, garante uma madeira mais seca e o rebrotamento da planta. Antes de abrir a taquara, corta-a longitudinalmente com um talho. Faz a malha fora, no chão do terreiro e, como é maleável, entra com ela enrolada na casa. É fixada com talas redondas de couro ou de borracha pregadas em estrutura de madeira no nível do frechal.

Em todas as casas fazem-se colchões com palha de milho, travesseiros de marcela colhida nos campos e sabão de cinzas. A feitura do sabão de cinzas começa com a montagem de um barreleiro, que consiste em um balaio suspenso por três



pontaletes. Nele, se soca a cinza recolhida do forno ou do fogão, através da qual se coa água quente. Com esse processo obtém-se a lixívia, que se põe para ferver misturada com banha de porco. Quando a mistura adquire consistência, dela se fazem bolas do tamanho de um punho. O resultado é um sabão de aparência escura e oleosa que, depois de embrulhado em palha de milho ou “pingado” em um pano, é posto ao sol para secar.

As roupas cosidas no vale são feitas por algumas mulheres que costuram para a própria família e para fora. Das seis costureiras do vale, cinco possuem máquinas de costura e uma trabalha à mão.

O tear e a roca são feitos por José Pedro da serra dos Bernardos. Antes de chegar ao tear, a lã passa pelas seguintes etapas: tosqueamento dos carneiros, lavagem da lã, secagem, cardamento, fiação na roca e tingimento. O tingimento é feito com plantas colhidas na própria região, como as folhas de quaresminha para se obter o amarelo, e as folhas de anil para o azul.

Para conseguir o tingimento amarelo, fervem em água as folhas de quaresminha até obterem um caldo amarelado. Nele depositam então a lã em meadas e deixam a fervura prosseguir. Retiram-na, enfim, e põem-na para enxugar à sombra. Para o azul, põem as folhas do anil de molho na água por oito dias, quando então o preparado começa a espumar. Nesse momento, tiram as folhas e deixam o caldo de espera, ao qual misturam depois a lixívia obtida em barreleiro. Batem a mistura com uma colher

até conseguirem o ponto. Embebem nela a lã em meadas que deixam curtir por três ou quatro dias. Ao fim desse período, retiram a lã que banham em água fervendo, escorrem-na e põem-na para secar a sombra.

Entre as fabricações, cabe mencionar os queijos, os doces, as quitandas e as comidas típicas da Festa de Reis.



Queijos

Existem dois tipos de queijo no vale: o branco mineiro e o montanhês. O branco é preparado em praticamente todas as casas.

A temperatura ideal para a utilização do leite em queijos é de 35°C. Adicionam coalho comprado a seis litros de leite cru, na medida que coalhe o leite em uma hora. A seguir, quebram a coalhada dentro de uma vasilha e escorrem o soro. Colocam então a coalhada em uma fôrma cilíndrica, aberta em cima e embaixo, sobre uma prancha de madeira inclinada e deixam escorrer. Após vinte e quatro horas o queijo apresentará certa consistência, que estará garantida após quarenta e oito horas. Seis litros é a medida para um quilo de queijo.

O queijo montanhês ou parmesão é feito na casa do Sr. Landulfo. Para um quilo de queijo são necessários doze litros de leite na época de chuvas e onze litros

na época de seca, quando o leite é mais encorpado. Adicionam o coalho e o fermento para parmesão ao leite e levam ao fogo com temperatura entre 40 e 50°C controlada com um termômetro. Após o leite coalhar, mexem até formar um bolo, que é, então, colocado na fôrma com um pano embaixo e em cima, com um peso de pedra sobre o queijo. À tarde, viram e colocam novamente o peso em cima. No dia seguinte, põem o queijo em salmoura, onde ele fica dois dias. Depois, passam para uma salga seca, onde permanece uma semana. Finalmente, lavam-no e põem-no para curar. O queijo deve ser virado a cada dois dias.

Conservas

As conservas mais comuns feitas no vale são de carne-seca, carne salgada, linguiça, chouriço e carne de frigideira, que, depois de fritos, conservam na banha de porco.

Doces

São feitos doces de frutas com pêssego, cidra, pêra, ameixa, goiaba, laranja e figo, além de doce de batata-doce, arroz-doce, pudim de queijo e pudim de pão.

Quitandas

As mais típicas são: biscoito de polvilho; broa de fubá; broa mestiça de fubá e trigo; pamonha, também chamada de pau-a-pique; bolas ou bolo de fubá; rosquinha; quebra-quebra; pão-de-queijo; rosca, para festas e bolinhos, para visitas.

Comidas da Festa de Reis

As renomadas comilanças servidas na Festa de Reis, cujas receitas foram fornecidas por dona Maria Olária, são apresentadas a seguir:

Comidas arroz, feijão, macarrão, molho de cebola, carne de vaca, leitoa, carneiro, cabrito ou galinha, cachaça e vinho.

Doces doce ralado, doce de cidra, arroz-doce, doce de figo verde, café.

Quitandas para a noite broa, biscoito e rosca.

Arroz tempera a água com óleo, sal e alho, e deixa ferver; lava o arroz e joga dentro da água.

Macarrão igual ao arroz.

Molho de cebola pica a cebola; deixa a manteiga de porco esquentar e joga a cebola dentro.

- Feijão mexido* cozinha o feijão, esquenta o óleo, põe cebola e alho, afoga, maceta e põe no feijão, e acrescenta mais água. Põe farinha de pilão (milho beiju) no feijão quente e mexe bem para cozinhar.
- Carne de vaca* cozinha, tempera bem com sal, passa na manteiga de porco com cebola e alho, e deixa fritar bem.
- Leitoa* “mata e depois corta os quarto, fura e fura e põe toicinho com cebola e alho nos furo. Esquenta o forno bem quente e assa até quando estiver rosadinho”
- Carneiro e cabrito* igual à leitoa.
- Doce de cidra* rala a fruta, aferventa, coloca num saco e lava com água fria. Lava e sova essa massa até tirar-lhe o gosto amargo. A seguir faz uma calda com açúcar, acrescenta a fruta e cozinha até apurar. lava o arroz, adiciona leite e açúcar, e leva ao fogo. Quando cozido, adiciona canela.
- Arroz-doce* 1 kg de farinha de trigo, 3 ovos, 3 conchas de óleo, 2 colheres de manteiga de leite, 1 xícara de chá de açúcar, 3 colheres de
- Rosca* fermento de pão seco.
Amassa bem, até a massa ficar rendada, deixa descansar meia hora, corta em três e faz os “tento”. Aí enrola os “tento” e trança como trança de cabelo. Passa um pouco de óleo na lata, põe a trança na lata e deixa meia hora pra crescer. Põe no forno, mas não muito quente. Quando estiver amarelecendo, passa ovo com açúcar por cima, usando uma pena.
1/2 xícara de açúcar, 2 ovos, 1/2 xícara de leite, 1 colher de sopa de fermento em pó Royal, 2 xícaras de fubá, 1 xícara de
- Broa de fubá* farinha de trigo, 2 colheres de manteiga. Amassa tudo junto, fazendo as broas na mão ou no fundo de uma xícara. Assa em forno quente. Depois de tirado, põe numa vasilha ou cesta e abafa com um pano. Pode pôr umas folhas de funcho por cima das broas pra elas ficarem mais macias. Pode colocar canela e erva-doce como a avó da dona Olária ensinou.

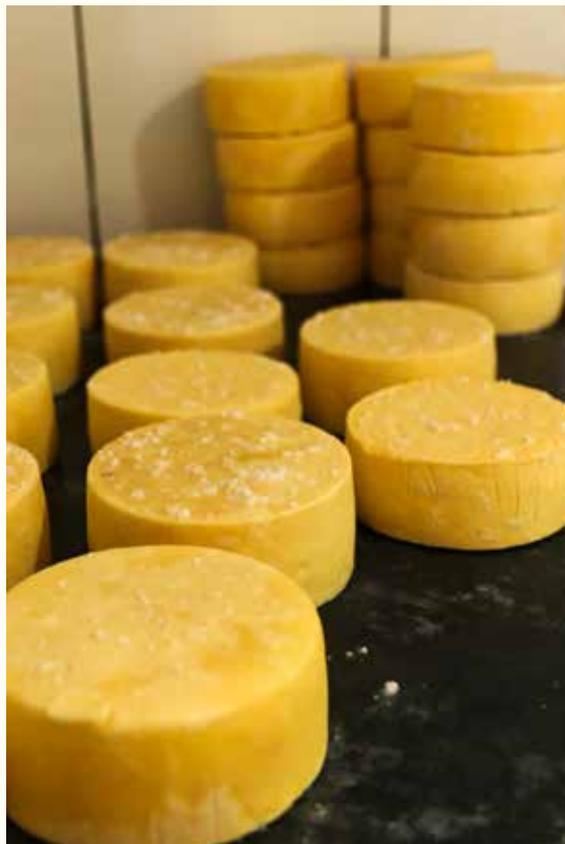
Como bem notou Mário de Andrade, “Uma memória guardada nos músculos, nos nervos, no estômago, nos olhos das coisas que viveu”.

PRODUÇÕES ARTESANAIS TRADICIONAIS QUE PERSISTEM

As fotografias que se seguem foram realizadas recentemente por Bárbara Vieira, jovem artista e educadora que mora e trabalha em Aiuruoca, e que dedicou três meses de convivência com moradores da região para coletar dados de atualização das árvores genealógicas, encontrando também uma série de continuidades e persistências vívidas de produções tradicionais já documentadas na pesquisa de José Pedro de Oliveira Costa.



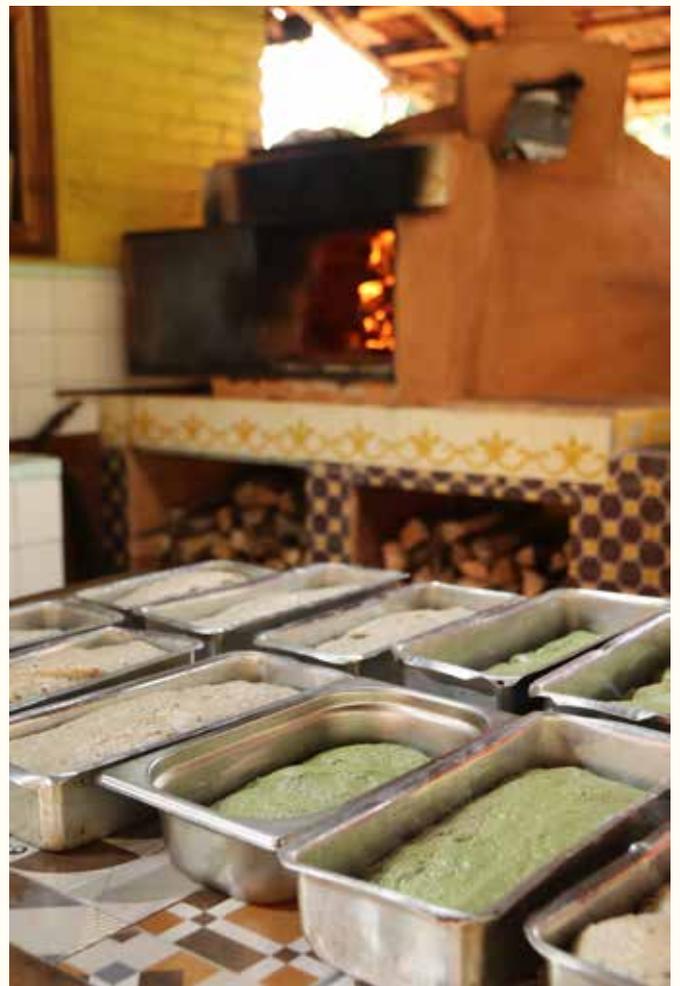
Tapetes bordados por Dona Amélia



Pessoa transportando leite fresco a cavalo, etapas da produção artesanal de queijos e o produto final



Além dos queijos, a cozinha local também segue farta de linguiças artesanais, como as feitas com tripa de porco secas no sol. Muitos pratos de receitas tradicionais podem ser encontrados em restaurantes com grandes fornos a lenha, como se vê na foto abaixo à direita, do restaurante de Dona Iraci.



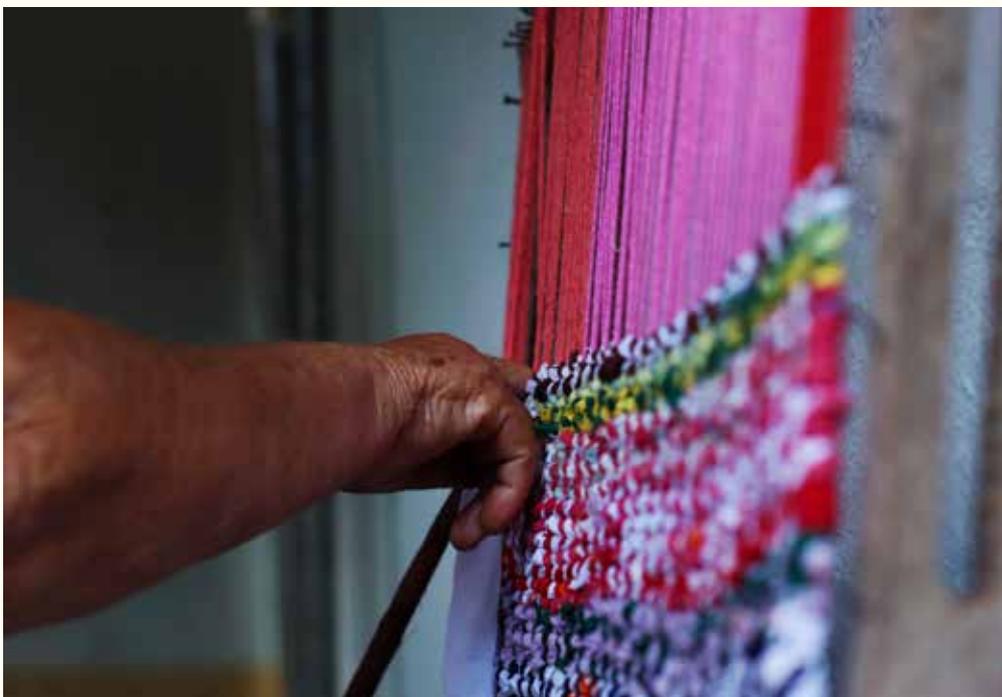


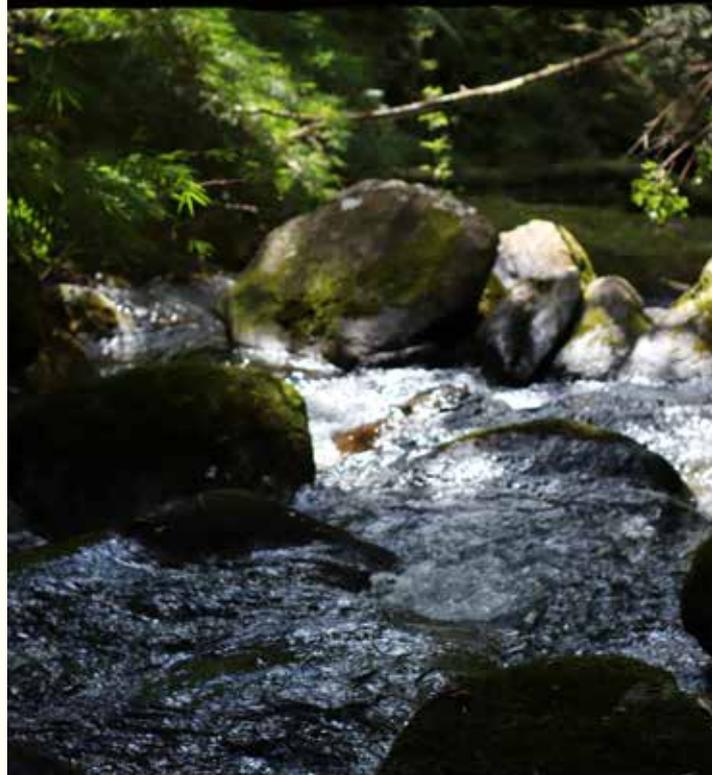
Receitas tradicionais



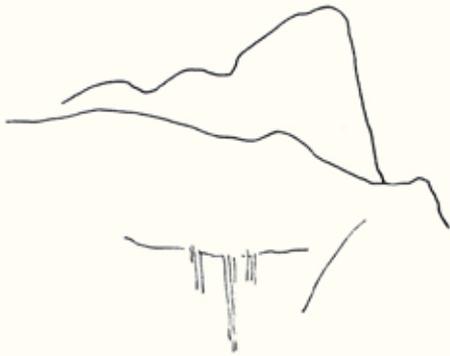


Dona Lica segue fiando manualmente, enquanto Dona Amélia cria seus tapetes trançados e coloridos nos teares de madeira





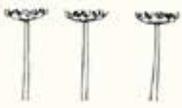
Também se continua construindo e reformando cercas, bastidores, pontes e pinguelas com madeiras, além da construção de mobiliário para interior e exterior das casas



8. A PAISAGEM

*No sertão das Vacarias o leite e o País
Escorriam do mistério e das estrelas serranas.
As vacas ruminando o tempo,
Pastavam o sereno num campo de bíblias.*

Sob uma visão ecossistêmica, o vale do Água Preta, até certo ponto, pode ser considerado um sistema fechado. Cercado pelas altas montanhas, das serras do Charco e do Papagaio a Oeste; isolado primeiro pelos morros altos do espigão da Pedra do Pinhal e depois pelas pedras do Cangalha a Leste; bastante isolado pelas altitudes de suas cabeceiras ao Sul, que, após a divisa da bacia, despencam em vertentes abruptas na bacia do Ribeirão dos Campos; a única entrada topograficamente fácil de ser ultrapassada é a que se abre para o Norte, na direção da foz do rio da Água Preta. Incluem-se como barreiras, a Oeste, os falhamentos que isolam os degraus formados pelas grandes muralhas de pedra de sustentação da serra do Papagaio. Também a Nordeste, existe uma série de paredões de pedra que, mesmo sendo de menor altitude, separam a bacia do Água Preta da do Cangalha. Visto assim, em especial sob o aspecto da conservação dos solos e da água, a bacia é um ecossistema fechado, quase um refúgio, cuja conservação depende basicamente do uso a ser dado às suas terras. Tudo é frágil nesse caldeirão de dimensões relativamente reduzidas, onde as acentuadas declividades desempenham papel significativo na esquematização de um sistema de proteção do solo e da água. O processo de formação do solo cultivável, originário das transformações rochosas que posteriormente se integraram à decomposição da biota, levou milhões de anos para se completar, passando por diferentes condições geológicas e climáticas. Assim, o equilíbrio natural atingido antes de sua ocupação pelo ser humano pode ser considerado como a situação de maior estabilidade de sustentação de sua estrutura geológica. Esse equilíbrio, porém, não é estático e só sua correta compreensão impedirá que as apropriações feitas pelo homem descambem em erros ambientais tão comuns e hoje já razoavelmente denunciados. Se, antes da Idade Moderna, a natureza representou uma ameaça para o homem, seguramente hoje a posição já se inverteu, tendo este desencadeado um holocausto ecológico do qual a raça humana sairá como grande perdedora. Ainda precisamos descobrir uma tecnologia da natureza em que as intervenções realmente necessárias se façam dentro das condições impostas pelo meio natural, para garantir sua permanência e capacidade de produção, avaliadas dentro de um contexto regional e continental.



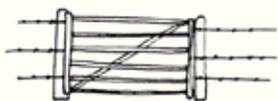
A topografia exuberante tem significado marcante na paisagem, pois, dependendo do ângulo em que se coloque o observador, a visualização será diferenciada. Assim, do centro da baixada da Pedra do Papagaio avista-se uma paisagem de altas montanhas fechando-se como um abrigo a Leste e a Oeste, e um espaço livre continuado ao Norte e um pouco mais abrigado ao Sul. Subindo um pouco mais, do alto do degrau que separa o Matutu da Pedra do Papagaio, vislumbra-se toda a baixada da Pedra do Papagaio e o cenário envolvente de montanhas da serra do Papagaio já superando o do espigão marcado pela Pedra do Pinhal. Seguindo adiante, na paisagem vista do platô logo abaixo da Cachoeira Grande do Matutu, tem-se descortino mais preciso da estrutura topográfica do conjunto, além da visualização quase completa da baixada do Matutu. Daí para cima, a sensação de conjunto só faz aumentar, valorizando em especial as pedras do Cangalha, que passam a se mostrar com maior intensidade. Ao atingir as cabeceiras do rio da Água Preta, a visão se amplia para o Sul, confrontando horizontes mais alargados e tendo assim ao alcance dos olhos os picos da Mitra do Bispo, a serra dos Nogueiras, o Pico e a serra do Garrafão, a serra Negra, e os grotões e vales que separam essas serras. Ao fundo, fechando esse conjunto, avista-se todo o maciço do Itatiaia. Além desse ponto, só são possíveis vistas mais privilegiadas, se se galgar o pico mais alto da serra do Papagaio. Quem fizer isso, perceberá que ao vasto horizonte descortinado se agregarão terras mais baixas situadas ao Norte, alcançando dezenas, talvez uma centena de quilômetros só entrecortados pela serra de São Tomé das Letras e outras de menor altitude. Visão quase comparável a esta, com um pouco de perda de amplitude ao Sul, mas com ganho de detalhes mais próximos ao Norte, é a que se obtém do alto da Pedra do Papagaio.

Em uma macrovisão, distinguem-se quatro setores: o espigão da serra até o alto da Pedra do Papagaio; o altiplano da serra do Charco, incluindo-se aí a região das cabeceiras do Água Preta; o espigão divisor da bacia do Cangalha, bem mais elevado ao Sul; e, por fim, as baixadas do Matutu e da Pedra do Papagaio.

As observações levam ao reconhecimento de um cenário significativo, expressivo na sua topografia, composto de diversos ecossistemas com apropriações diferenciadas e valor específico, que formam um conjunto em que o valor inter-relacionado das parcelas se sobrepõe à sua simples soma, com grande interesse para o estudo das intervenções humanas na natureza. Tão expressiva quanto a topografia, a vegetação adaptada a tal cenário representa papel precioso para o entendimento desse conjunto.

No nível do uso antrópico distinguem-se dois setores bastante diferenciados: as baixadas do Matutu e da Pedra do Papagaio, agregadas à baixada da Cachoeira Grande do Matutu e à parte Norte do espigão da Pedra do Pinhal, seguindo até a meia encosta do espigão da serra do Papagaio ao Norte, descendo um pouco mais nesse último setor para o Sul, com uso intensivo, e todos os altos restantes com eventual ou nenhum uso.

Cabe, porém, estabelecer uma distinção entre o nível de apropriação existente na Pedra do Papagaio e no Matutu. A primeira dessas baixadas e seus arredores, mais próximos da entrada do vale, de ocupação mais antiga, apresentam sinais de decrepitude com alguns escorregamentos de encostas, menor quantidade de vegetação florestal e solo compactado pelo pisoteio excessivo do gado, com processo de



esterilização decorrente já iniciado. As baixadas do Matutu e da Cachoeira Grande e áreas próximas, embora apresentem os mesmos sinais, distinguem-se pela ocorrência dessa deterioração em menor proporção e pela presença mais expressiva de matas primárias ou secundárias.

Outra observação diz respeito à presença ainda marcante de vegetação florestal nas vertentes sombreadas, voltadas para o Sul. Em decorrência dessa proteção, resultado da maior dificuldade no desenvolvimento de culturas e pastagens nas áreas de menor insolação, o espigão da Pedra do Pinhal, mais exposto ao Norte, tornou-se mais devastado que a vertente oriental. Por conseguinte, boa parte das fraldas orientais da serra do Papagaio encontra-se mais preservada.

Situação expressiva de proteção da natureza verifica-se no bom estado de conservação da vegetação ciliar. Essa importante proteção pode até ser a resultante de um conhecimento mais aprofundado da natureza ou da obediência a normas impostas pela incipiente fiscalização. Mesmo assim, em alguns poucos trechos, essa vegetação foi derrubada com perda de barrancas do rio e está a exigir rápida recomposição.

Nas áreas de maior apropriação humana, a predominância é das pastagens entrecortadas por algumas manchas de vegetação florestal e por áreas de plantio. Nesses pastos destacam-se as árvores isoladas, algumas já bastante desenvolvidas, e entre elas sobressaem as araucárias. Presença marcante na vegetação de meia-encosta para baixo, os pinheirais têm, por sua forma típica, porte desenvolvido e cor peculiar, um destaque que caracteriza a paisagem da região. Quando isolados, ou mesmo em grupos onde se podem distinguir as diversas gerações de colonização da área em que se situam essas árvores, eles são realmente de uma beleza inigualável. Além de sua qualidade estética, o pinheiro é conhecido também por sua utilidade. A excelência de sua madeira, pela composição e pela retidão dos seus troncos, é sua inimiga já que todos a buscam para os mais diversos usos. Seu fruto, de importância alimentar para a população, também serve para o gado, para os porcos e para diversos animais silvestres, entre eles o papagaio-do-peito-roxo, cuja área de ocorrência coincide em grande parte com a de difusão da araucária. Dada a expressividade do pinheiro, segue-se uma citação de Cabeza de Vaca, de 1537, referente ao sertão de Santa Catarina, provavelmente as primeiras palavras escritas sobre ele:

... porque há pinheiros tão grandes por ali que quatro homens com os braços estendidos não conseguem abraçar um. São muito bons para a construção de carrancas e de mastros de navios. As pinhas deles são enormes e a casca semelhante à da castanha. Os índios as colhem e fazem grande quantidade de farinha para sua manutenção... Os macacos costumam subir nos pinheiros e derrubar tantas pinhas quanto conseguem, para depois descerem e comê-las junto ao solo. Muitas vezes acontece que os porcos montanhesees ficam aguardando os macacos derrubarem as pinhas para então irem comê-las, afugentando os macacos. Assim, enquanto os porcos montanhesees ficavam comendo, os macacos ficavam dando gritos trepidos nas árvores¹.

Entre as árvores mais significativas, existentes hoje no vale, destacam-se pelo porte, as seguintes: um guatambu situado na margem direita do Água Preta, nas cercanias do alto da Cachoeira Grande do Matutu; um pinheiro da margem esquerda do rio, próximo à baixada do sopé dessa cachoeira, em terras de um povo que mora no bairro do Tamanduá; um cedro existente atrás da casa do Geraldão Treva e uma paineira situada atrás do templo, em terras de Cândido Machado.

Além das árvores isoladas, marcam presença destacada na paisagem as massas florestadas. Aí, há que distinguir os maciços florestais dos serpenteados corredores de mata ciliar e da vegetação deixada crescer ao longo das cercas, cujos desenhos retilíneos denotam inequivocamente a presença do homem. Desenho interessante é formado por um retângulo de pinheiros com aproximadamente cinquenta anos, existente acima da casa de Joaquim Balbino. Esses desenhos geométricos são bem característicos da intervenção humana na natureza, com intenções paisagísticas ou como marco de domínio. Confronta-se com essa paisagem humanizada a que existe na área de incipiente ocupação. Aí aparecem os campos nativos de altitude característicos da serra da Mantiqueira nos espigões, com a vegetação florestal desenvolvendo-se apenas nas grotas mais abrigadas do frio e dos ventos. Essa vegetação de altitude, entremeada de brejos com desenvolvimentos característicos nas áreas mais planas, é de uma beleza ímpar e situa-se entre os mais belos ecossistemas nativos brasileiros. Na culminância da paisagem dessas alturas, destacam-se os picos mais elevados, alguns chegando até à quase aridez nos topos, que abrigam de entremeio à rocha nua conjuntos de macegas baixas.

Nas glaciações atravessadas pelo planeta, essa configuração fitogeográfica passou por grandes transformações, e o resfriamento do globo obrigou a vegetação a outras formas de adaptabilidade. É também bastante difundida a noção de que a localização atual da araucária na Mantiqueira corresponde aos resquícios mais setentrionais de uma colonização, que já ocupou áreas mais extensas e mais baixas, e que, com o reaquecimento da Terra, foi forçada a refluir para as montanhas. Essas transformações, ocorridas dentro de um horizonte de tempo não muito extenso, permitem supor que o atual equilíbrio natural ainda possa estar sofrendo alguns acertos, já que o marco dos onze mil anos, que nos separa da última glaciação, não fica tão remoto quando avaliado na escala cronológica da natureza. As informações científicas disponíveis indicam que a maioria das espécies arbóreas da floresta atlântica tenha, em média, vida de cerca de quatrocentos anos, existindo espécies que podem ultrapassar os mil anos de sobrevivência. Geomorfologia e vegetação têm uma interação fundamental na conformação e na estabilização da paisagem.

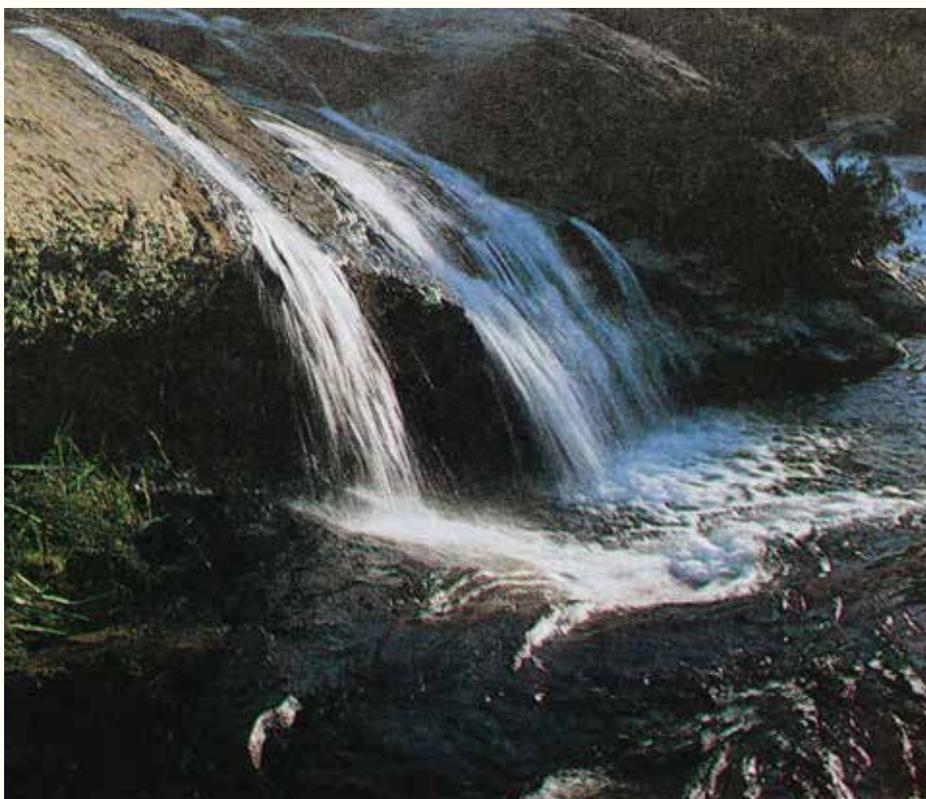
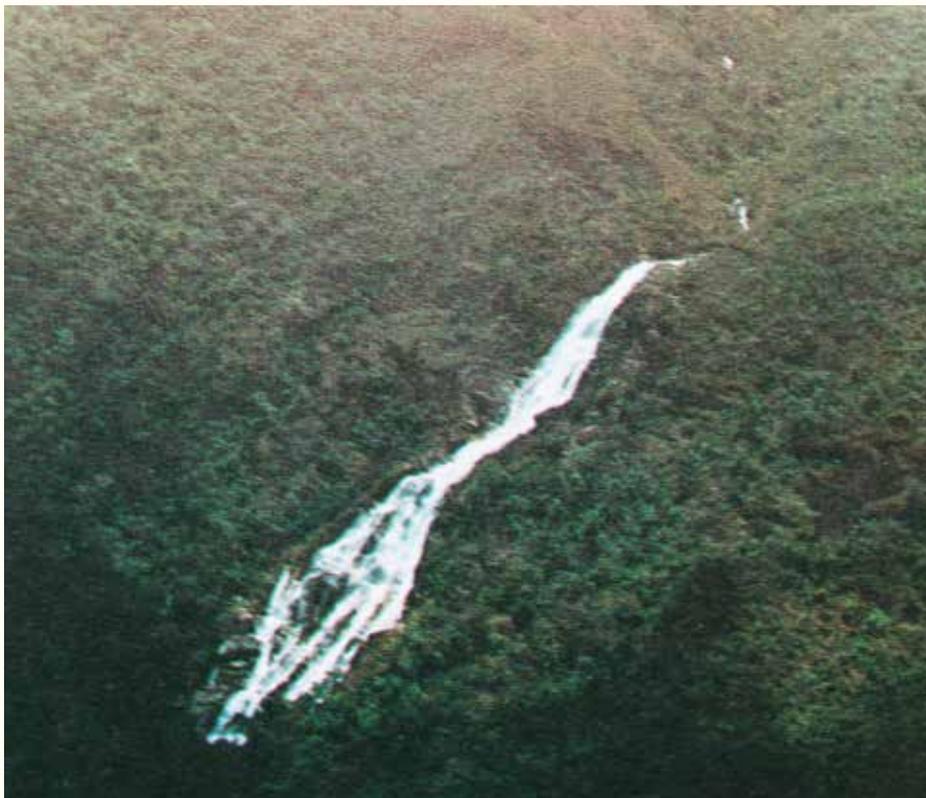
Nesse universo topográfico recoberto pela vegetação, a água tem significado especial. Fundamental à existência da vegetação, ela se apresenta com destaque na paisagem, sob a forma de esplêndidas cachoeiras. Saint-Hilaire, que nos deixou as primeiras e até hoje mais significativas descrições da paisagem dessa região, assim se expressa:

Três Cachoeiras da Pedra

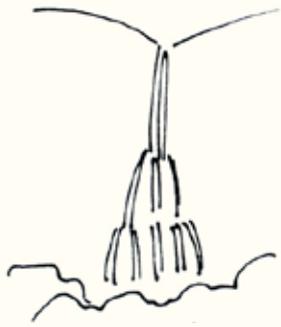


Véu-de-Noiva

Cachoeira Grande do Matutu



Detalhe



O resto do vale é cortado por pastagens e capões de mata, pinheiros majestosos, ora aconchegados uns aos outros, ora esparsos, e distinguem-se pelas formas esquisitas, e cores escuras, entre os outros vegetais que os rodeiam. Para acabar de embelezar a paisagem, despenha-se uma cascata, à meia-encosta, de uma das montanhas que cercam o vale, e espraia-se no meio da floresta sombria formando uma toalha prateada².

Entre dezenas de pequenas cascatas, oito expressivas cachoeiras merecem citação. O conjunto mais significativo é o formado por três cachoeiras justapostas, que debulham suas águas do alto do maciço da Pedra do Papagaio. Esse conjunto, de fascínio extraordinário, é o ponto mais pitoresco entre todos os do vale. Segue-se, em importância, a Cachoeira Grande do Matutu, a de maior volume d'água, com mais de cento e cinquenta metros de altura, e que, por abrir-se em cinco ramificações antes de chegar ao seu pé, corresponde em muito à descrição de Saint-Hilaire, embora não se possa afirmar com certeza que ele tenha estado no vale. Mas é possível garantir que ele a avistou do alto da serra do Papagaio, de onde se tem uma magnífica visão dessa queda-d'água. Vem a seguir a cachoeira do caminho da serra, como é conhecida na região, um expressivo véu de noiva, que despenca por mais de cinquenta metros de queda livre, fazendo a água esfarinhar-se em respingos que formam vários arco-íris cortados pelo voo das andorinhas, as quais, segundo os habitantes do lugar, nidificam por ali. As outras cachoeiras ocorrem todas no Água Preta, respectivamente, no degrau existente entre a foz e a Pedra do Papagaio, logo na entrada do vale, no degrau entre a Pedra e o Matutu — esta, de ronco bastante forte, mas pouco visível por quem passa na estrada, pode ser avistada majestosa do alto da Pedra do Papagaio —, e no degrau entre o Matutu e o platô que fica logo acima dele. Nenhuma dessas quedas-d'água tem uma denominação consolidada, e pelo menos a Cachoeira Grande do Matutu mereceria a designação de Saint-Hilaire, em homenagem àquele que possivelmente foi o primeiro a descrevê-la com olhos para sua formidável beleza.

Além de se projetarem em cachoeiras, que são sua expressão máxima, as águas cristalinas do vale desempenham muitos outros papéis na paisagem. Desde as formações de nuvens e os pingos da chuva até o deslizar calmo nos meandros dos vales, elas percorrem um longo caminho. Nas calmarias dos rios, elas desenham os reflexos da vegetação das margens, que se confundem com sua transparência, e desfocam a forma das pedras de seu assoalho, cujo matiz, predominantemente cinza-escuro, provavelmente batizou o rio da Água Preta.

Para que esses três elementos — topografia, vegetação e água — tenham representatividade na paisagem, é fundamental acrescentar-lhes a luz. Nas noites de lua nova, quem está no fundo do vale distingue, antes do amanhecer, um clarão para os lados da Pedra do Pinhal e, antes que todas as formas comecem a ganhar contornos, verá o topo da Pedra do Papagaio receber os primeiros raios do sol. Os raios vão descendo com relativa rapidez pela encosta da serra do Papagaio, refletindo-se em suas cachoeiras, até atingir seu zênite, quando então quase todo o vale fica tomado pela luminosidade clara dos trópicos. Quase todo porque nas encostas voltadas para

o Sul há trechos que nunca recebem os raios de sol e este permanecer em sombras tem reflexos na composição da vegetação. Daí, o sol vai baixando em sentido oposto, sombreando as fraldas da serra até que, lá pelas quatro ou cinco horas da tarde, ilumina apenas as Pedras do Pinhal e do Cangalha. Os pores-do-sol, para quem está no vale, não têm seu esplendor característico, mas quem estiver no alto da serra, no amanhecer ou no anoitecer, verá um espetáculo fantástico, inesquecível e poderá acompanhar, de cima, o deslizar do recorte das sombras das montanhas nas terras mais baixas.

É interessante também o efeito das nuvens, que, quando poucas vão desfilando mansamente suas sombras sobre a relva, amortecendo o calor do sol do meio-dia do verão, ou, quando muitas, podem deixar passar apenas alguns fochos de luz, que, à maneira dos holofotes de teatro, vão distinguindo trechos da paisagem, com um brilho especial, ou ainda fechar-se em abóbada branco-acinzentada, permitindo que a iluminação ocorra mais suave, por translucidez.

Nesse universo é importante a qualidade e a transparência do ar, que, apesar de já um pouco rarefeito e com menor índice de umidade do que os de beira-mar, ainda deixa entrever os efeitos descritos por Darwin, quando de sua passagem, em 1872, pelo Rio de Janeiro:



...fiquei particularmente impressionado com uma observação de Humboldt, que se refere com freqüência ao leve vapor que, sem modificar a transparência do ar, torna seus matizes mais harmoniosos e suaviza seus efeitos. Aí está um aspecto que jamais observei nas zonas temperadas. A atmosfera, vista através de uma curta distância de meia milha, ou três quartos de milha, era perfeitamente translúcida, mas, a uma distância maior, todas as cores se dissolviam em uma belíssima cerração, de cor cinza-pálido francês, misturado com um pouco de azul³.

A qualidade do ar do vale é tão boa que permite, nas noites claras de lua, distinguir cores e, forçando um pouco a vista, até a leitura. Essa transparência e finura só é molestada pela fumaça das queimadas, a que os campos são submetidos anualmente, e que, empesteando a atmosfera, intoxica e arde nas gargantas. Ou então é enfeitada pelo bruxuleio do fumo das chaminés, que em dias mais frios se esparrama pelas baixadas, e nos dias de ventania dança ao sabor de seu sopro.

O vento atua como fator decisivo nesse cenário. Quando sopra no sentido Leste-Oeste ou no inverso, a topografia funciona como um anteparo, e o vale é então um refúgio abrigado. Quando sopra no sentido Norte-Sul ou no oposto, a calha do vale funciona como um canal que facilita seu desenvolvimento. Já quem está dentro da floresta sente muito menos a força dos ventos, pois as folhas e a galharia das árvores formam um seguro aparador às suas investidas. O vento é elemento importante na secagem do solo, com reflexos ainda na formação da vegetação e muitas outras consequências na região. Como o vale é lugar alto, muito devassado, é bastante comum escutar o sussurro do vento na relva dos pastos ou nos galhos das árvores; quando sopra mais forte, arranca um assobio das agulhas dos pinheiros. Ele tem efeito significativo na

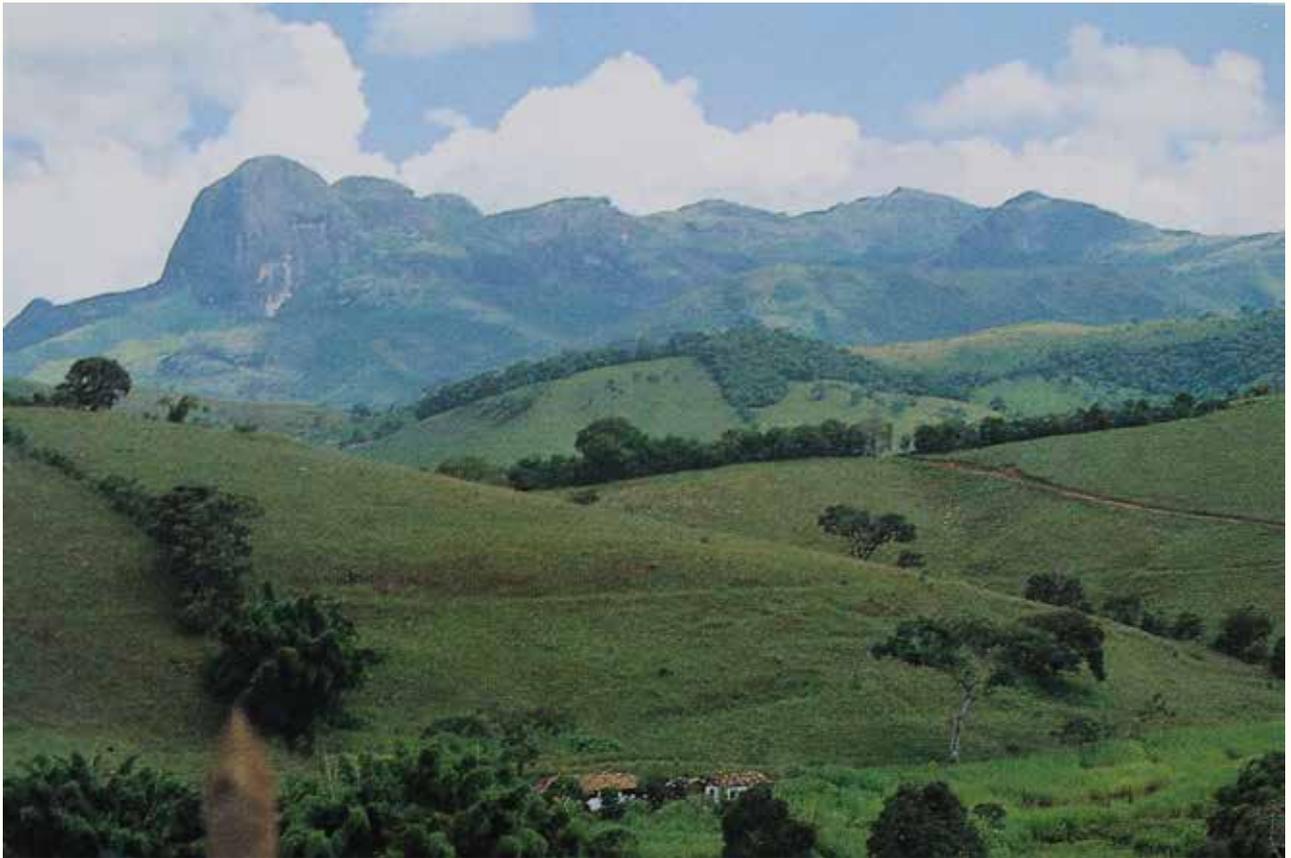
condução de ondas sonoras, e quem quer chamar alguém situado em direção contrária à sua terá de gritar com voz mais aguda para que, produzindo ondas mais curtas, possa vencer melhor a barreira que ele forma. Todos os habitantes do vale têm conhecimento empírico dessa realidade e afinam a voz para vencer maiores distâncias.

Dentro das casas, o som mais constante é o da lenha crepitando, aumentado pelo estalido das piúcas usadas para reavivar o fogo, além de sons de vozes, e choros de criança de vez em quando entrecortados pelas manifestações comuns dos animais. Mugidos, latidos, relinchos, grunhidos, pios e cacarejos concentram-se em torno das casas. Fora esses ruídos domésticos e rurais, a predominância é a de um zumbido constante das águas das cachoeiras, que pode até sumir conforme a distância em que as casas se encontrem delas. A quantidade de água, que varia com as estações, e aumenta depois da chuva, também causa expressivas modificações visuais no ambiente e alterações nos decibéis emitidos pelas quedas-d'água. A picadeira de cana pode ser ouvida a grande distância e o barulho do motor de um carro se percebe bem antes que a vista possa alcançá-lo em alguma curva da estrada. Os passarinhos cantam mais pela manhã ou à tarde, mas a passagem de uma nuvem cobrindo o sol é suficiente para provocar seus pios no meio do dia. A qualidade sonora é tão apurada que à noite se pode ouvir, através das janelas das casas, o barulho das patas de um cavalo relando no capim ou o de seus dentes cortando a grama, entremeado pelo canto continuado do sem-fim.

Os cheiros são vários. Cheiro de leite nos currais, de queijo, do feijão temperado, das penas das galinhas chamuscadas; cheiros de curral, de chiqueiro, da lenha queimando. O sabão de cinza tem cheiro peculiar. O tingimento da lã precisa ser feito longe da casa, quando se quer obter algumas cores, cujo processo de produção exala forte mau cheiro. O pior odor de todos é o de pequenos gambás, chamados jacarambebas, que trescalam a horrível fedentina. As matas molhadas pela chuva ou perto das cachoeiras soltam um cheiro doce, parecido com o das pitangas e das gabiobas espalhadas pelo chão. O perfume mais suave é o dos campos e das matas do alto da serra, em especial nas proximidades dos capões de poejo nativo, que exalam um perfume forte de menta.

Toda essa paisagem é vista de maneira diversa pelas pessoas que vivem ou circulam pela bacia do Água Preta. Os visitantes dos grandes centros urbanos se surpreendem com a beleza suntuosa de sua natureza e também com o quase nenhum significado que esses esplendores têm para os moradores da região. Robert Lenoble estudou essa questão e publicou suas conclusões no livro *História da Ideia de Natureza*, no qual discute os variados sentidos que a natureza tem para as diferentes épocas de desenvolvimento histórico da cultura ocidental. Dele é a seguinte advertência: “O historiador precisa render-se à evidência de que a natureza só será concebida como a realidade por si mesma, na medida em que a consciência adquire uma certa liberdade em relação aos seus próprios problemas”⁴.

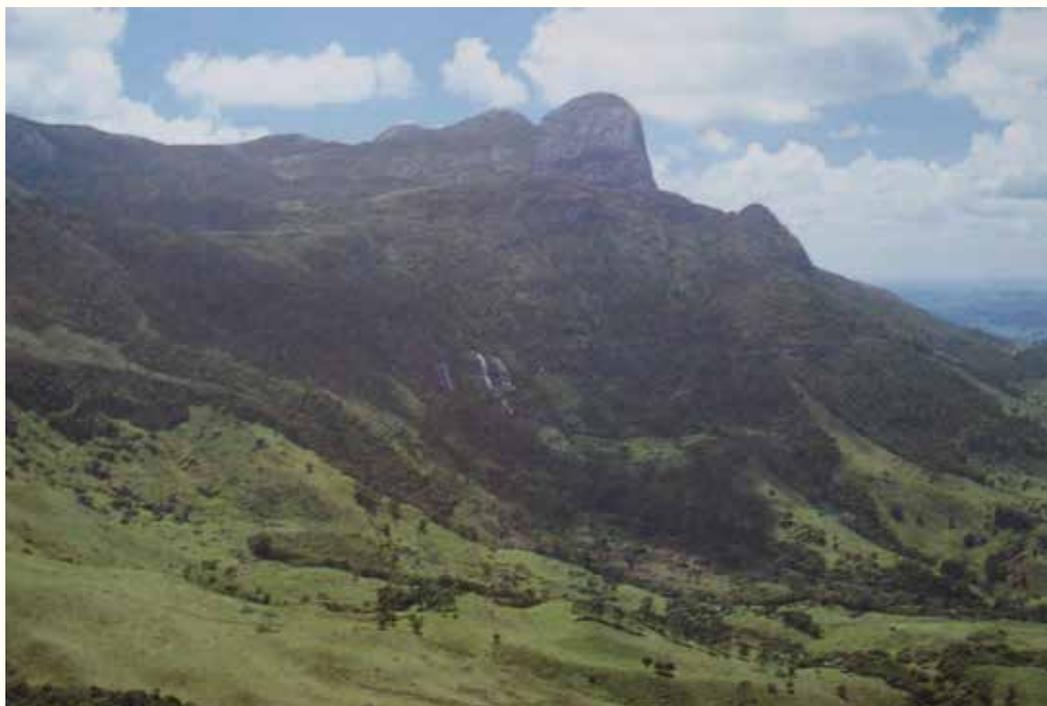
Guardadas as proporções, o morador local tem pouca informação do que seja viver em um grande centro urbano e superar os problemas aí existentes. Também, de outra parte, entre os seres urbanos que saem de seu habitat à procura de paragens razoavelmente desconhecidas e distantes, só uma reduzida minoria sente na natureza recompensa suficiente para seu empenho.



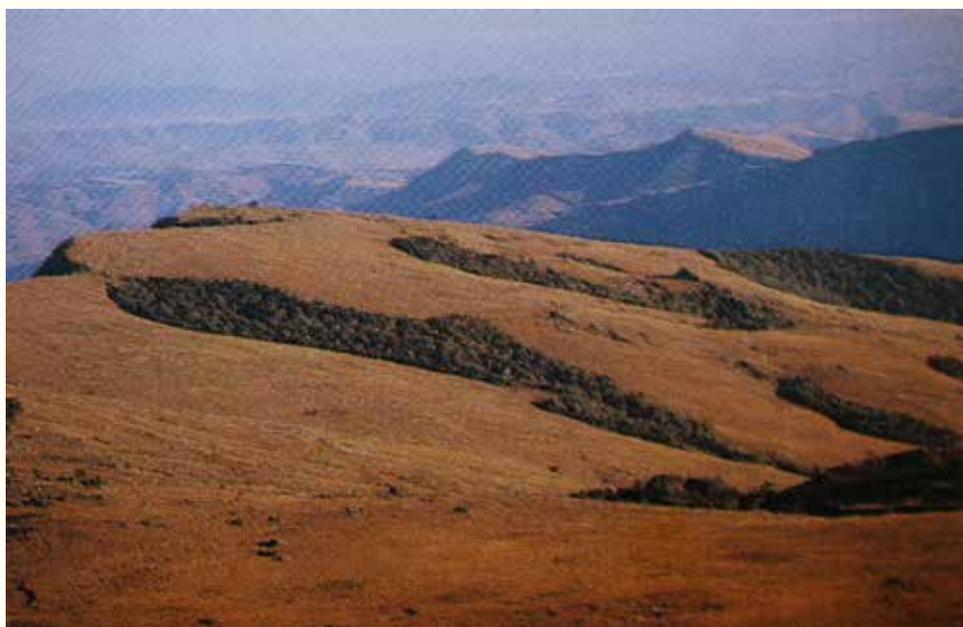
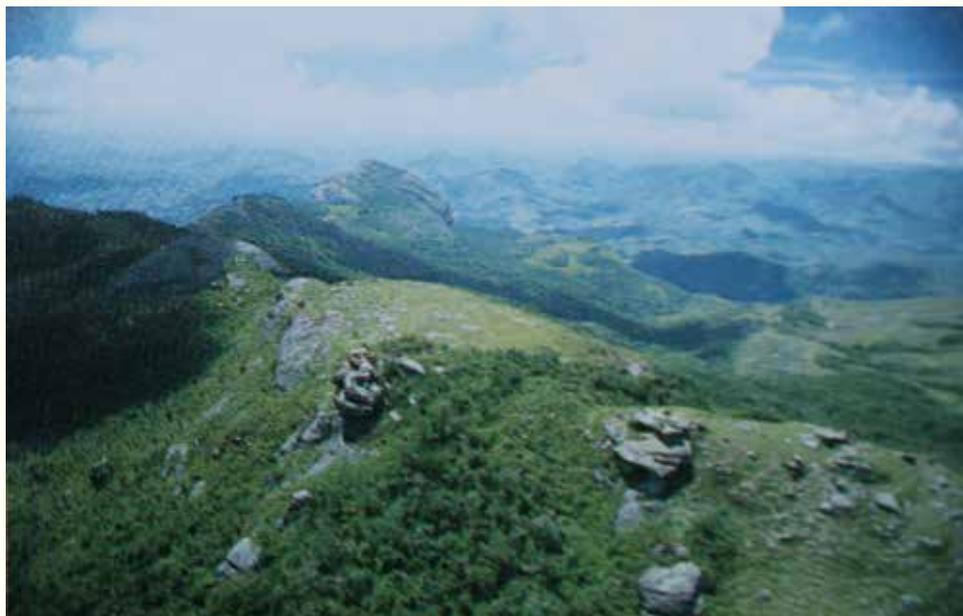
Registros da Pedra do Papagaio em diferentes estações do ano



Registros da Pedra do Papagaio em diferentes estações do ano



Altos da Serra do Papagaio

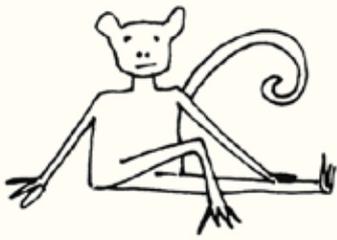




Mas quais serão essas visões tão desiguais que levam a maneiras de ver o mundo assim diferenciado? Qual a visão da paisagem desses camponeses que há tantas gerações convivem com essa natureza, tirando dela seu sustento? Ao que tudo indica, é justamente a visão de uma paisagem utilitária, resultado e meio de seus esforços para garantir a sobrevivência da família, e na qual cada intervenção é fruto de costumes e critérios consolidados por séculos de experiências acumuladas que, por sua vez, geraram um modo de ser, pensar, sentir e operar frente à realidade. A somatória desse acúmulo de experiências é o cenário operativo da cultura tradicional brasileira, que se estende por ampla região do território nacional. A paisagem daí originada é fruto dessa forma de organização, com suas casas e seus entornos, onde se verificam as atividades necessárias à subsistência, com a escolha da meia encosta como local de maior salubridade para a vida, e com a busca de proteção dos ventos mais indesejáveis na seleção da topografia, com o plantio de massas arbóreas ou mesmo de bambus, para resolver essa questão. O resultado visual dessas atividades é a expressão direta de uma vida simples, com seus ciclos vitais expostos e dotados da beleza própria dos gestos mais significativos da natureza humana. O fascínio que esse viver pode despertar em participantes de uma outra organização socioeconômica mais complexa, por mais interdependentes que essas realidades possam ser, vem justamente da perda, na sociedade dita moderna, dessas representações mais diretas da essência da natureza humana e de suas formas de sobrevivência. A paisagem resultante é o fruto da solidariedade e das contradições desse modo de viver tradicional.

E quais as formas de ver essa paisagem e a natureza dos que saem da vida urbana? Tão amplas são as contradições do modo de viver urbano que nem sempre essa questão pode ser analisada com uma visão uniforme. Apesar disso, há uma série de maneiras de sentir que parecem comuns à maioria desses seres, que chegaram e consolidaram sua presença no vale do Água Preta. Todos se sentem atraídos pela beleza natural do lugar e de uma forma ou de outra sentem alguma parcela de responsabilidade ou o impulso de fazer algo para garantir sua qualidade ambiental. Em diferentes níveis, sentem uma atração por essa maneira simples, direta e objetiva de subsistência, que criticam nos aspectos mais em desacordo com seus valores, mas ao mesmo tempo lhes reconhecendo qualidades. Podem relacionar-se à paisagem com uma afetividade personalista, burguesa, das pessoas que gostam de respirar ar puro, ou utilizam o local de repouso para descarregar as tensões acumuladas na cidade. Até podem considerar a região como passível de autosuficiência, como realmente é, e assim capaz de resolver as questões de sobrevivência, que adviriam de um holocausto ecológico maior.

O resultado final da intervenção dessas pessoas que vieram de fora na paisagem é ainda indefinido. Há a possibilidade de que suas ações desestruam toda uma realidade ordenada. De que suas estradas e suas intervenções propiciem uma destruição indesejada até por eles. Há, por outro lado, a possibilidade de que essas intervenções sejam reforçadoras dos elementos mais positivos da sociedade tradicional, de que as diferentes experiências de vida se complementem e se completem, dando lugar a uma solidariedade de um grupo, que venha a aprimorar suas melhores capacidades, com o que todos se fortaleceriam.



Todas essas hipóteses devem ser esclarecidas ao longo do tempo. Em relação à paisagem, temos hoje duas grandes áreas: aquela compreendida pelas baixadas de antiga ocupação antrópica, cenário das produções e do desenvolvimento das paixões humanas, e as paisagens dos altos, hoje praticamente desertas, o mundo do isolamento e do contato com os mitos, mitos de Acrópole e de Olimpo. Esse encantamento, que o vale oferece aos que vêm de fora, poderá ter na conduta dessas pessoas influências que resultem em algo de positivo para sua gente e sua paisagem.

Além do tempo natural, do tempo geológico que lentamente derruba seus grãos no cumprimento inexorável da lei da gravidade, do qual poucos se apercebem, há outras ocorrências a considerar. A aceleração do tempo geológico pela intervenção humana que amplia voçorocas, empobrece o conjunto do vale e diminui sua capacidade produtiva. O tempo do plantio, com as cores abertas da terra arada misturando-se com o verde vivo dos rebentos das sementes do milho e do feijão. O tempo da colheita, com os amarelos das espigas e vagens, e o da geada, com as capineiras requeimadas e embranquecidas, quando o sol da manhã, ao bater na relva, levanta uma fumaça branca de gelo dissolvido.

Houve também um tempo muito recente em que tudo lá ocorria de acordo com as posturas e costumes da sociedade tradicional. Houve mesmo um tempo não tão distante em que a presença indígena pouco interferiu no equilíbrio natural existente antes da chegada do homem. Hoje há um tempo diferente de interferências vindas de fora.

O vale do Água Preta não é o único local onde ocorrem mudanças. Campos do Jordão já foi o palco de paisagens bucólicas e no tempo de uma geração transformou-se de pequena povoação em uma cidade de mais de cem mil habitantes. Visconde de Mauá, já bem mais próxima da Aiuruoca, experimentou mudanças nos últimos dez anos, que descaracterizaram e transformaram sua paisagem e toda a estrutura cultural lá existente. Essas transformações tiveram sem dúvida até alguns aspectos positivos. Porém, sob o enfoque da paisagem, as mudanças foram na sua maior parte no sentido da perda da beleza e da potencialidade de produção. Sob o aspecto social, algumas famílias locais podem ter se beneficiado dessas transformações, mas é forçoso reconhecer que a parcela mais significativa da população rural perdeu seus espaços e a possibilidade de continuar no mesmo local em que viveram seus avós.

É preciso que haja maneiras de evitar que as rápidas transformações ocorridas, em áreas como a do vale possam gangrenar os valores mais importantes da cultura e da paisagem locais, através de medidas legais capazes de sanar os prejuízos irrecuperáveis causados pelas apropriações humanas. No Brasil, há muitas medidas legais, como as leis de incentivo às atividades florestais, de permissão à desapropriação para a criação de parques nacionais e reservas florestais, leis para a proteção do solo, para a preservação de cursos e mananciais de água, e para a justa distribuição de terras. Difícil é implementá-las.

O vale já é parte integrante de uma área de proteção ambiental, que abrange ampla região da Mantiqueira, declarada em 1985, e até hoje sem produzir qualquer transformação mais aparente. Sem dúvida, esse decreto pode significar um ponto de partida, atraindo propostas e mentes combativas. No entanto, se não houver um empenho decidido das pessoas mais conscientes estabelecidas no vale, é provável que, mais cedo ou mais tarde, a região trilhe os mesmos caminhos já percorridos por Mauá e depois pelos muitos Campos do Jordão, devastados por muitos interesses, especialmente dos ativos empreendimentos imobiliários.

A paisagem é uma síntese das atividades humanas. Até o presente, na bacia do Água Preta essa síntese tem se mostrado operativa, ainda equilibrada e extremamente bela.



NOTAS

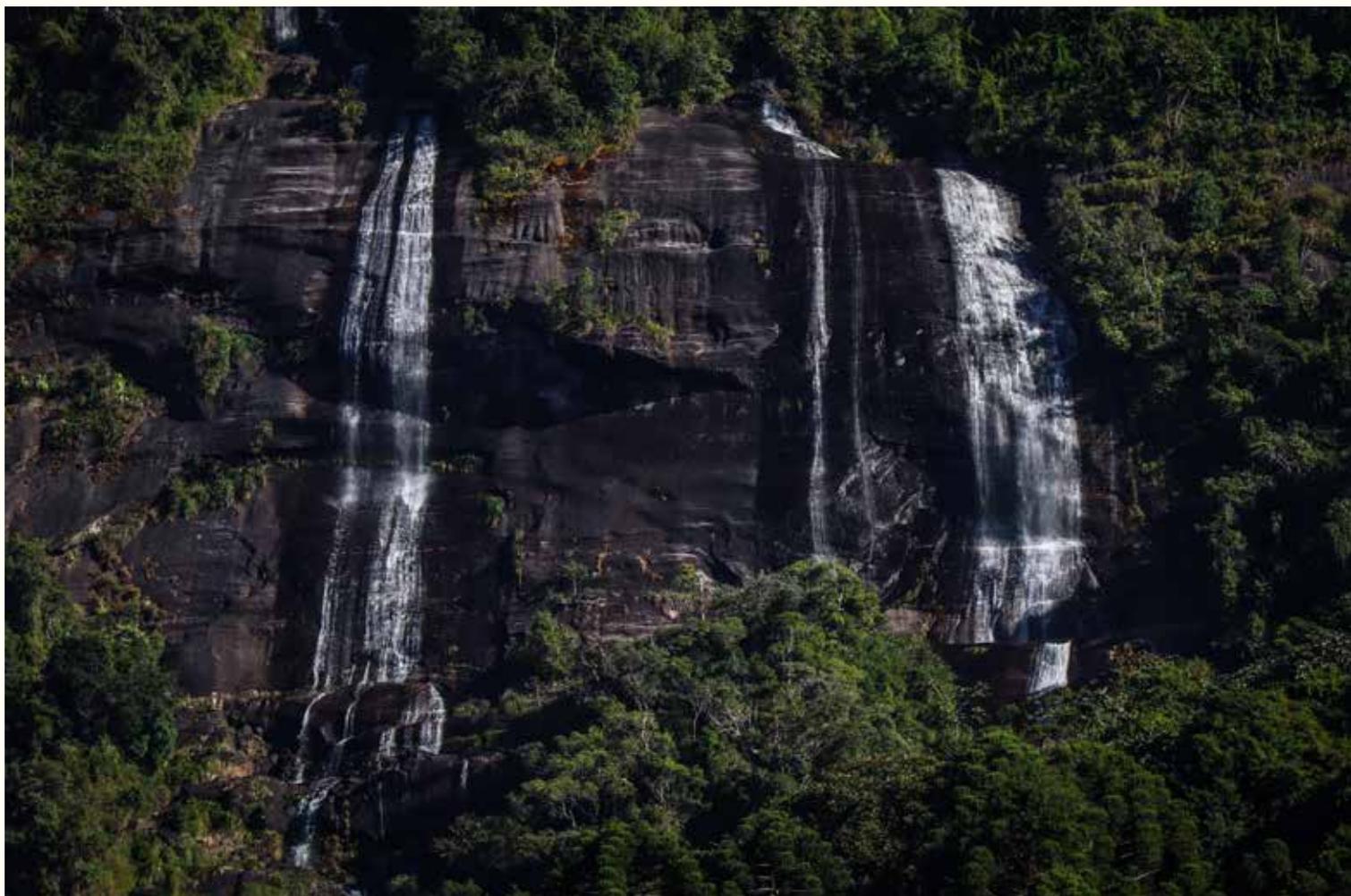
1. Cabeza de Vaca, Naufrágios e Comentários, São Paulo, L&PM Editores, 1987.
2. Auguste Saint-Hilaire, op. cit.
3. Charles Darwin, me Voyage of the Beagle, New York, Bantam, 1972.
4. Robert Lenoble, Histoire de l'idée de nature, Paris, Editions Albin Michel, 1969.



Entorno da casa do Geraldão

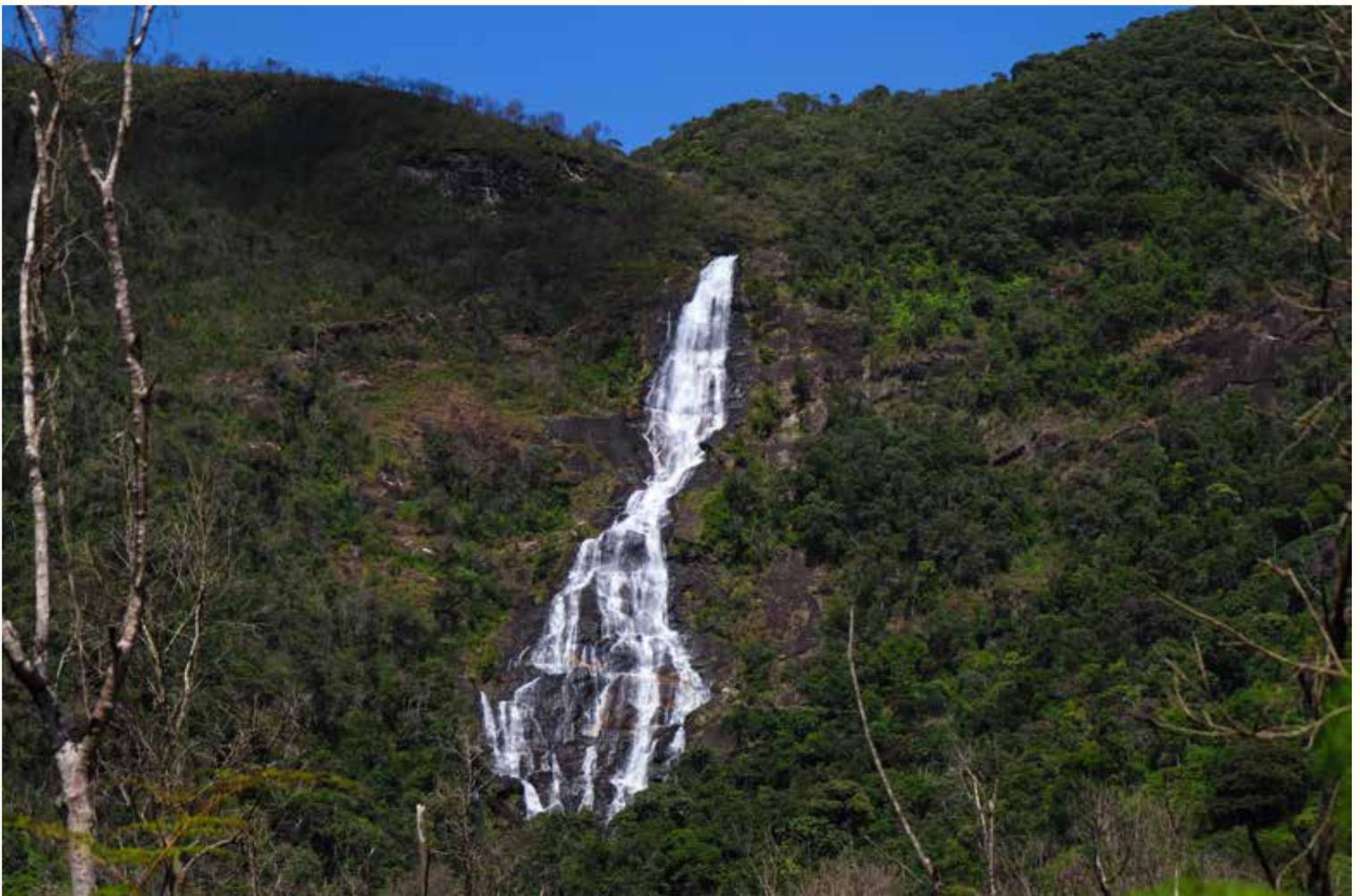


Perfil do Pico do Papagaio visto do bairro da Raia (acima) e Cachoira Três Marias (abaixo). Fotos de Bárbara Vieira (páginas 228-229).



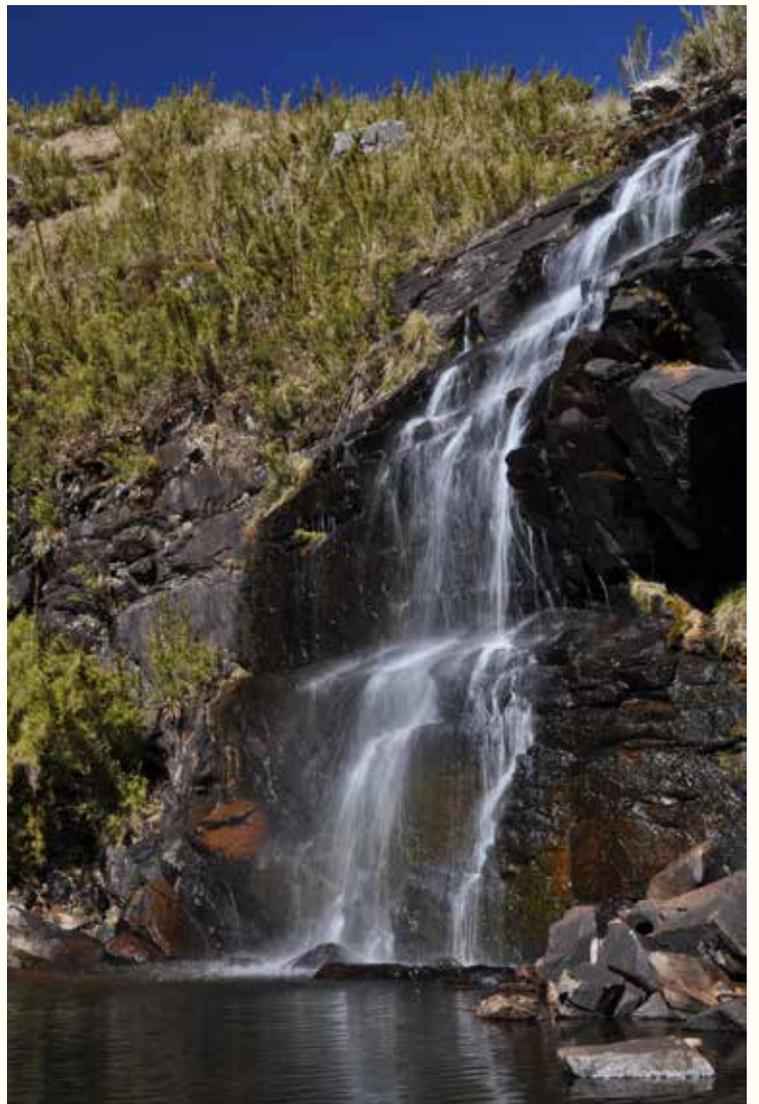


Cachoeira das Fadas
e Cachoeira do Fundo (de Saint-Hilaire)

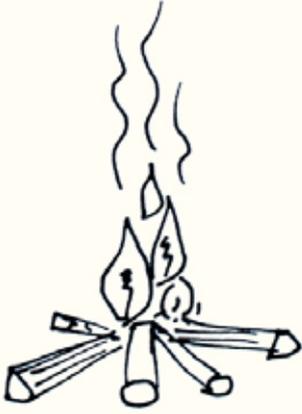




Araucárias sob bruma



Cachoeira do Rio Aiuruoca
Fotos de Adriana Matozzo



9. GENTE DE FORA

*Que fazer, Joaquina,
Se extinta está a semente na ausência das recapinas,
E fenecida a planta por falta de armento,
Do próprio inverno hoje arreceio,
Temendo da lenha as achas que me não aqueçam...*

Apartir de 1976 pessoas vindas dos grandes centros urbanos começaram a chegar ao vale do Água Preta e, fascinadas por sua beleza, foram comprando terras e ajeitando as casas existentes nesses terrenos ou construindo novas moradias para residências de lazer. Algumas iniciaram um processo produtivo de plantio e criação de gado, que passou a contar com técnicas mais modernas do que as praticadas tradicionalmente. Amigos visitando amigos, outros foram conhecendo o vale e nele se instalando, de modo que em dez anos passaram de uma dezena os proprietários de origem urbana estabelecidos na bacia hidrográfica do Água Preta. Vindos principalmente de São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, mantêm uma considerável camaradagem com os moradores tradicionais. Por outro lado, conhecedores das questões urbanas e políticas, detêm razoável influência nas tomadas de decisão locais. Assim, por influência dessa gente foi ampliada por duas vezes a estrada de acesso ao vale; a Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira foi declarada abrangendo toda a bacia hidrográfica do rio da Água Preta, e instalou-se também a rede de energia elétrica que hoje corta as baixadas da Pedra do Papagaio e do Matutu.

Antes dessas pessoas, outras vindas da Aiuruoca compraram terras no vale, e as exploraram na forma tradicional. Também moram nessa cidade descendentes de antigos proprietários, que detêm direitos sobre heranças e terras. Há, no entanto, uma significativa diferença entre as formas de vida, os referenciais e os costumes dos recém-chegados urbanos e dos moradores da Aiuruoca. Na verdade, a cultura rural do Matutu e da Pedra do Papagaio interage diretamente com a da Aiuruoca, sem maiores pontos de dissonância ou atrito. Já os costumes dos grandes centros urbanos revelam significativas diferenças de estilo, de modos de encarar a realidade, de informação e de objetivos, quando comparados com a pacata realidade dos ocupantes tradicionais do sítio.

Até o momento, a chegada dessa gente de fora está ocorrendo de forma surpreendentemente pacífica. A hospitalidade do povo do vale, que se aprimora ainda mais diante de estranhos, serviu como primeiro ponto de contato entre esses dois momentos da civilização brasileira. Bem recebidos, tratados com sofisticada elegância pelos da terra, muitos recém-chegados conseguiram comportar-se à altura no instante do primeiro contato, até que o passar dos anos e a convivência, que corrói qualquer cerimônia, aproximaram mais as pessoas e, assim, simpatias maiores

ou menores começaram a se manifestar, sem maiores rupturas ou ressentimentos de ambas as partes. O contato entre gente de fora e moradores locais já provocou diversas transformações, como na oferta de empregos, no modo de pagamento, e nas relações empregado-patrão, e supõe-se que muitas outras mudanças poderão ocorrer. Entre os resultados dessa chegada vale ressaltar que dois deles se instalaram em casas de moradores tradicionais, que, tendo vendido suas terras, mudaram com suas famílias para a cidade. Quatro mantêm alguma forma de produção rural, empregando gente nesse trabalho.

Interessante também é que três dos novos proprietários já mantiveram relações próximas ou de moradia com três dos últimos “paraísos naturais” descobertos pela gente urbana. Assim, um deles morou por alguns anos na praia de Arembepe, na Bahia, e assistiu a todas as transformações ocorridas naquela área. Sabe, portanto, o que significa a chegada de levas de cidadãos a regiões de cultura tradicional. Um casal, hoje morador do Matutu, já viveu na vila da praia de Canoa Quebrada, que também passou pelo mesmo processo, e eu mesmo tive por dois anos uma casa de caixas alugada na praia da Trindade, no Rio de Janeiro, onde participei da resistência ao quase extermínio da cultura local pelas pressões da especulação imobiliária. Não por simples coincidência, a atração pela busca de paraísos naturais fez com que essas pessoas se encontrassem no belo cenário do vale do Água Preta.

As experiências negativas anteriores são acervo importante para a formulação de estratégias visando evitar os impactos sofridos pelas comunidades rurais. Por exemplo, alguns pensam que é melhor evitar qualquer divulgação sobre a existência desse novo paraíso serrano; outros consideram que a compra da maior quantidade de terras possível, por pessoas interessadas na preservação da natureza, pode garantir e melhorar a qualidade ambiental do vale; e há aqueles que se preocupam em evitar a expulsão dos moradores tradicionais pela compra de suas propriedades pelos que vêm de fora.

Cabe mencionar também as preocupações de Paulo e Cândido Machado, cuja presença no Matutu foi a causa de importante mudança na organização, no comportamento e na paisagem dessa área. Paulo chegou primeiro com mais quatro amigos, que compraram uma parte da herança dos Treva. Alguns se instalaram nas construções já existentes, outros começaram a construir casas. Depois de algum tempo revenderam suas terras, e Paulo e seu irmão Cândido acabaram ficando com a maior parte dessa propriedade, tendo outra parcela sido adquirida por Pete, Deby e um amigo. Cândido e Paulo construíram suas novas casas, além de um templo e uma escola.

No templo, Cândido desenvolve meditação e orações com uma visão universalista da religião. Para aproximar-se dos moradores, e também como expressão de devoção familiar, eles levantaram na frente do templo, a cerca de sessenta metros da entrada, uma pequena ermida onde entronizaram uma imagem de Nossa Senhora de Fátima. Essa entronização foi feita com procissão e acompanhamento das pessoas da região. As meditações são atendidas principalmente por amigos e convidados vindos de fora, mas às vezes também por moradores locais. Acontecem por volta das seis da tarde e

duram entre meia hora e quarenta e cinco minutos. Já houve ocasião em que músicos visitantes executaram partituras barrocas no templo depois de uma meditação.

A escola foi inaugurada a 29 de setembro de 1985, dia de São Miguel Arcanjo, a quem ela é dedicada. Paulo, que trabalha com o assunto em Belo Horizonte, trouxe uma professora que se ocupa da educação das crianças. Hoje são onze os alunos em processo de alfabetização e oito no jardim da infância. A escola não é oficializada nem se pretende que seja. Ensina a importância de se preservar a natureza, tem uma série de brinquedos que, com a merenda, servem de atrativo à criançada. No verão, todos tomam banho no rio, recebendo noções da importância da higiene e da alimentação correta. A escola também se propõe realizar a alfabetização de adultos, até chegar a uma escola especializada em atividades agropastoris com uma visão alternativa e preservacionista. Ao mesmo tempo, pretende-se retomar atividades tradicionais em vias de desaparecimento, como a tecelagem manual, propiciando empregos e renda aos primeiros moradores.

Como providência complementar desse processo, Paulo e Cândido reformaram uma casa inacabada situada em local próximo da escola e do templo, para usá-la como uma espécie de colônia de férias. Atraindo gente das cidades e grupos com interesse na natureza, esperam auferir a renda necessária para a manutenção de sua propriedade e também incentivar cursos, informações e produções alternativas, que sejam de interesse tanto dos habitantes tradicionais como dos visitantes.

Há ainda a ser relatada a experiência de Pete e Deby. Ele, australiano, especializado em desenvolvimento agrícola, em especial na produção de madeiras; ela, paulistana, estudante de arquitetura. Conheceram-se em Londres estudando em uma escola antroposófica. De lá, seguiram para outras plagas até se fixarem definitivamente no Matutu no início dos anos 80. Desenvolvem várias técnicas de uso racional do solo com o plantio de espécies de clima temperado. Dispõem de conhecimento da tecnologia da natureza de grande importância, que aplicam em suas terras. Pretendem desenvolver um viveiro de mudas nativas e de plantas exóticas com capacidade de adaptação na região para melhorar a qualidade das produções, e que servirá como fonte de renda para a manutenção da propriedade. Têm feito observações climáticas diárias interessantes que anotam há vários anos. Embora dispostos a disseminar seu conhecimento a todos os interessados, encontraram, porém, dificuldades em se relacionar com os moradores.

Finalmente, cabe mencionar a compra de grande extensão de terras por Guilherme de Melo França, totalmente fora da escala de todas as outras propriedades, e, segundo declaração inicial, seu objetivo era apenas o de preservar a área adquirida. Alguns anos depois fundou em sua propriedade um núcleo do “Santo Daime” que passou a atrair uma quantidade crescente de gente de fora. Além daqueles que chegam para uma cerimônia específica ou dos que permanecem alguns dias na região, mais de cinquenta pessoas já se instalaram de forma continuada em suas terras. Muitos compraram parcelas de terra do proprietário no que parece ser um sistema de especulação imobiliária religioso. Apesar da precariedade de algumas de suas construções, que chegam a ser cavados na terra ou barracas, essas pessoas têm intenção

de permanecer definitivamente no vale. Para suas construções e subsistência cortam parte do remanescente florestal de altitude, justamente a área natural mais frágil e preciosa de toda a região. É esta a ocupação mais preocupante dentre todas as demais existentes e a que mais se choca com os valores dos moradores tradicionais. Alguns desses mantém uma relação amistosa com o pessoal do Daime; já experimentaram sua bebida e até gostaram!

Apesar das influências negativas, a presença do grupo de recém-chegados poderá também ser fator de transformações positivas no bairro do Matutu e da Pedra do Papagaio. Deixando de lado o pessoal do Daime, que deve ser considerado separadamente, os recém-chegados são pessoas agradáveis, que defendem boas propostas, muitas delas já com atuação produtiva na melhoria das condições de vida dos moradores locais. De mais crítico, a única polêmica aberta com os moradores vem de sua repulsa expressa ao consumo de carne de porco, o que contraria justamente um dos raros momentos de prazer dessa gente.

Quanto à paisagem, a interferência desses recém-chegados, ainda não se fez notar de forma muito preocupante. Ocuparam os espaços, construíram suas casas e diversos equipamentos sem mostrar nessa apropriação aberrações gritantes. Sua presença serve, nesse aspecto, como um alerta, e a forma como se adensou e opera possivelmente será valiosa para propostas futuras de proteção dessa área. Deve ser buscada a obediência das leis de parcelamento do solo e novas formas para gabaritos de construções restringindo especialmente os tipos e formas das coberturas das casas, já que as alturas e os telhados são os elementos mais salientes na paisagem. Sem dúvida, usaram em suas moradias madeiras da região, mas, ao mesmo tempo, sua presença tem inibido o corte e o comércio delas sem autorização oficial, constituindo, assim, elemento importante na dissuasão da caça, ao menos na área de abrangência de sua visão. Seu jeito apressado de ser causa confusão nos moradores locais, acostumados a um ritmo mais humanizado. Dentro do próprio grupo dos vindos de fora já houve alguns desentendimentos e, superadas algumas diferenças de visão, todos se cotizam para serviços de interesse comum.

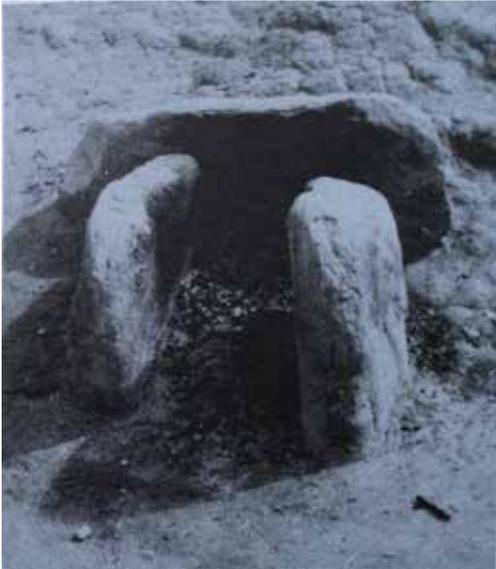
Muitos têm sido os visitantes esporádicos do vale; sendo usual encontrar nas férias jovens acampados junto ao Água Preta. Alguns deles já retornaram por três anos seguidos, trazendo sempre novos amigos. Até agora essas visitas ainda não têm uma densidade que possa preocupar ou que impeça a identificação dos recém-chegados, o que poderia caracterizar uma situação inteiramente nova para os habitantes tradicionais: serem obrigados a viver sem qualquer informação sobre as pessoas que estão circulando em torno de suas casas.

A questão da densidade é muito importante e deve ser objeto de atenção especial por todos os que se preocupam com a preservação do sítio. Existem experiências em outros países em que a legislação específica com bastante rigor as possibilidades de construção em áreas semelhantes a essa, ressalvada sempre a liberdade dos habitantes tradicionais. Esse ponto é, de fato, bastante significativo. Se os de fora ameaçam superar em quantidade a pouca população do vale, provavelmente deixarão poucas esperanças de manutenção da cultura tradicional.

Nestes tempos de valorização da sociedade civil, parece possível admitir que as pessoas, que até o momento se instalaram na bacia hidrográfica do Água Preta, têm compromissos já firmados com sua gente de ajuda mútua e condições de desenvolvê-la num sentido positivo. Essas pessoas vindas da cidade, com uma grande carga de informações a respeito do mundo exterior ao vale e também com possibilidade de atuar nos dois universos, podem vir a ser os mediadores na definição dos novos moldes básicos, que vão permitir a conservação da natureza, e a permanência dos valores essenciais da comunidade tradicional nos próximos anos.

Quanto ao grupo do “Santo Daime”, será necessário um entendimento e equacionamento específico, pois sua presença é a que mais se choca, em número e qualidade, com todas as demais experiências aí existentes. Guilherme, o padrinho da seita, continua comprando terras. A continuar assim, em muito pouco tempo a possibilidade de manutenção de uma maioria de pessoas originárias da cultura tradicional estará perdida.





10. AS MUITAS PROPOSTAS

*Os homens lá embaixo
Não entendem estes sentires
Nem sabem o que ser antes,
Perdidos que estão hoje,
Num futuro sem passado.*

A bacia hidrográfica do rio da Água Preta, por suas qualidades paisagísticas, condições culturais, socioeconômicas e localização geográfica, tem diante de si vários cenários possíveis de sua evolução no futuro próximo. Como afirmado antes, o vale está situado no centro do triângulo formado pelas três maiores metrópoles do país, local já bem servido por estradas pavimentadas, o que pode acelerar a chegada de pessoas vindas desses grandes centros em busca de áreas de lazer. É possível apontar três hipóteses de desenvolvimento para a região do vale do Água Preta:

- A possibilidade de haver a continuidade da predominância da cultura e do modo de viver tradicional e hierarquizado, com sua evolução natural, e com o crescimento vegetativo e a apropriação cada vez maior do território, adensando-se a ocupação e o uso dos ecossistemas.
- A possibilidade de haver uma aceleração da presença de gente da cidade com o comportamento usual da sociedade de consumo, acompanhada de suas ideias de desenvolvimentismo e progresso, baseadas na voracidade.
- A possibilidade de o grupo ligado ao “Santo Daime” crescer mais ainda e transformar a região num local de marcada predominância de sua seita.

A segunda possibilidade aparece já claramente delineada, por exemplo, em Visconde de Mauá. O rádio, a luz elétrica e a virtualidade da televisão surgem como elementos indutores do processo desenvolvimentista. Indicadores seguros da chegada dos “novos tempos” têm sido o ingresso cada vez mais constante de pessoas de fora que visitam e se instalam no vale, e as transformações em andamento na organização e na cultura da população local. Gente da cidade, apercebendo-se desse potencial, já pensa na instalação de hotéis-fazenda e outras formas de exploração econômica.

Decorrentes dessas hipóteses, e até mesmo da soma de tendências das possibilidades, certas ideias que povoam a cabeça de diversas pessoas podem vir a ter interferência na área do Água Preta. Para melhor entender essas ideias seguem-se as propostas delas decorrentes:

- Há algum tempo, jornais de grande circulação noticiaram a intenção de várias empresas de investirem na “ampliação e diversificação do tradicional pólo queijeiro do alto do Rio Grande, no Sul de Minas Gerais”. Hoje já existe uma indústria de queijos finos, instalada por dinamarqueses, em Andrelândia, próxima da Aiuruoca. Esse plano prevê inclusive, segundo as notícias, assistência financeira aos produtores de leite.

- Já há algum tempo, um grupo de pessoas instalou na cidade de Aiuruoca um centro da Eubiose. Tais pessoas buscam, entre outras atividades, energia superior em harmonia com a natureza. Sua ligação principal com o vale é considerarem a serra do Papagaio um dos pontos de concentração energética no país. Como forma de melhor alcançar seus objetivos, professam extremo respeito para com a natureza e se preocupam com sua conservação. Pelo menos uma vez por ano, sobem em grupo à parte mais alta da serra do Papagaio para captar sua energia benéfica e superior.

- Os irmãos Paulo e Cândido Machado, com atuação direta no Matutu, já construíram uma escola e um templo. O templo é tido como local de meditação e recolhimento, relacionado a uma visão universal da religião. A escola já educa a maior parte das crianças do Matutu e, além dos ensinamentos usuais, também ministra aulas de respeito à natureza, higiene e nutrição. Há a intenção de se iniciar aí, em futuro próximo, a alfabetização de adultos relacionando-a com temas ligados à proteção do meio ambiente. A médio prazo, pretende-se transformá-la em uma escola experimental de atividades agropastoris. Além dessas atividades, os irmãos Machado pretendem reformar uma construção inacabada existente em seu terreno para fazer dela uma colônia de férias educacional para crianças vindas de centros urbanos e para grupos que tenham interesse em atividades relacionadas com a natureza.

- Pete e Deby têm também suas propostas. Com estudos realizados em escolas especializadas na Austrália e na Inglaterra, demonstram uma profunda intimidade com a tecnologia da natureza que aplicam em sua propriedade. Estão introduzindo em seu terreno métodos não predatórios de cultivos e espécies de grande potencial alimentício. Seu conhecimento é importante ao futuro da produção do vale, mas têm, por outro lado, encontrado dificuldades de comunicar-se e transmitir essa sabedoria. Pretendem montar um viveiro de mudas para abastecer a região.

- Os outros visitantes manifestam igualmente uma preocupação generalizada com a proteção ambiental do vale. Deles surgiu a proposta da declaração da Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira, decretada pela presidência da República em 1985 e a da criação da Estação Ecológica do Papagaio, oficializada pelo governador do Estado



em 1990. Há as propostas elaboradas quando dos estudos para a declaração da Área de Proteção Ambiental (APA) da serra da Mantiqueira. Esse levantamento, realizado por equipe interestadual, aponta para necessidades como a preservação de encostas e áreas acima de 1.800 metros, a proteção de flora e fauna ameaçadas, de mananciais e da paisagem. Indica também exigências como a organização de diversas entidades governamentais listadas, que têm responsabilidade na preservação da natureza. Propõe a criação de meios para divulgação da necessidade de conservação do ambiente, entre os quais uma “cartilha” com as informações sobre as razões que levaram ao decreto de proteção da área. Propõe, ainda, a organização de um Conselho Responsável pela Área de Proteção Ambiental, com a participação de todas as entidades interessadas e, por fim, recomenda a formação de uma equipe que fiscalize e divulgue o decreto da Área de Proteção Ambiental, explicando a importância e a necessidade de sua proteção. Infelizmente, apenas a primeira parte dessa proposta, ou seja, a assinatura de decreto de declaração da APA, foi cumprida até o momento.

- Decorrente de diversos esforços na região, criou-se no final dos anos 80, a Frente de Defesa da Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira FEDAPAM, que reúne diversas instituições ambientalistas, entre elas a também recém-criada Associação de Defesa das Serras do Garrafão e do Papagaio. Essa frente tem sido o mais combativo grupo ativista em defesa da Mantiqueira e através dela conseguiu-se que o Governo Federal alcançasse financiamentos da ordem de 1 milhão de dólares junto ao Banco Mundial para a conservação ambiental da região dentro de um projeto nacional para o meio ambiente.

- Alguns entendem que, do ponto de vista da população local, não há risco de piora, pois ela já vive nos limites máximos da subsistência. Propõe o desenvolvimento de uma produção especializada de preço alto como alternativa de melhora econômica. Qualquer outro produto sofreria com a concorrência vinda de locais mais próximos dos centros de consumo.

- Há ainda a necessidade de nomeação oficial dos principais acidentes geográficos da bacia. Desde a visita de Saint-Hilaire que a nomenclatura dos picos da serra do Papagaio causa confusão, e até hoje essa questão não está resolvida. Já se sugeriu o batismo da Cachoeira Grande do Matutu como Cachoeira de Saint-Hilaire. Propõe-se aqui a nomeação do ponto mais alto da serra do Papagaio como o pico da Suçuarana. A Pedra do Papagaio merece também ter mais divulgada sua toponímia ancestral de Pedra da Aiuruoca.

Essas propostas mostram um quadro de potencialidades e ao mesmo tempo de riscos. Potencialidades de um grupo humano com vida rural tradicional inteirarse com outros vindos de fora e produzir uma situação de vida e proteção ambiental melhor para todos. Riscos de prosseguimento de uma vivência tradicional, cujas técnicas nem sempre são as mais compatíveis com a continuidade da produção a

longo prazo e, portanto, com as necessidades das gerações futuras. Risco de que essa cultura tradicional entre, mais do que hoje, em choque com os objetivos de proteção ambiental, em nível regional e nacional. Risco maior ainda de que a voracidade da sociedade de consumo possa transformar a bacia do Água Preta em mais um dos palcos da especulação desenfreada, e destrua uma das paisagens naturais notáveis desse país, ao mesmo tempo que desagrega e constringe uma cultura tradicional.

O somatório das feições mais positivas das possibilidades enumeradas pode levar a uma proposta que ultrapasse esses dois quadros. Mas, necessariamente, ela terá que atender a alguns pré-requisitos. É fundamental conservar os aspectos culturais dessa comunidade e, com total liberdade de seu desenvolvimento, deve-se incentivar a manutenção de seu modo de produção tradicional, corrigidas as iniciativas capazes de comprometer a produção e o ambiente. É básica a necessidade de proteção da natureza entendida em um conceito regional e nacional no qual a serra da Mantiqueira como um corredor e o complexo do Itatiaia em especial representam uma das parcelas mais importantes ao mesmo tempo que das mais agredidas e ameaçadas. É essencial a melhoria imediata no atendimento das necessidades básicas da população tradicional do vale, garantindo-lhe melhor alimentação, maior assistência médico-dentária, melhor educação e melhor qualidade de vida, sem desprezar a independência de que ela goza.

Todas essas propostas podem resultar em mais uma: a criação no vale de um Ecomuseu. Figura jurídica já experimentada em vários países, com o abrigo da UNESCO, o Ecomuseu é na sua essência um laboratório, um conservatório e uma escola. Através da instituição dessa figura, que deveria abranger, no mínimo, toda a bacia hidrográfica do Água Preta e, pelo menos, as vertentes ocidentais das serras do Papagaio e do Charco e as meridionais dessa última, haveria o reforço da Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira em uma de suas porções mais significativas. Essa proposta permite a conservação da sabedoria ancestral e, ao mesmo tempo, mantê-la como laboratório de aprimoramento técnico desse conhecimento. Madeiras podem ser usadas da mesma forma como vêm sendo empregadas, recebendo, porém, um tratamento que aumente sua durabilidade. O pau-a-pique pode ser aperfeiçoado em sua feitura, garantindo melhor qualidade às construções. Os métodos de plantio, mesmo ligados à tração animal, poderão ter aumentada sua produtividade e diminuída sua interferência negativa no ambiente. Todo o conhecimento e as experiências no local desenvolvidas passariam a ser ministradas, de forma participativa como em um laboratório, e poderiam contribuir para a solução de problemas de outras regiões com características semelhantes.

Em setembro de 1991, o Comitê Brasileiro do Programa Homem e Biosfera da UNESCO (MAB — Man and Biosphere) aprovou a inclusão da Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira como um segmento da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, o que foi referendado internacionalmente no ano seguinte. Essas reservas compõem um programa científico da UNESCO de harmonização da preservação integral de um ou vários núcleos com o desenvolvimento de programas de melhoria da produção, da qualidade de vida e do desenvolvimento cultural da população que

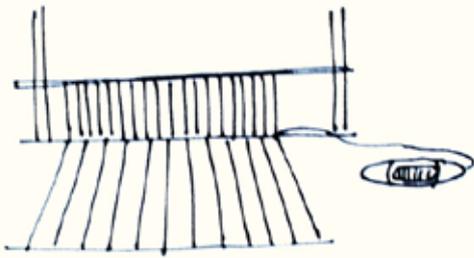
vive ao seu redor. Nosso núcleo são as partes altas da bacia, zona de ecossistemas preciosos e frágeis incluídos na recém-criada Estação Ecológica do Papagaio. A área-tampão onde está a população corresponde às partes baixas do vale.

A proposta da criação de um Ecomuseu, como as outras propostas, necessitam sempre, para terem êxito, passar por uma ampla discussão com todos os moradores do vale e com todos os interessados na área e da participação ativa das autoridades responsáveis. Desse debate, que tem de ser realizado com a maior quantidade de informações disponíveis e, ao mesmo tempo, ao nível do entendimento da realidade de sua população, deve surgir uma alternativa de trabalho que contemple o desenvolvimento socioeconômico e a proteção da cultura e da natureza como a manifestação mais responsável e positiva da solidariedade a ser alcançada.

Inevitavelmente, para se atingir o objetivo desejado, serão precisos maiores entendimentos, esforços e estudos. A região ainda precisa ser melhor conhecida quanto a seus aspectos antropológicos. Levantamentos urgentes devem ser feitos visando à melhoria das condições socioeconômicas da população. Formas de produção e comercialização mais promissoras devem ser buscadas, assim como um zoneamento das possibilidades de uso do solo, com especial atenção para se evitar adensamentos. A educação deve ser impulsionada de forma a valorizar as referências culturais e naturais mais significativas da área. A paisagem deve receber tratamento protetor e restaurador de seus pontos mais notáveis. Maiores estudos científicos devem ser realizados para determinar com precisão suas potencialidades como refúgio florístico e faunístico ameaçado. Deve ser conhecida a indicação da quantidade de indivíduos existentes dessas espécies, bem como a territorialidade e condições necessárias à sua sobrevivência. Da mesma maneira, precisam ser desenvolvidos maiores estudos relacionados com a tecnologia da natureza e a indicação de métodos científicos de apropriação do território sem risco de comprometimento do equilíbrio natural e da sua potencialidade de produção no futuro. Inventários da flora, fauna, solos, de potencial de uso do solo, de produção de madeiras, migrações sazonais da fauna, diferenças biogeográficas em altitudes variadas precisam ser conhecidos. A etnoecologia precisa ser estudada com o objetivo de se detalhar a percepção que os diferentes grupos têm dos ecossistemas aí existentes.

Todas essas questões levam à necessária concentração de esforços governamentais e não-governamentais, políticos e econômicos, com vistas à conservação e desenvolvimento sustentado da área estudada e de suas regiões limítrofes, em especial do trecho que a interliga no Parque Nacional do Itatiaia.

Como referência para todas essas necessidades vale ressaltar que o objetivo deste trabalho, ao buscar o conhecimento da arquitetura, da forma de utilizá-la, da cultura rústica, ao relacionar questões de diversas ordens, ao identificar a bacia hidrográfica como uma unidade, um organismo vivo, um sistema, ao procurar uma imagem viva de seus habitantes, ao desencadear uma série de indagações, de aprofundamentos e de conceitos, enfim, ao estruturar uma maneira de ver e reconhecer o vale do Água Preta, foi o de encontrar uma base isenta para uma construção social dedicada à preservação de seu ambiente natural e cultural.



11. RESUMO

A serra da Mantiqueira compõe geologicamente com a serra do Mar e o vale do rio Paraíba do Sul um conjunto tectônico singular entre os grandes sistemas de montanha do globo. A serra do Papagaio e o vale do rio da Água Preta são partes integrantes desse conjunto.

Os solos da bacia hidrográfica do rio da Água Preta são caracterizados por altitude, litologia, morfologia, vegetação e clima, em cada sítio. Seu divisor de águas mais elevado, o da margem esquerda, pertence ao flanco do planalto do Itatiaia; já o da margem direita pertence ao grupo geológico de Andrelândia. Devido às suas características geomorfológicas, aos seus falhamentos, à sua declividade, ao seu clima e à ação antrópica, essa bacia apresenta diversas áreas de risco, como as encostas escarpadas e as com erosão diferencial, os depósitos de talús e de piemonte, as áreas encharcadas dos planaltos e seus descampados, e as zonas de meandros atual e pretérita do rio da Água Preta.

A vegetação da área do vale apresenta muita variedade de formações com grande diversidade de espécies representativas de vários ecossistemas, e cujo valor científico recomenda sua preservação. Parte da área, modificada por ação antrópica, necessita de especial atenção e cuidados.

A fauna nativa da bacia é significativa e chega a apresentar algumas espécies ameaçadas de extinção. Preservá-las exigirá uma ação imediata, maiores estudos e garantia da relação dos seus ecossistemas devidamente conservados com os do Parque Nacional do Itatiaia.

A população do vale do Água Preta constitui-se de famílias de longa tradição rural, algumas aí vivendo há pelo menos cinco gerações e mantendo fortes interações de consanguinidade. Sua ocupação concentra-se em cerca de 30% da área da bacia hidrográfica. Há um crescimento vegetativo significativo, bem como razoável evasão de população no vale. Em termos específicos da região, os outros 70% não são ocupados, por impropriedade geográfica ou fundiária.

As construções tradicionais do vale estão situadas na sua maioria na baixa encosta. O número de construções vem aumentando progressivamente. As casas são simples, geralmente compostas de dois corpos justapostos, leves, belas, algumas acrescidas de um pequeno alpendre frontal. Compõem, com a vegetação que as rodeia, uma das paisagens tradicionais de larga área do sertão brasileiro. Pequenas,

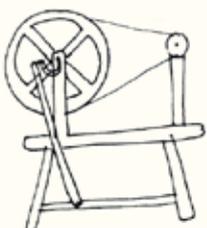
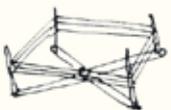
de dimensões a satisfazer as necessidades mínimas de espaço, têm nas cozinhas seu centro de convergência. Dispõem de poucos móveis, na sua maior parte feitos no local. Construções complementares apresentam o mesmo modo de execução e são passíveis de razoável transitoriedade.

A persistência cultural no modo de construir do vale se relaciona com o das regiões vizinhas, embora já haja exemplos de modificações apreciáveis. As casas são repositórios de informações sobre as madeiras disponíveis na época de sua construção. O pau-a-pique é, entre as formas de construção tradicionais com solo, a técnica mais apropriada para essa área dentro das suas condições socioeconômicas.

Os habitantes são fortes, sadios, de boa compleição física e empreendedores. Todos trabalham desde muito cedo e, apesar de não receberem uma educação formal adequada à sua realidade socioeconômica, aprendem seus ofícios vendo os mais velhos fazer. Os principais produtos comercializados são o leite e a própria força de trabalho. Compram na cidade boa parte dos produtos que consomem mas, se necessário, podem subsistir com autonomia em relação ao mundo exterior. Subdividem-se em diferentes níveis sociais e trabalham independentemente, como parceiros ou em mutirões. Apesar de alguns costumes começarem a entrar em desuso, levam até hoje uma vida simples, hierarquizada, baseada em uma série de tradições. São respeitosos e honestos e guardam linguagem e vestuário sóbrio e tradicional. Dispõem de uma dieta pobre em proteína animal. Conhecem e usam diversas plantas medicinais nativas e alienígenas. Mantêm uma série de festas tradicionais, sendo a mais expressiva delas a dos Santos Reis. Têm um sentimento de localidade e comunidade. A hospitalidade, muito desenvolvida, é um de seus maiores requintes. Mantêm relações constantes com o exterior. A capela da Guapiara é parte integrante da organização sociorreligiosa. Coletam uma quantidade significativa de elementos na natureza. Têm um grande conhecimento dos processos naturais. Criam animais e cultivam a terra de acordo com métodos tradicionais, adaptando-se às estações do ano, nem sempre de modo a garantir a melhor sustentação dos recursos naturais. Fabricam boa parte dos elementos necessários à sua sobrevivência com grande inventividade e resultados plásticos de beleza significativa.

A recente chegada e instalação de pessoas vindas dos grandes centros urbanos no vale do Água Preta deu início a um processo de mudanças na cultura local. Essa chegada, ao mesmo tempo que coloca em risco a manutenção da cultura tradicional, tem potencialidade de propiciar a proteção do meio ambiente. O maior risco de descaracterização é representado pela possibilidade de crescimento da presença de pessoas de fora, com a expulsão dos moradores tradicionais e transformação do vale em área predominantemente turística.

A paisagem da bacia hidrográfica é extremamente bela, e resultado da topografia, da vegetação, do sistema de águas e da ocupação antrópica atual. O vale todo apresenta boa qualidade ambiental, apesar da existência de problemas que requerem solução. O resultado paisagístico do conjunto é o cenário operativo

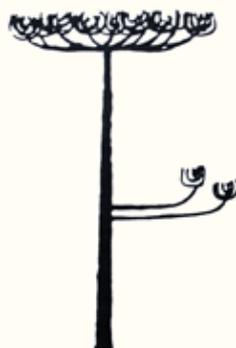


da cultura tradicional rural de uma larga região do país. A presença de gente vinda de fora tem contribuído, até o momento, para a proteção da qualidade paisagística, mas contém um potencial de risco.

Existem várias hipóteses e cenários formulados com relação ao futuro da bacia hidrográfica do rio da Água Preta. Desde propostas de proteção ambiental — a bacia já integra a Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira e a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica — a cenários de destruição e conflitos. Necessita-se de uma atenção maior aos problemas sociais da população do vale, trazendo-lhes soluções que garantam ao mesmo tempo a proteção e o livre desenvolvimento de sua cultura. Necessita-se uma melhor interação entre as intenções dos novos proprietários vindos de fora com os valores e referências mais significativos dos habitantes tradicionais, para garantir um desenvolvimento auto-sustentado. Um ecomuseu, como o conceituado pela UNESCO, que seja um conservatório, um laboratório e uma escola, pode indicar um dos caminhos para a solução dessas questões.

Diversas questões se colocam: Qual será o futuro da bacia hidrográfica do Água Preta? Como garantir a preservação dos aspectos mais expressivos da cultura tradicional de um bairro rural rústico característico da sociedade brasileira de hoje e de outros séculos? Como garantir a proteção de seu rico patrimônio florístico e faunístico, que é representativo no nível regional e nacional?

Todas as soluções a serem encaminhadas têm de passar pelo entendimento da visão dos moradores atuais, dos novos proprietários vindos dos grandes centros urbanos e daqueles que visitam o vale esporadicamente.





*SUMMARY**

The Mantiqueira mountain range forms, along with the Serra do Mar coastal mountain range and the Paraíba river valley, a tectonic unit which is unique among the great mountain systems of the Planet. The Papagaio mountain range and the valley of the Água Preta river are integrated into this unit.

The soils of the watershed Água Preta are distinguished by altitude, lithology, morphology, vegetation and climate at each site. Its higher watershed, on the left margin, belongs to the flank of the Itatiaia highland; that of the right margin, to the Andrelândia geological group. Owing to its geomorphologic characteristics, to its faults, to its climate and to anthropic action, this basin encompasses a diversity of risk areas, such as steep slopes as well as those with differential erosion, tálus and piedmont deposits, marshes of the highlands and open fields, as well as the zone of the present and former meanders of the Água Preta river.

The vegetation of the valley shows a great variety of formations and species diversity representative of various ecosystems, of such scientific importance that it makes its preservation urgent. Part of the area, modified by man, needs special attention and care.

The native fauna of the Água Preta basin is significant, including some species in danger of extinction. Their preservation needs immediate action, deeper study as well as guarantee of their effective conservation in areas such as the Itatiaia National Park.

The population of the Água Preta valley consists of families of long rural tradition, some of them living there for at least five generations, and maintaining strong levels of consanguinity. The population is concentrated on about 30% of the area of the watershed. Population growth is significant, along with a reasonable rate of emigration. The remaining 70% of the basin are not occupied, owing to the inadequacy of the site or unsuitable land tenure.

The buildings of the valley, in the traditional style, are located mainly at the lower flanks. The number of the buildings is constantly increasing. The homes are modest, generally consisting of two aggregated modules, light, attractive, some equipped with a small shelter over the entrance. Along with the surrounding vegetation, they form one of the traditional landscapes of the Brazilian hinterland.

Small, dimensioned to barely satisfy space needs, they feature the kitchen as their center of convergence. The amount of furniture is small, and mainly locally produced. Auxiliary buildings have the same characteristics and are reasonably transitory.

The cultural persistence in the building techniques is related to the neighboring regions, although there are a number of significant differences. The houses are a wealth of information on the wood varieties available at the time of their construction. The wall structure of crossed fibrous issue with clay is among the traditional constructions most adequate technique for this area, within its social-economic conditions.

The inhabitants are strong, healthy, of good physical appearance and of enterprising spirit. They join the labor force early, and, although not having a formal education adequate for the social and economic reality, they learn their profession by seeing older craftsmen performing the job. The main product of the valley is milk, but the available labor force is also contributing to the economy.

They acquire part of the products they consume mainly in the city, but, if necessary, they can survive autonomously, without depending on the outside world. They have a great knowledge of nature. They breed animals and cultivate the land according to traditional methods, adapted to the seasons, but not always in a way that ensures the sustainability of the natural resources. Their diet is deficient in proteins of animal origin. They know and use various native and extraregional medicinal plants. They produce an appreciable share of the elements necessary for their survival, with originality and significant beauty. They are divided into various social levels, and work independently, as partners or in large cooperative groups. Although some of their habits have begun to fade away, they still follow a simple, hierarchic lifestyle, based on a number of traditions. They are respectful, honest, with sober and traditional verbal expression and costume. They honor a number of traditional holidays, the most expressive being that of the “Santos Reis” [Holy Kings] and the Guapiara chapel is an integral part of their social-religious structure. They have a feeling of local patriotism and a keen sense of community. Hospitality, highly developed, is one of their main characteristics. They maintain permanent contact with the outside world.

The recent arrival and absorption of newcomers from the urban centers to the Água Preta valley has started a process of change in the local culture. These newcomers, although they represent a risk to the maintenance of the traditional culture, may offer protection to nature in the local environment. The major risk factor is the growth of the immigrant population with the expulsion of the traditional inhabitants, as well as the conversion of the valley into a predominantly touristic resort.

The landscape of the hydrographic basin is of great beauty, accentuated by the topographic structure, vegetation, river system and present human occupants. The entire valley has good environmental quality, although some problems need solutions. The overall landscape is representative of the traditional rural culture in a significant area of the country. The presence of newcomers has contributed so far to the protection of the landscape, but it also contains a potential risk.

There are various theories and scenarios on the possible future of the Água Preta river basin. Hypotheses range between environmental protection — the basin

is already part of the Environmental Protection Area of the Mantiqueira Mountain Range and the Atlantic Forest Biosphere Reserve — to scenarios of destruction and conflict. There is a need for more attention to the social problems of the population of the valley, offering them solutions which guarantee, at the same time, protection and the free development of their culture. There is also a need for better interaction between the plans of newcomers with the values of the traditional population, to guarantee a self-sustained development. An ecological museum, such as defined by Unesco, consisting of a conservatory, a laboratory and a school, can represent one of the possible directions for the problem.

There are a number of open questions: what will be the future of the Água Preta hydric basin? How can the preservation of the most expressive aspects of the traditional culture of a rustic rural community characteristic of the Brazilian society of today and of preceding centuries be guaranteed? How to assure protection to its rich vegetal and animal resources, which are precious at regional and national levels?

All the solutions offered have to be scrutinized by the present inhabitants, by the incorporated newcomers originated from urban areas, as well as by the sporadic visitors of the valley.

* Tradução para o inglês de Thomas Iwán Halász.



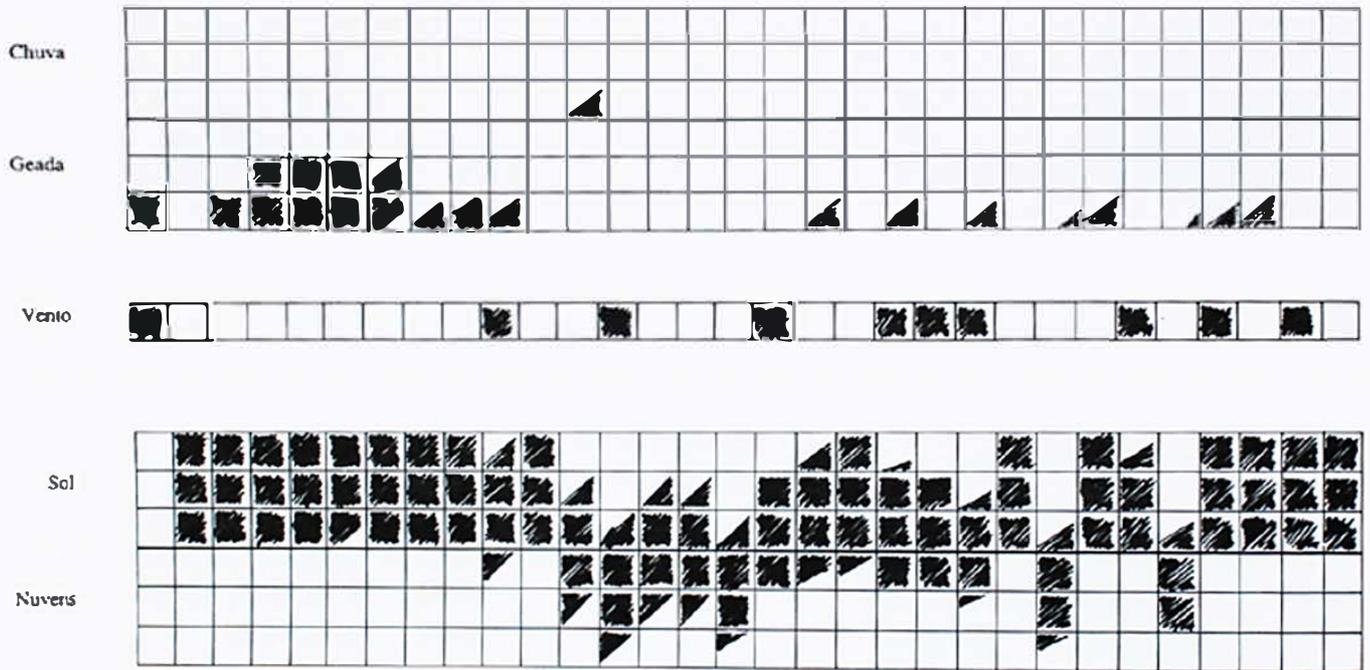


Araucária
Foto: Barbara Vieira

Junho 86

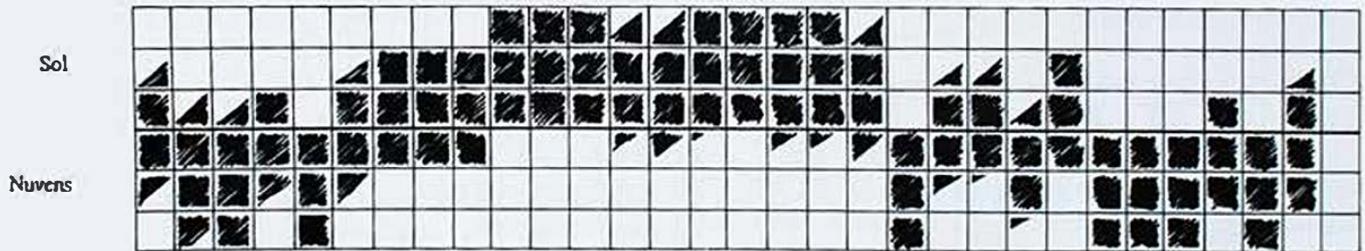
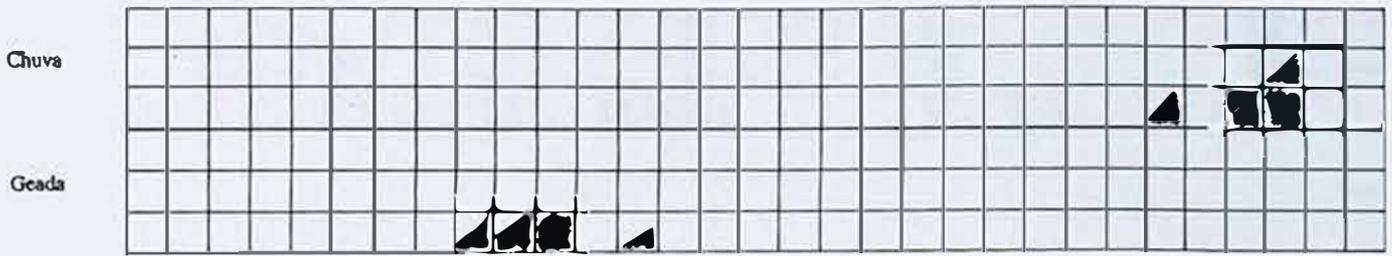
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 |

Solstício de inverno



Setembro 86

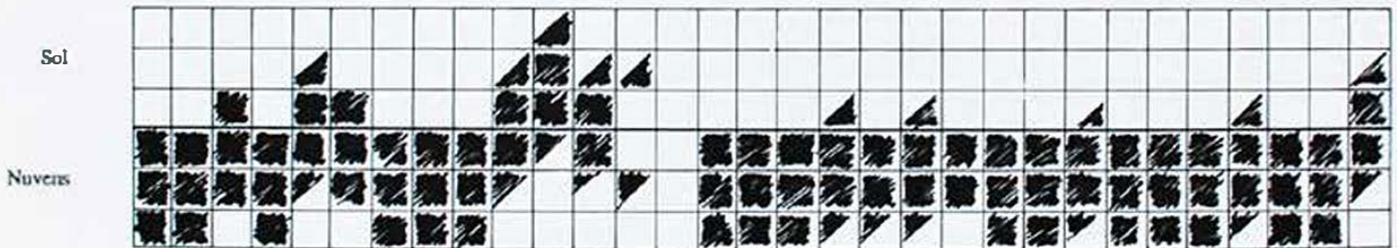
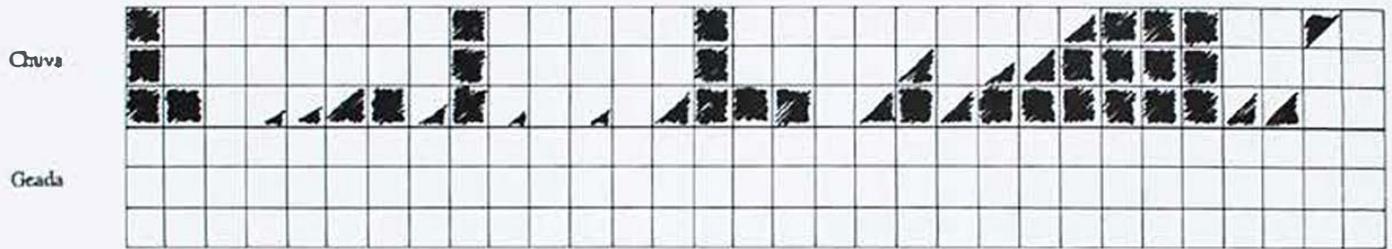
1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 |



Dezembro 86

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 |

Solstício de verão



BIBLIOGRAFIA

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. (Organizada pelo autor.) 18. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983.
- ANDRADE, Mario de. *Obras Completas*, São Paulo, Livraria Martins, s.d.
- ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil*. Texto da edição de 1711). São Paulo, Ga. Editora Nacional, 1967 (Col. Roteiro do Brasil, vol. 2).
- BARTH, Rudolf. *A Fauna do Parque Nacional de Itatiaia*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1957.
- BRADE, A. C. *A Flora do Parque Nacional de Itatiaia*. Rio de Janeiro, Boletim do Parque Nacional de Itatiaia, Ministério da Agricultura — Serviço florestal, 1956.
- CAMPOS, Felipe Gonzaga de. *Mappa Florestal*. (Edição fac-similar de edição de 1912 editada pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio). São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente, 1987.
- CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Duas Cidades, 1975.
- CANO, Wilson. “Economia do Ouro em Minas Gerais (Séc. XVIII)”. São Paulo, *Revüa* no 3, 1977.
- CORREA, Pio. *Dicionário das Plantas Úteis do Brasil*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1931.
- DARWIN, Charles. *The Voyage of the Beagle*. New York, Bantam, 1972.

- FERRAZ, Marcelo Carvalho. *Arquitetura Rural na Serra da Mantiqueira*. São Paulo, Quadrante — Empresa das Artes, 1992.
- FREYRE, Gilberto. *Problemas Brasileiros de Antropologia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959 (Col. Obras Reunidas de Gilberto Freyre, 11 série).
- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 9. ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1969 (Col. Biblioteca Universitária, série 2, Ciências Sociais).
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 6. ed. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, Brasília, 1971.
- LAMEGO, Alberto. “Análise Tectônica e Morfológica do Sistema Mantiqueira”. *Anais do Congresso Panamericano de Engenharia de Minas e Geologia*, 1946, vol. 3.
- Leitão, C. de Mello. *Zoogeografia do Brasil*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1937.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *A Casa Colonial Paulista*. São Paulo, Nobel/EDUSP, 1975.
- LEMOS, Carlos A. C. & CORONA, Eduardo. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*, São Paulo, EDART/ São Paulo Livraria Editora Ltda., 1972.
- LENOBLE, Robert. *Histoire de l’idée de Nature*. Paris, Editions Albin Michel, 1969.
- LIMA Jr., Augusto de. *A Capitania de Minas Gerais (Origens e Formação)*. Belo Horizonte, Instituto de História, Letras e Arte, 1965.
- LINO, Clayton. *Alto do Vale do Ribeira: Arquitetura e Paisagem*. CONDEPHAAT, 1978.
- LOBATO, Monteiro. *Ideias de Jeca-Tatu*. São Paulo, Brasiliense, 1946 (Col. Obras Completas de Monteiro Lobato, 1a série, Literatura Geral).
- MAGALHÃES, Basílio de. *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935.
- MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA. *Projeto Radambrasil - Levantamento de Recursos Naturais*. Rio de Janeiro, 1983, vol. 32.
- MOTTA, Dantas. *Elegias do País das Gerais*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.
- MÜLLER, Nice Lecoq. *Sítios e Sitiantes no Estado de São Paulo*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1951.
- Museum, n. 148. “*Images de l’Écomusée*”. Paris, UNESCO, 1985, vol. XXXVII, no 4.
- PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Brasiliense, 1957.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Bairros Rurais Paulistas*. São Paulo, Duas Cidades, 1973.
- _____. *O Campesinato Brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1976 (Col. Estudos Brasileiros).
- REVISTA DO ARCHIVO PÚBLICO MINEIRO. 1903.
- ROSA, João Guimarães. *Estas Estórias*. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem a Minas Gerais e São Paulo*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1974.
- SICK, Helmut. *Ornitologia Brasileira*, 2. ed. Brasília, Editora da Universidade de

Brasília, 1986, vol. I. SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado Descritivo do Brasil em 1587. 4. ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1971.
SOUZA, Laura de Mello e. Os Desclassificados do Ouro. 2. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1985 (Col. Biblioteca de História, vol. 8).
VACA, Cabeza de. Naufrágios e Comentários. São Paulo, LAPM Editores, 1987.

Bibliografia

AGARWAL, Anil. Barro, Barro!. Londres, Instituto Internacional para el Medio Ambiente y el Desarrollo.
ALVAR, Júlio & ALVAR, Janine. Guaraqueçaba: Mar e Mato. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1979.
AMARAL, Amadeu. O Dialeto Caipira. 3. ed. São Paulo, Hucitec, 1976.
AMARAL, Luiz. História Geral da Agricultura Brasileira. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1940.
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITETOS PORTUGUESES. Arquitetura Popular em Portugal. Lisboa, 1980.
BATES, Marston. A Floresta e o Mar. Tradução de Francisco Bolivar Costa. São Paulo, Fundo de Cultura, 1965.
BONOMI, Vera Lúcia & MACEDO, Antonio Carlos. Aproveitamento Racional de Floresta Nativas. São Paulo, Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, 1986.
BRUNEAU, M. & CABAUSSEL G. *La Dynamique des Paysages en Zone Tropicale. Talence, Centre d'Etudes de Géographie Tropicale*, 1973.
BUENO, Francisco da Silveira. Vocabulário Tupi-Guarani-Português. 3. ed. rev. e aum. São Paulo, Brasilivros Editora e Distribuidora Ltda., 1984.
CASCUDO, Luiz da Câmara. História da Alimentação no Brasil. São Paulo/Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia, 1983 (Col. Reconquista do Brasil).
CEARENSE, Catullo da Paixão. Matta Iluminada. Rio de Janeiro, Livraria Castilho, 1924.
CHAVES, Rafael. *Deodendron: Árboles y Arbustos de Jardín en Clima Temperado*. Barcelona, Editorial Blume, 1979.
CHATELIN, Y. & RION, G. *Milieux et Paysages*. Paris, Masson Editeur, 1986.
CLAUDIO, Celina Franco Bragança Rosa. Produção de Arquitetura e do Meio

Ambiente: Leitura de Paisagem e suas Peculiaridades Tipológicas. São Paulo, 1986. Dissertação de mestrado apresentada à FAU/USP.

COPAM — Comissão de Política Ambiental. Área de Proteção Ambiental (APA) da Manüqueira. Belo Horizonte, Govemo do Estado de Minas Gerais, 1984.

NACIONAL SOBRE ESSÊNCIAS NATIVAS. Campos do Jordão, SP, 12 a 18 de setembro de 1982. Promoção do Instituto Florestal — Secretaria da Agricultura, 1982.

CONTI, José Bueno. Circulação Secundária e Efeito Orográfico na Gênese das Chuvas na Região Lesnordeste Paulista. São Paulo, Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, 1975 (Série Teses e Monografias, nº 18).

COSTA, José Pedro de Oliveira & PORTAS, Pierre. Caminhando para uma Estratégia Nacional de Conservação dos Recursos Naturais. Gland, Suíça, UICN, 1985.

_____. Para uma História das Florestas Brasileiras. Berkeley, Universidade da Califórnia, 1979. Dissertação de mestrado.

_____. “Patrimônio Natural e Estatuto de Tombamento”. Rio de Janeiro, Revista do Patrimônio, no 21, 1986.

CRUZ, G. L. Livro Verde das Plantas Medicinais e Industriais do Brasil, Belo Horizonte, Edição do Autor, 1965.

CUNHA, Antônio Geraldo, Dicionário Eümológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

DOAT, Patrice ã alii. Construire en Terre. Paris, Craterres, 1973.

EMMERICH, Walter. O Gleichenial como Unidade Fitofisionômica: Individuação e Formulação de uma Metodologia Adequada à Avaliação de Unidades Fitofisionômicas. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980. Dissertação de mestrado.

FAO — *Food and Agriculture Organization at the United Nations*. Guidelines For Watershed Management. Roma, 1977.

FATHY, Hassan. Construindo com o Povo. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.

FERNANDES, Liliana Laganà. O Bairro Rural dos Pires. São Paulo, USP, 1971.

FERRAZ, Marcelo Carvalho. Arquitetura Rural na Serra da Mantiqueira. São Paulo, Quadrante — Empresa das Artes, 1992.

FORSHAW, Joseph M. *Parrots of the World*. 2. ed. rev. Melbourne, Lands Downe Editions, 1978.

FUNARTE. Artesanato Brasileiro. Rio de Janeiro, 1978.

FUNDAÇÃO BRASILEIRA PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA/COMPANHIA ENERGÉTICA BRASILEIRA. Legislação de Conservação da Natureza. São Paulo, 1986.

FUNDAÇÃO DE PESQUISAS FLORESTAIS DO PARANÁ. Inventário Florestal do Pinheiro no Sul do Brasil. Curitiba, IBDF, 1978.

GABINETE DO GOVERNADOR - CONSELHO ESTADUAL DO MEIO

- AMBIENTE. Política Estadual do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1984.
- GALETI, Paulo Anestar. Conservação do Solo, Reflorestamento e Clima. Campinas, Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1973.
- GAMA, Ruy. Engenho e Tecnologia. São Paulo, Duas Cidades, 1983.
- GASQUES, Marcus Vinicius. Caminhos da Mantiqueira. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- GUIDONI, Enrico. Architettura Primitiva. Itália, Electa Electrice, 1967.
- HAUSER, Arnold. História Social da Literatura e da Arte. Tradução de Walter H. Geenen. São Paulo, Mestre Jou, 1972.
- HERING, Rodolpho Von. Dicionário dos Animais do Brasil. Brasília/São Paulo, Editora da Universidade de Brasília, 1968.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Visão do Paraíso. São Paulo, Cia. Editora Nacional/Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1977.
- HUECK, Kunt. As Florestas da América do Sul. Tradução de Hans Reichardt. Brasília/São Paulo, Editora da Universidade de Brasília/Polígono, 1972.
- HUMBOLDT. Quadros da Natureza. Tradução de Assis de Carvalho. São Paulo, W. M. Jackson Inc. Editores, 1957 01. Clássicos Jackson, vol. XXXV).
- IBGE. I Recenseamento Geral do Brasil, 1980. Rio de Janeiro, vol. I, t. 3, no 14, 1983.
- _____. IX Recenseamento Geral do Brasil, 1980. Rio de Janeiro, vol. I, t. 4, no 16, 1983.
- _____. IX Recenseamento Geral do Brasil, 1980. Rio de Janeiro, vol. I, t. 5, no 16, 1983.
- IUCN — União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais. Estratégia Mundial Para a Conservação. São Paulo, CESP, 1984.
- JOLY, Aylton Brandão. Botânica: Introdução à Taxonomia Vegetal. 3. ed. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1976 (Col. Biblioteca Universitária, n. 3, Ciências Puras, vol. 4).
- LEMONS, Carlos A. C. Arquitetura Brasileira. São Paulo, Edições Melhoramentos/EDusp, 1979. Cozinhas, etc. São Paulo, Perspectiva, 1976 (Col. Debates).
- LIMA, Rossini Tavares de. Folgedos Populares do Brasil. São Paulo, Ricordi, 1962.
- MACHADO, Alcântara. Vida e Morte do Bandeirante. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1965.
- MARCGRAVE, Jorge. História Natural do Brasil. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1942.
- MC HARD, Ian L. *Design with Nature*. New York, Natural History Press, 1971.
- MORAES, Prudente de & CARDOSO, João Pedro. Limites entre São Paulo e Minas: Memória. Rio de Janeiro, Comissão Geográfica e Geológica, 1920.
- MOTTA, Flávio. Roberto Burle Marx e a Nova Visão da Paisagem. São Paulo, Nobel, 1983.
- MOUTINH0, M. A Arquitetura Popular Portuguesa. Lisboa, Editorial Estampa, 1979.
- NOGUEIRA NET0, Paulo et alii. Biologia e Manejo das Abelhas sem Ferrão. São

Paulo, Edição Tecnapis, 1986.

NOVAIS, Sylvia Caiuby. *Habitações Indígenas*. São Paulo, Nobel/EDUSP, 1983.

PÁDUA, Maria Teresa Jorge & COIMBRA P, Aldemar F. *Os Parques Nacionais do Brasil*. Rio de Janeiro/Madri, José Olympio/1NcAF0, 1979.

PASIN, José Luiz. *Algumas Notas para a História do Vale do Paraíba*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia/Governo do Estado de São Paulo, 1977.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Editora José Aguilar Ltda., 1960.

PICARELLI, Marlene. *Habitação: Desenho Industrial e Tecnologia*. São Paulo, 1982.

PORTO, Guilherme. *As Folias de Reis no Sul de Minas*. Rio de Janeiro, FUNARTE/INF, 1982.

PRADO Jr., Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

QUESTION DE, no 65. “*L’esprit des hauts lieux*”. Paris, 1986.

RAVINES, Rogger. *Tecnologia Andina*. Peru, Instituto de Estudos Peruanos, 1983.

REBELO, Antonio Gomes. *Queijo: Notas sobre Queijos Regionais das Beiras*. Lisboa, Livraria Popular Francisco Franco Ltda., 1983 (Col. Agros).

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão, Veredas*. 4. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

RIBEIRO, Darcy. *Kadi wéu*. Petrópolis, Vozes, 1980.

RICARDO, Cassiano. *Marcha para o Oeste*. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo, José Olympio/EDUSP, 1970.

RIZZINI, Carlos Toledo. *Árvores e Madeiras Úteis do Brasil*. São Paulo, Edgard Blücher/EDusp, 1971.

ROAD LABORATORY DSIR. *Soil Mechanics for Road Engineer's*. Londres, Her Majesty's Stationery Office, 1952. 2.M p.

SACHS, Ignacy. *Ecodesenvolvimento: Crescer sem Destruir*. Tradução de Eneida Araújo. Artigos originais em inglês e francês organizados e reformulados pelo autor para esta edição brasileira. São Paulo, Edições Vértice, 1986 (Col. Terra dos Homens).

SAINT-PRIX, Félix Berriat. *Guide pour les thèses*. 4. ed. Paris, Librairie Plon, s. d.

SAMPAIO, A. J. de. *Fitogeografia do Brasil*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1945.

SAMPAIO, Teodoro. *O Tupi na Geografia Nacional*. 4. ed. Salvador, Câmara Municipal de Salvador, 1955.

_____. *Viagem à Serra da Mantiqueira: Campos de Jordão e São Francisco dos Campos*. São Paulo, Brasiliense, 1978.

SANTOS, Milton & SOUZA, Maria Adélia A. de Souza (coords.). *O Espaço Interdisciplinário*. São Paulo, Nobel, 1986 (Col. Espaços).

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. “A Ocupação Tupi-Guarani no Estado de São Paulo: Fontes Etno-Históricas e Arqueológicas”. *Dédalo — Revista do Museu*

de Arqueologia e Etnologia da USP, no 23. São Paulo, 1984 (Publicação anual).

SECRETARIA DE ESTADOS DOS NEGÓCIOS DA AGRICULTURA/COORDENADORIA DE PESQUISAS DE RECURSOS NATURAIS/INSTITUTO FLORESTAL. Plano de Manejo do Parque Estadual de Campos do Jordão. São Paulo, Boletim Técnico nº 19, 1975.

SEIBERT, Paul. Seminário: Manejo da Paisagem e Mapeamento de Vegetação - Parque Estadual de Campos do Jordão. 2.ed. São Paulo, Instituto Florestal, nº 5, 1978.

SEMA - Secretaria Especial do Meio Ambiente. Caracterização e Diretrizes Gerais de Uso da Área de Proteção Ambiental do Rio São Bartolomeu. Brasília, 1986.

SERENI, Emilio. *Storia del Paesaggio Agrario Italiano*. Roma, Editori Laterza, 1979.

SHIRLEY, Robert W. O Fim de uma tradição. Tradução de João José de Oliveira Veloso. São Paulo, Perspectiva, 1977 (Col. Debates).

SPINOZA. Ética. 4. ed. São Paulo, Atena, 1960 (Col. Biblioteca Clássica).

SZMRFCSÁNYI, Tamás & QUEDA, Oriowaldo (orgs.). Vida Rural e Mudança Social. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1972.

TAQUES, Pedro. Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealogia. 5. ed. rev. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUsp, 1980.

THOREAU, Henry. Wolden ou A Vida nos Bosques. 2. ed. Tradução de Astrid Cabral. São Paulo, Global, 1984 (Col. Armazém do Tempo).

UNITED NATIONS. *Report of the United Nations Conference on the Human Environment*. New York, 1973.

VEIGA DE OLIVEIRA, E. et alii. A Arte Popular em Portugal. Porto, Editorial Verbo.

VASCONCELLOS, Sylvio de. Vila Rica. São Paulo, Perspectiva, 1977 (Col. Debates).

VIÑUELAS, Graciela María. *Restauración de Arquitectura de Tierra. s. 1., Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Universidad Nacional de Tucumán, s. d.*

WETTSTEIN, Richard R. Aspectos da Vegetação do Sul do Brasil. São Paulo, Edgard Blücher, 1970.

WILLENS, Emílio. Cunha. São Paulo, Secretaria da Agricultura, 1947.

WORLD COMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT. *Our Common Future*. New York, Oxford, 1987.

Referências Cartográficas e Aerofotogramétricas

- Comissão Geográfica e Geológica de Minas Gerais

1:1.000.000

Folha: Bocaina/Aiuruoca

1923

- IBC — Instituto Brasileiro do Café/GERCA

Fotos Aéreas - MG 216: 153605, 153606, 153607, 153608, 1530, 159663, 159664, 159666, 159667, 153689, 153690, 153691, 153692, 153693, 153694, 153733, 153734, 153735, 153736, 159161, 159162, 159164, 159165.

04 jun. 79, 5.000m

- IBGE

1:50.000

Folhas: Agulhas Negras (1981 — 2. ed.), Aiuruoca (1975), Alagoa (1974), Arantina (1975), Caxambu (1975), Liberdade (1973), Passa-Quatro (1974), Pouso Alto (1974), Resende (1983)

- IBGE

1:250.000

Folhas: Barbacena (1979), Volta Redonda (1976)

- IBGE

1:1.000.000

Folha: Rio de Janeiro

1972

- IGA — Instituto de Geociências Aplicadas de Belo Horizonte

1:250.000

Localização da Área de Proteção Ambiental (APA) da Mantiqueira.
s/d

- INPE/MCT

Imagem de Satélite — Brasil/1:250.000

16 nov. 85 WRS: 218/0755

TMS: 09099 - S003

COLABORADORES

Janeiro - Setembro 1987:

Cláudia Helena Leite, Debora Barocas, Enzo Nico, Julia de Andrade,
Meirelles Vieira, Maria José Gomes Feitosa, Nuno de Azevedo Fonseca,
Paulo Celso de Lemos Fecarotta e Peter Webb

Junho 1983:

Arnaldo Rentes, Julio Wainer, Martha Nader,
Roberto Santos, PontiWolfgang e Sergio Stetchenko

Fotos:

Equipe, Adriana Mattoso, Claudia Silveira Correa,
Clayton Lino, Dudu Tresca, Gil Ribeiro, Kiki Cunha Bueno,
Pedro Luiz de Oliveira Costa e Xina Vasconcellos

Foto Interpretação: R. Roman

Cartografia: Maria Tereza Ayoub Jorge, Digitomapas

Desenhos:

Alejandra Devecchi, José Ari Misano, Kunio Hanawama, Roberto Tobo
Planejamento e Projeto Ltda., Sérgio Cardoso, Tânia Mara Martins Rossi

Revisão: Amir A. S. Neto

Revisão do Inglês: Robert Buschbacher

FICHA TÉCNICA
EDIÇÃO ORIGINAL

Formato: 23 x 23
Número de páginas: 256
Produção: Júlia de Andrade Meirelles Vieira
Projeto Gráfico: Marina Mayumi Watanabe
Capa: Marina Mayumi Watanabe
Foto da capa: Gil Ribeiro
Assistente de Produção: Afonso Nunes Lopes
Editora de Texto: Alice Kyoko Miyashiro
Composição Sidnei Itto
Maurício Siqueira Silva
Revisão de provas: Alípio Correia de Franca Neto
Valéria Franco Jacinto
Áurea Maria Corsi
Lucia Helena Siqueira Barbosa
Paulo Nascimento Verano
Arte-final: Julia Yagi
Adriana Ap. Garcia
Marcos Keith Takahashi
Secretaria editorial: Rose Pires
Sueli Monteiro Garcia
Divulgação: Denise Cavalcante Gomes
Roselaine Fabretti
Mancha: 29 x 42 paicas
Tipologia: Times 11/13
Fotolitos: Quadri-Color
Impressão: Imesp
Papel: Cartão Duplex 240 g/m² (capa)
Rio Print 90g/m² (miolo)
Tiragem: 1.500

Orelha da Edição Impressa

Este é um estudo que focaliza o modo de vida do homem rural brasileiro e sua relação com o meio ambiente. Escrito pelo arquiteto e ambientalista José Pedro de Oliveira Costa, o livro - rico em ilustrações e fotos - integra diferentes abordagens sobre o atual estágio de preservação da natureza e da cultura na comunidade do Matutu e Pedra do Papagaio, no município de Aiuruoca, no Sul de Minas Gerais.

De início o leitor familiariza-se com a geografia local, o relevo montanhoso da Serra da Mantiqueira, cortada por rios cristalinos que formam várias cachoeiras. Em seguida, são apresentadas informações sobre a flora e a fauna comuns à região do Maciço de Itatiaia, as técnicas de cultivo, a ocupação econômica dos campos e os problemas daí decorrentes. Alternando referências sociológicas e históricas, como por exemplo o relato de Saint-Hilaire, viajante do século XIX que percorreu a região, o autor constrói, então, a genealogia dos habitantes do Matutu e Pedra do Papagaio, e fala dos costumes, festas e tradição do povo. Tudo isso permeado pelo olhar do arquiteto que distingue, nas formas de construção e ocupação interna das casas, a síntese do viver despojado dessa gente.

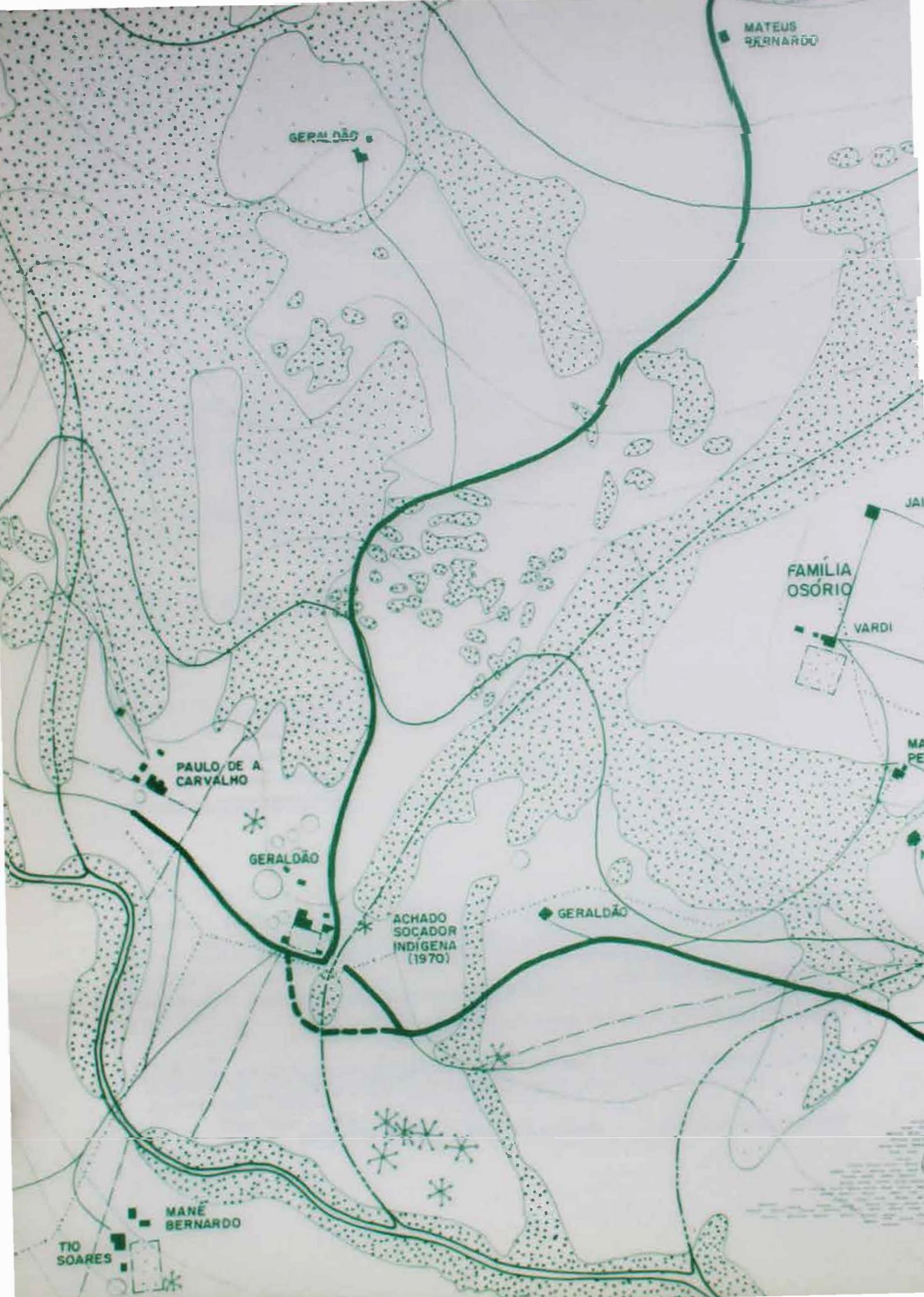
A tônica do livro é a defesa do patrimônio ambiental e dos valores tradicionais dessa sociedade. Por isso, a recente ocupação do Vale da Água Preta, por pessoas vindas dos grandes centros urbanos, é vista como potencial ameaça ao equilíbrio existente e tem motivado debates em torno desta questão.

Influenciado por clássicos como *Raízes do Brasil* (sérgio Buarque de Holanda) e *Os Parceiros do Rio Bonito* (Antonio Candido), José Pedro de Oliveira Costa desenvolve uma reflexão multidisciplinar, e por isso inovadora, sobre o meio rural brasileiro, sem omitir suas preocupações ecológicas, característica de nosso tempo.

José Pedro de Oliveira Costa é professor-doutor na FAU-USP e presidente do Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.



Foto: Bárbara Vieira, 2022.



MATEUS BERNARDO

GERALDÃO

FAMILIA OSÓRIO

VARDI

PAULO DE A. CARVALHO

GERALDÃO

ACHADO SOCADOR INDÍGENA (1970)

GERALDÃO

MANE BERNARDO

TIO SOARES

Legend:
- Square: ...
- Circle: ...
- Asterisk: ...
- Dashed line: ...
- Solid line: ...
- Wavy line: ...



Vista aérea dos bairros do Matutu e da Pedra
Foto: Gil Ribeiro